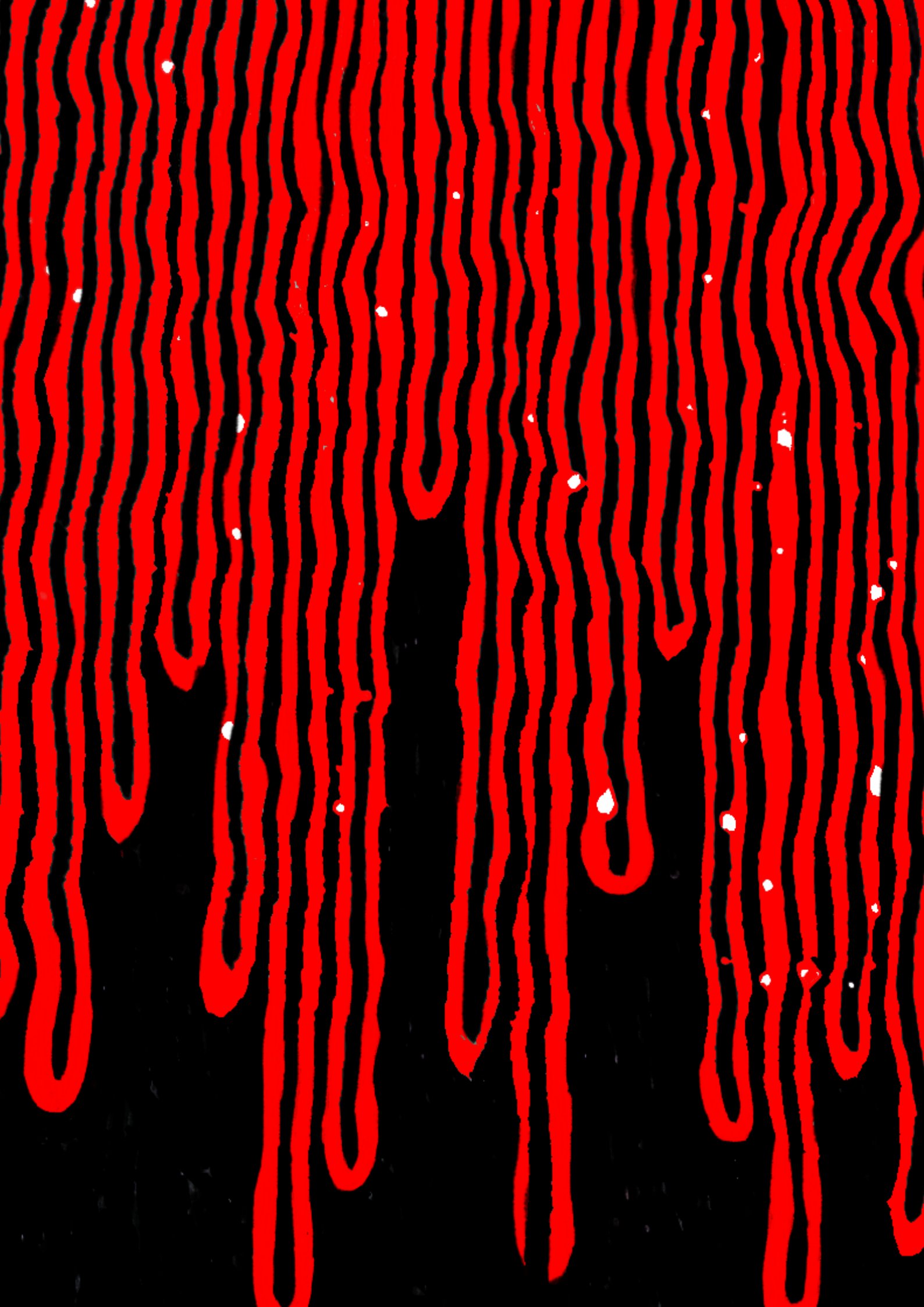
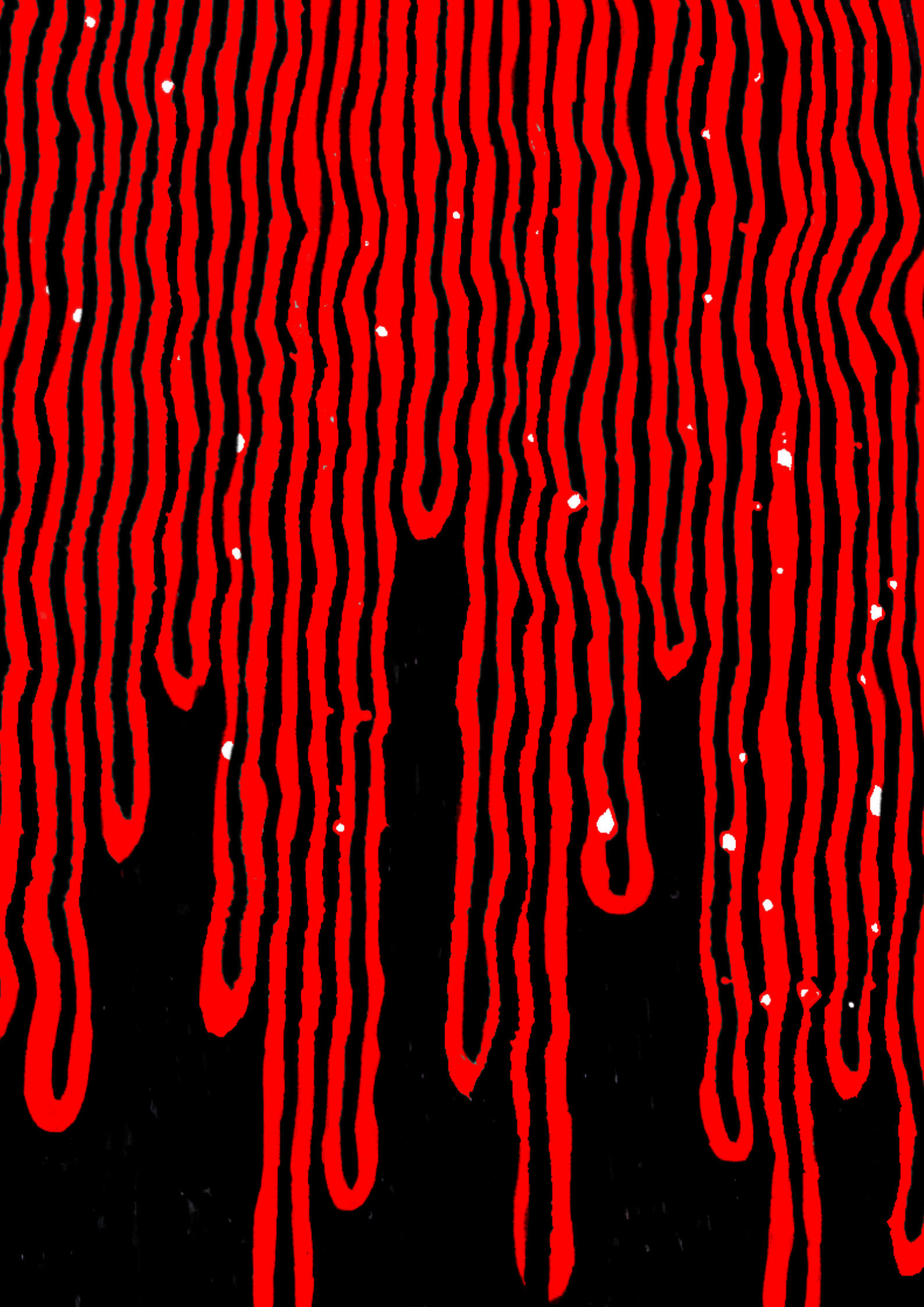
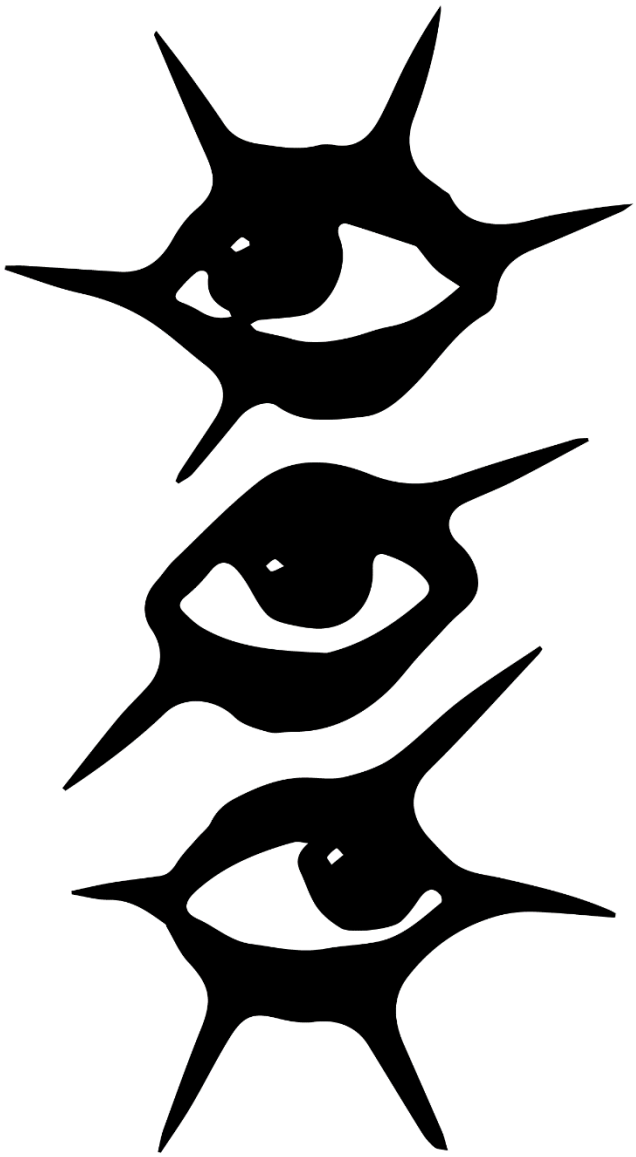
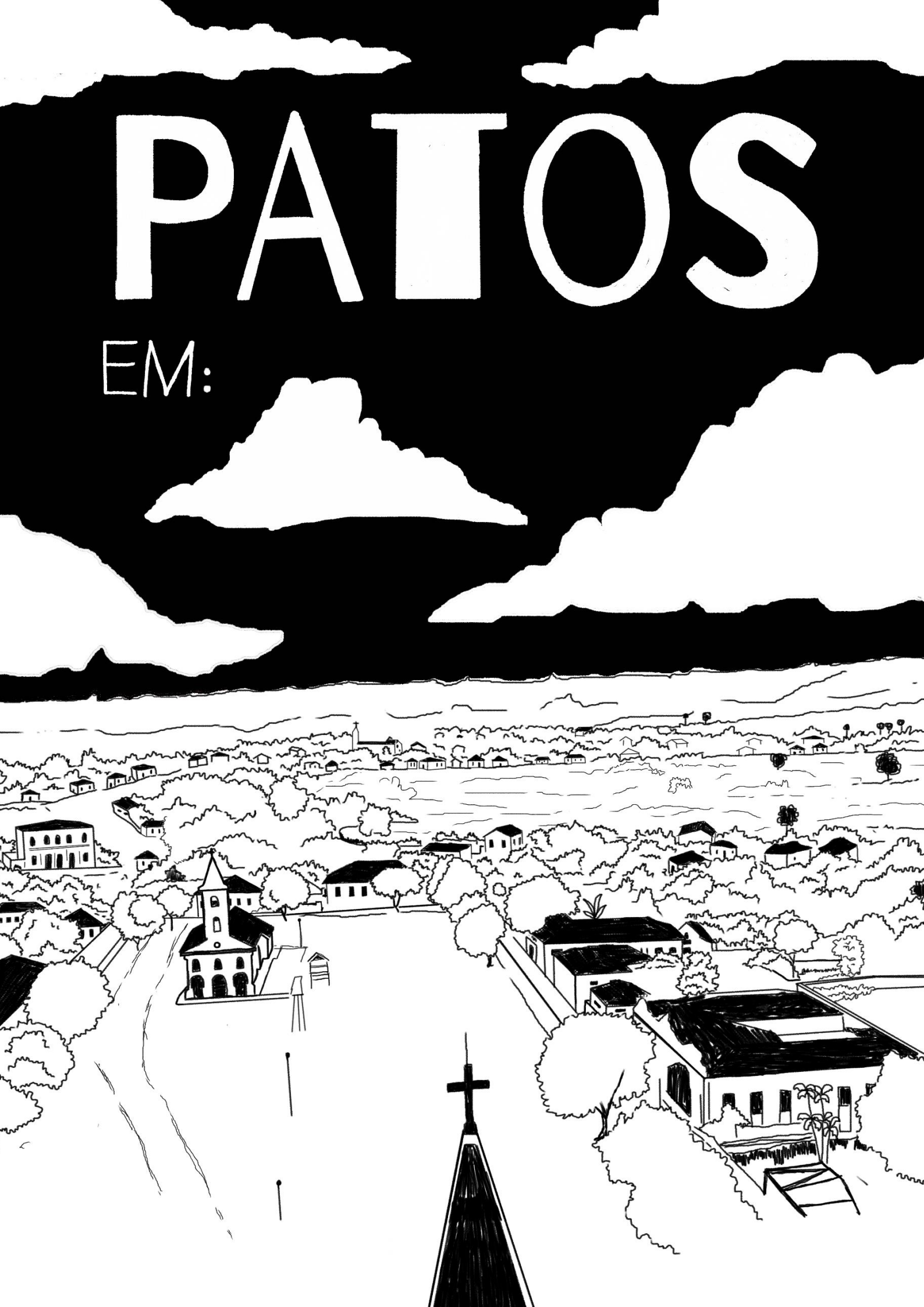






PATOS

EM:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ANA LUÍSA GONÇALVES SILVA

ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO:

Uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas.

UBERLÂNDIA
2024

ANA LUÍSA GONÇALVES SILVA

ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO:

Uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura.

Linha de Pesquisa: Cidade e Patrimônio: perspectivas e prospectivas.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Tomitão Canas.

UBERLÂNDIA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586e
2024

Silva, Ana Luísa Gonçalves, 1999-
Entre o real e o imaginário [recurso eletrônico] : uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas / Ana Luísa Gonçalves Silva. - 2024.

Orientador: Adriano Tomitão Canas.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5036
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Arquitetura e Urbanismo. I. Canas, Adriano Tomitão, 1968-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDU: 72

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

ANA LUÍSA GONÇALVES SILVA

ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO:
Uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração: Projeto, Espaço e Cultura e na Linha de Pesquisa: Cidade e Patrimônio: perspectivas e prospectivas.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adriano Tomitão Canas
Universidade Federal de Uberlândia – PPGAU/UFU
Orientador

Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz
Universidade Federal de Uberlândia – PPGAU/UFU
Avaliador – Membro Titular Interno

Prof. Dr. Milton Esteves Júnior
Universidade Federal do Espírito Santo – PPGAU/UFES
Avaliador – Membro Conv

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1I, Sala 234 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4433 - www.ppgau.faued.ufu.br - coord.ppgau@faued.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Arquitetura e Urbanismo				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico PPGAU				
Data:	dezessete de dezembro de 2024	Hora de início:	09h30	Hora de encerramento:	11h45
Matrícula do Discente:	12222ARQ003				
Nome do Discente:	Ana Luísa Gonçalves Silva				
Título do Trabalho:	**ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO: uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas."**				
Área de concentração:	Projeto, Espaço e Cultura				
Linha de pesquisa:	Cidade e Patrimônio: perspectivas e prospectivas				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Arte, Arquitetura e Cidade				

Reuniu-se de forma remota pela plataforma ConferênciaWeb, em conformidade com a PORTARIA nº 36, de 19 de março de 2020 da COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, assim composta: Milton Esteves Júnior - UFES, Luiz Carlos de Laurentiz – PPGAU.FAUeD.UFU e Adriano Tomitão Canas – PPGAU.FAUeD.UFU orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Prof. Dr. Adriano Tomitão Canas, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Adriano Tomitão Canas**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 17/12/2024, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Luiz Carlos de Laurentiz**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 17/12/2024, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **MILTON ESTEVES JUNIOR**, **Usuário Externo**, em 30/12/2024, às 09:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Ana Luísa Gonçalves Silva**, **Usuário Externo**, em 30/12/2024, às 09:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5972909** e o código CRC **3D2B8028**.

Referência: Processo nº 23117.088213/2024-29 SEI nº 5972909

Para a minha avó Carminha,

a senhora é – e sempre será, a minha narrativa e o meu lugar favorito.

Agradecimentos

O mestrado foi, para mim, um grande desafio que foi além dos aspectos acadêmicos; tornou-se uma jornada de autoconhecimento e enfrentamento pessoal. Ao longo dessa caminhada, enfrentei diversos obstáculos, sendo, muitas vezes, eu mesma o maior desafio a ser superado. Em vários momentos, cheguei a pensar em desistir, mas, para seguir em frente, precisei reunir muita força e buscar apoio e carinho. Embora tenha sentido o peso do fardo e a solidão, também encontrei conforto ao lembrar das pessoas queridas que estavam ao meu lado e foram fundamentais para que eu não desistisse. Hoje, ao escrever os agradecimentos, celebro não apenas o fim desse percurso, mas também a continuidade dos meus sonhos e o rumo que desejo seguir daqui em diante.

Ao **Prof. Dr. Adriano Canas**, meu orientador, por ter apontado caminhos e pelo estímulo ao pensamento crítico e as práticas experimentais. Agradeço profundamente pela acolhida, generosidade, compreensão, confiança, dedicação, paciência e, acima de tudo, pelo apoio constante. Em momentos em que pensei em desistir, você me deu forças e mostrou o caminho para seguir em frente, sendo um dos grandes responsáveis por minha conquista até aqui. Não há palavras que expressem o quanto o admiro.

Aos **Prof. Dr. Luiz Carlos de Laurentiz e Prof. Dr. Milton Esteves Júnior**, manifesto minha mais sincera gratidão pelas significativas contribuições durante as defesas de qualificação e da dissertação, que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Além disso, agradeço pela partilha de conhecimento, pela orientação generosa e pelas ricas trocas, que enriqueceram não apenas este trabalho, mas também minha trajetória acadêmica como um todo. Suas orientações e palavras de incentivo foram cruciais para meu crescimento enquanto pesquisadora.

Agradeço profundamente aos meus pais, **Gerson Geraldo e Ana Lúcia**, pelo amor incondicional e pela luta diária para me proporcionar o melhor. Sou imensamente grata por sempre acreditarem em mim, me apoiarem em minhas ideias e nos rumos que escolhi para a vida. Obrigado por sonharem junto comigo e por serem a base sólida de tudo o que sou e almejo ser. Este trabalho também é fruto do amor e da dedicação que sempre recebi de vocês. Ao meu irmão **Gabriel**, cuja presença e apoio sempre foram uma força constante em minha vida. Obrigada por estar ao meu lado

nos momentos mais desafiadores, por compartilhar alegrias e por ser um exemplo de companheirismo e generosidade.

Agradeço à minha **avó Carminha**, que me ensinou o poder de olhar e valorizar as pequenezas do cotidiano. Agradeço por cada oração e pelo carinho sincero, que me molda e fortalece a cada dia. Além de tudo, sou grata por me defender e acolher sempre, por ser a maior contadora de histórias e por narrá-las como ninguém.

À **Ana Luiza**, minha companheira de vida. Agradeço pela cumplicidade dos dias. Pela jornada inquietante e criativa que trilhamos juntas. Obrigada por me ensinar tanto sobre o tempo da experiência. Obrigada por olhar para quem sou no fundo da minha essência e me lembrar, todos os dias, que a sensibilidade e o amor são uma forma de viver uma vida que verdadeiramente valha a pena. Por todo carinho, paciência e amor, por ser meu porto seguro e lar. Você é, sem dúvida, a melhor parte do meu caminhar.

Meus amigos ocupam um espaço imenso dentro de mim. À **Bruna**, minha prima, amiga e irmã de coração. Sua força é uma inspiração para mim, mostrando que é possível enfrentar os desafios da vida com coragem e delicadeza. Ter você ao meu lado é um presente que carrego com imensa gratidão, e este trabalho reflete, em parte, a força do que aprendemos juntas. Ao **Cleysson** e ao **Gabriel**, meus grandes amigos. Obrigada por serem parceiros, sempre presentes com apoio, companheirismo e tantas conversas que iluminam o caminho. A amizade de vocês é uma força constante, uma fonte de alegria e inspiração.

À **Sara**, ao **Nicollas** e ao **Guilherme**. Obrigada por me mostrarem caminhos onde o afeto e a empatia constroem o sentido de tudo. Obrigada por, com suas maneiras leves de tocar o mundo, me ensinar a importância de viver com sensibilidade. À **Adriane**, minha amiga. Você tem sido uma fonte constante de inspiração, não só pela sua sabedoria, mas pela forma como compartilha seu conhecimento com tanto carinho e dedicação. Obrigada por me incentivar a ir além e acreditar no meu potencial. Cada um de vocês, com sua forma única de ser, me faz sentir tocada e, mais importante, me inspira a tocar o mundo de maneira mais profunda.

À **Natália**, minha terapeuta. Obrigada por me ajudar a explorar e entender minhas emoções, por me guiar com tanto cuidado e dedicação em cada passo do meu autoconhecimento. Sua paciência, empatia e sabedoria foram fundamentais para que eu pudesse superar desafios e chegar a este momento com mais clareza e confiança.

À minha **família**, minha maior fonte de amor e força, agradeço de todo o coração. Obrigada por estarem sempre ao meu lado, celebrando minhas vitórias e me sustentando nos momentos de dificuldade. O que sou e o que conquistei é resultado do amor, dos ensinamentos e da união que encontramos em nossa jornada juntos.

À **CAPES**, pela bolsa que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Muito Obrigada!

Percurso

Ao longo desses anos como estudante de Arquitetura e Urbanismo, fui descobrindo meu caminho, bem como minhas experiências e percepções, que se entrelaçam às vivências e aos afetos construídos, elementos fundamentais para chegar até aqui. Desde criança, encontrei nos desenhos uma forma de transcrever o que via, sentia e imaginava. Eles sempre foram minha linguagem, permitindo que me inscrevessem, me invadissem e se comunicassem comigo. Durante o percurso acadêmico, isso não foi diferente: ilustrava tudo, criava e imaginava. Os desenhos me atravessam e ocupam minha imaginação de maneira intensa. Minha jornada acadêmica começou em 2017, quando ingressei na IV turma de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM. Foi ali que tudo teve início, e fui apresentada a novas formas de compreender a arquitetura, criando outros interesses que se expandiram e se ramificaram pela cidade.

Entre tantas experiências que direcionaram meu olhar para o imaginário e suas subjetividades, as caminhadas e as criações foram essenciais na elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido em 2021 sob a orientação da Professora Mara Porto, que contribuiu para minha formação e me ajudou a compreender que a arquitetura vai muito além da construção física. Meu trabalho, intitulado *Era uma vez: o caminhar pelos espaços imaginários da cidade*, foi construído a partir de memórias, histórias, ilustrações e cartografias. Esses elementos se entrelaçam, se atraem e configuram o espaço urbano de maneira única. No início do processo, estava cheia de dúvidas sobre o que gostaria de pesquisar, mas tinha uma certeza: seria algo relacionado à cidade. Nas trocas com minha orientadora, buscamos explorar o que a cidade poderia revelar. Foi em uma dessas conversas que surgiram os mitos, as narrativas e as histórias, o que imediatamente me fez lembrar das histórias que ouvia das minhas avós. Esse resgate trouxe um brilho ao meu olhar e deu início à minha pesquisa. Mergulhei em buscas para descobrir mais e, entre pesquisas, encontrei uma dimensão rica de Patos de Minas: as lendas presentes na literatura local. Assim, tudo começou. Desenvolvi uma pesquisa sobre os territórios e as lendas que compõem o imaginário da cidade, com a intenção de evidenciar os lugares originários e afetivos de Patos de Minas, aquela cidade que nasce nas chapadas do oeste mineiro, entre montanhas e perdida no fértil Vale do Paranaíba.

Hoje, na pós-graduação, o desejo de dar continuidade às pesquisas sobre o imaginário da cidade permanece vivo. Aliado à vontade de descobrir ainda mais sobre as histórias e os afetos que a compõem, decidi me aprofundar, trazendo agora uma ampliação da pesquisa iniciada na graduação, com novos aperfeiçoamentos. Busco compreender tanto a dimensão concreta da cidade quanto a dimensão do imaginário, pois minha inquietação diante das camadas sobrepostas que coexistem nesse mesmo território persiste. As caminhadas continuam sendo uma prática constante e cotidiana para dar continuidade à minha pesquisa sobre os imaginários da cidade. O ato de caminhar me aproximou das camadas afetivas e simbólicas que formam o território em que vivo. Em uma conversa com uma grande amiga, ela me disse algo que ecoou profundamente dentro de mim: "Há pessoas que desbravam territórios, mas você é uma desbravadora territorial; busca conhecer e vivenciar seu próprio espaço". Assim, diariamente, caminho em busca de compreender melhor o lugar que habito e, aos poucos, encontrar meu lugar nele.

A dissertação agora escrita, intitulada *Entre o Real e o Imaginário: uma leitura de Patos de Minas através dos seus lugares e suas lendas*, orientada pelo Professor Adriano Canas, insere-se na Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura, na Primeira Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia (PPGAU/UFU) – *Cidade e Patrimônio: Perspectivas e Prospectivas*. O objetivo desta pesquisa é explorar tanto a dimensão concreta quanto o imaginário da cidade, que me instiga desde o início desta jornada.

Esse caminho até aqui foi repleto de emoções intensas e, muitas vezes, contraditórias, com vontades de interromper tudo e desistir da caminhada. Cada passo dado pela cidade, cada nova descoberta sobre as lendas, cada achado nos jornais e cada ilustração desenvolvida despertavam em mim um profundo sentimento de pertencimento. No meio de tantos questionamentos, me vi cada vez mais imersa na pesquisa. Não me via apenas como alguém que observava e registrava, mas como alguém que precisava interpretar e devolver essas histórias de forma sensível e respeitosa. Esse processo se tornou também uma jornada de autoconhecimento interno. Houve momentos de dúvida e incerteza, especialmente quando me deparei com as inúmeras camadas e narrativas que se entrelaçavam na cidade, misturando-se com interpretações de mim mesma e da forma como me via. Foi fácil me perder nas infinitas possibilidades de interpretação e criação. No entanto, essa confusão

gerava, ao mesmo tempo, um entusiasmo profundo, como se cada nova descoberta fosse uma peça essencial de um grande quebra-cabeça que eu estava montando. A cada nova etapa do processo de pesquisa, sentia uma mistura de ansiedade e fascínio.

Quando olho para trás e percebo o quanto amadureci – das primeiras ilustrações até a construção de cartografias imaginárias – sou tomada por um profundo sentimento de gratidão. Cada dúvida e desacerto contribuíram para meu amadurecimento, não apenas como pesquisadora, mas também como pessoa. As caminhadas pela cidade alimentaram não só minha pesquisa, mas também meu espírito, fortalecendo minha conexão com o espaço, com as histórias que ele guarda e com a forma como me enxergo nesse território. Dar continuidade à pesquisa na pós-graduação, ampliando o estudo sobre o imaginário da cidade, traz uma emoção particular: um misto de orgulho pelo que já construí e ansiedade por tudo o que ainda está por vir. Olhar para o futuro, sabendo que ainda há tanto a ser explorado, desperta em mim uma curiosidade inquietante, mas também me faz lembrar do caminho percorrido – um percurso repleto de vivências que me transformaram profundamente.

Minha relação afetiva com Patos de Minas transcende o simples fato de ser a cidade onde nasci e cresci. É uma conexão que se construiu ao longo dos anos, através das histórias que ouvi, dos espaços que percorri e das pessoas que encontrei. Morar e desbravar esse território foi mais do que uma experiência física; foi um mergulho profundo nas camadas do imaginário que o envolvem e que me envolvem. Cada rua, praça e esquina guarda memórias que, ao longo do tempo, moldaram meu olhar, não apenas como arquiteta, mas como alguém que vivencia e sente a cidade de forma íntima e pessoal.

As lendas que tanto pesquisei, as narrativas de um tempo que não vivi, parecem ganhar vida diante dos meus olhos. Vejo vultos de personagens imaginários surgindo nos becos estreitos, nas esquinas menos iluminadas, como se Patos de Minas fosse um palco onde o imaginário e o real constantemente se encontram. O solo da cidade parece pulsar com essas histórias, mesclando-se às minhas próprias vivências e dando novo sentido ao cotidiano.

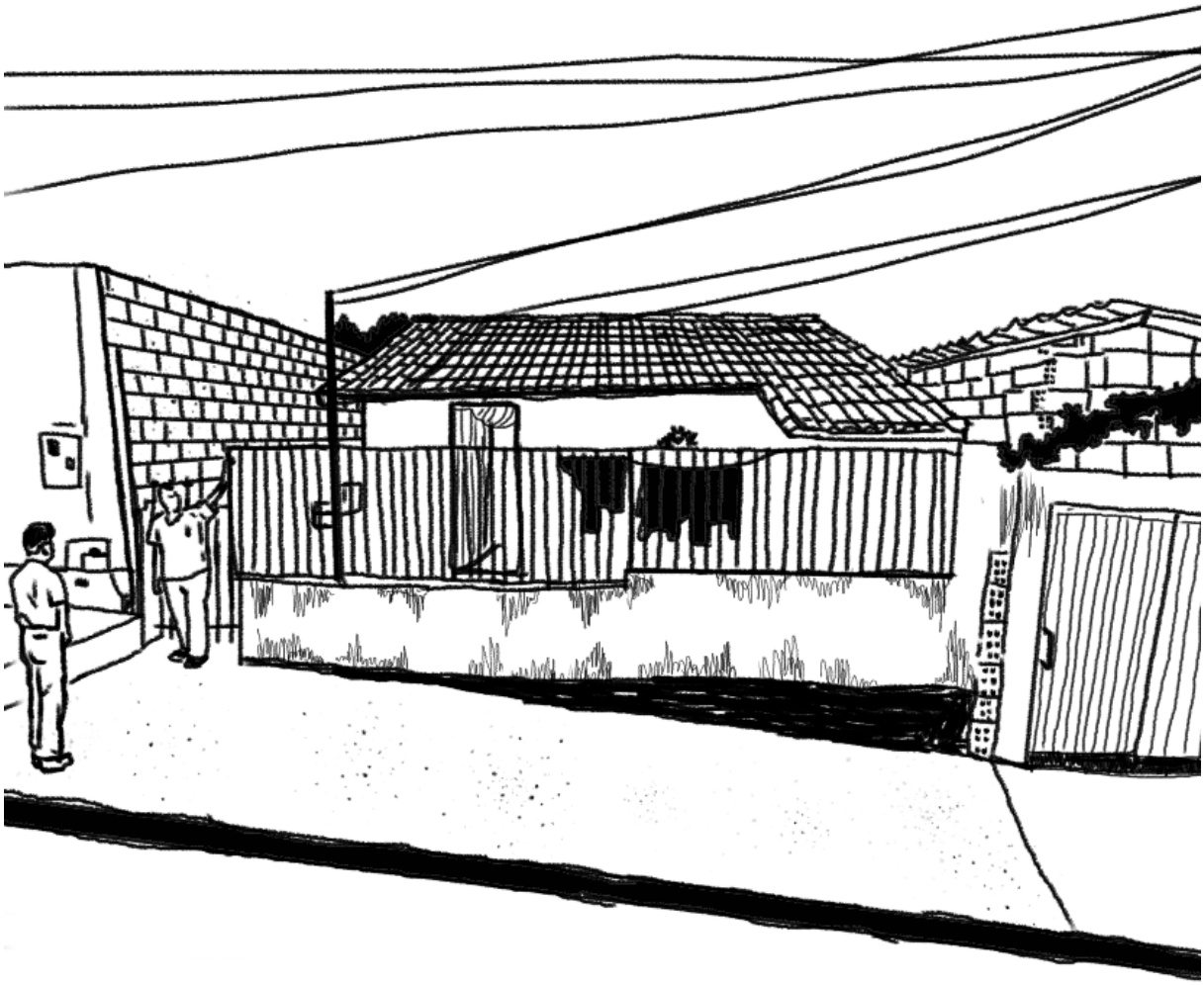
Morar em Patos de Minas é uma experiência que me permite vivenciar o presente enquanto revisito o passado da cidade. Ao desbravar seus territórios, tanto com os pés quanto com a mente, sinto que estou sempre reconfigurando minha relação com ela, redescobrindo novos significados e camadas. É uma sensação de

pertencimento, misturada à curiosidade constante, pois a cidade continua a me surpreender, revelando aspectos antes invisíveis, mas que sempre estiveram ali, à espera de serem redescobertos. Essa ligação afetiva com Patos de Minas, construída ao longo das minhas experiências pessoais e acadêmicas, é o que me impulsiona a continuar explorando suas narrativas, mitos e paisagens. A cidade é mais do que um cenário para minha vida; ela é uma parte indissociável do meu próprio imaginário e da minha identidade.

Patos de Minas, em sua simplicidade e complexidade, me acolhe e desafia. Suas ruas oferecem mais do que paisagens urbanas; elas me convidam a refletir sobre o significado de pertencer a um lugar, sobre como a cidade se inscreve em nós, assim como eu me inscrevo nela, por meio dessas caminhadas. Morar aqui e desbravar esse território me fez perceber que a cidade vai muito além do seu traçado urbano – é um espaço repleto de histórias e afetos.

Está dissertação se mostra, após longas reflexões e caminhadas de todas as assimilações e repercussões que esse território gera em mim. Entre a literatura e o devir pela cidade. Entre olhares que percorreram pelas ruas admirando suas modificações e o viver cotidiano, é seguindo essas repercussões e trajetos que, essa dissertação se constrói não apenas a partir da minha história, mas também, da história de tantos outros.

As ilustrações a seguir são memórias e registros de momentos que marcaram o meu olhar durante as caminhadas feitas pela pequena grande Patos.



Residência no Bairro Vila Garcia.
Rua Pierotti. Um homem gritou.

27 de julho de 2024.
Sábado. Caminhando com o Adriano.

Edifício Manoel Teixeira na Av. Getúlio Vargas.
748, Bairro Centro.

28 de setembro de 2024.
Caminhando na companhia da Ana.

Lote vago no meio do centro. Rua Maestro Randolfo, Bairro Centro.

03 de outubro de 2024.
Depois da terapia.

Antiga Câmara, Fórum e Cadeia de Patos.
Rua Tiradentes, Bairro Centro.

03 de outubro de 2024.
Indo para terapia.

Residência na Rua Deiró Borges.
59, Bairro Centro.

30 de outubro de 2024.
Caminhando e conversando com meus amigos.

Resumo

A presente pesquisa objetivou analisar as transformações do território de Patos de Minas a partir das lendas presentes na literatura local, que pouco residem na imagem da cidade e em seu imaginário. Essa história começa com os pés ao chão, com narrativas que foram fincadas junto às raízes do surgimento da cidade de Patos de Minas, Minas Gerais. O objetivo principal é analisar as transformações do território e a cidade imaginária presente em cada história, evidenciando, por meio da cartografia, a sobreposição da cidade imaginária à cidade real. Pretende-se, assim, compreender não apenas as qualidades inerentes e as características únicas desses lugares, mas também suas nuances subjetivas, de forma a identificar a cidade imaginária. Esta pesquisa busca desenvolver uma leitura da cidade através das lendas, procurando reconhecer e trazer à tona a cidade presente na história, na memória e no imaginário, cujos territórios originários se distanciam cada vez mais da cidade concreta real. Nesta pesquisa, optou-se por compreender a cartografia sensível como método de abordagem e o caminhar como procedimento metodológico, buscando entender a importância de ler as cidades de outra maneira. Assim, espera-se construir cartografias e narrativas que evidenciem a cidade subjetiva, as camadas invisíveis dos lugares que, em tempos passados, estiveram presentes na realidade.

Palavras-chave: Cidade, território, subjetividade, lendas, cartografia, Patos de Minas.

Abstract

This research aimed to analyze the transformations of the territory of Patos de Minas based on the legends present in local literature, which have little to do with the image of the city and its imaginary. This story begins with its feet on the ground, with narratives that were planted in the roots of the emergence of the city of Patos de Minas, Minas Gerais. The main objective is to analyze the transformations of the territory and the imaginary city present in each story, highlighting, through cartography, the overlap of the imaginary city with the real city. The aim is to understand not only the inherent qualities and unique characteristics of these places, but also their subjective nuances, in order to identify the imaginary city. This research seeks to develop a reading of the city through legends, seeking to recognize and bring to light the city present in history, memory and imagination, whose original territories are increasingly distant from the real concrete city. In this research, we chose to understand sensitive cartography as a method of approach and walking as a methodological procedure, seeking to understand the importance of reading cities in a different way. Thus, it is hoped to construct cartographies and narratives that highlight the subjective city, the invisible layers of places that, in times past, were present in reality.

Keywords: City, territory, subjectivity, legends, cartography, Patos de Minas.

SUMÁRIO

34 introdução

41 **PATOS DE MINAS E SEU TERRITÓRIO**

43 Constituição e Formação do Território
92 Lenda de Patos de Minas
104 Território Patense, um mistério!

162 **CARTOGRAFIAS POSSÍVEIS**

168 Corpografia Sensível
171 O corpo no corpo da cidade

203 **PATOS DE MINAS ALÉM DOS MAPAS**

208 Percursos: a rua de muitas ruas
299 Além dos mapas: Ilustrações e Cartografia Imaginária

326 **considerações finais**

331 **referências bibliográficas**

336 **lista de figuras**

345 **anexos**

346 Um histórico deu margem a fantasia
349 Reparos
351 Lenda “A mulher dos três metros”
354 Lenda “O cravo e a Janela”
355 Entrevista com Eitel Teixeira Dannemann

INTRODUÇÃO

A cidade e os espaços construídos enquanto receptáculos das nossas experiências, valores e interações se tornam lugares de novos e antigos significados, que se sobrepõe, permitindo assim novas descobertas. Um simples ponto, um banco, uma história e um amigo podem suscitar infinitas e diferentes construções no imaginário das pessoas que por ali vivem. Nesses multi-percursos que se desenvolvem pela cidade, incontáveis reverberações podem ocorrer ao relacionarem os espaços e as vivências que cada um carrega em si, os significados que se formam podem ser infinitos e mutáveis. Assim, não somente alteram o presente momento em relação às experiências vividas, como podem ressignificar o passado e o futuro, sendo assim, possível tecer várias conexões entre diferentes tempos, lugares, talvez distintos em nós e na nossa história.

O caminhar, a própria experiência, seja talvez um meio de trazer à tona a dimensão da subjetividade, uma cidade inventada ou esquecida, não apenas pela necessidade de ir de um lugar a outro, mas sobretudo pelos sentidos que os caminhos são capazes de produzir. Toda cidade se caracteriza como uma complexa composição de tempos e espaços, como territórios e produção de modos de vida que se afirmam como memória em constante atualização. A cidade, como o campo de tramas no qual adentra o corpo do caminhante, o lugar onde a vida acontece em contexto plural. O corpo no espaço cria um movimento e na sua memória sente as vibrações, que não param de movimentar e pulsar. Cidade sensível, afetiva e poética, um lugar de trocas e estímulos, fenômeno que só se pode compreender através da experiência, do movimento de se lançar por caminhos incertos e sinuosos em direção a destinos reais ou imaginários. Enquanto protagonistas ou viajantes desse percurso nos possibilita passar adiante nossa cultura e experiência, sendo ela pela oralidade ou apenas uma troca de olhares.

Os lugares de uma cidade trazem consigo diversas camadas de história, subjetividades, narrativas e experiências, que os tornam reconhecíveis pelos seus habitantes, possibilitam a identificação e o sentimento de pertencimento. A própria atividade de narrar está conectada a uma prática do espaço: o relato se conecta com a dimensão de estar no mundo e relatar, ao passar por ele, é viver novamente o espaço. A narrativa não apenas conta sobre o movimento que aconteceu, mas o exerce de maneira interpretada.

> Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um "suplemento" aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam (Certeau, 1998, p. 200).

Ponho-me a caminho. Na partida, me preparo para imergir nos vestígios do surgimento de Patos de Minas - Minas Gerais, em busca de relatos e narrativas, memórias do que já existiu, lugares que hoje foram tomados pelo progresso, mas que contam o que já se foi associando suas transformações com a leitura local. Hoje sua memória se apresenta apenas no imaginário da cidade, uma viagem além do espaço, permitindo o acesso de áreas desconhecidas no meio da malha urbana, cidades dentro das cidades, histórias que fazem parte da sua construção que grande parte dos habitantes desconhecem e que são, no fundo, a sua alma.

João do Rio em *A Alma Encantadora das Ruas,* declara seu amor pelas ruas. O cronista do século XX, ao procurar a definição de rua nos dicionários, constata que para os glossários, ela se refere apenas a um enfileirado de fachadas por onde as pessoas podem caminhar nas cidades. Seu significado se liga somente à ideia de uma reta onde se organizam os assentamentos. Oposto a essa definição, o autor diz que "a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!" (Rio, 1995, p. 3).

> Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue... (Rio, 1995, p. 7).

Assim como as ruas, as cidades têm um emaranhado de almas que contribuem para a sua identidade única e em constante evolução. Cada cidade, cuja "alma" é moldada pelas experiências, aspirações afetivas e interações entre seus habitantes e o corpo da cidade, moldadas por suas histórias. As ruas têm uma profunda complexidade de almas que são tecidas pela história e literatura, tornando os lugares fascinantes para exploração e descoberta para aqueles que se aventuram por ruas e bairros em busca da sua essência. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é, a

partir da leitura das lendas existentes no imaginário da cidade de Patos de Minas, compreender as transformações do seu território.

A metodologia escolhida para a construção será realizada por meio do método cartográfico de caráter majoritariamente qualitativo, que se baseia na ideia de que os mapas não são apenas representações objetivas, mas que contém construções subjetivas e emocionais que refletem as experiências afetivas proporcionadas pelo espaço. A cartografia sensível como método irá nos ajudar a explorar e entender as complexidades e as emoções despertadas através das caminhadas, ao valorizar a subjetividade, as sensações e emoções, essa abordagem proporciona insights sobre a forma que relacionamos com a cidade e suas camadas de memórias, enriquecendo assim, a compreensão do significado e da importância dos lugares em nossas vidas.

> O mapeamento é uma forma de apropriação e interpretação do território e está apropriação pode ser física, mental ou sensorial. Não postulamos aqui um mapeamento científico, preciso e inequívoco, mas um mapeamento aberto, abstrato e flexível. Mapeamento de um território que se faz por meio de uma experiência física ou sensorial (Amaral, 2016 p.13).

Para nossa investigação utilizaremos, principalmente pesquisas bibliográficas para a construção de repertório teórico, e de desenhos e análises subjetivas do objeto de estudo, para a elaboração de uma cartografia sensível sobre a cidade imaginária. A proposta para a estrutura dessa dissertação se divide em três capítulos, sendo eles:

"Patos de Minas e seu território", a pesquisa busca, desde o início, apresentar o objeto de estudo: a cidade de Patos de Minas e seu território, explorando sua história e a interação entre a cidade real e a cidade imaginária. O capítulo aborda a constituição e a formação desse território, desde seus primeiros habitantes e o marco zero até sua evolução para povoado, arraial e, posteriormente, cidade. Além disso, investiga as transformações ocorridas ao longo dos anos e identifica vestígios do passado que já não estão presentes na cidade real, mas que persistem na cidade imaginária. A pesquisa também resgata lendas pertencentes à literatura local, enriquecendo a compreensão da identidade cultural da região.

"Cartografias Possíveis", trata-se de uma discussão acerca da cartografia, contextualizando e abrangendo tanto aspectos geográficos e tradicionais quanto afetivos. O capítulo explora diferentes formas de representação cartográfica e, em seguida, concentra-se na cartografia sensível, sendo o método central da pesquisa.

Em *“O Corpo no corpo da cidade”*, explora-se o ato de caminhar pela cidade como processo poético para contribuir na construção dos mapas, reconhecendo a interação entre as histórias, os afetos e trajetos urbanos, levando a uma discussão sobre a relação entre o caminhar na cidade e a criação de novas perspectivas das já existentes. O objetivo não é apenas explorar os espaços urbanos, mas vivenciar a paisagem urbana, percebendo a cidade por meio do corpo como uma maneira de cultivar a sensibilidade em relação aos lugares.

“Patos de Minas além dos mapas” com todo desenvolver teórico durante a pesquisa à proposta é a partir daqui dar vida aos afetos e as subjetividades presentes na cidade, a realização das cartografias pelos espaços presentes nas lendas, descritas por escritores locais, mapear e cartografar o percurso, identificar os espaços que elas estão inseridas e caminhar pela cidade ao seu encontro. Aqui é onde se encontra a criação, é dar vida ao imaginário e construir através dos sentimentos, as ideias e as experiências que não podem ser trocadas ou quantificadas de maneira tangível.

Para compreender a cidade real, é preciso ir além da materialidade presente, olhar para cada lugar de forma sensível e ir em busca do inexistente aos olhos, ir em busca da cidade imaginária e dos valores significativos, partindo-se da premissa de que a cidade é uma construção inacabada, sempre se modificando nos seus mínimos ou máximos detalhes. Ao se justificar o tema apresentado é indispensável destacar que, estudar a constituição da memória é de suma importância, pois ela está intimamente ligada à construção da identidade. Para Le Goff (apud Bittencourt, 1997), a memória acaba por estabelecer um “vínculo” entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”. Esse vínculo, que se torna afetivo, possibilita que essa população passe a se enxergar como “sujeitos da história”, que possuem direitos e deveres para com sua localidade.

A partir do entendimento de que os imaginários da cidade são parte importante na construção da memória social e histórica de uma cidade. Segundo Hall (2016), quando os imaginários são compreendidos eles se transformam em peças importantes na orientação do processo de interpretação das experiências individuais e coletivas dos moradores e visitantes de uma cidade. "Pois eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e consequentemente geram efeitos reais e práticos (Hall, 2016, p.20).

Como uma cidade do interior e como muitas outras "pequenas e médias" cidades brasileiras, Patos de Minas vem se urbanizando desde o início do século XX. Uma cidade com perfil metropolitano que presta serviços a inúmeras cidades menores próximas, com isso, está passando por um período de mudanças econômicas, sociais e filosóficas significativas que exigem novas perspectivas e interpretações de sua geografia, culturas e sociedade que vão além dos mapas existentes. Com o passar dos anos, seu desenvolvimento fez com que ocorresse grandes transformações nos lugares originários da cidade, fazendo com que os vestígios do seu surgimento ficassem apenas nas memórias dos moradores.

Ir em busca da cidade imaginária, não apenas enriquecemos nossa compreensão sobre a cidade real, mas conseguimos identificar as transformações no espaço, e nessa busca pelo inexistente aos olhos que encontramos a verdadeira essência, através das lendas presentes na literatura local, reconhecemos um lugar onde a realidade e a imaginação se entrelaçam, criando um conjunto de significados e emoções, presente na memória.

A partir do momento que descobri e pesquisei ainda mais sobre a literatura local, descobrindo mais sobre as lendas pertencentes a Patos, a inquietação deu origem a diversas questões que tangenciam o objetivo desta pesquisa. Foi ela que despertou meu interesse nas narrativas das cidades, que ajudam a constituir esse pequeno mosaico de sentidos, percepções e experiências que ficam suas amarras no espaço. Neles pode-se entrever o que Kevin Lynch (2002) descreve como um conjunto de sensações fortemente atreladas às lembranças passadas, que a vista não alcança. Uma cidade que se situa numa dimensão abstrata, uma cidade sensível, da qual nos fala Pesavento (2007), que pode se apresentar mais real e mais palpável, do que a cidade materializada no concreto que a ergueu.

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é, a partir da leitura das lendas existentes no imaginário da cidade de Patos de Minas, compreender as transformações do seu território. Para compreensão da cidade real e cidade imaginária, utilizar da cartografia afetiva para evidencias as duas cidades.

• Entender a evolução da formação de Patos de Minas e as transformações do seu território;

• Analisar as transformações do território de Patos de Minas através da imagem da cidade presente nas lendas;

• Produzir cartografias afetivas a partir de relatos e registros em desenhos e fotografias das caminhadas realizadas na cidade, traçando a cidade real e a cidade imaginária, com o intuído de compreender como coexistem e as camadas temporais nos diferentes espaços pertencentes às narrativas.

A pesquisa será realizada por meio do método cartográfico de caráter majoritariamente qualitativo, apesar de não descartar informações e dados provenientes da cartografia tradicional, parte do princípio de que a pesquisadora, ao se inserir na cidade, está sujeita ao compartilhamento e à troca de saberes. Fazendo assim, com que a temporalidade adotada seja a de um presente que investiga inscrições territoriais do passado que já foram presentes na cidade real, apagadas pelas transformações ocorridas no tempo e que ainda sobrevivem na memória e no imaginário.

A pesquisa documental inicial sobre as lendas, foi feita a partir do livros do memorialista Antônio de Oliveira Mello, em seu livro “Minha Terra: Suas lendas e seu folclore”, também das publicações realizadas por Eitel Teixeira Dannemann, publicadas no site EFECADEPATOS, e utilizando documentos encontrados no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Centro Universitário de Patos de Minas, referentes aos jornais que já circularam pela cidade, sendo eles: Jornal Folha de Patos e Folha Diocesana, onde foram publicadas parte das lendas desde 1942 a 1968. A pesquisa bibliográfica inicial foi feita a partir da busca, identificação, seleção e organização de materiais bibliográficos relevantes e de acordo com o tema da pesquisa, como livros referentes a história da formação do território de Patos de Minas, até os conceitos teóricos presentes na dissertação.

A partir do objetivo desta pesquisa, vamos utilizar a cartografia para representar a camada imaginária das lendas presentes na cidade, em busca de identificar, evidenciar e registrar as transformações ocorridas no território. Para elaboração de cartografias como um sistema de representação da cidade imaginária sobreposta a cidade real, e que se torna através das caminhadas um dispositivo de ação das transformações presentes no território, o intangível presente no espaço. Para Jacopo Criveli Visconti (2014):

> Parece possível afirmar que existem duas vertentes principais nos usos dos mapas em âmbito artístico: a primeira seria a que se apropria de cartografia existente, mas utilizando-as de maneira pouco ortodoxa [...]. A segunda

> vertente seria que constrói cartografias imaginárias fantásticas, inventa países e continentes, ficando, contudo, e apesar da escala potencialmente imensa dessa criação em um âmbito mais íntimo e pessoal que já foi definido como cartografia emocional (Visconti, 2014, p.75).

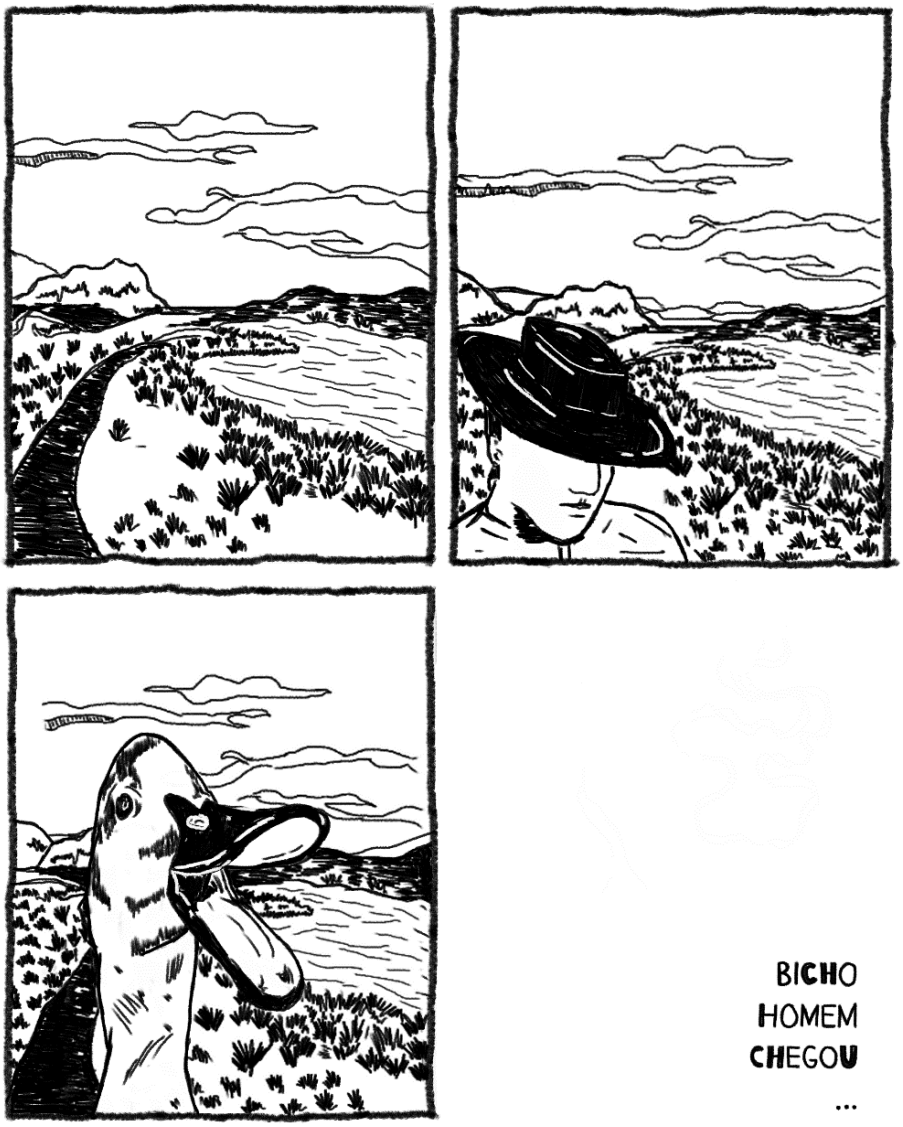
Tendo em vista a constatação de Visconti (2014) que identifica as duas vertentes de ações com mapas, a nossa proposta para trabalhar com os mapas da cidade real de Patos de Minas e na cidade imaginária presente nas lendas, será desenvolvido na primeira parte a cartografia já existentes de Patos de Minas, sobrepondo a cartografia afetiva a ser construída juntamente com as fotografias, feitas durante as caminhadas, para identificar e compreender o surgimento do território e suas transformações. Durante a segunda parte, desenvolver os mapas, na cartografia imaginária deflagrada através das lendas e os espaços presentes nas histórias, através das caminhadas pelas ruas do tecido urbano da cidade a partir da afetividade com os lugares. Os espaços que se modificam, as pessoas que cruzam o caminho, os cheiros, a velocidade com que eu chego ao ponto, tudo isso modifica o caminho, embora seja o mesmo.

Nesse sentido, esta investigação se propõe a desvendar outras cartografias possíveis de Patos de Minas, aqui denominadas “cartografias afetivas”, constituídas pelas diversas camadas de percepções e representações que se formam no cotidiano da cidade e se sobrepõem ao longo do tempo. Estás, a meu ver, fundam uma outra cidade, sublimada e envolta pela concretude e a materialidade. A cartografia como método é uma forma de investigar um território a partir de uma perspectiva sensível e que abarca capturas múltiplas para a composição dos mapas cartográficos.

Será explorada de maneira intuitiva, os trajetos percorridos pela cidade através dos registros e das ilustrações a serem produzidas. As ilustrações, enquanto linguagem de representação e expressão estética, serão usadas com certa recorrência como forma de representar a subjetividade e dar “vida” à cidade imaginária. Assim, essa é a força que se quer fazer incidir sobre a cidade: tomar nas mãos o existente, e apropriar-se dele para fazer reverberar o que está presente nas lendas, no sentido do nosso olhar e dos afetos que atravessam a pesquisadora. Parar, observar, atentar-se a tudo que está à nossa volta, perceber o espaço e como ele interage com o corpo.

CAPÍTULO 01

PATOS DE MINAS E SEU TERRITÓRIO.


BICHO
HOMEM
CHEGOU
...

1.1 Constituição e formação do Território

Nas chapadas do oeste de Minas Gerais, entre as montanhas, perdida no fértil vale do Rio Paranaíba, existiu uma lagoa povoada por patos silvestres. Grande, enorme e majestosa! Da cor do céu, um profundo azul anil, às vezes tomada por nuvens brancas como algodão, suas margens refletiam as bordas da imponente mata que a circundava. A cidade de Patos de Minas *(Figura 01)* está situada na região sudeste, a oeste do estado de Minas Gerais, na mesorregião do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba[1]. Segundo dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) o município possui uma população estimada de 167.870 pessoas, com área territorial 3.190,456 km² e a densidade demográfica 49,91 hab./km². Em relação ao seu território, o primeiro trabalho histórico em que aparece o município destaca:

> O território do município é cortado pela cordilheira da Mata da Corda que o divide em duas vertentes: a platina e a oriental. É banhado pelo caudaloso Rio Paranaíba pertencente à região platina a oeste da serra e pelo Abaeté a leste da mesma. (...) Citam-se em seu seio outros rios importantes como o Babilônia (...) o Três Barras (...) e o Espírito Santo, todos afluentes do Paranaíba, e, os rios Areado e São Bento (...) e o da Prata (...) que vão desaguar nos rios Abaeté e Paracatu. Além destes os mais notáveis, ainda há no município vários outros cursos d'agua que abundantemente irrigam em todas as direções o seu solo ubérrimo. Nos rios da Prata e do Espírito Santo, existem poderosas quedas d'agua ... (sic) (Capri: 1916, p.322-323. Apud. Ribeiro, Nicolau, et ali. Patos de Minas. Sua primeira história de fato e de foto. Patos de Minas: 1992.).

Figura 1: Localização geográfica do Município de Patos de Minas. Fonte: Google Maps. Adaptado pela autora, 2024.

[1] De acordo com o IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de Patos de Minas está localizado na Meso-região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. É formado, hoje, pelos distritos de Bom sucesso, Chumbo, Major Porto, Pilar, Pindaíbas e Santana de Patos.

A ocupação histórica deste território relatado como fértil é demarcada a partir do século XVII, quando a bandeira de Lourenço Castanho Taques passou por estas áreas em direção a Paracatu por volta de 1670. Seria este, portanto, o primeiro registro não apenas da existência do território, como também o princípio da sua história, sob a ótica da ocupação branca. No entanto, a história da formação do território de Patos de Minas começa muito antes da chegada dos bandeirantes e sertanistas.

No princípio, a região era habitada pelos verdadeiros donos da terra: negros fugidos e indígenas, ocupantes originais das terras chamadas de “devolutas”. Terra devoluta, que servia de exilio aos negros fugidos de Paracatu e Goiás, resistindo bravamente, atacando os viajantes que se aventuravam que por aqui passavam através da picada ou da estrada pública que ligava Minas à Goiás. Sob o olhar distante da Coroa Portuguesa, esses povos não eram reconhecidos como legítimos proprietários do chão que cultivavam e defendiam. Contudo, a memória histórica tem relegado os indígenas a um papel secundário, apenas ressaltando sua presença a partir dos registros de confronto com os bandeirantes, que descrevem o longo embate entre os colonizadores e os "ferozes indígenas da nação Caiapó" (Fonseca, 1974, p.79). Deste modo, a narrativa oficial tem silenciado as vozes daqueles que realmente primeiro habitaram esta terra.

Os olhares sobre a história dos primeiros habitantes do município começaram a mudar a partir de 1999, quando no distrito de Santana de Patos, em Patos de Minas, foi encontrada uma urna[2] funerária indígena que chamou a atenção dos historiadores. Esse achado revelou indícios de antigas populações que habitavam a região, contribuindo para o entendimento da presença humana pré-colonial no interior de Minas Gerais. A urna, feita de cerâmica, estava bem preservada e continha fragmentos ósseos, sugerindo rituais fúnebres realizados pelos povos indígenas que ali viviam. Essa descoberta é de grande importância para o patrimônio arqueológico e cultural do município, enriquecendo a história local. Segundo o Museu de Patos de Minas (2011), *Informe Histórico de Patos de Minas*, escrito por Alex de Castro Borges, arquiteto responsável pelos setores de Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Patos de Minas e Rosa Maria Ferreira da Silva, historiadora e membro da Equipe

[2] Urna funerária se encontra exposta no MuP – Museu da Cidade de Patos de Minas, Casa de Olegário Maciel.

Técnica da Diretoria de Memória e Patrimônio da Prefeitura Municipal de Patos de Minas:

> [...] a partir de 1999 quando foi encontrada uma urna funerária na Fazenda de Contendas, Distrito de Santana, de propriedade do Sr. Manoel dos Reis Bessa. Esta urna foi datada de 3.000 BP (Before Present) e constitui uma importante ocorrência arqueológica, capaz de recuar, no mínimo, ao período pré-colombiano história da ocupação da região de Patos de Minas. Para trazer à luz elementos que permitam a produção do conhecimento a respeito do povo que nos deixou aquele vestígio, encontra-se em processo de viabilização a realização de levantamento sistemático voltado para a definição do patrimônio arqueológico de Patos de Minas, o que permitirá a sua inserção no mapa da arqueologia brasileira.

Figura 2: Descoberta da Urna Funerária na Fazenda de Contendas, Distrito de Santana. 1999. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas.

Figura 3: Urna Funerária após processo de restauro. Museu da Cidade de Patos de Minas. 2000. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas.

Sebastião Cordeiro de Queiroz, em *Patrimônio de Santo Antônio do Sítio ao Templo* (2016), detalha a formação histórica da povoação "Os Patos", que teve suas origens antes de 1800, revelando-se um ponto importante no desenvolvimento do interior mineiro. Conforme o memorialista Geraldo Fonseca[3], em 1826, "Os Patos" já possuía uma comunidade vibrante com mais de 700 habitantes. O censo de 1834, realizado no então distrito de Santo Antônio dos Patos, pertencente à Vila de Paracatu do Príncipe, documenta uma população de 800 pessoas, composta por 411 brancos, 260 pardos livres, 29 pardos escravos, 6 pretos livres e 100 pretos escravos.

Eram denominados de Caiapós os grupamentos indígenas da região sudoeste de Minas Gerais que resistiram demoradamente aos invasores brancos. Não obstante, seu extermínio seguiu a mesma lógica dos demais grupos que habitavam as terras brasileiras (Museu de Patos de Minas - MuP, 2011).

[3] Fonseca, Geraldo. **Domínios de pecuários e enxadachins: história de Patos de Minas**. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974.

> O extermínio dos Caiapós correu ao lado do processo de colonização da região ocupada hoje pelo município de Patos de Minas e distritos vizinhos. Provavelmente iniciou-se na primeira metade do século XVIII logo após o desfecho da guerra dos Emboabas que, por sua vez, forçou os bandeirantes paulistas (descobridores originais das jazidas de ouro na região das minas) a se deslocarem para o interior do território brasileiro em busca de outros metais preciosos. Os aventureiros que por aqui passaram seguiam as margens dos Rios São Francisco e Paracatu, através da picada de Goiás, primeiro caminho oficial aberto das Minas Gerais ao oeste do Brasil. Passaram pela região a já citada bandeira de Lourenço Castanho Taques de 1670 e a de Bartolomeu Bueno da Silva, o velho, que atravessou a região em busca das minas de Goiás (Museu de Patos de Minas - MuP, 2011).

Antônio de Oliveira Mello[4], já assegura que, em todos os escritos sobre a região, especialmente sobre Patos de Minas, a existência dos povos originários pertencentes à tribo Cataguá.

> Viviam entre Rios Grandes, Paranaíba e Pacato, sem nenhum conhecimento de outras pessoas. Andavam por toda região que hoje constitui duas Mesorregiões Geográficas do Estado: Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Noroeste de Minas (Mello, 1992, p. 77).

Contudo, com o pouco de informações existentes sobre os povos originários que habitaram o município de Patos de Minas, antes da chegada dos tropeiros e sertanistas, Geraldo Fonseca (1974), afirma que “ao certo, não podemos afirmar qual a tribo indígena que habitou, no todo ou em parte, o município de Patos de Minas”. Através da documentação que registra a passagem dos bandeirantes pela região, registra pela primeira vez, a denominação os “Patos” para referir-se ao povoado no caminho das Bandeiras que ia para Paracatu e depois para Goiás. Segundo Fonseca (1974), os vários "palmípedes" que habitavam as lagoas da região deram origem à denominação do povoado.

Para Geraldo Fonseca (1974), o caminho que cruzava "Os Patos" em direção a Paracatu era originalmente uma simples trilha, mas ao longo dessa rota também se registrava a presença de quilombos. Esses quilombolas eram, em sua maioria,

---

[4] Oliveira Mello, Antônio de. **Patos de Minas Centenária**. Patos de Minas, Edição da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 1992.

escravos que haviam escapado das fazendas de Paracatu e Goiás, e sobreviviam por meio da agricultura e da criação de gado, muitas vezes obtido de forma ilegal, animais dos rebanhos que tropeiros conduziam pela região. Um dos quilombos mais notórios dessa época foi o “Quilombo do Ambrósio”, localizado na região de Ibiá, que se destacou pela sua resistência, mas foi destruído no século XVIII. Com o território já povoado, lutavam para resistir ao domínio do homem branco.

Eram grupos de pretos abrigados em quilombos e que lutavam para resistir ao domínio branco. Tal afirmação também parte de Fonseca (1974, p.22): “[...] o caminho para Paracatu, que passava pelo atual território Patense, nada mais era do que uma trilha à margem da qual habitavam poucos negros, o quilombo do Paranaíba”.

> “Afirmou-se que ‘o bandeirante desbrava despovoando. Atesta-o sua encarniçada luta de extermínio com o aborígene, contra a fauna e contra a imensidão das matas que cobriam a terra virgem” (Fonseca, 1974, p. 22).

Quanto tempo os quilombolas permaneceram na região é desconhecido. No entanto, a chegada de Afonso Manoel Pereira em 1768, beneficiário de uma carta de sesmaria[5] concedida pelo Conde de Valadares em 1770, marcou o fim dos quilombos. Pereira se comprometeu a demarcar, cultivar e "povoar" a terra em um ano. Houve mortes, prisão e destruição. Os moradores de "Os Patos" tinham assinado um abaixo-assinado em 1756 solicitando que o local fosse considerado uma vila, passaram mais de cinquenta anos até que a história administrativa de Patos de Minas começasse oficialmente.

A visita do bispo de Pernambuco à região de Paracatu em 1824 parece ter ajudado, e em 1826, Antônio Joaquim da Silva Guerra e sua esposa, Dona Luzia Corrêa de Andrade, deram parte de suas terras da fazenda "Os Patos" ao padroeiro Santo Antônio. Ao fazer essa doação, o povoado, que na época tinha cerca de 700 pessoas, tornou-se livre para realizar batizados e casamentos, o que foi um passo importante para sua organização social e religiosa. As terras doadas, cuja delimitação

[5] “Concediam-se as terras a quem requeresse ao governador da Capitania, que despachava em do rei, dependendo a sua posse, entretanto, de confirmação da Mesa do Desembargo do Paço. O processo de concessão era simples e expedito. O pretendente requeria a posse das terras que indicava, e o representante do rei mandava passar-lhe a Carta de Sesmaria, na qual constava, depois de ouvido o procurador da Coroa, que concedia sem interpolação de outras terras, ainda que fossem inúteis e com a condição de demarca-las dentro de um ano (Dornas Filho, João. “Tropas e tropeiros”, in primeiro seminário de Estudos Mineiros, Belo Horizonte, 1957).

é apresentada por Antônio de Oliveira Mello[6], possibilitaram o crescimento do povoado e, hoje, correspondem a parte da atual cidade de Patos de Minas.

> O referido documento está datado e 19 de julho 1826 e foi lavrado na fazenda denominada OS PATOS. Pela sua redação, verifica-se a existência de vários habitantes na região, já que, ao descrever as divisas, menciona confrontantes como Francisco Xavier da Cruz, Manuel Joaquim de Sousa, bem como assevera que a doação foi avaliada em setenta mil réis, por Felisberto José da Fonseca e Pedro Correia de Andrade. Outrossim declara que assinaria, a rôgo de Luzia Correia de Andrade, Antônio José de Castro, e, como testemunhas Manuel Joaquim de Sousa e Antônio José de Castro (Mello, 1971, p. 30).

Segundo Oliveira Mello (1971), o povoado que deu origem a cidade de Patos de Minas se iniciou em 1826 com a doação do terreno por Antônio Joaquim da Silva Guerra e sua esposa Luzia Corrêa de Andrade para a construção da capela de Santo Antônio, situada hoje na atual Praça Dom Eduardo, próximo à Lagoa dos Patos, na Avenida Liberdade, atualmente conhecida como Avenida Getúlio Vargas. A partir de então, diversas famílias se instalaram no entorno da capela, originando o Arraial de Santo Antônio da Beira do Paranaíba. Em 1866, foi criada a Vila de Santo Antônio dos Patos, e em 1892 o presidente do Estado de Minas Gerais elevou a vila à categoria de cidade de Patos de Minas (Oliveira apud Amorim, 2015).

A intitulada Lagoa dos Patos, foi um marco geográfico e histórico que deu origem ao nome e ao desenvolvimento da cidade. Lagoa natural, cercada por vegetação nativa e habitada por grande quantidade de patos selvagens, serviu como ponto de referência para os primeiros desbravadores que passaram pela região. A abundância dessas aves na lagoa foi o motivo pelo qual o local começou a ser chamado de "Os Patos". No entorno da lagoa, surgiram as primeiras habitações e fazendas, que deram início ao povoado. Com o tempo, a região passou a atrair mais moradores, formando o núcleo que se desenvolveria no arraial de Santo Antônio dos Patos, nome dado em homenagem ao santo padroeiro e à fauna local. Embora a lagoa em si tenha desaparecido com o crescimento da cidade, seu legado permanece vivo na história e

[6] Oliveira Mello, Antônio de. **Patos de Minas: Capital do Milho**. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1971.

no nome de Patos de Minas, que se consolidou como uma importante cidade do interior de Minas Gerais, marcada por sua origem ligada à natureza e à vida rural.

Figura 4: Figura 04: Largo da Matriz, hoje Praça Dom Eduardo, em 1915. Original: Maria Lina Borges Marques. Reprodução: Saulo Alves. Fonte: Acervo Fotográfico João Otávio Coelho. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

Figura 5: Imagem Ilustrativa das Lagoas "Grande" e "Dos Patos" em 1940, origem do nome de Patos de Minas. Fonte: Acervo fotográfico: Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

Segundo Borges (2009)[7], arquiteto responsável pelos setores de Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, a construção da primeira capela foi responsável por organizar o primeiro sistema espacial do nascente arraial. O adro da capela transformou-se em um largo, que mais tarde se tornou um dos primeiros logradouros da cidade, conhecido atualmente como Praça Dom Eduardo. As primeiras casas foram construídas ao redor da capela, seguindo os caminhos já existentes e formando uma disposição ramificada. Essas vias, muitas vezes estreitas e sinuosas, foram moldadas tanto pela topografia local quanto pela vontade dos primeiros habitantes, estabelecendo a base para o desenvolvimento urbano de Patos de Minas.

Figura 6: Largo da Matriz, em 1915. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de mar. de 2024.

[7] Documento "DO NÚCLEO PRIMITIVO AO TECIDO URBANO ATUAL: Aspectos morfológicos" escrito por Alex de Castro Borges em 2009, arquiteto responsável pelos setores de Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Patos de Minas.

Figura 7: Primeira capela de Patos de Minas, antiga Igreja Matriz. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de mar. de 2024.

Em 1839, o nome "Santo Antônio da Beira do Paranaíba" foi oficialmente substituído por "Santo Antônio dos Patos", marcando uma nova fase no desenvolvimento do povoado. Esse processo de mudança de denominação refletia a identidade crescente da localidade e sua consolidação como um centro regional. Em 1850, com a Lei Provincial n. 472, foi criada a "Paróquia de Santo Antônio dos Patos", elevando o povoado à condição de arraial e vinculado à Comarca de Patrocínio. Esse avanço administrativo foi um passo importante para o fortalecimento político e religioso da comunidade, preparando o caminho para o futuro crescimento e autonomia de Patos de Minas.

O processo de elevação do Distrito de Santo Antônio dos Patos à categoria de Vila foi formalizado em 25 de dezembro de 1856, mas apenas em 29 de fevereiro de 1868 veio a ordem executiva para a instalação oficial da Vila. A demora foi atribuída à lentidão na tramitação do Código de Posturas na Assembleia Provincial, o que dificultava a consolidação institucional do local. Além disso, a lei exigia a construção

de uma cadeia e uma Casa da Câmara para que a Vila fosse oficialmente reconhecida. Apesar dessas dificuldades, o compromisso foi cumprido dentro do prazo estipulado. No entanto, o processo enfrentou ameaças de supressão por interesses de municípios vizinhos, que o memorialista Geraldo Fonseca (1974) chamou de "esbulho", uma tentativa de aniquilação de Patos de Minas nos seus primeiros anos. Finalmente, após um longo e difícil processo, a Vila de Santo Antônio dos Patos foi elevada à categoria de cidade, com a denominação de "Patos", em 24 de maio de 1892, por meio da Lei n. 23, unindo-se às outras vilas e sedes de comarca da época.

Em 1883, conforme destaca Oliveira Mello (1971), a Vila de Santo Antônio dos Patos começou a passar por um processo de organização espacial mais estruturado, a partir de uma indicação apresentada na Câmara dos Vereadores. Esse período marcou o início da racionalização do espaço urbano, com a criação de uma Rua Direita, cuja demarcação serviu como eixo principal para a distribuição ortogonal das ruas transversais. Esse planejamento foi um dos primeiros passos na transformação da vila em uma cidade mais moderna, evidenciando uma nova postura na ordenação do espaço. A criação dessa rua, que mais tarde se tornaria a Rua Major Gote, foi um gesto estratégico, indicando a intenção de expansão do núcleo urbano em direção à região da Chapada, onde a cidade começaria a se desenvolver mais intensamente. Essa expansão planejada foi concretizada nos primeiros anos do século XX, posicionando Patos de Minas como um polo regional em crescimento, com um traçado urbano mais definido e organizado, refletindo as novas demandas de um município em expansão.

O documento cartográfico mais antigo que se tem notícia é o levantamento feito pela Comissão Mineira do Centenário, confeccionado no princípio da década de 1920, que mostra a cartografia do então Município de Patos e uma pequena planta da cidade[8]. O que chama atenção no documento é a presença desta planta em escala 1:40.000. Nela é possível perceber o traçado original, fenômeno de ocupação do final do século XIX, os delineamentos naturais e as aspirações quanto ao desenvolvimento da urbe nascente (Borges, 2009)[9].

[8] O documento se encontra no acervo do Museu de Patos de Minas.
[9] Documento “DO NÚCLEO PRIMITIVO AO TECIDO URBANO ATUAL: Aspectos morfológicos” escrito por Alex de Castro Borges em 2009, arquiteto responsável pelos setores de Patrimônio Cultural da Prefeitura Municipal de Patos de Minas.

Figura 8: Cartografia do Município de Patos de Minas, feita pela Comissão Mineira do Centenário mais antigo documento cartográfico de Patos de Minas que se tem notícia. Belo Horizonte, década de 1920. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - Mup.

A partir desse importante documento, juntamente com dois manuscritos mais antigos – a primeira demarcação de ruas, datada de 3 de fevereiro de 1874, conforme Lei Municipal, e as disposições do primeiro Código de Posturas de 1876, foi possível estabelecer a topologia original do núcleo primitivo de Patos de Minas. Esses registros históricos fornecem um panorama detalhado da organização espacial inicial da cidade, indicando as primeiras ruas e logradouros que estruturaram o crescimento do então arraial. A demarcação de 1874 foi um marco para a formalização do traçado urbano, e o Código de Posturas de 1876 reforçou a necessidade de regulamentar o uso dos espaços públicos e privados, consolidando as bases para o desenvolvimento planejado do município.

A interpretação cartográfica nos traz dados interessantes sobre o processo de ocupação do território. O contorno original da lagoa que deu origem ao nome da cidade e o entorno territorial do marco zero é o mesmo que está indicado no contorno ilustrado abaixo. Na figura 09, é possível visualizar esta área demarcada de azul. A malha nele inserida corresponde à primeira organização urbana de Patos de Minas (Borges, 2009).

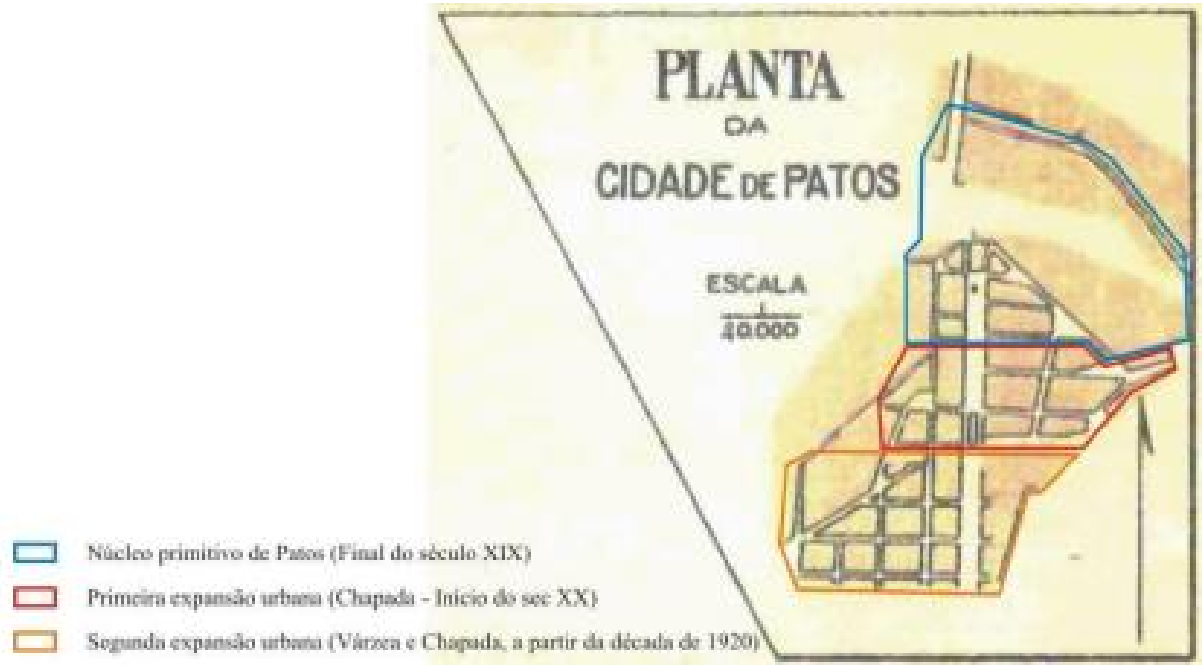


Figura 9: Contorno das primeiras áreas de expansão utilizando fac-símile da planta da cidade de 1920 da Comissão Mineira do Centenário. Belo Horizonte – Década de 1920. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - Mup.

Figura 10: Vista aérea da primeira capela de Santo Antônio e resquícios da "Lagoa dos Patos". Fonte: Acervo fotográfico: do Museu de Patos de Minas - Mup. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

Ressalte-se que o início da expansão do vetor sul, ausente nos documentos mais antigos e presentes no mapa, é retrato registrado pela Comissão do Centenário indica o momento em que passava a vila. Em outras palavras, a cartografia (figura 09) registra o tecido original (contorno em azul) e o exato momento da expansão sul, rumo à Chapada (contorno em vermelho) (Borges, 2009).

Portanto, o mapa indica o desejo do crescimento da cidade almejado pelas primeiras gerações. A área circunscrita em laranja define a primeira expansão "pensada" na forma de tabuleiro ortogonal, provável influência do pensamento de Olegário Dias Maciel, notória figura política local e estadual, engenheiro formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, instituição de claro alinhamento positivista. É certo que parte do que foi pensado não saiu do papel, mas foi suficiente para preparar o espírito dos Patense sobre as novas formas de ocupação do espaço e, por conseguinte, definir o melhor modo de assentamento (Borges, 2009).

O desenvolvimento urbano inicial foi marcado pela disputa política entre duas famílias da elite local, que deixaram marcas em seu traçado urbano. Ao Norte, na região que descia para a lagoa, estavam os Borges em suas ruas estreitas e curvas,

e nos edifícios em estilo colonial; já ao sul, na área de chapada, encontravam-se os Macieis em ruas largas e com um traçado urbanístico regular.

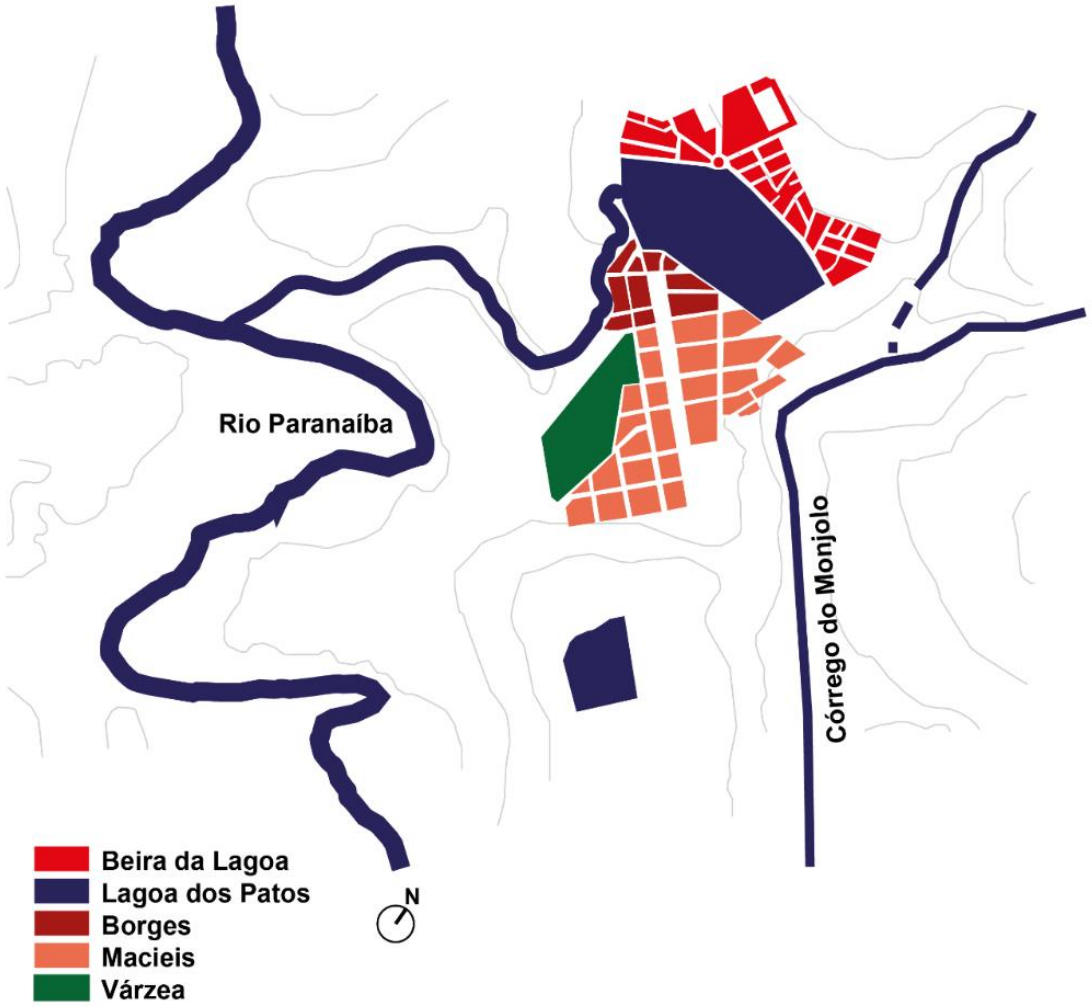


Figura 11: Núcleo Urbano original de Patos de Minas. Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

A elevação de “Santo Antônio dos Patos”, como já dito, à categoria de vila marcou o início da predominância política Maciel na região. Liderado por Jerônimo Maciel e seu filho Olegário Maciel, herdeiro político do Coronel Antônio Dias, essa família exerceu grande influência na política local por várias décadas. Os Maciel ocuparam cargos importantes na administração pública e consolidaram seu poder ao posicionar parentes e aliados em funções estratégicas. Olegário Maciel, em especial, destacou-se como um dos principais líderes políticos de Minas Gerais, filiado ao Partido Republicano Mineiro (PRM). Ao longo de sua carreira, foi deputado na Assembleia Constituinte Mineira, deputado federal, senador, e entre 1930 e 1933, governou o estado de Minas Gerais. Sua morte, ainda no cargo de Presidente da

Província, encerrou uma era de grande influência da família na política regional e estadual.

Figura 12: Olegário Dias Maciel, 1930. Fonte: Acervo fotográfico: do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Do ponto de vista administrativo, o desenvolvimento maior do município foi marcado justamente na década de 1930, coincidindo com os melhoramentos executados pelo Governo do Estado presidido por Olegário Dias Maciel. Em seu governo, instalou e construiu diversas obras, obras que muito ampliaram as influências do município na região. Nesse período ocorreu, também, a emancipação política da cidade de Presidente Olegário em 01 de janeiro de 1939 (Borges, 2011).

A família Maciel enfrentou uma oposição significativa em Patos de Minas, que começou a se articular na década de 1920. Essa oposição se consolidou através de uma aliança entre os grupos familiares “Queiroz” e “Caixeta”, que se uniram aos “Borges” para fundar, em 05 de outubro de 1924, o Partido Político Popular de Patos (PPPP). A presidência do partido foi assumida por Deiró Eunápio Borges, um membro influente da família Borges. A rivalidade política entre os Borges e os Maciéis dominou

a cena política da cidade por várias décadas, afetando não apenas a dinâmica política, mas também a configuração urbana de Patos de Minas. A Igreja Matriz de Santo Antônio de Pádua, além de ser a edificação que simboliza o nascimento da cidade, também serve como um limite simbólico que separa os “territórios” dos Borges e o “território” dos Maciéis.

Essa rivalidade não só moldou a política local, mas também teve impactos duradouros na identidade cultural e na estrutura social da cidade, evidenciando como as disputas familiares podem influenciar o desenvolvimento urbano e as relações comunitárias (Borges, 2011).

Na década de 1930, sob a liderança de Olegário Maciel, a família Maciel iniciou um ambicioso projeto de modernização e reordenação urbana em Patos de Minas, inspirado pelas reformas urbanísticas de cidades como Rio de Janeiro e Paris (Oliveira apud Amorim, 2015). Esse período foi caracterizado por uma transformação profunda na infraestrutura e no ambiente urbano da cidade. Entre as obras realizadas, destacaram-se a edificação de escolas, o ajardinamento de praças, a abertura e pavimentação de ruas, além da construção de importantes edificações como igrejas, o Paço Municipal, o cinema, o Matadouro Municipal e o novo cemitério. Também foi implantado o sistema de abastecimento de água e a rede de energia elétrica, elementos essenciais para o crescimento e modernização de Patos de Minas.

De acordo com Batista (2009), essas obras, principalmente a construção do Matadouro (1908) e a canalização do abastecimento da água, tinham como intuito tornar a cidade um lugar higiênico, salubre e, assim, dar-lhe o estatuto de “moderna” em contraposição ao seu passado rural. Acreditava-se na transformação de Patos de Minas de cidade sertaneja em cidade moderna, por meio das transformações urbanas, o que incluía não só a reordenação do espaço urbano, mas também a formação de uma nova postura comportamental, sob o prisma da higiene e da salubridade (Batista, 2009).

Para além dessa cidade, havia o que Rosa Silva (2015) denomina de "a cidade dos aflitos", que fica nas proximidades dos cursos de água (Silva, 2015, p.164). A autora afirma que as intervenções urbanas realizadas pelos Macieis não afetaram os bairros populares da cidade porque os bairros pobres estavam localizados nas laterais do núcleo original: no bairro da Várzea, a oeste, descendo em direção ao Rio Paranaíba; e na "Roda, ou beira da lagoa", a nordeste, no conjunto de casebres em torno da Lagoa dos Patos.

> Basta deslocar o olhar. Quando a vista se derrama por sobre as ruínas do tempo, voltando-se para o extremo norte, na região de brejos e da Lagoa dos Patos [...] ou quando se dirige para sudoeste, descendo pelas encostas da Várzea, até desbarrancar 'lá embaixo', no Rio Paranaíba, a pesquisa os ilumina: pretos... pobres... putas. A legião dos aflitos que viviam sob condições miseráveis (Silva, R., 2015, p. 246).

A cartografia seguinte, tenta esboçar as referências espaciais para a boa compreensão do leitor. A vila foi delimitada por acidentes que se tornaram referências aos povos do lugar. Assim, esbarrancados, passadios de córregos, lagoa, ribeirões e córregos são referências constantes para a identificação do espaço urbano. Prova cabal do domínio do sítio natural sobre a primeira ocupação. O traçado orgânico e português gradativamente dará espaço ao tabuleiro ortogonal espanhol, incorporado ao pensamento racionalista do século XIX (Borges, 2009).

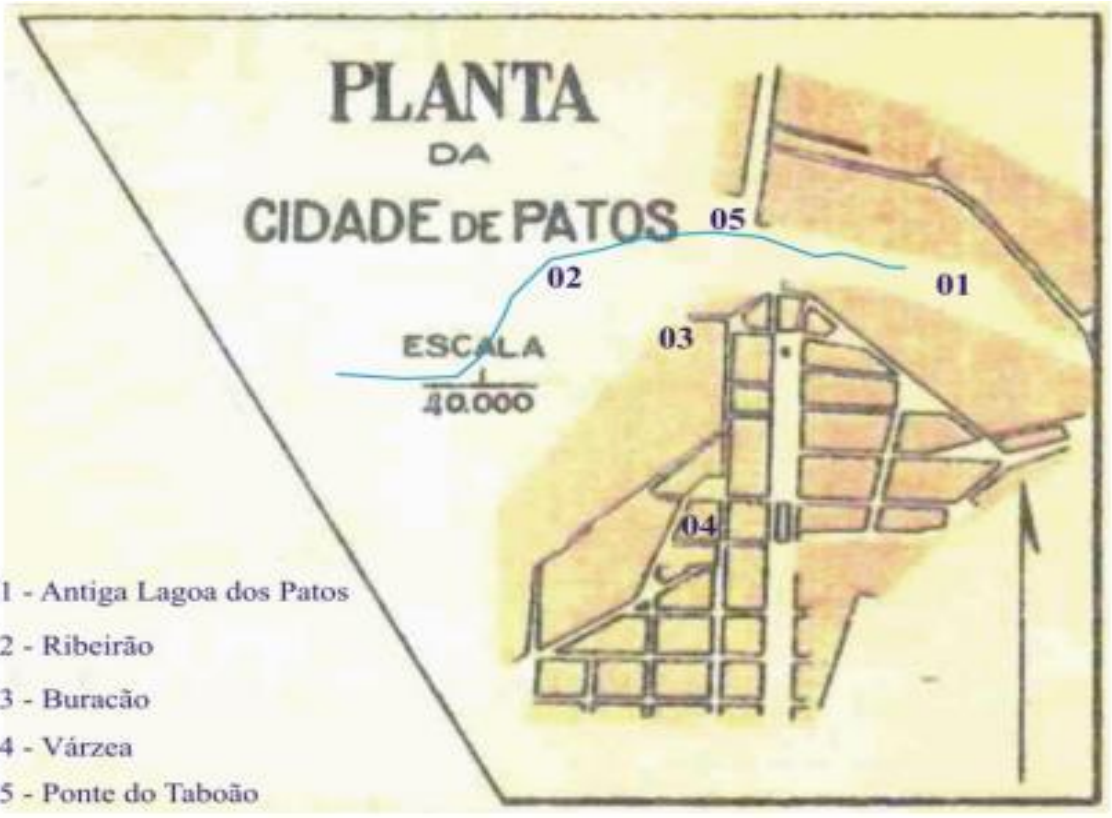


Figura 13: Pontos de referências não mais existentes utilizando fac-símile da planta da cidade de 1920 da Comissão Mineira do Centenário. Belo Horizonte – Década de 1920. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 27 de julho de 2023.

O atual Núcleo Primitivo não é uma célula isolada da cidade, mas suas marcas, traços, cicatrizes referenciam o processo de formação da cidade de Patos de Minas e

dizem respeito ao curso histórico formador da comunidade local. Seus lugares bem caracterizados são referências primordiais para a edificação da identidade comum do Patense. Patos de Minas ainda possuía uma arquitetura com herança colonial. Na década de 1930 foi realizado um levantamento planialtimétrico que confirmou que o traçado urbano apresentava características predominantemente coloniais. O ecletismo arquitetônico, e uma mudança no ordenamento urbano com essa influência, começou a ganhar espaço na cidade somente nas décadas seguintes (Diagnóstico Plano Diretor, 2018). Marco zero, a Praça Dom Eduardo, está no centro, núcleo de origem do povoamento, ilustrado pela Figura 15, e representada a divisão de influência entre as duas famílias da elite local que atuaram na construção da paisagem urbana e na história da cidade de Patos de Minas: os Borges, católicos e monarquistas e os Macieis, protestantes e republicanos.

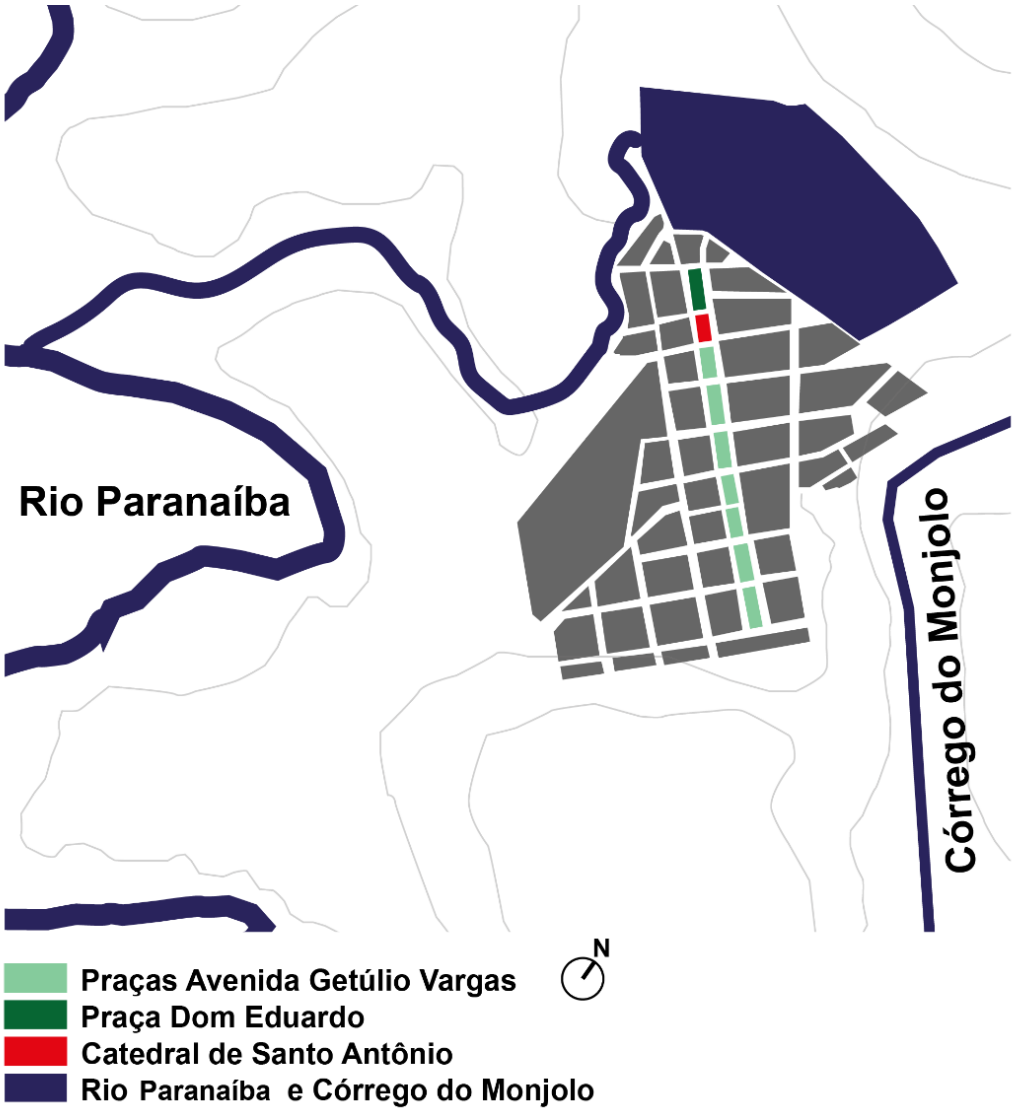
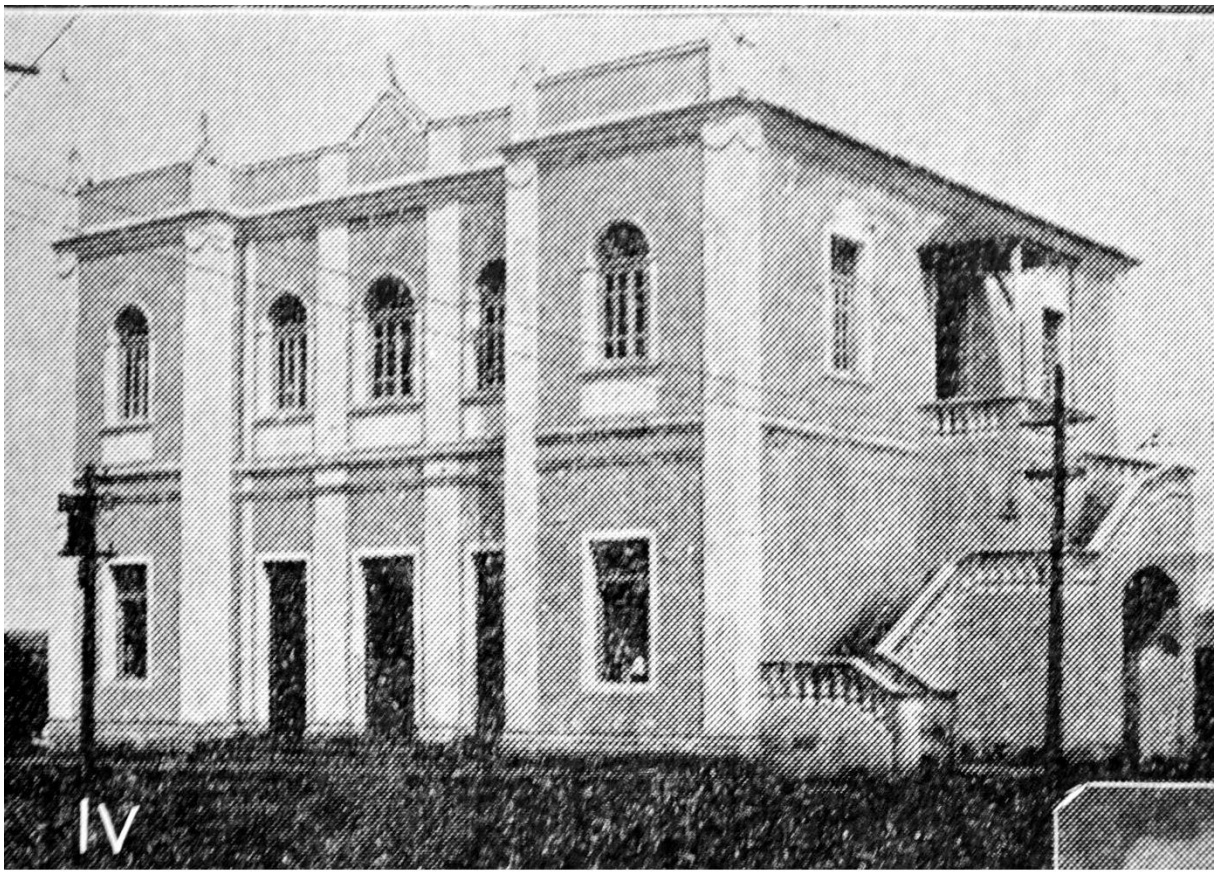


Figura 14: Núcleo Urbano original de Patos de Minas. Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.

A Avenida Getúlio Vargas, intervenção localizada no princípio do período republicano, em tudo, se assemelha às avenidas abertas durante a República. Em princípio chamada de “Avenida Municipal”, a Getúlio Vargas é formada por duas largas faixas que atravessam de ponta a ponta o centro da cidade, além de abrigar edifícios de interesse arquitetônico e histórico, a Avenida é testemunha da história da população Patense. Denominada de Praça Dom Eduardo, está no centro do núcleo original de povoamento, localizado ao norte. De acordo com Silva (2011), a paisagem se desenha por ruas estreitas e curvas que conduzem a travessa e becos nitidamente “semeadas” à moda lusitana de povoar. Ao mesmo tempo, os edifícios mais antigos e característicos da área são todos em estilo colonial, construídos a rés do chão, com altas janelas e portas retangulares. São exemplos a antiga Casa de Câmara e Cadeia (Figura 16), localizada hoje na Praça Juquinha Caixeta, e os casarões do Dr. João Borges e do Capitão Virgílio Caixeta de Queiroz (Silva apud Amorim, 2015).



Cadeia e Fórum - (Livro Minas Gerais 1925 organizado por Victor Silveira)

Figura 15: Antiga casa de Câmara e Cadeia localizada hoje na Praça Juquinha Caixeta em 1925. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024.

A configuração urbana descrita acima se estende até a “Travessa dos Queiroz” localizada atrás da Catedral de Santo Antônio, edificação erguida entre 1930 e 1954. A Catedral, o maior e mais imponente edifício religioso da cidade, demarca a passagem para o outro extremo da Avenida Getúlio Vargas: indo na direção sul, estende-se a parte moderna, planificada, com ruas largas, em plano ortogonal, atravessadas em diagonal pela avenida e, ainda, pelas ruas Major Gote e Doutor Marcolino. Segundo Silva (2011), os Macieis estão ligados a modernização e a reordenação urbana da cidade, entre suas marcas na paisagem estão a Escola Marcolino de Barros *(Figura 16)*, a Escola Antônio Dias Maciel *(Figura 17)*, a Casa do Olegário Maciel *(Figura 18)* hoje o Museu de Patos de Minas, e o Palacete de Amadeu Maciel *(Figura 19)* (Silva apud Amorim, 2015).

Figura 16: Grupo Escolar Marcolino de Barros na década de 1960. Fonte: Arquivo da Fundação Casa Cultura do Milho. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Figura 17: Escola Normal, E. E. Prof. Antônio Dias Maciel em 1933. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Figura 18: Casa do Olegário Maciel em 1945. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024.

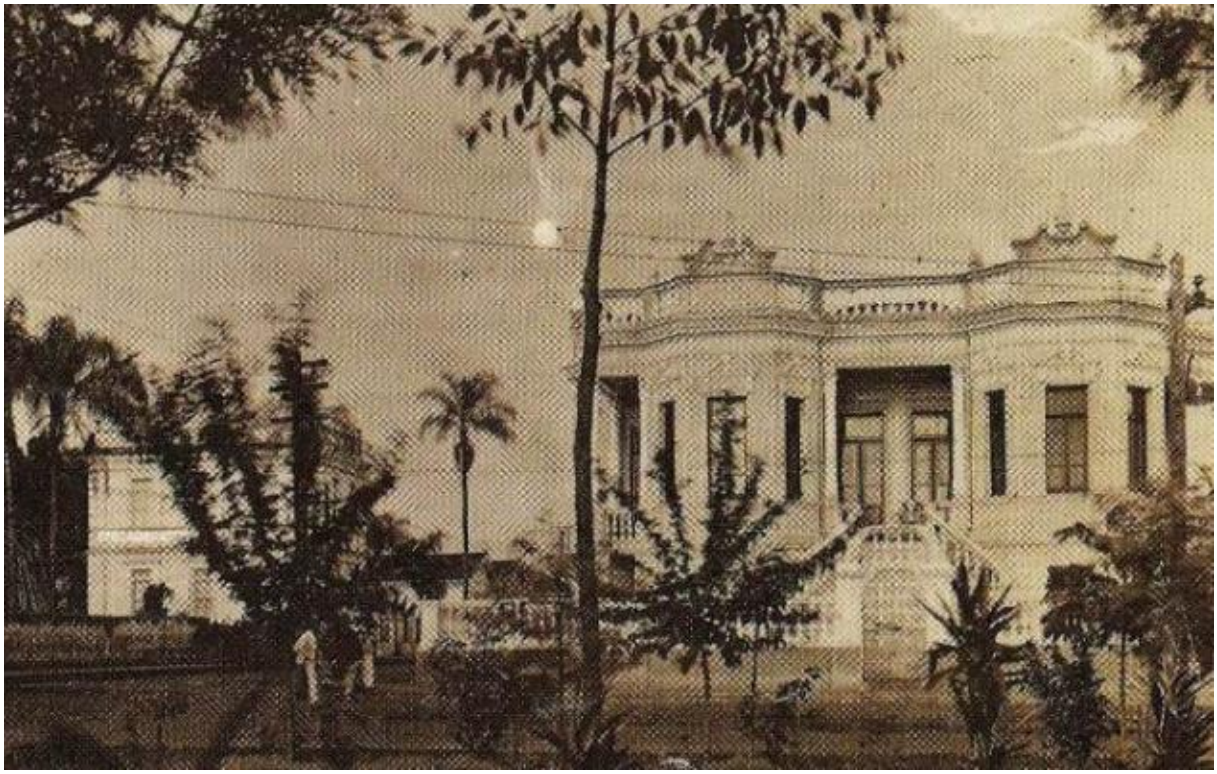


Figura 19: Palacete de Amadeu Maciel construído em 1919. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024.

Esses espaços não são apenas pontos turísticos ou patrimoniais; eles carregam significados profundos e emoções que ressoam na memória coletiva da população. Eles representam a história da convivência entre diferentes grupos sociais, a evolução das práticas culturais e a adaptação da comunidade às mudanças ao longo dos anos. Assim, o Núcleo Primitivo se torna um elo entre o passado e o presente, permitindo que os moradores se conectem com suas raízes, promovendo um sentimento de pertencimento e orgulho pela história local. A valorização desse patrimônio histórico é essencial para a continuidade da identidade Patense e para a construção de um futuro que respeite e integre as experiências do passado.

Olegário Maciel, alterou entre os cargos de Debutado Federal e Agente Executivo de Município no final do século XIX, até chegar à Presidência do Estado de Minas Gerais nos anos de 1930. Segundo Borges (2008), esse processo político influenciou o desenvolvimento do território da cidade, atraindo investimentos do Governo do Estado, para a construção das escolas, do Fórum e do Hospital Regional. Segundo Oliveira (2010), dentre as influências na malha urbana, decorrentes do período político do início do século XX, destacam-se as intervenções na infraestrutura

da Avenida Getúlio Vargas, definindo a mesma como eixo nobre na cidade. Carinhosamente gosto de dizer que a Avenida Getúlio Vargas pode ser considerada o coração de Patos de Minas.

Figura 20: Avenida Liberdade, Avenida Municipal – Atual Avenida Getúlio Vargas, avista aérea da construção das Praças da avenida, em destaque a primeira Capela e a Igreja Matriz. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024.

Figura 21: Avenida Liberdade - atual Avenida Getúlio Vargas - destaque para construção do cine Olinta. Fonte: Acervo fotográfico: João Otávio Coelho. Acesso em:

Inicialmente denominada Avenida Liberdade, depois Avenida Municipal, a via representa o núcleo de desenvolvimento urbano da cidade até a década de 1930, servindo como o ponto de partida dos vetores de ocupação. Esse dado é essencial para compreender como o espaço urbano foi estruturado e planejado ao longo do tempo, observa-se o paisagismo inspirado nos jardins franceses, que evidencia uma preocupação com a estética e o embelezamento dos espaços públicos, característica dos projetos urbanísticos mais elaborados da época. Esse estilo europeu de organização dos espaços públicos traz uma sofisticação ao ambiente urbano local, transformando as praças em verdadeiros cartões postais da cidade. Zama Maciel[10] relata sobre o planejamento de usos e ocupações da praça:

> Avenida Municipal com seu atual quilômetro de extensão foi destinada à habitação particular, devido a sua exagerada largura e à perspectiva que podem oferecer casas pequenas e de bom gosto, fronteando os seus passeios gramados e jardins floridos que a pequenada destrói. Nela prédios comerciais de dois, três andares tornam-se ridículos porque não tem magnitude para se imporem à largura exagerada com que os antigos irrefletidamente a construíram. Somente edifícios semelhantes à igreja matriz, em construção, com cinquenta metros, podem nela sobreviverem. Pequenos prédios, vivendas graciosas, de cujas janelas caiam trepadeiras, no conjunto dos jardins, e na imensa claridade de nossas tardes, farão dela recanto cobiçado à moradia. Enfeia-a com prédios comerciais de pequeno porte, e com casas de diversões barulhentas será obra de mau gosto, que se torna necessário evitar (Zama Maciel, É Necessário, Folha de Patos, Patos de Minas, junho de 1937).

[10] Zama Maciel foi um patense que exerceu as funções de agrimensor, professor, inspetor de ensino, vereador e redator dos jornais locais.

Figura 22: Avenida Getúlio Vargas, parte ao sul da Catedral de Santo Antônio, década de 1930. Ao centro da figura o Palacete Amadeu Maciel. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024.

Figura 23: Avenida Getúlio Vargas, parte ao sul da Catedral de Santo Antônio, década de 1930. Na lateral esquerda a prefeitura. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024.

Figura 24: Avenida Getúlio Vargas, parte ao sul da Catedral de Santo Antônio, década de 1930. Na lateral esquerda a prefeitura. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024.

Em 1883 foi inaugurada a atual Rua Major Gote, que desde então apresenta características de via principal. É nessa época que teve início a preocupação com a estética da cidade. Para tratar sobre isso, foram criados e adotados alguns índices urbanísticos com o intuito de estabelecer padrões estéticos para o sítio urbano. Também nesse contexto, foi aprovado o primeiro Código de Posturas do município - no qual constavam as normas edilícias para a época (Diagnóstico Plano Diretor, 2018).

A Rua Major Gote, uma das principais vias de Patos de Minas, carrega em sua trajetória uma história marcada pelas transformações urbanas e territoriais da cidade ao longo dos anos. Sua evolução reflete o crescimento econômico, social e urbano de Patos de Minas, tornando-se um testemunho vivo das dinâmicas de expansão e modernização locais. Inicialmente, a rua possuía outros nomes, o que também indica as diferentes fases históricas pelas quais a cidade passou. Antes de receber a denominação atual, a via foi chamada de Rua Desembargador Frederico, em homenagem a uma figura importante da história jurídica mineira. Posteriormente,

recebeu o nome de Rua Benedito Valadares, em referência a um político influente do estado de Minas Gerais durante o período do Estado Novo. Finalmente, a rua passou a ser conhecida como Rua Major Gote. Essas mudanças de nome ao longo do tempo não foram apenas ajustes de nomenclatura, mas também refletiram os diferentes momentos históricos e políticos pelos quais Patos de Minas e o Brasil passavam. Cada nome traz consigo uma camada de significado, representando tanto as influências políticas regionais quanto o crescimento da cidade. A consolidação do nome Rua Major Gote é um marco que simboliza a fixação dessa via como um dos principais eixos urbanos da cidade, alinhada às necessidades de modernização e desenvolvimento econômico e social.

Figura 25: Rua Major Gote, década de 1930. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024.

A definição do segundo perímetro urbano de Patos de Minas em 15 de maio de 1916, estabelecida pela Lei nº 184/16, marcou um momento significativo no planejamento e desenvolvimento da cidade. Esse novo perímetro não apenas redefiniu os limites territoriais, mas também refletiu uma preocupação com a estruturação e expansão ordenada do espaço urbano. A lei trouxe consigo a intenção de garantir que o crescimento da cidade fosse acompanhado por uma infraestrutura

adequada, contemplando tanto a ampliação das vias já existentes quanto a criação de novas ruas e praças.

A elaboração da planta cadastral de 1935 para Patos de Minas representou um avanço significativo no planejamento urbano da cidade. Esse documento cartográfico destacou-se por registrar um traçado urbano caracterizado por vias largas e bem definidas, refletindo uma visão de organização e expansão que buscava atender às demandas de uma cidade em crescimento. A escolha de desenvolver o núcleo urbano na região conhecida como "chapada" do sítio, uma área de relevo mais plano, indicava uma preocupação com a funcionalidade e a acessibilidade, facilitando a ocupação do território de forma ordenada. Após a nova planta cadastral o espaço urbano se desenvolveu ao longo dos dois principais eixos da cidade: Norte-Sul, a Rua Major Gote; e Leste-Oeste, a Avenida Brasil. O crescimento dos eixos secundários foi realizado no sentido Noroeste, com a nova Avenida Paracatu[11] e a Rua Gabriel Pereira, e no sentido Nordeste, pela Vila Garcia. A criação da nova ponte sobre o Rio Paranaíba em 1926 foi um dos principais motivos que impulsionaram a expansão para o vetor Oeste, que até meados de 1970 servia como principal via de entrada ao município (Diagnóstico Plano Diretor, 2018).

[11] A Avenida Paracatu recebeu esse nome pois era um dos caminhos da época que davam acesso à cidade de Paracatu. Antes dela ser criada era necessário contornar a Lagoa dos Patos para pegar a estrada para Paracatu.

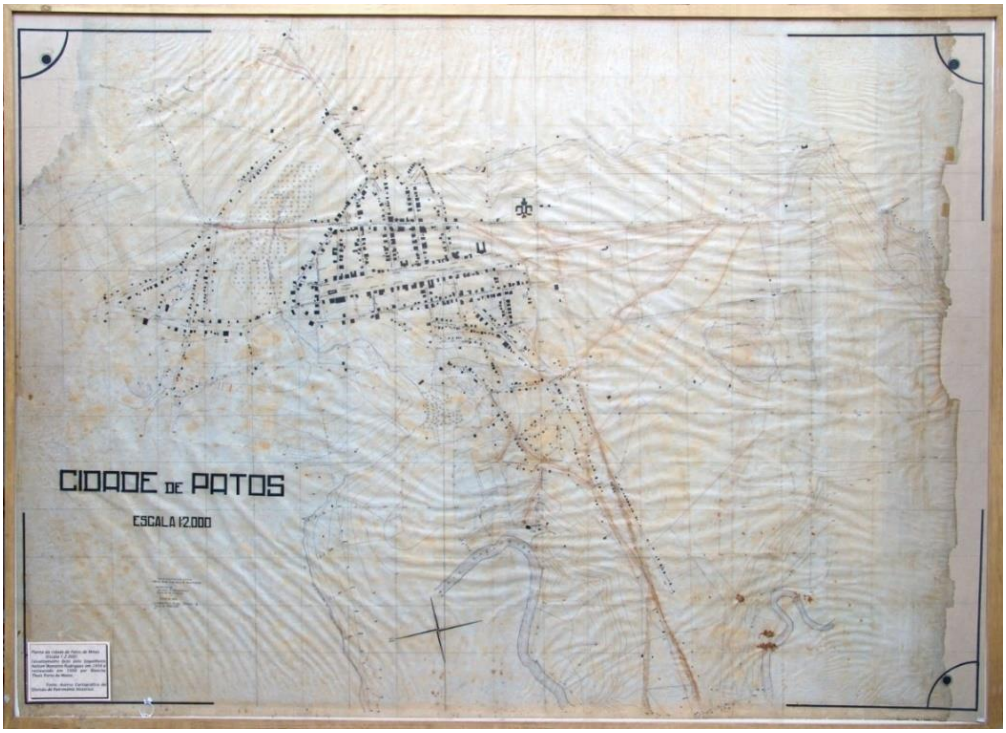


Figura 26: Planta Cadastral de 1934 do Município de Patos de Minas, por Nelson Rodrigues. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas. Acesso em: 27 de julho de 2023.

Figura 27: Planta Cadastral de 1935 do Município de Patos de Minas. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas. Acesso em: 27 de julho de 2023.

Além disso, a planta cadastral de 1935 serviu como um importante instrumento de gestão urbana, permitindo que as autoridades tivessem um controle mais preciso sobre o uso do solo e a ocupação das áreas urbanas. A definição clara das vias e a estruturação do espaço urbano nessa fase foram fundamentais para moldar o desenvolvimento de Patos de Minas nas décadas seguintes, contribuindo para a criação de um ambiente urbano organizado e funcional. Essa planta foi, portanto, um marco no processo de urbanização da cidade, consolidando a base sobre a qual Patos de Minas continuaria a se expandir e se modernizar.

A *Figura 27* ilustra de maneira clara como as principais avenidas de Patos de Minas - Avenida Getúlio Vargas, Avenida Brasil e Avenida Major Gote - desempenharam um papel crucial no crescimento e desenvolvimento urbano a partir do núcleo inicial da cidade. Essas vias, planejadas e estruturadas desde os primeiros momentos de urbanização, tornaram-se os principais eixos que orientaram a expansão da cidade ao longo do tempo.

Figura 28: Patos de Minas - década de 1940. Fonte: Doação: Dácio Pereira da Fonseca ao acervo do Memorial do Milho. Acesso em: 15 de set. 2022.

Legenda dos espaços: 1 – Encontro das ruas Major Gote e Dr. Marcolino / 2- Lagoa Grande / 3- Campo de Aviação / 4- Hangar do Campo de Aviação / 5- Rua Dr. Marcolino / 6- Rua Major Gote/ 7- Córrego do Monjolo / 8-PTC / 9-Campo da URT / 10- Cemitério Municipal / 11- Avenida Brasil/ 12- Av. Getúlio Vargas / 13- Matriz de Santo Antônio / 14- Rua Tiradentes / 15- Cadeia / 16- Praça dos

Boiadeiros (Abner Afonso) / 17- Praça Antônio Dias / 18- Av. Paracatu / 19- Igreja do Rosário/ 20- Praça Champagnat / 21- Rua Major Jerônimo / 22-Campo do Mamoré / 23- Mercado Municipal.

Até a década de 1930, o desenvolvimento urbano de Patos de Minas ocorreu de maneira relativamente lenta, refletindo um crescimento gradual que acompanhava as limitações econômicas e estruturais da época. No entanto, a descoberta da terra "roxa", conhecida por sua alta fertilidade, marcou um ponto de virada significativo para a cidade. Esse tipo de solo propício para a agricultura possibilitou um salto no desenvolvimento agrícola da região, tornando-se a base de uma economia agrícola mais robusta e diversificada (Diagnóstico Plano Diretor, 2018).

Em 1943, em meio a mudanças políticas locais, o governo do Estado alterou o nome da cidade de Patos para "Guaratinga", o que gerou grande insatisfação entre os moradores. A mudança foi recebida com resistência, pois a identidade histórica da cidade estava fortemente ligada ao nome "Patos". Após dois anos de apelos populares, o governo voltou atrás e, em 3 de junho de 1945, o nome foi novamente modificado, desta vez para "Patos de Minas", com o intuito de diferenciá-la de Patos, na Paraíba, um município mais antigo. Essa mudança trouxe alívio à população, preservando a conexão com suas raízes e afirmando a identidade regional (Borges, 2011).

Na década de 1950, a cidade sofreu um intenso fluxo migratório. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 1950 a cidade de Patos de Minas tinha como população um total 65. 419 pessoas saltando para 97 mil pessoas aproximadamente no ano de 1960. Para confirmar o que foi dito anteriormente, é possível analisar pela figura 14 como foi significante o crescimento da cidade, comparando os perímetros urbanos entre os anos de 1916 a 1959 (Diagnóstico Plano Diretor, 2018).

> “Sob os melhores auspícios para o município de Patos de Minas, iniciou-se o ano de 1950. [...] é intenso e dinâmico o reboliço que se nota em todos os setores das multiformes atividades Patense. A iniciativa particular aqui tão acentuada, agora em estreita consonância com as atividades públicas, sentiu-se revigorada e plena de si. Dessa entrosagem, dessa comunhão de ideias, vai nascendo uma grande cidade, vai surgindo uma esplendida civilização” (José Ítalo Terêncio, 1950).

O fluxo migratório foi uma resposta ao crescimento econômico regional, especialmente nas áreas de agricultura e comércio, que criaram novas oportunidades de emprego e melhores condições de vida para os recém-chegados. Esse aumento populacional não só transformou a dinâmica social da cidade, mas também exigiu uma expansão acelerada de sua infraestrutura urbana. Novos bairros surgiram, e a demanda por serviços públicos, moradia e infraestrutura cresceu consideravelmente. A comparação dos perímetros urbanos entre 1916 e 1959, ilustrada pela *Figura 27*, evidencia o impacto desse crescimento populacional. A cidade expandiu-se rapidamente para além dos limites estabelecidos anteriormente, incorporando novas áreas e modificando seu traçado urbano para acomodar a crescente população. Esse período de expansão foi crucial para moldar a Patos de Minas moderna, consolidando-a como um importante polo regional e redefinindo seu espaço urbano para suportar o crescimento futuro. Esse fluxo migratório, portanto, não apenas aumentou a população, mas também catalisou transformações urbanas significativas, que foram fundamentais para o desenvolvimento contínuo da cidade.

Figura 29: "Panorâmica no final da Década de 1940". Foto: Do livro Patrimônio de Santo Antônio-Do Sítio ao Templo, de Sebastião Cordeiro de Queiroz, publicado em 28/10/2016. Acesso em: 15 de maio de 2023.

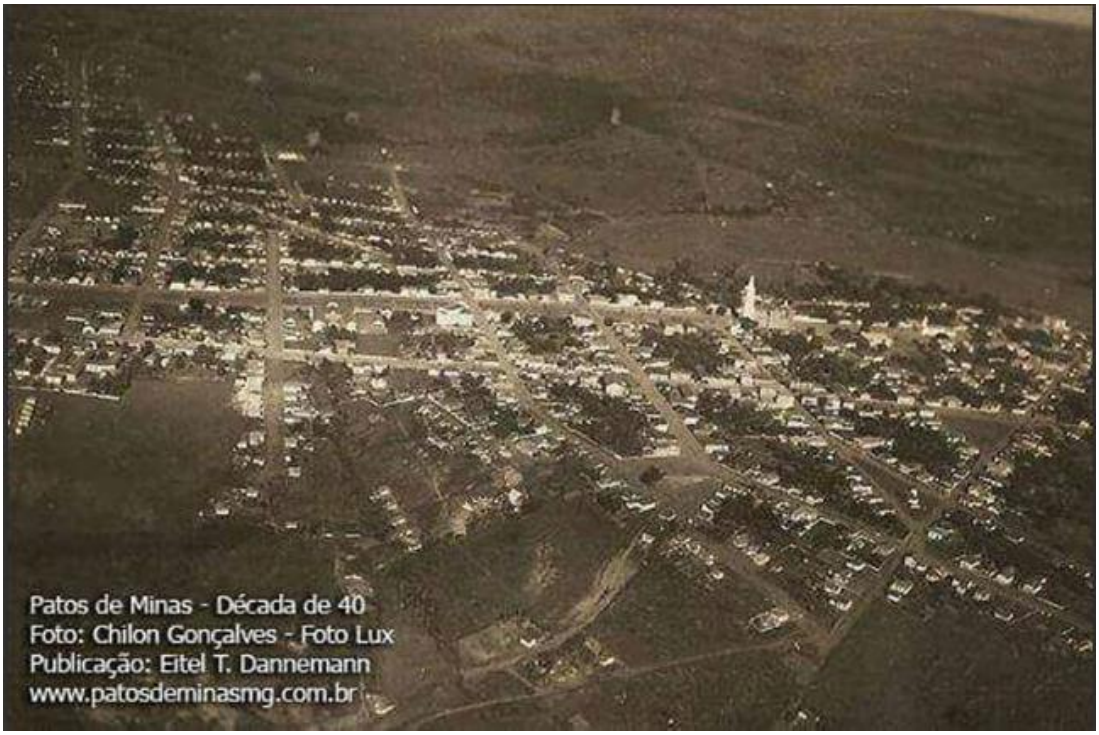


Figura 30: Vista aérea de Patos de Minas – Década de 40. Foto: Chilon Gonçalves - Foto Lux. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 15 de maio de 2023.

Figura 31: Vista aérea de Patos de Minas – Década de 50. Colégio Marista e Rua Major Gote. Foto: João Lucas Ribeiro Borges – Arquivo Marilda Coury. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 15 de maio de 2023.

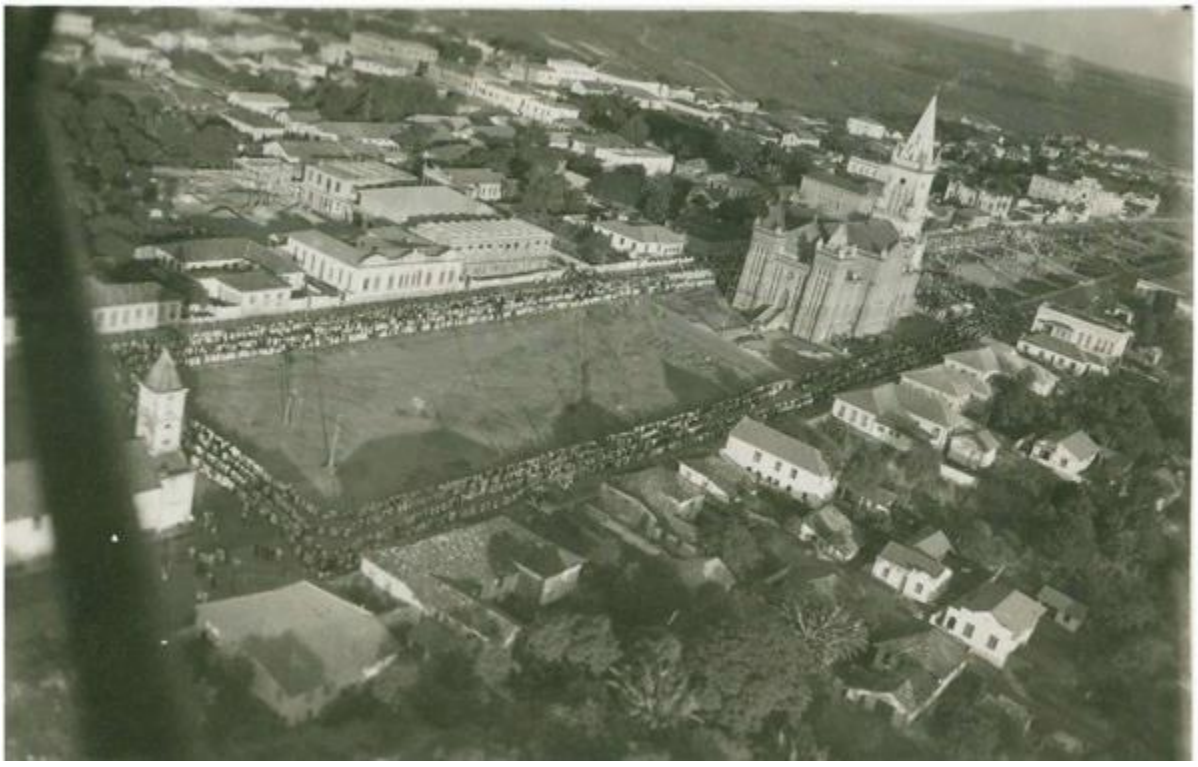


Figura 32: Vista aérea da cidade de Patos de Minas em 1950. Avenida Getúlio Vargas: Catedral de Santo Antônio. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

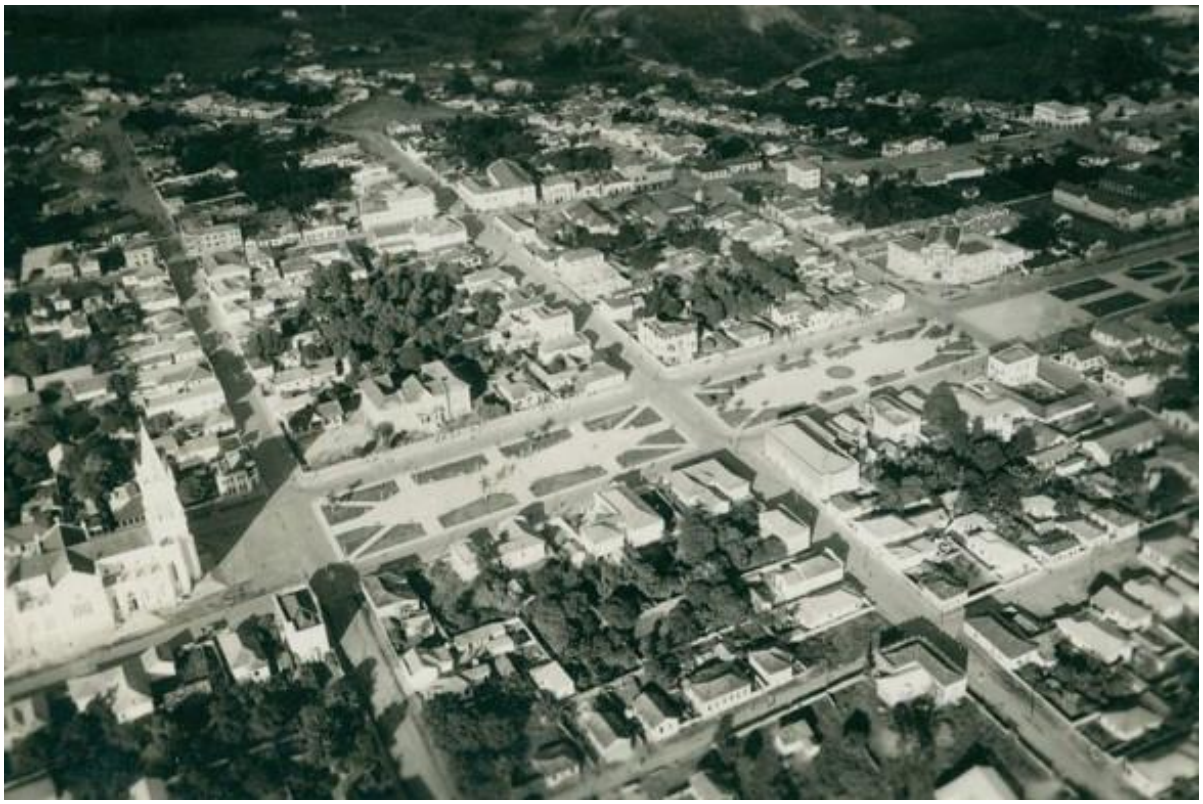


Figura 33: Vista aérea da cidade de Patos de Minas em 1950. Avenida Getúlio Vargas: Catedral de Santo Antônio. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

Figura 34: Avenida Getúlio Vargas na década de 1950. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

Figura 35: Avenida Getúlio Vargas em 1955, quando havia acabado de ser urbanizada, sem as diversas árvores existentes hoje em dia. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

O aumento populacional trouxe consigo um dinamismo econômico, que se manifestou na proliferação de comércios pela malha urbana, transformando a cidade em um importante centro de comércio e serviços na região. Além da expansão comercial, um marco significativo dessa fase de desenvolvimento foi a construção do primeiro Terminal Rodoviário de Patos de Minas (Diagnóstico Plano Diretor, 2018). Esse empreendimento representou um avanço crucial para a mobilidade urbana e regional, conectando a cidade a outras partes do estado e facilitando o fluxo de pessoas e mercadorias. A rodoviária se tornou um símbolo do progresso urbano, refletindo a crescente importância de Patos de Minas como um polo de transporte e comércio. O cronista Ítalo Terêncio José, em seu artigo para o Jornal Patense na edição de 26 de março de 1950, retrata que:

> "As manhãs Patense já se parecem com o alvorecer das grandes cidades. É aquela intensidade, é aquela ânsia doida e incontida de crescer e prosperar! A cidade, já desperta, inicia sua vida diária em toda a plenitude de seus notáveis recursos e em todo vigor do seu expressivo parque comercial..." (José, 1950).

Conforme aponta o Diagnóstico Plano Diretor (2018), as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por um período de estagnação econômica para Patos de Minas, em um contexto em que o Brasil vivia sob o regime militar. Diversos fatores contribuíram para esse cenário de desaceleração, incluindo as emancipações das cidades de Lagoa Formosa e Guimarânia, que reduziram a área de influência e a base econômica de Patos de Minas. Além disso, o êxodo populacional em direção à recém-inaugurada capital federal, Brasília, drenou uma parte significativa da força de trabalho e do capital humano da cidade, impactando seu crescimento e desenvolvimento. No entanto, apesar desse cenário de estagnação econômica, o período também foi marcado por importantes avanços estruturais e educacionais que deixaram um legado duradouro para a cidade. A chegada da Companhia de Energia Elétrica do Estado de Minas Gerais (CEMIG) foi um passo fundamental para a modernização da infraestrutura urbana, garantindo um fornecimento de energia mais estável e confiável, o que, por sua vez, abriu caminho para futuras indústrias e atividades econômicas. Nesse mesmo período, a fundação do Colégio Municipal e a criação da Fundação Educacional de Patos de Minas representaram investimentos significativos na

educação, formando a base para o desenvolvimento educacional da cidade (Diagnóstico Plano Diretor, 2018). Essas instituições não apenas supriram a demanda local por educação de qualidade, mas também prepararam a cidade para se tornar um polo educacional na região, atraindo estudantes e profissionais qualificados. A implantação das rodovias asfaltadas BR-354 e BR-365 foi outro marco relevante, conectando Patos de Minas a importantes vias de transporte nacional e facilitando o fluxo de bens e pessoas. Essas rodovias impulsionaram a integração regional, preparando a cidade para o crescimento futuro, ao mesmo tempo em que mitigavam os efeitos da estagnação econômica local.

Figura 36: Panorâmica no final da década de 1960. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP) Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

Figura 37: Avenida Getúlio Vargas e Rua Major Gote na década de 60. Foto: Janes Gonçalves Guimarães. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP) Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

Figura 38: Panorâmica no final da década de 1960. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP). Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

Figura 39: Panorâmica no final da década de 1960. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP). Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 15 de maio de 2023.

Figura 40: Panorâmica no final da década de 1960, no alto, à esquerda, a Lagoa Grande. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP). Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 15 de maio de 2023.

Entre os anos de 1965 e 1980, Patos de Minas experimentou um crescimento urbano expressivo, dobrando sua área de ocupação em resposta ao contínuo êxodo rural, que havia se intensificado desde a década de 1940. Esse movimento populacional, marcado pela migração de moradores das áreas rurais para o núcleo urbano, foi um reflexo das transformações econômicas e sociais que estavam ocorrendo no Brasil, onde a mecanização agrícola e a busca por melhores oportunidades de trabalho nas cidades impulsionaram a urbanização. O crescimento da malha urbana de Patos de Minas durante esse período foi abrangente, estendendo-se em várias direções, à medida que novos bairros e zonas de ocupação surgiam para acomodar a crescente população. No entanto, o desenvolvimento foi limitado ao oeste pela presença natural do Rio Paranaíba, que atuou como uma barreira geográfica. Essa expansão para todos os vetores, exceto o oeste, demonstra a flexibilidade do planejamento urbano da cidade, que soube adaptar-se ao contexto geográfico enquanto promovia um crescimento equilibrado (Diagnóstico Plano Diretor, 2018).

Figura 41: Avenida Getúlio Vargas em 1969. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 15 de maio de 2023.

Figura 42: Avenida Getúlio Vargas na década de 1970. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 15 de maio de 2023.

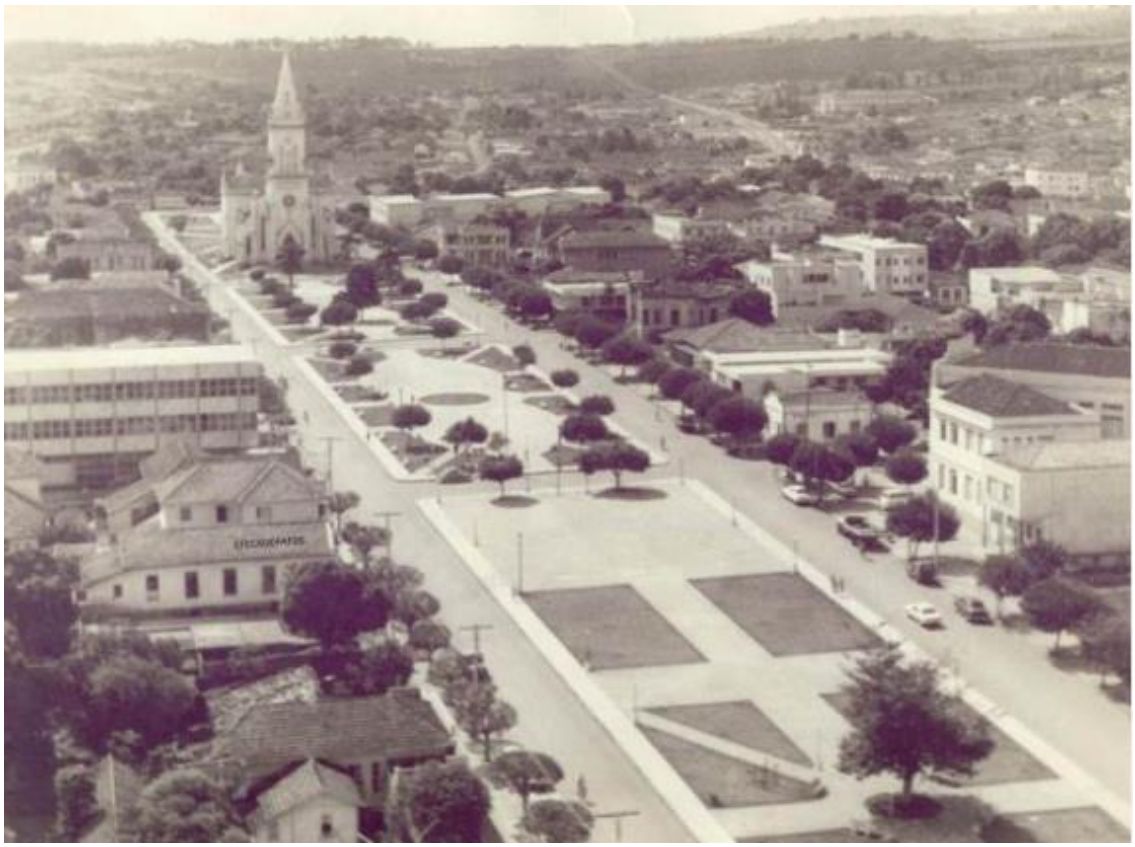


Figura 43: Avenida Getúlio Vargas na década de 1970. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 15 de maio de 2023.

Figura 44: Panorâmica em meados da década de 1980, no canto inferior direito para à esquerda, as Ruas General Osório, Olegário Maciel e José de Santana na esquina com a Praça Abner Afonso. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

O primeiro Plano Diretor de Patos de Minas, elaborado em 1973 com a assessoria do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SER-FHAU), representou um marco fundamental no planejamento e controle do crescimento urbano da cidade. Esse documento foi pioneiro ao estabelecer um novo perímetro urbano, conforme mostrado na Figura 20, e ao introduzir a legislação de zoneamento e uso e ocupação do solo, aspectos essenciais para o ordenamento do desenvolvimento urbano (Diagnóstico Plano Diretor, 2018). Ao delimitar o perímetro urbano, o Plano Diretor de 1973 buscou organizar o crescimento da cidade de maneira estruturada, prevenindo a expansão desordenada e garantindo que novas áreas fossem ocupadas de forma planejada. A legislação de zoneamento foi um avanço significativo, pois permitiu que o município controlasse o tipo de desenvolvimento permitido em diferentes regiões, assegurando que as atividades urbanas fossem compatíveis com as características específicas de cada zona, seja ela residencial, comercial ou industrial. Além disso, o controle sobre o uso e ocupação do solo estabelecido pelo plano visava proteger áreas importantes e assegurar que o crescimento da cidade ocorresse de maneira sustentável, respeitando os recursos naturais e garantindo a qualidade de vida dos

habitantes. O Plano Diretor também trouxe um ordenamento legal que facilitou a implementação de políticas públicas voltadas para a infraestrutura, transporte, e habitação, aspectos cruciais em uma cidade em plena expansão. A revisão do Plano Diretor em 1986 indicou a necessidade de adaptar o documento às novas realidades e desafios que surgiram ao longo dos anos. Essa revisão refletiu a natureza dinâmica do planejamento urbano, que precisa ser continuamente atualizado para responder às mudanças demográficas, econômicas e ambientais. O Plano Diretor de 1973, portanto, não apenas moldou o crescimento de Patos de Minas na década seguinte, mas também lançou as bases para uma urbanização mais controlada e eficiente, influenciando as diretrizes de desenvolvimento da cidade por décadas (Diagnóstico Plano Diretor, 2018).

Ao final da década de 1970 e início de 1980, Patos de Minas já apresentava um cenário urbano caracterizado pelo adensamento nos bairros mais antigos, como Vila Garcia, Brasil, Caramuru e Santo Antônio. Essas áreas, que foram os primeiros núcleos de ocupação da cidade, passaram a concentrar uma maior densidade populacional e de edificações, resultado tanto da migração contínua quanto da falta de espaço em áreas periféricas para novas construções. O adensamento urbano nesses bairros históricos refletia um padrão de crescimento que buscava maximizar o uso do solo nas áreas já urbanizadas, mas que também trazia desafios em termos de infraestrutura, serviços públicos e qualidade de vida.

Figura 45: Planta Cadastral de 1970 do Município de Patos de Minas. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas. Acesso em: 24 de julho de 2023.

A região da Lagoa Grande, passou por um processo de urbanização marcando uma fase de desenvolvimento para a região. A transformação dessa área em um espaço urbanizado não apenas visou melhorar as condições de vida dos habitantes locais, mas também buscou integrar a Lagoa Grande ao restante da cidade, proporcionando uma nova dinâmica social e econômica (Diagnóstico Plano Diretor, 2018). Simultaneamente, a construção de um novo terminal rodoviário melhorando a infraestrutura de transporte da cidade e ampliando as opções de mobilidade para os Patense. A modernização do terminal rodoviário não apenas facilitou o deslocamento de pessoas e mercadorias, mas também fortaleceu o papel de Patos de Minas como um hub regional, conectando a cidade a outras localidades e potencializando as atividades comerciais. Em 1986, teve início a canalização do córrego do Monjolo, uma obra necessária para o manejo das águas pluviais e a mitigação de alagamentos, que frequentemente afetavam a área urbana (Diagnóstico Plano Diretor, 2018).

Nas décadas de 1980 e 1990, Patos de Minas vivenciou outro período de intensas transformações, impulsionadas pelo desenvolvimento exponencial do

agronegócio na região. Esse crescimento econômico não apenas refletiu a prosperidade do setor agrícola, mas também catalisou uma série de melhorias na infraestrutura urbana, que foram fundamentais para atender às novas demandas da população e promover a qualidade de vida na cidade. Entre as principais transformações, destaca-se a implantação da nova Major Gote, que serviu para melhorar a circulação e o acesso à cidade, e a reformulação do sistema de trânsito na região central, que buscou aliviar os congestionamentos e otimizar a mobilidade urbana. A urbanização da Lagoinha e a pavimentação de vias em bairros periféricos possibilitaram integrar essas áreas à malha urbana e garantir melhores condições de transporte para os habitantes.

Figura 46: Panorâmica em meados da década de 1990. Registro do progresso e o fim da "Lagoa dos Patos". Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

O parque Municipal do Mocambo, inicialmente um empreendimento particular denominado "Mocambo Clube de Recreio", foi projetado pelo arquiteto Lizandro Souza no final da década de 1970. O local foi desapropriado e adquirido pelo poder público do município em 1985, mas só se transformou em parque urbano em 1990. O Mocambo caracteriza-se como um fundo do vale no meio da cidade, com aproximadamente 17 hectares, e possui em seu interior a Mata do Tonheco, que

abriga as nascentes do Córrego da Caixa d'Água, fonte do primeiro sistema de abastecimento de água da cidade (Dannemann, 2014)[12].

Figura 47: Parque Municipal do Mocambo, 1992. Fonte: Arquivo de Donato Amaro Teixeira. Disponível em: http://efecadepatos.com.br/?p=8437. Acesso em: 18 de setembro 2024.

A implantação do Mocambo proporcionou um espaço de lazer e convivência para a população, refletindo a crescente preocupação com a qualidade de vida e a preservação ambiental em meio ao crescimento urbano. A implantação de conjuntos habitacionais nos bairros Sebastião Amorim, Alvorada, Nova Floresta, Novo Horizonte, Alto da Colina, Morada do Sol, Coração Eucarístico, Eldorado e Jardim Esperança demonstrou a necessidade de atender à demanda habitacional, oferecendo moradias adequadas para a população que crescia a cada dia. Outras iniciativas, como a canalização do Córrego da Cadeia e a implantação das vias marginais na Avenida Juscelino Kubitschek, foram cruciais para a gestão das águas pluviais e a organização do tráfego, enquanto a construção de escolas e unidades

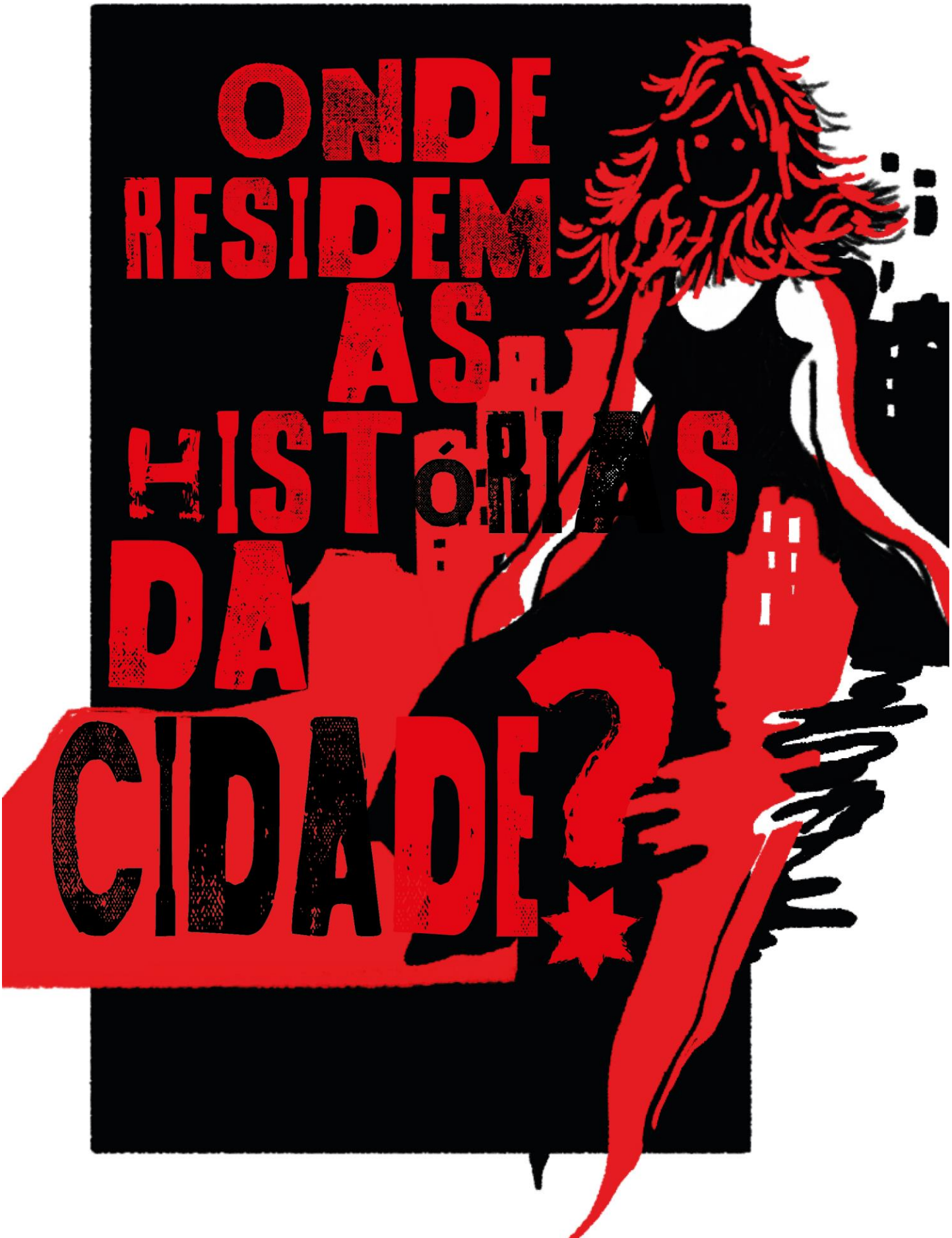
[12] Publicado por Eitel T. Dannemann em 09 de setembro de 2014 no EFECADEPATOS.

básicas de saúde nos bairros periféricos reforçou o compromisso com o bem-estar social e a educação da população. A reforma e ampliação do Hospital Regional também foram passos importantes para melhorar o atendimento à saúde, evidenciando a necessidade de serviços de qualidade para uma população em expansão. A implementação do Novo Aeroporto, por sua vez, ampliou as opções de transporte e conectividade da cidade, vital para o desenvolvimento econômico e a atração de novos investimentos (Diagnóstico Plano Diretor, 2018). Na década de 1990, o desenvolvimento urbano se concentrou principalmente nas regiões noroeste, nordeste e sudeste, com a ocupação de bairros como Cerrado, Residencial Sorriso, Barreiro, Alto Limoeiro, Jardim Califórnia, Jardim Peluzzo e Jardim dos Andrades. Esse crescimento em diferentes áreas da cidade não apenas diversificou a paisagem urbana, mas também contribuiu para a formação de uma cidade mais integrada e acessível (Diagnóstico Plano Diretor, 2018).

Compreender a evolução do território de Patos de Minas é mergulhar em uma história de transformação, desde suas paisagens naturais que moldaram o início da cidade até a urbanização moderna que redesenhou seu horizonte. No entanto, além das ruas e praças que testemunharam o progresso, o imaginário coletivo da cidade guarda algo mais profundo: os mistérios e lendas que permeiam seu passado e presente. As histórias de fantasmas, tesouros escondidos e figuras enigmáticas povoam a memória de Patos de Minas, criando um elo invisível entre o território e as narrativas que o transcendem. À medida que avançamos do espaço físico para o simbólico, exploraremos as lendas e os mitos que habitam a cidade, onde o sobrenatural se entrelaça com a realidade, revelando um lado oculto e fascinante de Patos de Minas, preservado na literatura local e na tradição popular.

Ao atravessar a fronteira entre o território concreto de Patos de Minas e seu vasto universo de mistérios, adentramos um campo onde o visível e o invisível se fundem. As ruas e praças, que outrora testemunharam o crescimento da cidade, também são palco de histórias que resistem ao tempo, transmitidas de geração em geração. São lendas sobre casarões antigos habitados por presenças inquietas, sobre tesouros perdidos nas montanhas e aparições que emergem nas noites silenciosas. Essas narrativas, presentes tanto na oralidade popular quanto na literatura local, carregam consigo ecos de um passado que insiste em permanecer vivo. O território, assim, não é apenas espaço físico, mas um cenário permeado por histórias que nos convidam a

enxergar além da superfície e a descobrir os segredos e enigmas que ainda habitam Patos de Minas.



1.2 A Lenda de Patos de Minas

A partir dos levantamentos realizados no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Centro Universitário de Patos de Minas – Unipam, foram encontrados jornais históricos que circularam pela cidade em diferentes períodos. Esses jornais revelam uma riqueza documental sobre o cotidiano, as transformações sociais e as questões políticas e culturais que marcaram a história local. As edições resgatadas possibilitam uma visão detalhada dos fatos que moldaram a cidade, além de fornecerem uma importante fonte para o estudo do imaginário urbano e da identidade coletiva. Por meio dessas publicações, é possível identificar as narrativas que permeavam o imaginário popular, as práticas sociais em voga e a maneira como a cidade foi sendo representada e reinterpretada ao longo do tempo.

O primeiro número do *Jornal Folha de Patos* foi publicado em 26 de julho de 1936, sob a direção do Dr. Antônio Dias Maciel, com o objetivo de prestigiar a nova ordem política estabelecida em decorrência da Revolução. O jornalista Sebastião Elói, natural de Patrocínio e colaborador desde a fundação do jornal *A Reforma*, atuou como gerente do periódico. De natureza informativa, o *Jornal Folha de Patos* cobriu importantes eventos de Patos de Minas, do Brasil e do mundo. A circulação foi interrompida no segundo semestre de 1938, quando Ernâni de Morais Lemes e Zama Maciel assumiram como redatores. O jornal retornou em uma segunda fase, sob a direção de Renato Dias Maciel e com Martinho Ribeiro na gerência, em 19 de abril de 1941, permanecendo em circulação até o segundo semestre de 1945.

FOLHA DE PATOS

HERMA AO

DR. OLEGARIO MACIEL

A NOSSA ROTA

Figura 48: Capa da primeira edição do Jornal Folha de Patos, publicado em 26 de julho de 1936. Fonte: Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. Acesso em: 27 de jun. 2023.

Durante a análise dos jornais, algumas lendas publicadas nas edições locais chamaram a atenção, foi uma descoberta ao vê-las, assim, revelando o papel da imprensa na preservação e difusão do imaginário popular de Patos de Minas. Esses relatos, muitas vezes tratados como curiosidades ou entretenimento, traziam à tona histórias de figuras misteriosas, lugares assombrados e acontecimentos inexplicáveis, que faziam parte do cotidiano e das crenças dos habitantes. As lendas publicadas não apenas alimentavam a imaginação dos leitores, mas também reforçavam os laços culturais da comunidade, conectando as gerações através de narrativas que misturavam lugares reais com elementos fantasmagóricos. Essas publicações serviam como um veículo para a perpetuação de tradições orais e ajudavam a construir a identidade da cidade, ancorando o presente nas memórias do passado. O encontro das lendas nos jornais ofereceu um conforto e uma janela valiosa para compreender como o imaginário coletivo foi sendo formado e reinterpretado ao longo do tempo, preservando a riqueza cultural de Patos de Minas.

A primeira lenda identificada, intitulada "Lenda de Patos de Minas", foi escrita por Risoleta Maciel Brandão e publicada na edição de 06 de junho de 1968 do jornal *Folha Diocesana*[13]. A segunda lenda, "A Mulher dos Três Metros", foi divulgada em três partes, sob o título *Nas Noites Vagarosas de Inverno*, nas edições de 05, 12 e 26 de agosto de 1945 do *Jornal Folha de Patos*. A terceira lenda registrada foi "A Lenda do Cravo e a Janela," escrita por Zama Maciel e posteriormente transcrita por Eitel Teixeira Dannemman no site *Efecadepatos*, junto com a lenda "O moço da vela", que abordaremos no próximo subcapítulo.

LENDA DE PATOS

Risoleta Maciel Brandão

"Nas planuras do oeste das Minas Gerais, perdidas no fértil Vale do Paranaíba, existiu uma esplêndida Lagoa. Grande, espraiada, majestosa! Límpido e manso lençol a refletir o profundo azul-anil do céu, às vezes adornado de nuvens em branco cetim. Suas margens espalhavam as bordas da frondosa e imponente mata-virgem que

[13] A fonte dessa publicação é o Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM.

circundava. Aprazível recanto de quietude e deleites. Focalizemos este magnífico cenário esquecido em tão longínquas paragens. Fixemos um período remoto, numa era estrambólica em que os bichos falavam.

Iniciava-se o século XIX. Na ausência total e absoluta do ser humano, em face da natureza viva, ali imperava o irracional. Surgiram sorrateiros, embezerrados, ou saltitantes em alvoroço. Sociavam-se nas águas da Lagoa, tornavam pelos trilhos sumidos nos matagais. Mavioso, o canto dos pássaros abrigados sob o verde das folhagens. Longo o rangido das cigarras e o coaxar de sapos-ferreiros. Curioso o acende-apaga dos pirilampos. Temível o uivo do lobo faminto, ou miado da onça traiçoeira nas trevas da noite sem luar. Sereno o despontar das manhãs ensolaradas: danças exóticas de borboletas vaporosas, sutileza de colibris beijando flores perfumadas. Patos, alvo, ou negro bravio, cruzando garbosos em leito tépido e macio, velejando docemente em mar-de-rosas. Machos galantes, argonautas soberbos da sua virilidade, fêmeas matronas faceirando volumosas, e donzelas brejeiras, sofisticadas. Sensatas mãezinhas guiando zelosas a esfamiada e peralta ninhada. Retalho de paraíso, remanso ditoso; eis o domínio dos patos.

Lá um belo dia... pato velho revistou os arredores e em sombra benfazeja aninhou-se visando repousar. Já não se expandia em compridas caminhadas. Sentia-se alquebrado, limitava-se a pequenas excursões. Mirou sonolento a amplidão azulada e, percebendo colegas navegando ao seu encontro sabiamente cerrou os olhos.

“Vovô-pato… vovô-pato...vovô-pato.”

“Fala baixo... fala baixo... fala baixo. Siô pato tá dormindo”. O ancião, desperto, observa mansamento e mocidade irriquieta: “Os velhos não dormem. Meditam..., porém, que há? Vejam os alarmados!”

“Cuá... cuá… cuá. Bicho esquisito acampou nas bandas de lá. Gavião vigilante enxergou. Investigou. O caso contou.”

Em virar voltas descrevendo arabescos no espaço, urubu-correio localiza o grupo. Desce rápido e vem pousar na pedreira. Arquejante, anuncia: “Fenômeno acolá.” Mas o pato-velho sobranceiro o interrompe: “cuá...cuà. Basta! Adivinho. Bicho-homem nas proximidades? Calma, mal algum causará. Amanhã partirá.” Piabas em sobressaltos, emergindo, ouvem e apavoradas mergulham, deslizam velozes. No cimo das árvores, macaco buliçoso zarpa escandaloso. Coelho assustadiço, na floresta rompe afobado. Cada qual no anseio de sensacional acontecimento espalhar.

Urubu-correio em pulinhos e barretadas ao insigne mestre, alça resoluto o vôo. Correr alhures, acalmar a bicharada em pânico dispersa em toda a extensão da chapada. Pato-velho quedou-se tranquilo espiando a turma de patos a afastar-se confabulando excitada rumo aos confins da lagoa. Um sorriso matreiro brincava-lhe no bico enquanto segredava às penugens próprias: “Adivinho, coisíssima nenhuma.” Ao anoitecer da véspera, chegou-lhe o ruído da cavalgada. Conhecia bem as coisas, se a primeira vez não era. Com a velhice, fora-se o gosto pelas aventuras, sobrando-lhe a vaidade de saber-se oráculo. Contudo, daquela feita, sua experiência em parte falhara. No decorrer dos dias os boatos fervilhavam. Mensageiros transitando por água, selva e ar.

Cavalo-azulão, gostosão, bacanão, entre relinchos, bazofiando, declarou: “Patrão arribar? Não. Bicho-homem desassombrado em toca de medonha fera meteu e arrojado a abateu. A cascavel malvada, chocalhando enfezada, esmagou. Burro-cargueiro, alcoviteiro, candongueiro, a siá arara tagarela, futricando insultou: dono daqui? Agora é sinhô.” Cão- perdigueiro, maganão, fanfarrão, de contente, delirando ladrão: “bão...bão…” Bicho-homem laborioso, engenhoso, cortou paus, no chão fincou. De capim cobriu, cercou. E nos anais da história dos patos, pato-velho, letrado, um tanto ressabiado, em ata registrou: “Forasteiro aventureiro, guerreiro, fogo acendeu, da terra dadivosa apossou.” Depois… pato-velho cismou. Aniquilado esticou.

Muitas lutas passaram. Outro tropeiro ali apontou. Novo fogo avivado, novo rancho fincado, o acolheu. Um roçado, um cercado, uma plantação vicejaram. Em ricas pastagens, relva abundante e nutrícia, o gado criou. Gema preciosa, fecunda, Deus abençoou. Vem o terceiro, o quarto, uma dezena de valores audazes, e quantos fogos anotou! Casa barreada, arruamento, muro de taipa, povoado enfim. Capela branca acolhedora, no meio do largo prumou. Santo Antônio o homenageado, no altar delírios enfeitados, o Curato apadrinhou. A Arraial elevado, à Freguesia, e à categoria de Vila alcançou. Emancipou-se. Alastrou-se fagueira e risonha, pela planície afora cresceu, floresceu. Em cidade grande se transformou.

Entretanto, pouco a pouco escoaram-se as águas da famosa lagoa. Extinguiu-se a nobre raça dos primitivos moradores. Mas, em memória, o nome restou. Prevalece, perpétua através dos tempos, pequenino, singelo, jocoso: “PATOS!”

Pagina 5 FÔLHA DIOCESANA 6-6-68

LENDA DE PATOS

(A Patos de Minas comemorando solenemente o primeiro centenário de sua emancipação)

Nas planuras do oeste das Minas Gerais, perdidas no fértil vale do Paranaíba, existiu uma esplêndida Lagoa. Grande, espraiada, majestosa! Límpido e manso lençol a refletir o profundo azul-anil do céu, às vêzes adornado de nuvens em branco cetim. Suas margens espelhavam as bordas da frondosa e imponente mata-virgem que a circundava. Agradável recanto de quietude e delícias. Focalizemos êste magnífico cenário esquecido em tão longínquas paragens. Fixemos um período remoto, numa era estrambótica em que os bichos falavam.

Iniciava-se o século XIX. Na ausência total e absoluta do ser humano, em face da natureza viva, ali, imperava o irracional. Surgiam sorraleiros, embezerrados, ou saltitantes em alvoroço. Saciavam-se nas águas da Lagoa, tornavam pelos trilhos úmidos nos matagais. Mavioso o canto dos pássaros abrigados sob o verde das folhagens. Longo o rangido das cigarras e o coaxar dos sapos-ferreiros. Curioso o acende-apaga dos pirilampos. Temível o uivo do lobo faminto, ou o miado da onça traiçoeira nas trevas da noite sem luar. Sereno o despontar das manhãs ensolaradas: danças exóticas de borboletas vaporosas, sutileza de colibris beijando flôres perfumadas. Patos, alvo, ou negro bravio, cruzando garbosos em leito tépido e macio, velejando docemente em mar-de-rosas. Machos galantes, argonautas soberbos da sua virilidade, fêmeas matronas faceirando volumosas, e donzelas brejeiras, sofisticadas. Sensatas mãezinhas guiando zelosas a esfaimada e peralta ninhada. Retalho de paraíso, remanso ditoso: eis o domínio dos patos!

Lá um belo dia... pato velho revistou os arredores e em sombra benfazeja aninhou-se visando repousar. Já não se expandia em compridas caminhadas. Sentia-se alquebrado, limitava-se a pequenas excursões. Mirou sonolento a amplidão azulada e, percebendo colegas navegando a seu encontro sàbiamente cerrou os olhos.

"Vovô-pato... vovô pato.. vovô-pato."

"Fala baixo... fala-baixo... fala-baixo. Sió pato tá dormindo." O ancião, desperto, observa mansamente a mocidade irrequieta: "Os velhos não dormem. Meditam... porém, o que há? Veja-os alarmados!"
"Cuá... cuá... cuá. Bicho esquisito scampou nas bandas de lá. Gavião vigilante enxergou. Investigou. O caso contou."
Em viravoltas descrevendo arabescos no espaço, urubu-correio localiza o grupo. Desce rápido e vem pousar na pedreira. Arquejante, anuncia: "Fenômeno acolá". Mas pato-velho sobranceiro o interrompe: "Cuá... cuá. Basta! Adivinho. Bicho-homem nas proximidades? Calma, mal algum causará. Amanhã partirá". Plabas causará. Amanhã partirá". Plabas causará. Amanhã partirá". Plabas

encenava e organizava peças e cantorias, eventos que eram amplamente apreciados na comunidade.

Figura 50: Risoleta Maciel Brandão. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Em 29 de julho de 1976, Risoleta publicou um texto *"Um Histórico deu Margem a Fantasia"* [14]no Jornal Correio de Patos, no qual ela aborda a formação do território de Patos de Minas na época da chamada "era da Lagoa dos Patos". Que foi publicado por Eitel Teixeira Dannemann em seu site no ano de 2014.

> De princípio era um ermo infestado de bichos do mato. Carnívoros, ferozes e vorazes – onças e lobos – povoavam florestas e cerrados. Manadas de emas, seriemas, codornas, perdizes, dezenas de espécies de aves e de animais inofensivos que zanzavam a esmo ao longo da chapada e nas margens dos córregos. Pássaros cantores refestelavam-se no cimo das árvores e havia as lagoas: espelhos transparentes e molduras de relva macia pontilhada de erva perfumadas.

[14] Texto publicado em 29 de junho de 1979 no Jornal Correio de Patos. Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Centro Universitário de Patos de Minas – Unipam. O texto transcrito na íntegra se encontra nos Anexos. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=6810 . Acesso em: 28 de outubro de 2024.

> Nos dias claros refletiam o céu puríssimo e nas noites duplicavam a Lua – Cheia, morosa e muda, na sua inalterável pontualidade.
> Velhos documentos registram um pouco a beira de uma bonita lagoa na picada de Goiás. Lagoa dos Patos. Esse severo e limpo lençol d'água, com a maior parte circundada de mata, tinha suas cabeceiras nas proximidades do Mercado Municipal e terminava das adjacências da Cadeia Pública, onde se encontrava a aglomeração. Toda a extensa área, hoje corta de ruas, inclusive o estádio Mamoré, ficava submersa e ali imperava a soberba raça dos palmídes, que motivou o nome do lugar... Patos.

Na Lenda de Patos de Minas, Risoleta descreve a antiga lagoa como um local de grande beleza natural, circundado por uma densa vegetação e habitado por uma rica fauna, incluindo os patos que deram nome à região. Ela narra como, com a chegada dos primeiros colonizadores, o espaço começou a ser transformado: áreas foram desmatadas para plantações e ranchos, e a convivência entre a natureza e a presença humana trouxe mudanças ao território. O texto destaca a importância desse período para a identidade local e como a lagoa, embora tenha secado ao longo dos anos, permaneceu no imaginário e na memória coletiva da cidade, sendo um símbolo de suas origens.

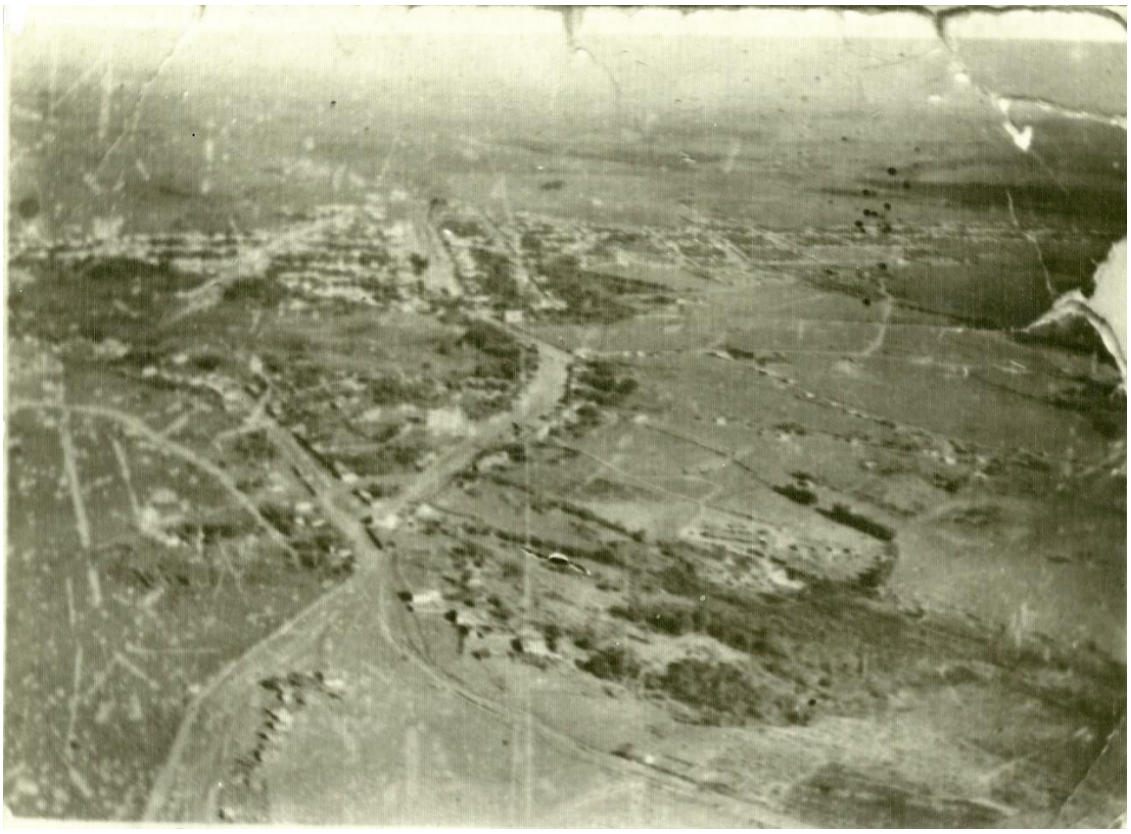


Figura 51: Primeira foto aérea de Patos de Minas, data desconhecida. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 15 de maio de 2023.

A Lagoa dos Patos, descrita na lenda de Risoleta, é retratada como um esplendoroso espelho d'água, sereno e imaculado, situado nas planícies do oeste mineiro, no fértil Vale do Paranaíba. Circundada por uma floresta virgem e densa, essa lagoa simbolizava um refúgio de tranquilidade e abundância, onde os patos e outros animais conviviam em harmonia, livres da presença humana. Em sua superfície límpida e azulada, refletia-se o céu, criando um cenário de paz e beleza natural. No entanto, com o tempo e a chegada dos primeiros habitantes humanos, a lagoa sofreu transformações irreversíveis, secando gradativamente até desaparecer por completo, restando apenas em memória como um símbolo da origem da cidade e fonte do nome "Patos de Minas".

Figura 52: Praça da Matriz. Em primeiro plano, o cruzeiro da Catedral, inaugurada em 194. Em segundo plano, a Igreja de Santo Antônio e ao fundo Lagoa dos Patos. Década de 1940. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013. Acesso em: 24 de julho de 2023.

O território de Patos de Minas começou a ser construído no início do século XIX, com a chegada de desbravadores que, atraídos pela fertilidade das terras no Vale do Paranaíba, decidiram se estabelecer na região. Era um local marcado por vastas planícies e uma rica biodiversidade, com destaque para uma grande lagoa, que mais tarde daria origem ao nome da cidade devido à presença abundante de patos. Com a chegada do "bicho-homem", há uma ruptura com esse equilíbrio. Inicialmente vistos como intrusos, os bandeirantes e tropeiros gradativamente transformam o espaço, estabelecendo moradias, plantações e pastagens. Então construía-se uma capela que

se desenvolvia em volta da lagoa. Em seguida, vinha a paróquia, a vila e eis a cidade, com mundaréu de gente.

Patos de Minas não fugiu à regra com a povoação “Os Patos”, à beira de uma lagoa afastada do Rio Paranaíba. Era a Lagoa dos Patos, que hoje não existe mais. Na fotografia *(Figura **52**)* da década de 1940 a ponta da torre da nova Matriz (sem ainda estar totalmente concluída, mas que foi inaugurada em junho de 1942), aponta para o Largo da Matriz, hoje praça Dom Eduardo, com destaque para a Matriz antiga. Através desta, coberto de vegetação o prédio da cadeia no início da avenida Paracatu. Seguindo a avenida, aparece a antiga Igreja do Rosário. O leito da antiga lagoa está contornado, tomando como ponto de partida à antiga cadeia, esquina da Avenida Paracatu com a Praça Joaquim Caixeta, pelas seguintes ruas: Teófilo Otoni, até a Rua Padre Caldeira; por essa até a Rua Major Jerônimo; por essa até a Praça Champagnat; desce pela Rua João da Rocha Filgueira até a Avenida Paracatu, caminhando ao ponto inicial.

Figura 53: Área de brejo da Lagoa dos Patos. Fonte: Elaborado por Amorim (2015), com informações da Prefeitura de Patos de Minas, (2014). Acesso em: 10 de setembro de 2023.

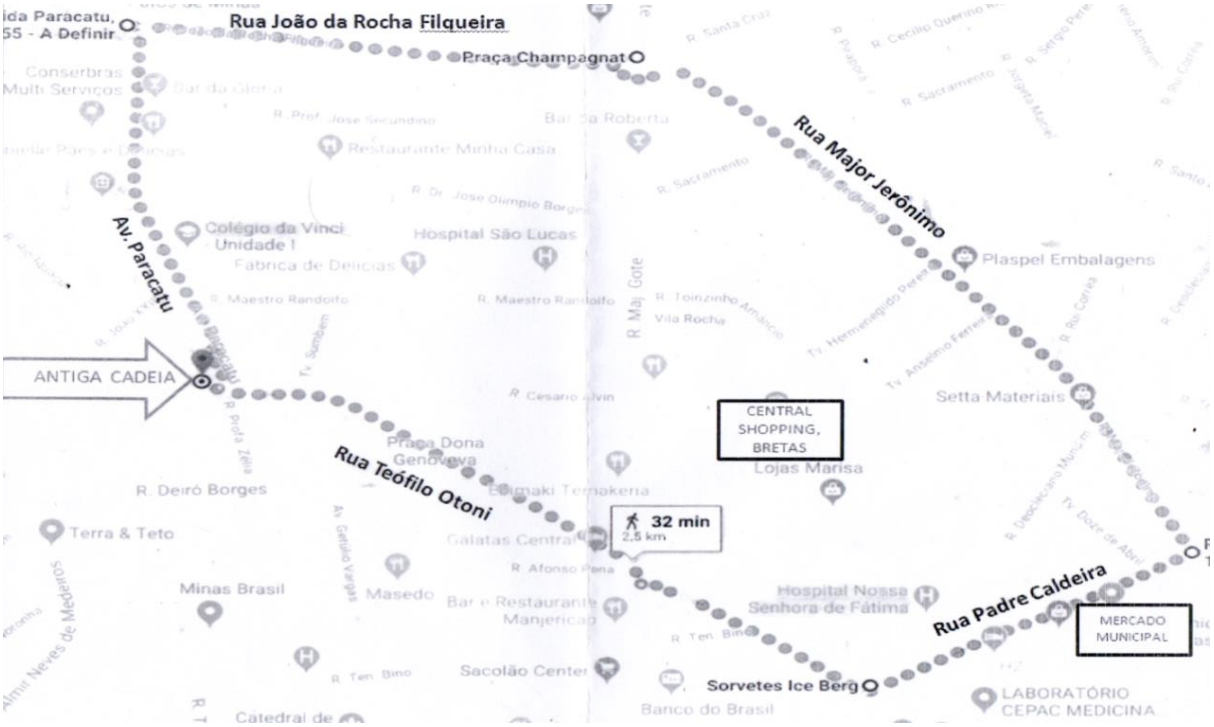


Figura 54: Área que um dia foi a Lagoa dos Patos. Mapa ilustrativo do antigo traçado da Lagoa dos Patos. Fonte: Elaborado pela autora, Google Earth, 2023.

A narrativa segue os eventos desde os primeiros assentamentos até a formação de uma comunidade, que culmina na construção da Capela de Santo Antônio e na elevação do Arraial a Vila. Esse crescimento gradual da cidade reflete o processo histórico real de expansão e urbanização, transformando o território em um espaço de convivência humana, onde a antiga lagoa e os animais originais deixam de existir como protagonistas, dando lugar à cidade de Patos de Minas. Zama Maciel, irmão de Risoleta Maciel, também narra[15] sobre o surgimento do território, Lagoa dos Patos e a Picada do Goiás, texto publicado na coluna "Patos de Minas e Sua História" com o título "Reparos" edição de 22 de janeiro de 1956 do jornal Tribuna de Patos.

> A "Tribuna de Patos", em seus dois primeiros números, publica artigos sobre a história de Patos de Minas. Essa contribuição que presta o novel jornal à cultura de nossa terra torna-se digna de encômios. Considerando-se a carência de informes relativos ao passado, não muito distante em que criadores de gado e rancheiros instalaram-se no local, onde se ergue a florescente cidade, cognominada a já tanto, por Manuel da Costa Júnior de

[15] Texto publicado na coluna "Patos de Minas e Sal História" com o título "Reparos" na edição de 22 de janeiro de 1956 do jornal Tribuna de Patos, do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Centro Universitário de Patos de Minas – Unipam.

> “Princesa do Sertão”. Há, no entanto, deslizes na publicação, e essas notas objetivam repará-los porque poderão eles criar raízes e serem transmitidos como verdades às gerações vindouras. Assim, tal é a afirmativa de que o nome da cidade provem de “uma lenda antiguíssima” que descrevia a região como morada de patos. Lenda jamais houve a respeito, e se houvesse não seria “antiguíssima”, pois os primeiros povoados aqui se fixaram entre 1820 e 1826, e cento e quarenta anos na vida de uma cidade não constitui largo lapso de tempo. A região era e é povoada por esses maravilhosos patos selvagens que, outrora, faziam das lagoas encontradiças nos plainos escampos do planalto, o sítio de suas pescarias e o ninho de seus amores. Fechada por uma lage de tapiocanga existente onde hoje se ergue a cadeia pública, existia uma lagoa profunda, bela e ensolarada. Habitat ideal para esses palmípides.

Figura 55: Visão ampla da demarcação da Lagoa dos Patos - Rua Major Gote, Centro - Colégio Marista em construção. Foto: Queiroz, Sebastião Cordeiro de. Livro Patrimônio de Santo Antônio: do Sítio ao Templo, página 35. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

A ocupação do território e a transformação da paisagem natural em ambiente urbano são aspectos fundamentais na formação de Patos de Minas. A *Lenda de Patos de Minas*, ao combinar elementos históricos e fictícios, resgata poeticamente a memória de um lugar que, embora tenha desaparecido fisicamente, continua vivo no imaginário coletivo da cidade. Ao enfatizar a interação entre a natureza e o homem, bem como as mudanças ocorridas ao longo do tempo, Risoleta Maciel Brandão nos

convida a refletir sobre a importância de preservar as histórias e tradições que constituem a identidade cultural de Patos de Minas. Sua narrativa evidencia como o vínculo entre a comunidade e suas origens é fortalecido pela valorização das memórias compartilhadas. Portanto, o texto não apenas celebra o passado, mas também reafirma os laços que conectam as gerações às suas raízes, perpetuando um legado que une a população em torno de um sentimento comum de pertencimento e apreço por sua história.

1.3 Território Patense, um mistério!

O território de Patos de Minas, ao longo de décadas, passou por transformações significativas que reconfiguram suas paisagens, alterando tanto o espaço físico quanto a forma como ele é compreendido por seus habitantes. Enquanto espaços e construções antigas desapareceram, elementos históricos foram modificados ou substituídos, permanecem no imaginário memórias que continuam a moldar uma versão simbólica e invisível da cidade. Este subcapítulo *"Território Patense, um mistério"* explora esses vestígios do passado Patense, identificando lendas populares que ajudam a construir uma "cidade imaginária", recriada pela literatura e preservada na memória dos moradores. Ao investigar essas narrativas, buscamos compreender como a dimensão simbólica da cidade se entrelaça com a história e a cultura local, consolidando uma identidade própria que ultrapassa os limites do visível e se projeta na imaginação.

As ações e vivências de um território revelam as inquietudes do imaginário popular. A cultura popular tem como essência o imaginário, que configura e relatam o lugar. É nesse campo fértil que o imaginário atua, revelando histórias passadas e sentimentos que desabrocham em narrativas, lendas, mitos, contos, crenças e, em outras belezas que retratam a cultura de uma cidade. Há de se considerar, que as lendas são narrativas que caracterizam o lugar, acompanhadas de mistérios, assombrações e medo. Elas acompanham fatos e acontecimentos, ilustrados por cenários presentes na cidade real. Muitas vezes são fatos verídicos acrescentados de novos dados ou até mesmo recriados, fazendo com que as lendas surgem para driblar a dinâmica do tempo e a certeza da morte.

A valorização do lugar dentro de um território está profundamente enraizada na relação simbólica que seus habitantes estabelecem com o espaço. Não se trata apenas de uma dimensão geográfica ou física, mas de uma construção afetiva e cultural, onde as experiências cotidianas, histórias e narrativas populares se encontram e se sobrepõem. A paisagem urbana, com suas ruas estreitas, praças antigas, casarões de arquitetura singular e igrejas históricas, compõe o cenário onde essas relações se desenrolam. O espaço se torna mais do que um pano de fundo estático; ele passa a ser vivido, experimentado e ressignificado pelas histórias que o cercam. Atribuir valor a um lugar é reconhecer sua importância na formação de vínculos sociais. As lendas, mitos e crônicas não apenas perpetuam o imaginário que caracteriza e dá vida a esses territórios, mas também preservam e ressignificam a paisagem, revelando-se como um ato cultural que reforça o pertencimento, a memória coletiva e a singularidade do espaço dentro de um território maior.

Cidade real, com suas ruas, praças e edificações visíveis, é apenas uma das faces do território urbano; paralelamente, existe uma "cidade imaginária" que vive na memória, nas lendas e nas histórias contadas ao longo das gerações. A cidade real, física e mutável, reflete transformações concretas - construções erguidas e demolidas, espaços públicos reformulados, traços arquitetônicos reconfigurados com o tempo. Já a cidade imaginária permanece no imaginário coletivo, sendo constantemente reconstruída pelas narrativas populares e pelas lembranças de quem a habita. Esse contraste entre o visível e o invisível revela uma camada da identidade urbana: enquanto a cidade real se transforma e adapta, a cidade imaginária preserva símbolos e personagens, como figuras fantasmagóricas, eventos místicos e locais impregnados de significados ocultos.

A cidade imaginária está relacionada às palavras de Ítalo Calvino, que através de Marco Pólo diz a Kublai Khan:

> “As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa. [...] As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a reposta que dá às nossas perguntas (Calvino, 1993, p.43).

Segundo Calvino (1993), apresenta as cidades como entidades que transcendem sua materialidade e se moldam a partir das emoções e impressões humanas, tal como revela o trecho: "As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos...". Calvino (1993) sugere que as cidades não são apenas conjuntos de edifícios, ruas e praças, mas sim construções simbólicas enraizadas no imaginário coletivo, sustentadas por uma teia de memórias, expectativas e ansiedades. Esse "fio condutor secreto" faz com que as cidades assumam significados diversos, muitas vezes ocultos e enigmáticos, que vão além do racional. Mais do que os monumentos ou construções que possam exibir, as cidades são valiosas pela forma como refletem as inquietações de seus habitantes, respondendo aos anseios e perguntas profundas de quem as vive. Nesse sentido, cada cidade se torna uma resposta única a um conjunto de experiências e sentimentos, uma obra coletiva que não se limita ao que é concreto e visível, mas que carrega em si a complexidade dos sonhos, das memórias e das expectativas humanas.

O ideal, o real e o imaginário se encontram na cidade e se sobrepõem, coexistindo em diferentes dimensões, como diz Calvino:

> “A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali, é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a cidade que se abandona para nunca mais retornar cada uma merece um nome diferente [...] (Calvino, 1993, p.115).

Calvino (1993) explana sobre as múltiplas camadas da experiência urbana, cada pessoa que cruza, vive ou deixa uma cidade constrói uma percepção única, permeada por suas emoções e circunstâncias. Para o viajante de passagem, a cidade pode ser apenas uma paisagem fugaz; já para quem fica e é “aprisionado” ali, a cidade assume outra forma, marcada pela rotina e pela intimidade com seus cantos. Aqueles que chegam pela primeira vez vivenciam o encantamento e o estranhamento da descoberta, enquanto aqueles que partem carregam a memória de um espaço deixado para trás, um lugar que nunca será igual caso o revisitem. Calvino sugere que cada vivência urbana merece um “nome diferente”, pois as cidades não são imutáveis; elas se adaptam à perspectiva e às histórias de cada indivíduo, tornando-se múltiplas cidades em uma só. Dessa maneira, ele enfatiza que o espaço urbano não é absoluto, mas profundamente moldado pela relação pessoal de quem o vive, atribuindo às

cidades uma identidade fluida e transformadora, que é ao mesmo tempo universal e singular, nos leva a refletir sobre como a percepção da cidade é uma experiência subjetiva, mutável conforme o contexto de quem a vivencia. O viajante que apenas atravessa um espaço tem um olhar passageiro, incompleto e superficial, enquanto o morador enraizado desenvolve uma relação de pertencimento, uma familiaridade impregnada de memórias e significados pessoais. A cidade de quem chega pela primeira vez é um território de descobertas, onde o novo provoca encantamento e até certa estranheza, enquanto a cidade de quem parte adquire uma carga emocional, tornando-se uma espécie de passado idealizado ou um lugar para onde raramente se retorna da mesma maneira. Calvino, assim, revela a cidade como um cenário mutante, que se reconfigura conforme as experiências e afetos de cada indivíduo, propondo uma visão onde o urbano é tão multifacetado quanto o próprio ser humano. Essa pluralidade evidencia que as cidades são mais que espaços físicos; são constelações de memórias, expectativas e relações, compondo uma identidade que vai além do visível, que reside na forma como cada um a interpreta e a guarda.

As lendas, ao se entrelaçarem com os espaços físicos de uma cidade, tornam-se parte integrante do tecido urbano, perpetuando memórias coletivas que resistem ao esquecimento. Elas transcendem o simples ato de contar histórias e se transformam em dispositivos de preservação cultural, transportando elementos do passado para o presente de forma contínua. O imaginário popular não apenas captura as inquietudes e medos de uma comunidade, mas também oferece uma maneira de reinterpretar a realidade, conferindo significado simbólico aos lugares. Quando uma lenda se associa a um local específico, como uma rua, praça ou edifício, esse espaço passa a ser carregado de significados que vão além de sua função física, assumindo um papel de “portal” entre o real e o imaginário. Dessa maneira, as lendas não apenas refletem a cultura de um povo, mas também reforçam a identidade de um lugar, conectando gerações e alimentando um senso de pertencimento à cidade, ao mesmo tempo que desafiam as barreiras do tempo, projetando o passado no presente.

A cidade é caracterizada pelo seu caráter, além de ser interpretada a partir da orientação e identificação com os seus lugares. Atrelado a identidade local e cultural, o pertencimento se fortalece com a troca visceral entre a literatura, os saberes populares, e suas crenças alimentadas pela oralidade e suas memórias, sendo essas, que se estendem ao presente e o tornam interpretável o que se encontra no imaginário. A literatura, seja ela escrita ou oral, serve como um veículo para expressar

e contar as transformações do espaço, as emoções, as lutas e as conquistas de uma comunidade. As histórias contadas, sejam lendas, contos ou relatos, alimentam uma conexão com o lugar, proporcionando um senso de continuidade e de pertencimento. Os saberes populares, que incluem práticas, tradições e conhecimentos transmitidos de geração em geração, também desempenham um papel fundamental na construção da identidade cultural. Esses saberes são frequentemente ancorados em experiências vividas e em interações com o ambiente, revelando como as comunidades se adaptam e interpretam o mundo.

A oralidade, por sua vez, é um elemento essencial nesse processo de construção e transmissão da memória. As histórias contadas de boca a boca são carregadas de nuances e significados que se adaptam ao contexto e ao tempo, permitindo que o imaginário coletivo se mantenha vivo e vibrante. Essa dinâmica de troca não apenas preserva as memórias do passado, mas também as ressignifica no presente, tornando-as interpretáveis e relevantes. O explorar a relação entre a cidade, sua identidade e as narrativas que a alimentam, é possível perceber que o imaginário coletivo é um campo onde as experiências humanas são moldadas e reinterpretadas. Essa interconexão entre literatura, saberes populares e oralidade não apenas enriquece a cultura local, mas também ajuda a estabelecer um senso de pertencimento que é vital para a coesão social e a continuidade da memória cultural. Ao compreender a cidade sob essa perspectiva, podemos valorizar a riqueza de suas histórias e a diversidade de vozes que contribuem para a construção de um espaço verdadeiramente significativo.

> A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a (Barthes apud Barros, 2007, p. 40).

Roland Barthes, referenciado por Barros (2007), propõe uma visão interessante sobre a cidade, apresentando-a como um discurso, uma linguagem que se comunica com seus habitantes. Barthes sugere que a cidade não é apenas um espaço físico ou um aglomerado de edificações; ela é, antes de tudo, uma forma de linguagem que expressa e transmite significados. A cidade "fala" aos seus habitantes por meio de sua arquitetura, ruas, monumentos, e espaços públicos, cada elemento urbano

carregando e transmitindo mensagens culturais, históricas e sociais. Ao habitar a cidade, ao percorrê-la e ao observá-la, os indivíduos participam desse discurso urbano, interpretando e, ao mesmo tempo, contribuindo para sua construção. Dessa forma, a interação dos habitantes com a cidade vai além da simples presença física; eles estão constantemente engajados em uma comunicação simbólica com o espaço ao seu redor. A ideia de que "falamos nossa cidade" ressalta a reciprocidade dessa relação. Não apenas a cidade comunica algo para os habitantes, mas também os próprios habitantes, através de suas práticas, movimentos e percepções, "falam" a cidade, ou seja, ajudam a moldar e redefinir seu significado e identidade. Cada experiência individual contribui para a construção de uma narrativa coletiva, tornando a cidade uma obra viva e dinâmica de comunicação.

As ruas, as calçadas, os edifícios que admiramos, o banco ao centro da praça em baixo de uma árvore em que sentamos para descansar, todos participam de uma narrativa que é, simultaneamente, escrita e lida por seus habitantes. Nesse sentido, a cidade não é apenas um espaço a ser habitado, mas um ambiente a ser decifrado, onde os significados são continuamente criados e recriados através das interações humanas. Cada mudança na paisagem urbana, seja a construção de um novo prédio ou a demolição de uma estrutura antiga, adiciona novos capítulos a essa narrativa coletiva. Assim, a cidade emerge diferentes camadas de histórias, emoções e significados se sobrepõem, refletindo a diversidade de experiências e perspectivas dos seus habitantes. Ao interagir com a cidade, estamos, portanto, participando de um diálogo contínuo, onde contribuímos para a construção de sua identidade e, ao mesmo tempo, somos moldados por ela.

As transformações do território de Patos de Minas ao longo dos anos não é apenas um processo físico de expansão urbana e modernização; é também uma mudança que se reflete no imaginário e nas narrativas que moldam a identidade local. À medida que a cidade crescia, lagoas desapareciam, suas ruas, praças e edifícios iam tomando forma, e paralelamente se desenvolvia uma camada simbólica que, ao longo das gerações, foi preenchida por lendas e mistérios. Essas histórias, muitas vezes registradas na literatura local, revelam que Patos de Minas é uma cidade composta por camadas, onde o visível e o invisível coexistem. Além disso, essa dinâmica entre o crescimento urbano e o imaginário coletivo evidencia a importância da participação comunitária na construção da identidade local. À medida que novas gerações de Patenses se apropriam das histórias e lendas da cidade, elas não apenas

preservam o que já existe, mas também trazem novas narrativas e interpretações que enriquecem ainda mais o patrimônio cultural. Essa troca constante entre passado e presente fortalece o laço entre seus moradores e seu território.

Na medida em que o território de Patos de Minas se modernizou, transformando-se de vila em um centro urbano, as lendas e os contos populares, também buscaram sobreviver, adaptando-se às novas paisagens e à nova realidade social, contribuindo para análise das transformações presente no território. Escritores locais captaram e ainda escrevem sobre esse processo, materializando as lendas que permeiam o cotidiano da cidade. As histórias de fantasmas e aparições assombrando casarões abandonados e praças desertas se tornaram uma forma de preservar a conexão com o passado**,** mostrando que Patos de Minas não é composta apenas por ruas e edifícios, mas também por uma forte literatura, memórias e símbolos que vão além do tangível. O território físico da cidade é apenas a superfície; abaixo dessa camada aparente existe uma dimensão povoada por histórias**.** Uma das consequências mais tangíveis da leitura fragmentada e limitada da cidade e as transformações do seu território, está na forma como seus processos históricos são descritos. Essa visão tende a simplificar a complexidade das interações sociais e culturais que moldam a evolução urbana, resultando em narrativas que não capturam a profundidade do desenvolvimento da cidade.

Ao considerar a cidade como um espaço feito de várias camadas, vamos adentrar aos mistérios de Patos de Minas, suas lendas sobre fantasmas oferecem uma ponte entre o passado e o presente. Em meio ao progresso, os fantasmas que vagam pelas ruas da cidade, segundo as lendas, são símbolos daqueles que viveram e construíram Patos de Minas, mas cujas histórias continuam a ecoar. Esses seres, muitas vezes retratados nas lendas e na literatura local, podem ser interpretados como metáforas para os traços da cidade que persistem mesmo diante da modernização – os valores, as memórias e os mistérios que resistem às mudanças do território. Esses mistérios, preservados na literatura e nas histórias orais, revelam uma cidade rica em simbolismos, onde o passado, o presente e o sobrenatural se entrelaçam, convidando-nos a desvendar os segredos que Patos de Minas ainda guarda. Assim, a transformação do território Patense não apaga os rastros do passado, mas os torna mais profundos, escondidos sob camadas de modernidade. Patos de Minas se revela uma cidade de múltiplas dimensões, onde o progresso convive com o sobrenatural, e os fantasmas, longe de serem meras figuras folclóricas, representam uma camada de

significados que liga a cidade ao seu passado histórico e misterioso. O território, portanto, é tanto físico quanto simbólico, e as lendas e os fantasmas são parte integrante da identidade de Patos de Minas, preservando sua história e seus mistérios em cada esquina. E encontramos essa cidade imaginária na literatura produzida por diversos patenses.

1.3.1 - Antônio de Oliveira Mello e as lendas de Patos

Durante todo o percurso foram realizadas diversas pesquisas em busca de descobrir as lendas que compõem o território de Patos de Minas. Esse processo, gradativo, revelou-se enriquecedor, pois foram descobertas várias fontes ao longo do tempo. Ao todo serão trabalhadas sete lendas, que serão analisadas sobrepostas ao território patense. O primeiro registro foi encontrado na obra de Antônio de Oliveira Mello, escritor e memorialista de Patos de Minas, que forneceu uma base inicial sobre as narrativas locais, resgatando aspectos tradicionais e históricos. Com o aprofundamento das investigações, foram encontradas outras lendas publicadas em edições antigas de jornais, o que nos possibilitou compreender um pouco mais sobre o registro e a difusão dessas lendas em tempos passados. Por fim, foi através do site EFECADEPATOS, criado e mantido por Eitel Teixeira Dannemann, que se constatou a persistência dessas lendas, agora adaptadas ao ambiente digital, o que reforça sua relevância e permanência no imaginário popular até os dias de hoje. Esses registros presentes em diferentes tempos e meios de difusão para a comunidade ilustram como as lendas se mantêm vivas, alimentadas pela constante ressignificação que lhes é atribuída pelos habitantes da cidade.

Antônio de Oliveira Mello, um dos mais destacados historiadores e memorialistas de Patos de Minas, nasceu em 1937 na cidade de Paracatu. Formou-se em Filosofia pelo Seminário Arquidiocesano de São José do Rio de Janeiro. Foi professor no extinto Colégio Municipal de Patos de Minas e em outros diversos institutos de educação[16].

[16] Foi também Oficial-de-Gabinete do Governador Israel Pinheiro; Chefe de Serviço Cultural do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Patos de Minas; Assessor do Ministro de Transportes, Eliseu Resende. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais da Comissão Mineira de Folclore, da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e de diversos municípios do Triangulo Mineiro (Nunes, 1999).

Figura 56: Antônio de Oliveira Mello. Disponível em: https://academiadeletrastm.com.br/antoniooliveiramello.php. Acesso em: 10 de out. de 2024.

Oliveira Mello, apesar de ter nascido em Paracatu, escolheu a cidade de Patos para viver e fez dela o foco de alguns de seus estudos. Ele publicou várias obras sobre a história platense, mas uma delas, em especial, se destaca por registrar as lendas do território local: *Minha terra: suas lendas e seus folclores* (1970). Essa obra é considerada fundamental para a preservação e valorização da cultura popular de Patos de Minas, demonstrando o compromisso de Mello em documentar as narrativas orais que, transmitidas de geração em geração, constituem uma parte essencial da identidade local. Entre as lendas registradas no livro, estão "A Mulher de Sete Metros," "O Vale das Cabaças Uivantes" e "A Gameleira", histórias que revelam o rico imaginário da cidade, presentes nas três edições publicadas do livro.

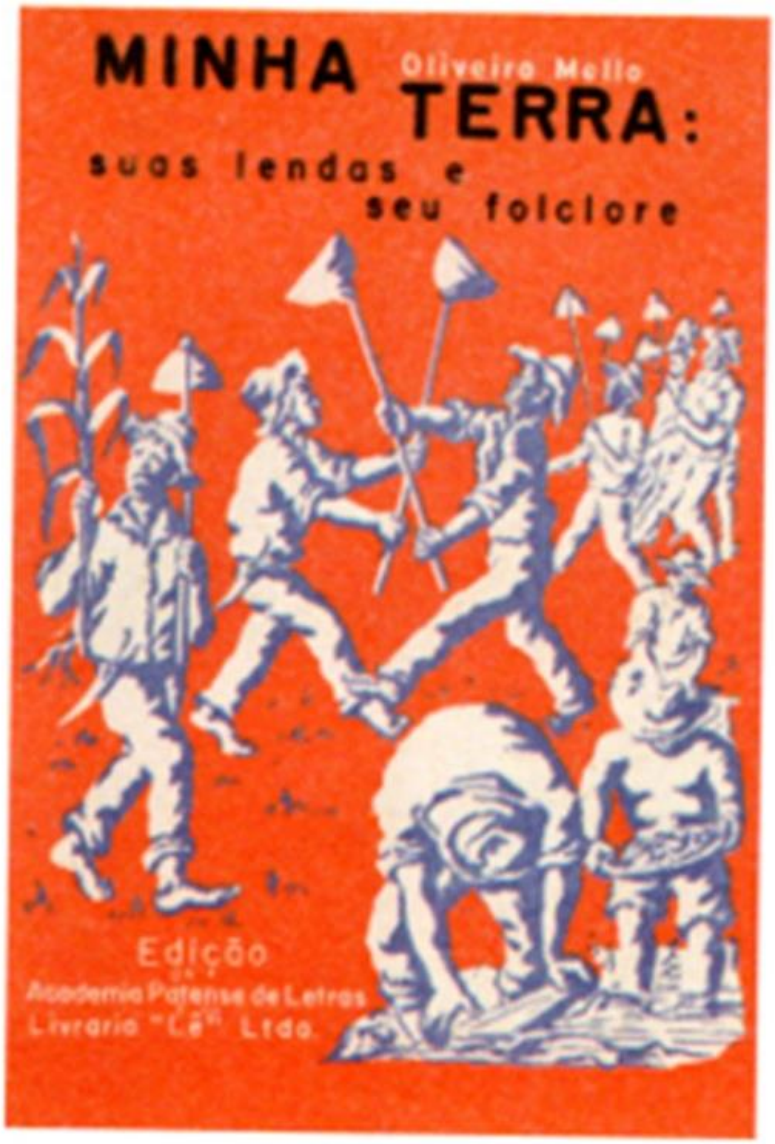


Figura 57: Capa do livro Minha Terra: Suas lendas e seu Folclore, publicados em 1970 por Antônio de Oliveira Mello.

Além da primeira edição de *Minha Terra: Suas lendas e seu Folclore (1970)*, Oliveira Mello revisitou a obra em mais duas edições posteriores, em 1985, e uma versão mais recente em 2008. A primeira publicação, que serviu como base para esta pesquisa, é amplamente valorizada por seu papel pioneiro na coleta e documentação das narrativas de Patos de Minas. Em edições subsequentes, Mello expandiu e revisou alguns relatos, adicionando detalhes e enriquecendo o registro. Essas publicações ampliadas refletem a continuidade do seu trabalho em preservar o patrimônio cultural da cidade, mas a primeira edição permanece como a mais próxima do contexto original das narrativas, destacando-se pela autenticidade e pela proximidade com a oralidade dos contadores da época.

Figura 58: Capa do livro Minha Terra: Suas lendas e seu Folclore, publicados em 1985 e 2008 por Oliveira Mello.

Em seu livro, Mello explora uma variedade de lendas que refletem tanto os mistérios quanto as crenças dos moradores de Patos de Minas. Cada história é tratada com um respeito profundo pelo contexto cultural em que surgiu, evidenciando o papel dessas lendas na construção da memória coletiva da cidade. As lendas compiladas por Mello não são apenas histórias de entretenimento, mas também veículos de valores e ensinamentos que ressoam com a vivência dos Patenses. Elas abordam temas como a coragem, o medo do desconhecido, a presença do sobrenatural, e a relação entre o homem e o meio ambiente, elementos que ajudam a moldar a visão de mundo da comunidade. *Minha terra: suas lendas e seus folclores* também cumpre um papel importante na luta contra o esquecimento das tradições locais em um contexto de crescente modernização. Ao registrar essas histórias, Mello preserva um patrimônio imaterial que poderia se perder com o tempo, especialmente em face das transformações sociais e culturais que a cidade vinha experimentando na segunda metade do século XX. O livro se torna, assim, um documento essencial para aqueles que desejam compreender a profundidade e a riqueza da cultura de Patos de Minas. A seguir, apresentaremos as lendas registradas por Oliveira Mello em seu livro, e as análises dos lugares da cidade presentes nessas lendas.

A MULHER DE SETE METROS[17]

[17] MELLO, Antônio de Oliveira. **Minha Terra: suas lendas e seu folclore.** 1ª. Edição. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1970, p. 283-284.

Onde hoje se localiza o antigo Fórum de Patos de Minas, situou-se o primeiro cemitério do então Arraial de Santo Antônio dos Patos. Dali, segundo a tradição, sai uma mulher de sete metros de altura e vai até perto do monumento do Presidente Olegário Maciel. Não chega andar dois quarteirões da bonita Avenida Getúlio Vargas.

É a alma penada de Lavi Lopes, que morou junto a residência do Dr. Olegário Maciel. Senhora bastante rica e possuidora de muitos escravos, viajava muito, indo constantemente ao Rio de Janeiro, onde gozava dos encantos da então cidade do país.

No entanto, era de grande perversidade, sobretudo para seus escravos. Jogava gordura fervente nas negras, queimando-as porque elas não realizavam os trabalhos de acordo com o seu exigentíssimo gosto. Isto só para martirizá-las. Uma delas, que ela mandou pôr no tronco para o verdugo castigar, abraçou-se com ela e quis jogá-la dentro da cisterna.

A sua maldade era tão grande que, quando usava sapatos de salto alto (os de sua preferência), pisava nos braços dos filhos dos escravos, quando estes engatinhavam, quebrando-lhes os braços e não permitia tratamento e nenhum cuidado aos inocentes machucados.

Em razão disso, foi ficando isolada de todos e de tudo. Ninguém desejava a sua companhia, e fugiam dela. Viveu muitos anos, tristemente, morrendo já bastante idosa, abandonada e pobre. A sua figura, quando morta, inspirava terror, pois não fechou os olhos, nem boca, ficando com a língua para fora.

As crianças tinham pavor dela, e de seu aspecto. Em sua antiga casa, ouviam-se, até há pouco tempo, arrastar de correntes, gemidos e gritos de dor.

Será mesmo que a mulher não se conformou com o ultraje de cavoucar o seu lar no cemitério e por isso danou a assombrar as pessoas?

Oliveira Mello.

Cláudia Guimarães Maia e Helânia Cunha de Sousa Cardoso (2018), em sua pesquisa "O Resgate dos Contos Folclóricos da Região do Alto Paranaíba e do Noroeste Mineiro como Meio de Reconstrução da Memória Cultural"[18], abordam a figura da Mulher de Sete Metros de Patos de Minas, relatada por Sebastiana Maria Castro, de 84 anos, analfabeta e pensionista. A senhora fala conforme o seu vocabulário:

> "Aqui em Patos, sempre, eles falava muito na mulher de 7 metros e nós morava lá perto onde era o campo, lá em baixo, campo do URT. Aí nóis morava lá.... tinha o campo.... mas não tinha como é hoje. E aí nesses tempo eu tinha uns 10 anos, mais ou menos, e aqui, na bera da lagoa, tinha um lugar onde os homens juntava tudo pra jogar toda noite, e meu avó era doido por causa dos jogo. Aí um dia ele foi daqui pra lá, de madrugada, sozinho quando ia pra lá da cadeia, na rua Tiradentes, apareceu aquela mulherzinha lá longe. Aí ela veio chegando e foi crescendo, e foi crescendo.... quando ela chegou pertinho deles, ela ficou alta mesmo.... aquele mundo mesmo. Ele olhou pra cima e ele não agüentou e desmaiou.... desmaoiou quando foi no outro dia é que achou ele lá, assim Ele contou a história desse jeito. E meu avô, ele é que fez essa linha daqui de Patos, deus de a linha da Santana, aqui tudo Patos de Minas essa linha de automóvel, que passava pr'aqui, e hoje é asfalto, mas era tudo de terra. Ele trabalhava a ái, a gente ia levar comida pra ele lá na..... as veis tava trabaiando sozinho, sempre ele trabaiava por conta, de capina, co enxada, eu ia mais meu irmão, levar comida pra ele quando ele tava sozinho. Quando num tava sozinho, levantava eu, minha tia, nóis levantava de madrugada, ali na rua do Zé de Santana. Aí nís morava ali, e ia fazer comida pra levar. Levava num caxote de, desse caxote de querossene que tinha uns tempos, os calderãozinho pra cada companheiro que tinha. Muita vezes, nóis passava a gente ia lá e eles tava trabaiando lá naquela coisa, Até São Pedro da Ponte Firme..... passou pra lá tudo.... meu avô era esse que viu a mué de sete metros. Passou esse medo cum essa mué de sete metro" (Narradora: Sebastiana Maria Castro)[19].

A lenda da Mulher de Sete Metros de Patos de Minas envolve um aspecto crucial para a compreensão das transformações territoriais e sociais do município,

---

[18] MAIA, Cláudia Guimarães; CARDOSO, Helânia Cunha de Sousa. O resgate dos causos da região do Alto Paranaíba e do noroeste mineiro como possibilidade de reconstituição da memória cultural. *Perquirere*, Patos de Minas, v. 18, n. 2, p. 25-35, 2021. Disponível em: https://revistas.unipam.edu.br/index.php/perquirere/article/view/3753/1289. Acesso em: 03 nov. 2024.

[19] Sebastiana Maria Castro: Idade: 84 anos. Escolaridade: analfabeta. Profissão: aposentada. Localidade: Patos de Minas.

especialmente na área central onde hoje se encontra o antigo Fórum. Esse espaço abrigou anteriormente o segundo cemitério do Arraial de Santo Antônio dos Patos, refletindo um tempo em que os primeiros habitantes se estabeleciam no território. A localização original desse cemitério, se encontra nas proximidades onde hoje temos a Avenida Getúlio Vargas e o monumento de Olegário Maciel, no núcleo central da cidade de Patos de Minas.

Figura 59: Segundo Cemitério de Patos, hoje o antigo Fórum Olympio Borges. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 03 de ago. de 2023.

No ano de 1909, o cemitério de Patos, ainda sem incluir o de Minas no seu nome, estava situado no local onde hoje se encontra o Fórum Olympio Borges e áreas adjacentes. Conforme documentos na época, as condições do cemitério não eram nada favoráveis. Uma publicação feita no jornal, Dr. Laudelino Gomes de Almeida em 10 de janeiro de 1908, destaca a necessidade de construir um novo cemitério. Fora da área central e o encerramento do atual cemitério existente. Em discursão do vereador Olegário Dias Maciel, em 19 de fevereiro de 1909, o agente executivo é

autorizado a construir um cemitério público no local mais adequado (Dannemann, 2013).

Sobre as condições do cemitério, o Dr. Laudelino, médico e também redator do primeiro jornal impresso de Patos, "O Trabalho", publicou um texto na edição de 31 de janeiro de 1909[20], podendo ser o incentivo para a construção do novo cemitério:

> "Tristíssimo é o aspecto que apresenta o cemitério desta cidade, colocado quase no centro da população. No enterramento dos cadáveres não há nenhuma fiscalização; os corpos são alli atirados em sepulturas razas, que mal encobrem os caixões; e dahi o miasma insuportável que se desprende, anunciando o aparecimento de funestas epidemias. Ultimamente, até o portão cahio, estando à mercê dos animais que alli queiram penetrar e pisar sobre as sepulturas. Que idéa assaltará o espirito do viajor, que ao encontrar nesta cidade pela grande e linda avenida que se forma dos Largos da Matriz e do Rosario[21], ao abeirar-se dos muros do cemitério, esburacados e denegridos pela acção devastadora do tempo completamente abandono, como se alli não respousasem os restos mortais de nossos avoengos, verdadeiras relíquias para a história deste municipiio? (O TRABALHO, 31 de janeiro de 1909).

O novo cemitério[22], foi implantado em julho de 1911, na época fora do perímetro urbano, onde hoje se encontra o Bairro Várzea, periferia da cidade.

É em torno desse segundo cemitério que se desenvolveu a história da Mulher de Sete Metros, que enriquece o imaginário sobre o lugar ao conectar o passado violento e elitista com o presente transformado. Segundo a lenda, essa figura aparece à noite, seguindo um caminho até o monumento de Olegário Maciel, mas sem percorrer toda a Avenida Getúlio Vargas. A lenda evoca a crueldade do passado colonial e

---

[20] Jornal "O Trabalho", do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Centro Universitário de Patos de Minas – Unipam; Uma História de Exercício a Democracia – 140 anos do Legislativo Patense, de José Eduardo de Oliveira, Oliveira Mello e Paulo Sérgio Moreira da Silva.

[21] Naqueles idos de 1908, existia uma pequena capela, chamada de Rosário, localizada mais ou menos em frente onde está o edifício da Rádio Clube de Patos. Aquela área era chamada de *Largo do Rosário*. Esta antiga capela foi demolida em 1930 e uma nova igreja foi construída na Avenida Paracatu, sendo inaugurada em 1929 (Dannemann, 2013).

[22] Começou a funcionar em 28 de julho de 1911, com o sepultamento de uma criança do sexo masculino, filho dos lavradores José Honório da Silva e Jacinta de Jesus, da localidade de Canavial. A criança foi vítima de moléstia desconhecida, de acordo com o registro. Em 21 de dezembro de 1965, o cemitério recebeu o nome de Santa Cruz (Dannemann, 2013).

escravocrata, e sua assombração é vista como uma lembrança dos tempos de exploração e injustiça, simbolizando também o isolamento que Lavi Lopes enfrentou em vida devido suas atitudes. Essa narrativa permanece no imaginário popular talvez como um alerta sobre os efeitos duradouros das ações humanas e como uma representação de uma Patos de Minas que ainda carrega memórias sombrias. A lenda, portanto, reflete não apenas a memória de uma época, mas simboliza o contraste com as transformações sociais e urbanas que Patos de Minas passou.

A assombração de Lavi, aparecendo como uma figura de sete metros que vaga perto do monumento a Olegário Maciel, tem um peso simbólico. Ela marca um trajeto que sobrepõe o espaço da memória e a persistência do passado escravocrata, perpetuando-se em um caminho específico, próximo de elementos simbólicos do poder, justiça e da política local. O trajeto realizado por essa figura fantasmagórica ao longo de dois quarteirões da Avenida Getúlio Vargas e ao redor do monumento pode ser interpretada como uma "caminhada" que revisita as antigas estruturas sociais que formaram a cidade. Com a modernização desse espaço, essa narrativa ainda persiste, lembrando que Patos de Minas não se construiu apenas fisicamente com suas novas formas, mas também a partir de histórias sobre a violência do passado? e assombrações que dão profundidade à sua identidade.

A construção do Fórum Olympio Borges – simboliza uma grande e importante transformação no espaço, substituindo o segundo cemitério do Arraial de Santo Antônio dos Patos. Antes um local marcado pela memória dos falecidos e pela tradição do luto, foi também um cemitério com condições sanitárias ruins, o espaço se tornou uma representação do poder e da justiça. A presença fantasmagórica de Lavi Lopes – "A mulher de sete metros" – conecta essa transformação à violência e crueldade do passado, que, mesmo oculto, ainda parece vagar pelo novo cenário urbano.

Coube a Olegário Dias Maciel a idealização na década de 1930, bem como o investimento de fundo público e ação política na construção do prédio do Fórum Olympio Borges, que abriga hoje o Procon e o Faserv. Na década de 1930, o prédio do Fórum foi erguido e considerado uma das principais obras do governo Olegário Maciel na cidade, tornando-se um ícone no novo desenho urbano que se configurava na região central, em frente à Catedral de Santo Antônio. Inaugurado em 1936, o projeto é de autoria de Luiz Singnorelli e Raffaele Berti, arquitetos de origem italiana radicados em Belo Horizonte. Para se construir o novo prédio foi necessária a remoção do segundo cemitério, que deu possibilidade para a ampliação do

alinhamento dos edifícios públicos na antiga Avenida Municipal. Mediante indicação da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, recebeu o nome de “Olympio Borges”, a mais expressiva liderança política da família Borges, a oposição local à família de Olegário Dias Maciel. O edifício foi tombado pelo município em 14 de abril de 1998 (Dannemann, 2016).

Figura 60: Fórum Olympio Borges em 1945. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Figura 61: Fórum Olympio Borges na década de 40. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024.

Uma associação possível de ser feita é a da altura desse fantasma (sete metros) com o gabarito da edificação do Fórum, de dois pavimentos. Assim, a lenda da Mulher de Sete Metros resgata as resgata as memórias de uma área central que, com o passar dos anos, foi urbanizada e renomeada, mas que ainda carrega vestígios desse passado em suas narrativas de horror e violência, refletindo tanto as mudanças físicas quanto o imaginário que continua a habitar o espaço urbano. Esse contraste entre o antigo cemitério e o Fórum reflete a tentativa da cidade de se livrar de um passado sombrio e opressor, ao mesmo tempo em que, através da lenda, mantém viva a lembrança de tempos de grande sofrimento.

Figura 62: Fórum Olympio Borges no final da década de 1960. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP) Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

O VALE DAS CABAÇAS UIVANTES[23]

[23] MELLO, Antônio de Oliveira. **Minha Terra: suas lendas e seu folclore.** 1ª. Edição. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1970, p. 287.

Onde hoje se encontra a Vila Padre Alaor, de Patos de Minas, repleta de casas iguais, ocupadas pelos pobres mantidos pelos Vicentinos, outrora foi um vale cheio de cabaceiras.

Os medrosos, sobretudo, que passavam por esta região, á noite, diziam ouvir vozes ou gemidos humanos, ora de crianças, ora de homens, ora de mulheres.

Também os tropeiros, homens cheios de coragem, mas tremendamente supersticiosos, disto davam notícias. Desta forma, toda a população tinha conhecimento do lugar mal assombrado e ninguém queria saber de passar por lá, pois ali se reuniam almas penadas para os seus encontros.

Na verdade, nenhuma alma penada se concentrava no “Vale das cabaças Uivantes”. As vozes, os gemidos humanos não eram outra coisa senão as cabaças entrechocando-se umas contra as outras, tangidas pelo vento. De acordo com a intensidade das correntes aéreas, é que a maior ou menor era o ruído.

Oliveira Mello

Os acontecimentos da lenda do “Vale das Cabaças Uivantes” se deram na região onde hoje se encontra a Vila Padre Alaor, uma área habitacional mantida pela Sociedade São Vicente de Paulo e destinada à idosos e famílias de baixa renda, onde outrora existia um vale repleto de cabaceiras. O vento que passava por entre as cabaças gerava sons que, para os mais supersticiosos, assemelhavam-se a gemidos de pessoas – crianças e mulheres, alimentando histórias de almas penadas e locais assombrados.

Nos idos tempos existia uma estrada que partia da Praça Santana (Mercado Municipal) e subia o morro, em direção à Mata dos Fernandes, Arraial dos Afonsos e outras comunidades. Em 1947, Genésio e Mário Garcia Roza adquiriram a Fazenda Limoeiro, loteando quase toda a área que viria a ser o Bairro Vila Garcia. Nela, ingressa no comércio cerealista, construindo armazéns para 50 mil sacas de cereais, instalando maquinário para milho, feijão, arroz e café. Membros da Conferencia Sagrada Família – Sociedade de São Vicente de Paulo, comprou a entidade, uma área de 70 mil metros quadrados, para a construção da Vila Padre Alaor. Em decorrência do florescimento das Conferencias da Sociedade de São Vicente de Paulo, pareceu à direção da entidade que era chegado o momento da construção de uma vila, onde se pudesse acolher e cuidar melhor dos pobres (Dannemann, 2018).

O tempo passou, a vila virou bairro e a estrada se transformou na Rua Mata dos Fernandes.

Figura 63: Anúncio publicado na edição de 30 de maio de 1953 do jornal Tribuna de Patos, arquivo da Hemeroteca Digital do Triangulo Mineiro e Alto Paranaíba, via Altamir Fernandes. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=25923. Acesso em: 17 de agosto de 2024.

Figura 64: Origem da Vila Padre Alaor. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Figura 65: Origem da Vila Padre Alaor. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

O bairro Vila Garcia e a Vila Padre Alaor, estão historicamente ligados ao caminho percorrido pelos tropeiros em direção a Paracatu. Esses espaços, hoje ocupados por residências e conjuntos habitacionais, eram parte do percurso dos tropeiros que transportavam mercadorias, mantendo a economia local e conectando

o Arraial de Santo Antônio dos Patos a outras regiões mineiras. Esse trajeto dos tropeiros marcou o território, influenciando o desenvolvimento inicial dessas áreas que, posteriormente, foram transformadas e urbanizadas para atender às novas necessidades da cidade.

Com a passagem de Patos de Minas rural e supersticiosa para uma cidade em processo de modernização, o território é reinterpretado e reutilizado de acordo com as novas demandas da sociedade. Nesse contexto de transformação, a memória das lendas locais permanece viva, conectando-se simbolicamente às mudanças na paisagem urbana. Ainda é possível identificar vestígios das primeiras moradias que deram origem à antiga vila, embora muitas tenham sido reformadas ou tenham perdido suas características originais. O perfil arquitetônico da região é dominado por casas populares, distribuídas ao longo de estreitas vielas e becos, como o Beco da Paulada, rua Pedro Castorina. As árvores, algumas de porte imponente e copas majestosas, ainda pontuam o cenário, mas as cabaças, já não fazem parte dessa paisagem transformada.

A pesquisa revelou que a lenda do "Vale das Cabaças Uivantes" tem registro limitado, constando exclusivamente na obra de Oliveira Mello e não sendo encontrada em outras publicações tradicionais, como os jornais locais. Além disso, foi identificada uma versão mais detalhada e adaptada da narrativa no site[24] EFECADEPATOS, elaborada por Eitel Teixeira Dannemann, que se dedicou a reinterpretar e ampliar os elementos da lenda. Essa ausência de registros mais amplos reforça a singularidade da história e destaca a importância de trabalhos individuais na preservação de aspectos do imaginário popular de Patos de Minas.

[24] Texto disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=2581 . Acesso em: 03 nov. 2024.

A GAMELEIRA[25]

[25] MELLO, Antônio de Oliveira. **Minha Terra: suas lendas e seu folclore.** 1ª. Edição. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1970, p. 291.

Em torno da gameleira, o povo Patense criou muita lenda e muita história. Dentre elas se destaca a da reunião, às madrugadas das sextas – feiras, das almas “do outro mundo”.

Na antiga Praça dos Boiadeiros, hoje Abner Afonso, em Patos de Minas, existiu uma enorme gameleira. Sob a sua sombra derramada os roceiros costumavam amarrar cavalos, quando vinham à cidade tratar de negócios.

Se algum dos cavaleiros estivesse em pecado mortal, ou fosse devedor de alguma promessa, podia esperar o castigo. À meia noite, quando o galo cantasse, a gameleira se balançava toda, misteriosamente, como se derrubando quantidade enorme de frutos grandes e possantes para espantar os animais ali pastando, que relatavam, misteriosamente, as peias e fugiam como loucos.

O roceiro, todo remorsos, voltava, a pé, para casa. Sem o animal e com a alma repleta de tristeza. A gameleira não perdoava a ninguém.

Oliveira Mello

A lenda da gameleira está relacionada com a antiga praça dos Boiadeiros, atualmente nomeada Praça Abner Afonso, e se encontra na região central de Patos de Minas. A gameleira, que servia como ponto de encontro para os roceiros personificava as crenças e superstições da população local, mostrando como as interações sociais e as práticas culturais se entrelaçavam no cotidiano. À medida que a área se urbanizou, a memória da gameleira e suas histórias continuaram a influenciar a identidade cultural, simbolizando a resistência das tradições frente às mudanças territoriais e sociais. Essa transformação evidencia a capacidade da comunidade em manter viva sua herança, mesmo em um contexto urbano em evolução.

A primeira urbanização da Praça dos Boiadeiros foi efetuada pelo prefeito Sebastião Alves do Nascimento, o Binga, oficialmente inaugurada em 14 de fevereiro de 1960. Renomeada oficialmente como Praça Abner Afonso em 1967, é um dos lugares emblemáticos de Patos de Minas, carregando memórias e tradições que ultrapassam as tentativas de mudar seu nome. No entanto, mesmo após sete anos, quando a praça foi renomeada em homenagem a Abner Afonso, um importante empreendedor local, o nome "Praça dos Boiadeiros" continuou a prevalecer no imaginário dos moradores (Dannemann, 2014).

Figura 66: Placa de Inauguração Praça dos Boiadeiros em 1960. Fonte: EFECADEPATOS. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=13687. Acesso em: 17 de agosto de 2024.

Essa resistência em adotar o novo nome reflete uma forte identidade cultural e uma memória afetiva que os cidadãos de Patos de Minas mantêm com o local. A praça, antes de sua urbanização, era ponto de encontro para boiadeiros, trabalhadores e habitantes que se reuniam para atividades e celebrações tradicionais. Por isso, a referência aos boiadeiros carrega um significado histórico que remete a um tempo em que as atividades ligadas ao campo eram a base da economia e da vida social da cidade. Ao longo dos anos, a Praça dos Boiadeiros, passou por várias reformas e adaptações que alteraram sua estrutura física para atender a novas demandas urbanas. Contudo, mesmo com essas transformações, a comunidade ainda preserva o nome original, o que demonstra como o espaço urbano não é apenas uma área física, mas também um espaço simbólico onde tradições, valores e identidades são continuamente negociados e relembrados, sendo utilizada como ponto de encontro, passagem e descanso dos moradores.

Figura 67: Panorâmica com vista aérea da Praça dos Boiadeiros e o seu entorno. Fonte: EFECADEPATOS. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=26009. Acesso em: 17 de agosto de 2024.

A *figura 67*, apresenta a localização da praça e seu entorno imediato, com edifícios significativos da região central. Em destaque à direita, a Praça dos Boiadeiros, urbanização inaugurada em 14 de fevereiro de 1960 e que pela lei nº 911 em 01 de junho de 1967, recebeu o nome de Praça Abner Afonso. Em frente, o terreno onde foi construído o edifício Apollo, finalizado em 1988, construído pelos irmãos Edgardo e Eduardo Maia e o empreiteiro José Alves Filho. Ao lado, à direita, o Cine Riviera e o prédio do Social. No alto, o Palácio dos Cristais sendo finalizado. À esquerda, no alto, os dois primeiros edifícios verticais da cidade, o Alvorada, 1961 e o Banco do Brasil, 1967.

A conexão entre a Praça dos Boiadeiro e a lenda da Gameleira amplia ainda mais a profundidade histórica e cultural desse espaço para os habitantes de Patos de Minas. A Gameleira, arvore centenária, hoje não mais existente, segundo a lenda, abrigava espíritos e é cercada por mistérios, representa a forte relação entre o imaginário popular e os lugares que marcam a memória da cidade. Assim como a praça, a Gameleira é um ponto de referência que carrega memórias e histórias compartilhadas entre gerações, reforçando a importância de certos locais no inconsciente coletivo. A praça e a lenda da Gameleira se entrelaçam na medida em que ambos evocam o passado e as crenças que moldam a identidade local, criando um vínculo simbólico entre o cotidiano e o sobrenatural. Desse modo, a Praça dos Boiadeiros não é apenas um espaço urbano, mas também um lugar onde as tradições se mantêm vivas, preservando as histórias e lendas que fazem parte da essência da cidade.

Esse apego ao nome "Praça dos Boiadeiros" é um exemplo de como o imaginário coletivo pode sobrepor-se a decisões oficiais, reforçando a importância das memórias populares na construção da identidade de um lugar. Ao manter o nome antigo, os habitantes de Patos de Minas não só preservam a história local, mas também reafirmam uma conexão com suas raízes, com o cotidiano e com a cultura boiadeira que moldou a cidade. A praça se torna, então, não apenas um espaço físico, mas um símbolo da resistência da memória afetiva e das histórias que permanecem vivas no coração dos moradores, independente das mudanças ao longo dos anos. Assim, a Praça dos Boiadeiros segue sendo um local onde a tradição e a modernidade se encontram, representando o passado que perdura e o presente que se reinventa.

Figura 68: Rua Olegário Maciel, espaço pertencente a lenda "A gameleira" escrita por Oliveira Mello. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Figura 69: Rua Olegário Maciel, espaço pertencente a lenda "A gameleira" escrita por Oliveira Mello. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

1.3.2. – O Professor Aristoteles e a Mulher dos Três Metros

Durante o mês de agosto de 1945, o jornal Folha de Patos publicou três textos em sequência[26] que contam a história de uma mulher misteriosa e apavorante que vagava pela Avenida Getúlio Vargas nas noites frias do inverno daquele ano. De acordo com as publicações, essa figura fantasmagórica tinha três metros de altura, surgia e desaparecia nas noites de inverno, e remete ao antigo cemitério e a pequena capela que outrora ocupavam o espaço onde hoje se encontram o antigo Fórum Olympio Borges e a estátua do Olegário Maciel mais a frente.

Em duas das reportagens, um astrólogo de nome Professor Aristoteles fez revelações sobre o fato após contato que teve com a "Mulher de três metros". Não há dados consistentes sobre o tal professor, mas, pode se crer que ele fazia visitas habituais a Patos, segundo manchetes publicadas sobre ele no jornal entre os anos de 1942 e 1945. A pesquisa não conseguir identificar, mas tal figura, tão enigmática quanto a assombração que investigava, poderia ter sido uma criação fictícia do próprio jornal, o pseudônimo de algum jornalista que contribuía para o jornal. O Professor Aristóteles é descrito como um astrólogo, vidente e curioso investigador do sobrenatural.

Ele surge nesse contexto da lenda da "Mulher dos Três Metros", como um homem de grande sabedoria que se dedicava a compreender e decifrar fenômenos místicos. Possuidor de uma relutância inicial, mas evidente coragem e curiosidade, o professor personifica a busca pela compreensão do desconhecido, revelando aspectos do imaginário popular e do misticismo que rondam as histórias do território de Patos de Minas. A narrativa ainda o apresenta com alguém que, após noites de observação e pesquisa, consegue visualizar e dialogar com a misteriosa aparição, uma mulher alta e espectral que vaga pelas imediações do antigo cemitério, casa do Olegário Maciel e a Escola Normal.

---

[26] "A Mulher dos Três Metros" foi publicada em três partes, sob o título "Nas Noites Vagarosas de Inverno", nas edições de 05, 12 e 26 de agosto de 1945 do Jornal Folha de Patos.

PROFESSOR ARISTOTELES

Está na cidade o Prof. Aristoteles, o homem que em Março deste ano, aqui mesmo em Patos, tirou a vida de um forçoso sucurí, com uma demonstração hipnotica e magnetica, na presença de uma multidão.

Agora ele dará alguns espetaculos de ilusionismo para a nossa sociedade. Ele o homem que paralisa toda a sua circulação em publico, concerteza irá engulir um radio, fazer decaptações, etc., e, na certa aplicará as suas forças ocultas para satisfazer aos amadores desses espetaculos.

Figura 70: Anúncio publicado na edição de 11 de outubro de 1942 do jornal Folha de Patos. Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação e Memória do curso de História do Unipam. Acesso em: 27 de junho de 2023.

Quiro Astrológico

PROFESSOR ARISTOTELES

Em que dia Você nasceu?

A Ciência que estuda os mistérios da Natureza e o desenvolvimento dos Poderes Psychicos que estão latentes no ser humano. Nela encerra uma multidão de sentidos e designa as artes e Ciências, como a Astrologia, Quirosofia, Yoga, Numerologia, Clarividencia, Graphologia, Ciências Herméticas, etc.

Pelas colunas de "Folha de Patos" o amigo leitor poderá fazer um pequena leitura de sua vida, fazendo a sua pergunta.

No numero seguinte serão publicados os resultados das perguntas feitas por intermédio dos COUPONS deste jornal. "Folha de Patos" lhe oferece esta oportunidade. Preencha o COUPON abaixo, bem claro, e remeta ao PROF. ARISTOTELES, Pensão Avenida—Patos—ou diretamente a esta Redação, em envelope fechado e no numero seguinte encontrará o seu resultado.

Nome _____

Data do Nascimento _____

Profissão _____ Estado Civil _____

Pseudônimo _____ (para resposta)

Pergunta em separado. Cada coupon dá direito a uma pergunta.

As perguntas e correspondencias devem ser enviada em envelope fechado.

Figura 71: Anúncio publicado pelo Jornal Folha de Patos na edição de 08 de março de 1942. Fonte: Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 27 de junho de 2023.

Em março de 1942, a Folha de Patos ofertou a seus leitores um cupom para que eles, utilizando de pseudônimos, fizessem perguntas ao misterioso professor, perguntas essas que seriam respondidas nos números seguintes. De acordo com o anúncio, o homem era um prodígio, pois, além de astrólogo, era ilusionista, hipnotizador, engolia rádios, fazia decapitação e muito mais. Em outubro do mesmo ano, anúncios publicados no mesmo jornal informam a presença dele na cidade. Em agosto de 1945, o jornal publicou os três textos sobre a misteriosa mulher de três metros, que reproduziremos a seguir.

A MULHER DOS TRÊS METROS

NAS NOITES VAGAROSAS DE INVERNO[27]

"Era por uma destas noites vagarosas de inverno em que o brilho do céu sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo..." Com estas palavras cantantes, de uma musicalidade enternecedora, Alexandre Herculano abre um dos mais impressionantes capítulos do "Eurico". E com as mesmas frases abrimos esta notícia com a qual queremos relatar aos nossos leitores a história da visão sinistra que por estas frias noites de inverno aparece, surge, somese, reaparece, volatiliza-se, largando atrás de si uma esteira afunilada de frio, como que querendo deixar no expectador apavorado o testemunho de sua origem sobrenatural. E a "mulher dos três metros", da cor da lua, diáfana e enregelada. Alma perdida, saída, talvez de outro mundo, do mundo onde os espíritos peregrinam e cujo aspecto só o verso triunfal de Dante poude descrever nas harmoniosas páginas da "Divina Comedia". Mas, quando e de onde emerge o fantasma que apavora os nativos, e mesmo as mocinhas que procuram trocar juras de amor nos escuros da Escola Normal?

Há muita gente nova em Patos e a juventude aqui nascida com estes advenas sempre bem vindos ignoram que onde, hoje, se levanta o majestoso edifício do fórum foi um cemitério. Desconhecem também que onde se ergue a estátua do Presidente Olegário Maciel plantava-se uma capela, pequenina e branca, e na qual fundadores da cidade enterravam os seus mortos.

Estes fatos que só os antigos conhecem, respondem a nossa pergunta, isto é, de onde surge o vulto com forma de mulher que, ultimamente, aterra as pessoas descuidadas que perambulam pelas ruas escuras nestas longas e vagarosas noites de inverno.

Alma de outras épocas, quer rever a terra natal. Quer matar saudades dos sítios onde foi feliz, onde brincou ao sol, onde amou e pecou. Percorre as mesmas trilhas, e indiferente ao mundo de hoje, não vê o passante que lhe é desconhecido.

Alguém pode duvidar do que afirmam tantas e tantas testemunhas, por que muita gente não acredita "em almas do outro mundo". Para estas pessoas queremos recordar a lição de um preto velho que aqui foi escravo e morreu e a qual recolhemos da boca de antigos filhos de Patos. Dizem ele, compassadamente, que nestas cousas do outro mundo era necessário precaução, porque se muita gente de verdade

[27] Folha de Patos. Patos de Minas, 05 de agosto de 1945. Fonte: Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. Acesso em: 27 de junho de 2023.

afirmava que não apareciam as almas dos mortos, muita gente de verdade também afirmava o contrário. E é a preocupação tão necessária na vida...

Geralmente só velhos que já adquiriram o "saber da experiência feito" a possuem. A mocidade descuidosa a ignora. Mas sigamos a lição do velho negro. Ela surgiu do "saber da experiência feito" A "mulher dos três metros" continua a ser vista nas caladas da noite. Vieram-na várias pessoas. Saindo do fórum, o grande edifício construído sobre ossadas dos que dormiam em campo santo, atravessa o jardim sombrio, enfeitado de ciprestes e magnólias, e some-se atrás da estátua do velho e inesquecível Presidente. E quem já olhou o prédio do fórum numa noite pálida de lua, com a sua pintura azulada, sente uma impressão de quietude, paz suspeita e vaga...

Breve a história da "mulher dos três metros" passará para o domínio da lenda. Mas são estas lendas que tornam a vida agradável, amenizam as intempéries dalma, e nos dá assunto para que possamos passar, mas um inverno poeirento e longo, na espera de ilusórias berneses pue da – de nos trazer a próxima primavera.

Autor desconhecido

AINDA A MULHER DOS TRÊS METROS – Sensacionais revelações do Professor Aristoteles[28]

Em virtude da notícia inserida em nosso último número sobre a mulher que nas caladas da noite vem sendo vista nas imediações do fórum e escola normal, vista como visão de outro mundo, porque seguida desaparece misteriosamente, soubemos que o Prof. Aristoteles, conhecido como astrólogo e proprietário, tinha sensacionais revelações sobre o palpite assunto, nós o procuramos com o objetivo de obter dele informes para os nossos leitores.

Relutando em prestar declarações, ascendeu afinal e informou-nos o seguinte: "De fato, depois de ter perdido noites e noites em pesquisas, pude a uma hora da madruga de sexta-feira passada, avistar-me com a já famosa mulher, fato que se deu em frente à casa do meu amigo Dr. Ernani Morais Lemos, mais ou menos no local onde foi a igrejinha referida na notícia do seu jornal. A visão é de uma mulher magra, com um manto branco, ocultando um corpo de forma cadavérica, meio

[28] Folha de Patos. Patos de Minas, 12 de agosto de 1945. Fonte: Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. Acesso em: 27 de junho de 2023.

transparente, alta, sem, contudo, ter os três metros populados. Em minha companhia encontrava-se dois amigos cujos nomes poderei declinar desde que tenha para isso autorização dos mesmos. E, parte cômica, estes companheiros que são valentes com coisas cá da terra voaram ante a visão sinistra e deixaram-me só em colóquio com a alma perdida.

E o Prof. Aristoteles fez-nos interessantíssimas revelações sobre o assunto, afirmando que continuará em pesquisas para desvendar o mistério. De tudo daremos detalhada notícias no próximo número.

Autor desconhecido

E A SOMBRA ASSIM FALOU… - A sensacional entrevista do Prof. Aristoteles[29]

Quando eu dela me aproximava para decifrar-lhe o enigma, apalpar-lhe o corpo esquio e contornar-lhe as formas com as mãos tremulas, em vez do tépido calor característico da vida, vergastou-me a pele uma lafada fria e inquietadora. Estava deante de uma sombra impalpável, diáfana e subtil como a luz da lua crescente que naquela hora morta da noite se escondia atrás da serra que encurta o horizonte.

Quem sois, perguntei-lhe eu? E a sombra balançou-se como folha de palmeira agitada pela briza morna da tarde. E de ao lado, hesitante, uma voz como que vinda de longe, assim falou. “Eu sou aquela que, nestas plagas, fui a mais bela. Tive uma pele de lírio e uma boca de rosa em botão. Meus olhos eram faíscas de amor e meu cabelo tranças de oiro. Meu corpo tinha a plástica divina e meus seios constituíam um impulso perene à castidade. E a minha vida foi um trágico romance. Aqui, pavonei a minha beleza. Percorri terras distantes, mares bravios sempre e sempre em busca de amor. O meu orgulho não tinha fim. Homens, vi-os arrojados a meus pés. Loucos de amor, baixaram a sepultura. Maltratei escravos, fi-los sofrer para dar pasto a minha vaidade. Trajes, trocava-os a cada contradança, nas festas que promovia. Uma imagem da Virgem, mandei-a vir de país longínquo e entronizei-a no altar. Queria redimir aos meus pecados, mas a Virgem prescutava minha alma e não m’os quis perdoar. Mas tudo finda sobre a terra, e a era de aventuras tinha que passar com a

[29] Folha de Patos. Patos de Minas, 26 de agosto de 1945. Fonte: Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. Acesso em: 27 de junho de 2023.

mocidade. Em turvado a beleza, foram também fugindo, mais depressa que contava, os dias venturosos. Cruzes e cruzes erqui em meus passos. Já velha, pobre e doente, o orgulho ainda me devora as entranhas. Excomungaram-me e cumpri a sentença. Morri cheia de vermes, com a alma sangrando. Nunca fui sincera me minhas preces e por isso ainda vagueio, de quando em quando, por estás paragens, onde fui feliz pelo muito que amei e pelo muito que vivi.

De quando em vez, ainda tenho ódio dos que são venturosos, e tenho vontade de estrangulá-los, traze-los para minha companhia para vagarmos juntos nestas noites frias de inverno. E' está a minha cina. Orai, na terra, para que a mesma se quebre e eu tenha paz dos mortos."

E como a sombra que se esmaece ao beijo da luz, a visão se foi sumindo-se nas trevas. A cidade dormia em paz, esperando a madrugada. Percorri as imediações; prescrutei todos os lugares, e a sombra esguia de mulher, que muitos julgam medir três metros, desaparecera completamente. Quando me recolhi, já a aurora esplendia com os meus mais fulgidos albores.

Estas foram as declarações do conhecido astrólogo – Prof. Aristoteles sobre a palpitante questão da "mulher dos três metros".

A "Folha de Patos" transmitindo-as a seus leitores, agradece a gentileza de deu dileto amigo.

Autor desconhecido

Essa lenda "Mulher dos Três Metros" descrita pelo Professor Aristoteles e publicada em 1945 no jornal de Patos de Minas, nos fazem remeter diretamente a lenda "Mulher de Sete Metros", apresentada no livro de Oliveira Mello (1970) e também reproduzida no site de Eitel Teixeira Dannemann em 2013. Podemos identificar aqui diversas semelhanças que apontam que a segunda se originou da primeira. Sobre tais semelhanças, em entrevista concedida à autora, Eitel aponta que:

> Eu publiquei "A Mulher de Sete Metros" em 11/02/2013. Poucos meses após, numa de minhas pesquisas no LEPEH, uma "sensacional descoberta" no jornal Folha de Patos de Agosto de 1945: o caso de uma mulher de três metros que estava assustando o povo descrita por um "tal" de Prof. Aristóteles. As características da narrativa do jornal são muito próximas do relatado pelos historiadores da Mulher de Sete Metros, com a diferença do tamanho, que é de "três metros", ou ainda menor. Seria a mesma mulher?

> Tudo leva a crer que se trata da mesma mulher. Quem sabe, devido á tradição oral ao passar dos tempos, o povo foi aumentando o tamanho da mulher até se firmar nos “sete metros”. Na verdade, não existe registro da imprensa sobre uma mulher de sete metros. Quanto à de três metros, estão aqui os registros, evidenciando que a Mulher de Sete Metros se originou da Mulher dos Três Metros. Eu passei a conhecer essa lenda depois que li sobre elas (Dannemann, 2024)

A lenda da “Mulher dos Três Metros” apresenta, assim como naquela narrada por Oliveira Mello, os lugares marcantes e as transformações ocorridas em Patos de Minas, ilustrando uma cidade que se renovava, onde o passado tentava permanecer vivo na memória e nas histórias. Como dito anteriormente, a aparição dessa figura fantasmagórica se dava nas noites de inverno, nas redondezas da casa do Olegário Maciel e a Escola Normal, que outrora ocupava o espaço onde hoje se encontra o Fórum e a estátua do Olegário Maciel. Muitos diziam que ela vagava com uma postura altiva e olhar penetrante, como se velasse a memória de Olegário ou se conectasse simbolicamente à figura pública que ele representava. O então prefeito de Patos de Minas, Clarimundo José da Fonseca Sobrinho, inaugurou solenemente o monumento em homenagem a Olegário Maciel, falecido em setembro de 1933, levando-lhe um monumento a praça pública, quase em frente à então residência do homenageado na Avenida Municipal, onde hoje se encontra o Museu da cidade de Patos de Minas, *(Figura 72)*, atual Avenida Getúlio Vargas.

Figura 72: Avenida Getúlio Vargas, 1936. A esquerda em primeiro plano, prédio da Escola Normal. A direita, parte da fachada da casa de Olegário Maciel. No centro, da primeira quadra, em segundo plano, busto de Olegário Maciel cercado por postes com iluminação.

Figura 73: Casa do Olegário Maciel, hoje museu da cidade de Patos de Minas. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

A presença enigmática dessa mulher, associada ao busto, fortalece o imaginário coletivo em torno dos símbolos históricos da cidade, mantendo vivas as lendas que transcendem gerações e instigam o fascínio dos habitantes por esses personagens e suas histórias. A Escola Normal, um dos mais antigos e respeitados edifícios de Patos de Minas e localizado próximo carrega em seus corredores e paredes a história da educação e do desenvolvimento cultural da cidade. Originalmente, criada para formar professores, a instituição tornou-se um símbolo de saber e tradição, abrigando memórias e vivências de incontáveis alunos e educadores ao lingo de décadas. Contudo, o território em torno da escola também é palco de mistérios e lendas que permeiam o imaginário popular, entre elas a aparição da enigmática “mulher dos três metros”.

Segundo moradores e antigos alunos, essa figura espectral surgia nas imediações da escola ao cair a noite, impondo-se com sua altura descomunal e expressão introspectiva, sempre observando silenciosamente. A presença dela ainda parece mexer com o cotidiano da comunidade local, principalmente para quem passa pelo local à noite, criando uma aura de temor e curiosidade em torno do prédio

histórico. Esta lenda não apenas contribui para o mistério que envolve a Escola Normal, mas também afeta o modo como as pessoas se relacionam com o espaço ao redor.

Figura 74: Vista aérea da escola Normal, E. E. Prof. Antônio Dias Maciel. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas. Acesso em: 24 de agosto de 2023.

Figura 75: Vista aérea da escola Normal, E. E. Prof. Antônio Dias Maciel. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas. Acesso em: 24 de agosto de 2023.

A história personifica a transição entre o antigo e o novo, simbolizando as raízes do território e sua evolução. Com o desenvolvimento urbano, o espaço que antes abrigava rituais e repouso tornou-se um centro cívico, representando a cidade moderna que substitui os marcos da memória coletiva por construções e monumentos. Esta lenda resgata, por meio de uma narrativa sombria, a persistência das marcas deixadas pela ocupação inicial, proporcionando uma conexão entre os habitantes atuais e o passado, mesmo que de forma misteriosa e sobrenatural.

Figura 76: Avenida Getúlio Vargas na década de 1950. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

Na *Figura 75,* no lado direito a casa construída por Olegário Dias Maciel entre 1910 e 1915, com seu busto em destaque no meio da praça, de 1936. Logo a seguir, na esquina com a rua Olegário Maciel, a casa construída por Antônio Dias Maciel Júnior em 1907 e adquirida em 1920 por Zama Alves Pereira. No outro lado da esquina, a Rádio Clube, prédio construído por Amadeus Dias Maciel e o Fórum Olympio Borges. Na segunda fotografia *(Figura 76)*, já chegando na década de 2000, a consequência do progresso e a ausência do busto do Monsenhor Fleury, que foi

colocado em 30 de dezembro de 2004 de frente à Catedral de Santo Antônio e de costas para o busto de Olegário Maciel.

Figura 77: Avenida Getúlio Vargas chegando na década de 2000. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas. Acesso em: 24 de jul. de 2023.

A localização dos dois monumentos na Avenida Getúlio Vargas apresenta uma particularidade interessante. Segundo Alex de Castro Borges e R. M. Ferreira e Silva, em *Informe Histórico de Patos de Minas*, o conflito religioso entre as famílias Borges e Macieis se refletiu na "configuração simbólica do cenário urbano da cidade de Patos". A Catedral de Santo Antônio seria a demarcação, o "limite simbólico do território". Ao Norte, território da família Borges; os Sul, da família Maciel. Por causa dessa desavença familiar, o busto de Olegário Maciel foi colocado de costas para Matriz (território dos Borges) e voltado para o sul, o "futuro" da cidade e onde se localiza a Escola Normal e a Igreja Presbiteriana. Já o busto do Monsenhor Fleury, colocado em 30 de dezembro de 2004, foi colocado de costas para o Olegário, a mirar a sua igreja, o território dos Borges e o lado norte, onde nasceu a cidade e onde se localizam os colégios católicos Nossa Senhora das Graças e Marista.

1.3.3 – Eitel Teixeira Dannemann e as lendas no EFECADEPATOS

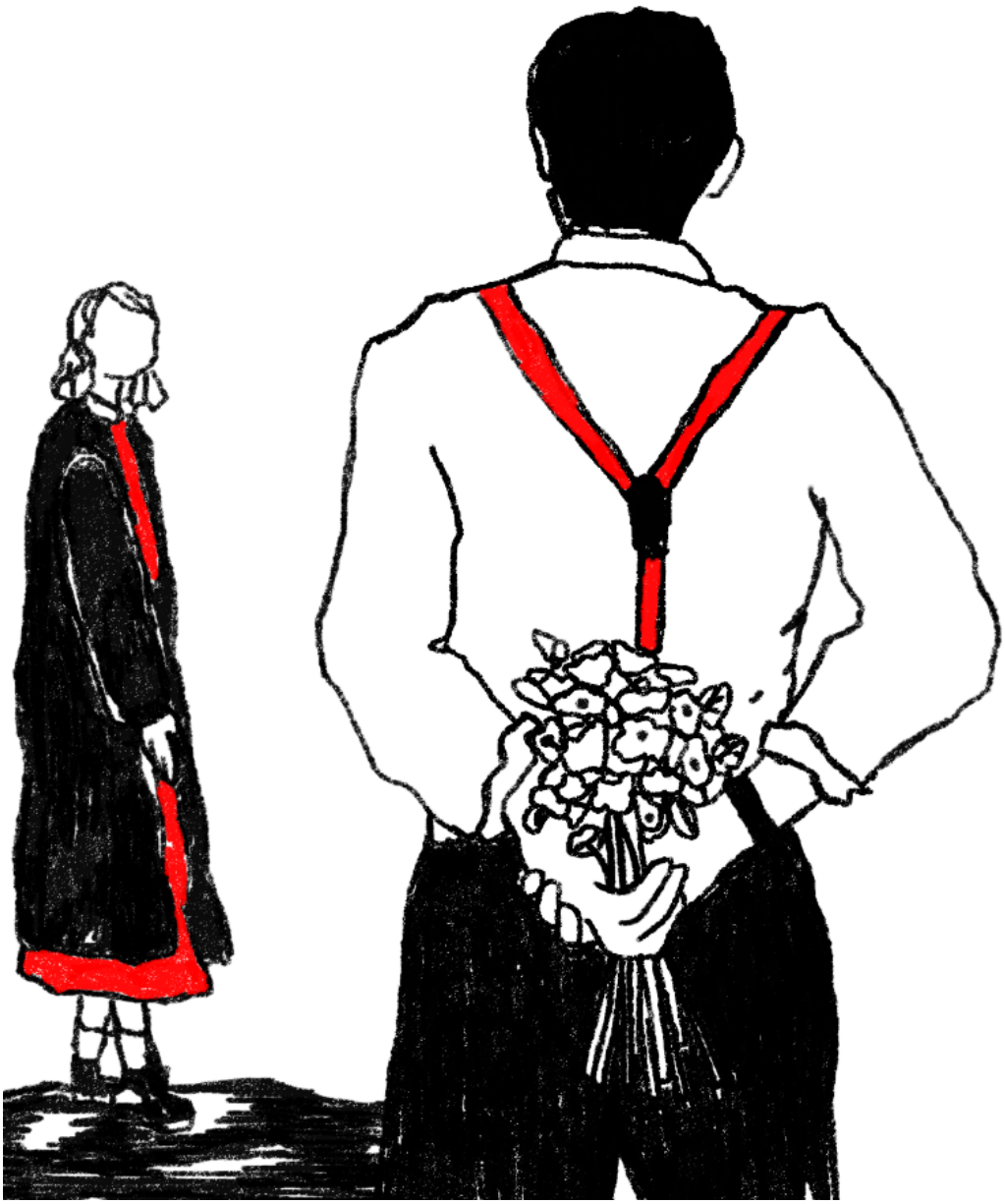
O site *Efecadepatos*, mantido por Eitel Teixeira Dannemann, apresenta uma rica coleção de lendas e narrativas populares de Patos de Minas, resgatando aspectos valiosos da tradição oral local. Desde a criação do site em 2013, as publicações de Dannemann reúnem relatos sobre figuras e acontecimentos misteriosos, que carregam significados culturais e históricos importantes para a comunidade patense. Entre essas lendas, destacam-se histórias que revelam a relação dos moradores com o ambiente, o sobrenatural e os simbolismos da cidade, como em *A Lenda do Cravo e a Janela*, de Zama Maciel, e *O Moço da Vela*.

O interesse pela história do município começou com Fernando Kitzinger Dannemann, pai de Eitel, que teve experiências jornalísticas em Patos de Minas entre 1956 e 1957, com o jornal *Tribuna de Patos*, e de 1996 a 1998, com *O Tablóide*. Durante esses períodos, Fernando se dedicou a compartilhar dados históricos com os leitores. Após um problema de saúde, em 2000, ele encontrou na escrita uma atividade de lazer, publicando textos no site *Recanto das Letras*. Inicialmente focado em contos de humor, Fernando expandiu sua produção para temas como história geral, crenças, lendas e superstições. Com o tempo, seu espaço no *Recanto das Letras* tornou-se insuficiente, levando-o a criar seu próprio site, o *EFECADE* – sigla formada pelas iniciais de seu nome completo. Em 2010, Fernando delegou a Eitel a responsabilidade de dar continuidade às pesquisas sobre a história patense. No final de 2012, problemas de saúde impediram Fernando de continuar editando o *EFECADE*. Para preservar o conteúdo já produzido e ampliá-lo, Eitel decidiu criar o site *Efecadepatos*, que foi lançado em 31 de janeiro de 2013. A plataforma presta uma homenagem ao trabalho de Fernando e segue como uma fonte de consulta valiosa, especialmente para estudantes, mantendo viva a memória e as tradições culturais de Patos de Minas.

Dannemann se considera um pesquisador da história de Patos de Minas, pesquisando nas fontes do passado, tais como jornais, revistas, livros de historiadores e ainda de pessoas que guardam na memória fatos de nossos idos tempos, como as lendas da entrevista, por exemplo. Por meio do site, Dannemann desempenha um papel fundamental na preservação e na divulgação dessas lendas, que fortalecem o patrimônio imaterial e a identidade cultural da cidade. A seguir, serão apresentadas algumas das lendas mais marcantes registradas por Dannemann, que revelam não apenas o imaginário local, mas também a rica história oral que atravessa gerações.

Figura 78: Capa do site EFECADEPATOS. **Disponível em:** https://efecadepatos.com.br/ **Acesso em:** 24 de set. de 2024.

O CRAVO E A JANELA[30]



[30] Texto original de Zama Maciel publicado com o título “A lenda da janela e doo cravo” na edição de 04 de outubro de 1942 do jornal Folha de Patos. Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Versão de Eitel Teixeira Dannemann se encontra publicada em: https://efecadepatos.com.br/?p=14356 .

Naquela primavera havia muita rosa florindo nos canteiros da Avenida Benedito Valadares, e também outras flores se abriam cândidas, perfumadas, enfeitando os jardins da pequena Patos.

Repetindo o gesto eternamente ridículo de uma alma enamorada, ele colheu um lindo cravo, em botão, e, como símbolo de seu grande amor, foi leva-lo à mulher de seus sonhos. Palpitando de emoção lhe entregou a flor, e ela indiferente, sorrindo, a recebeu.

Neste dia, ela na infinita maldade de mulher bonita que se sente amada, disse-lhe da aversão que por ele sentia, do desprezo que tinha por suas juras de amor e do aborrecimento que lhe causava a sua profunda e imensa adoração.

Ele partiu para não mais voltar, e ela gargalhou, atirando o cravo num canto esquecido. Mas, não se sabe como, na manhã seguinte, à sua janela, outo cravo apareceu. Era irmão do outro e não fora colhido em nenhum jardim, nem mãos humanas o haviam tocado.

Ele implorava a Deus para que lhe mandasse cravos. Flor que lhe haveria de sempre recordar um grande e puro amor que lhe havia dedicado, mas que também lhe lembrasse a sua maldade e o seu orgulho.

Então, naquela janela, de vez em vez, aparece um cravo que traz um perfume do céu. E dizem que ela não o toca, e em toda parte o vê. Tem medo de atirá-lo fora. Receia beijá-lo e aspirar-lhe o perfume inefável. Às vezes chora, outras vezes, maldiz. Anda de um lado para o outro, e sempre tem a visão do cravo que ela jogou num canto e dos outros irmãos que lhe amanhecem à janela. Ninguém sabe qual será o seu fim, e se alguém, pela madrugada passar-lhe à vista da janela, vai vê-la espreitando a mão invisível, que, de quando em quando, lhe deixava um cravo.

Dizem que a flor desce do céu com o sereno da noite. É que Deus santificou o amor, e as flores que nasceram nos montes ou nos jardins, à beira dos cursos d'água ou na rocha viva, são expressões desse mesmo sentimento vivificador, devem também recordar a sublimidade desse afeto divino.

Na mesma janela, por muito tempo ainda, um cravo aparecerá, e dizem que quem o apanhar será sempre feliz com seus amores. Ela, no entanto, nunca o tocará.

Eitel Teixeira Dannemann

A lenda de “O Cravo e a Janela” parece capturar a atmosfera romântica e envolvente da cidade em um momento de crescimento. A história, situada em uma Patos florida e tranquila, com jardins bem cuidados e canteiros cheios de flores, evoca uma primavera idílica que remete aos tempos em que a Avenida Benedito Valadares, e outros pontos centrais, eram símbolos de beleza e convivência social.

A narrativa em si simboliza as transformações emocionais e urbanas da cidade ao longo dos anos. A janela onde o cravo aparece repetidamente representa uma ligação entre o espaço privado e o público, sugerindo como sentimentos e histórias pessoais se entrelaçam com a identidade do território. O surgimento do cravo de maneira quase mágica ilustra como espaços físicos da cidade guardam memórias e sentimentos, tornando-se cenários de encontros e lembranças coletivas.

Antes de ser chamada de Rua Major Gote, a principal via de Patos de Minas era conhecida como Avenida Benedito Valadares. Esse nome fazia homenagem ao político mineiro Benedito Valadares, que foi um importante governador de Minas Gerais, especialmente na época do Estado Novo, e influenciou o desenvolvimento de muitas cidades no estado. A avenida era o coração comercial e social da cidade, alinhando-se aos canteiros floridos e jardins que embelezavam o espaço urbano e que são mencionados em lendas e relatos da época, como a lenda “O Cravo e a Janela”.

Com o passar do tempo, a avenida foi renomeada em homenagem ao Major Francisco Ferreira Gote, mais conhecido como Major Gote, uma figura marcante na história local que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da região. A mudança de nome também simbolizou a valorização da identidade e das raízes locais, reafirmando a conexão da cidade com suas próprias histórias e personagens. Assim, a avenida, que sempre foi um importante ponto de encontro e de movimentação, também passou a refletir a evolução da cultura e das homenagens que a cidade presta às suas figuras históricas e influências mais próximas.

Em 1930, a Rua Major Gote era uma via fundamental em Patos de Minas, representando um eixo de crescimento e desenvolvimento urbano. Embora ainda não tivesse a movimentação e a estrutura que se consolidaram décadas depois, já despontava como um importante ponto de conexão entre os bairros e o centro da cidade. Na época, o comércio local começava a se expandir, com pequenas lojas, residências e pontos de encontro, que contribuíam para a socialização dos moradores e o fortalecimento da economia local.

Figura 79: Rua Benedito Valadares, hoje Major Gote na década de 1930. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Nos tempos em que a Rua Major Gote funcionava como uma via de mão dupla, poeira ou lama, postes no meio da rua a dinâmica do trânsito em Patos de Minas era bastante diferente do que se vê atualmente. A rua, que é uma das principais artérias da cidade, abrigava uma movimentação constante, dividindo seu fluxo para atender ao tráfego em ambas as direções. Essa configuração, embora comum nas décadas passadas, gerava desafios com o crescimento do número de veículos e o aumento das atividades comerciais na região. Com o tempo, a crescente urbanização e a intensificação do comércio local tornaram a rua mais movimentada e suscetível a congestionamentos, especialmente em horários de pico.

Na década de 1950, a Rua Major Gote já se destacava como uma das principais vias de Patos de Minas, marcada pela presença de estabelecimentos comerciais e pela movimentação intensa de pessoas e veículos. A rua começava a adquirir o caráter comercial que a definiria nas décadas seguintes, tornando-se um ponto de encontro e socialização para os moradores e um local onde muitos negócios e serviços eram concentrados. Embora ainda não houvesse o mesmo fluxo de veículos de hoje, a Major Gote experimentava uma evolução urbana evidente, com novas lojas

e prédios sendo construídos para acompanhar o desenvolvimento econômico da cidade. Durante esse período, a rua já aparentava características residenciais misturadas ao comércio, refletindo um espaço que se transformava conforme o crescimento e a modernização de Patos de Minas.

Figura 80: Rua Major Gote no final da década de 1940. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Figura 81: Rua Major Gote no final da década de 1950. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Figura 82: Rua Major Gote no final da década de 1960. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 17 de agosto de 2023.

Nos anos 1970, o desenvolvimento urbano já era evidente, com o comércio florescendo e novas construções se espalhando por toda a sua extensão. Era uma época em que a cidade experimentava o auge do seu crescimento e modernização, e a Major Gote refletia bem essa transformação. A rua mantinha-se movimentada, abrigando uma variedade de lojas, escritórios e serviços, que atendiam não apenas aos moradores locais, mas também à população das cidades vizinhas, que viam na Major Gote uma referência para compras e encontros sociais. A arquitetura da década mesclava o antigo e o moderno, com prédios de linhas simples e funcionais substituindo gradualmente as construções mais antigas e residenciais. As calçadas já recebiam mais pedestres e a presença de veículos aumentava, trazendo consigo os primeiros sinais de congestionamento, especialmente nos horários de pico. A Major Gote, em 1970, simbolizava uma Patos de Minas que buscava se atualizar e acompanhar as tendências urbanas, consolidando-se como uma via de grande importância econômica e social para a cidade.

A transformação da rua em via de mão única trouxe organização e fluidez ao trânsito crescente. Esse período foi significativo também para o imaginário local, pois muitas das lendas urbanas e histórias misteriosas associadas à rua ganharam novas

interpretações conforme a cidade se modernizava. Uma dessas histórias é a lenda do "Cravo e a Janela," que nos transporta para uma cidade ainda bucólica, onde romances idealizados e amores não correspondidos se desenrolavam nas janelas das residências que enfeitavam a avenida.

Com a rua agora recebendo um fluxo constante de veículos, e as fachadas dos prédios refletindo o progresso, o cravo da lenda simboliza não só o amor platônico, mas também a resistência e o mistério do passado diante da modernidade. Assim como o cravo que sempre surge na janela, a essência da rua Major Gote e suas histórias permanecem, trazendo uma camada de nostalgia e tradição em meio às mudanças da cidade.

O MOÇO DA VELA[31]

Nos idos tempos, lá para as bandas do campo de aviação, moravam Jandira e sua mãe. O que a filha mais gostava de fazer era ficar na janela que dava para o passeio até altas horas da noite, na esperança de um dia passar por lá um príncipe encantado. A mãe não concordando com aquela mania, sempre alertava.

- Moça virgem que fica escorada na janela voltada para rua depois da meia-noite acaba por receber o que não procura.

De nada adiantavam as admoestações, a Jandira não obedecia de modo algum. Assim, todas as noites, lá se postava ela na janela, até de madrugada, indiferente a tudo, esperando o seu príncipe encantado, e essa desfaçatez deixava muito triste a sofrida mãe.

Certa noite, onze e meia, postou-se diante dela um lindo rapaz com uma vela acesa na mão direita. A moça admirou-se com tamanha beleza do moço e ficou extasiada quando ele apagou a vela dizendo:

- Prezada donzela, por favor, repouse essa vela abençoada ao lado direito de seu leito. Dentro de trinta minutos voltarei para pegá-la.

Dita as palavras, o moço se retirou. Jandira, então, como sempre avoada, após executado o pedido, voltou à janela para esperar o misterioso príncipe encantado.

[31] "O Moço da Vela", de Eitel Teixeira Dannemann, coletado de antigos moradores do ex-Campo de Aviação. Publicado em: https://efecadepatos.com.br/?p=30112 .

Exatamente a meia noite, apareceu o donzelo solicitando a vela. Jandira, emocionada, foi buscá-la. E lá chegando, quanto pavor sentiu ao não ver a vela e sim um esqueleto deitado em seu leito. O monte de ossos ergueu-se com um sorriso sinistro, passou por ela e saiu pela janela. Chegando lá, Jandira não viu o seu príncipe encantado, mas a caveira lhe dando adeus e logo depois desapareceu.

Dizem as boas línguas que a Jandira, depois da trágica experiência, nunca mais ficou escorada na janela e que, mesmo meio abobalhada, encontrou um príncipe encantado. Durante muitos anos, até mesmo depois que a CEMIG se instalou no antigo campo de aviação, muitas moçoilas desobedientes se viram diante do moço da vela, e o resultado foi o mesmo de Jandira, até que ele nunca mais apareceu. Até hoje, algumas mães ligadas à gente daquele tempo, suplicam aos céus que ele volte!

Eitel Teixeira Dannemann

A lenda do "Moço da Vela," ambientada nas redondezas do antigo campo de aviação de Patos de Minas, revela uma conexão simbólica entre as transformações do espaço e o imaginário local. No conto, Jandira é uma jovem que, na esperança de um amor idealizado, desafia os avisos da mãe ao ficar na janela, onde acaba recebendo a visita de um misterioso rapaz que lhe entrega uma vela com instruções específicas. Ao retornar, ele se transforma em um esqueleto, assustando a moça e marcando-a para sempre.

Originalmente, o campo de aviação era um lugar isolado e cercado de lendas, como essa do Moço da Vela. No entanto, à medida que a cidade se expandiu e a Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) se estabeleceu nesse local, o espaço foi reconfigurado, e a paisagem passou a ter uma função urbana. Mesmo assim, a lenda persiste, mantendo viva a memória das transformações locais e das tradições populares, ao lembrar que cada local de Patos de Minas, mesmo que urbanizado, traz consigo histórias enraizadas na cultura e na imaginação dos moradores.

O antigo campo de aviação de Patos de Minas teve um papel significativo na história da cidade, especialmente durante as décadas de 1940 e 1950. Originalmente, essa área serviu como um ponto de pouso e decolagem para aeronaves, facilitando o transporte e a comunicação na região. O campo não apenas contribuiu para a modernização do município, mas também se tornou um local de lembranças e histórias, incluindo lendas urbanas como a do "Moço da Vela".

Figura 83: Panorâmica na década de 1940, mostrando a "Lagoa Grande". Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 15 de set. 2022.

Com o passar do tempo, especialmente após a instalação da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG), o campo passou por transformações urbanísticas que mudaram sua função e seu significado para a comunidade local. A urbanização trouxe novas construções e uma reconfiguração do espaço, mas também deixou no imaginário coletivo a memória de um tempo em que o céu era o limite e o campo de aviação representava sonhos e esperanças. O campo de aviação hoje é lembrado não só como um marco de progresso, mas também como um lugar que guardou e perpetuou histórias, lendas e tradições que fazem parte da identidade cultural de Patos de Minas. A transição desse espaço de um ponto de aviação para uma área urbanizada ilustra como as cidades evoluem, mantendo a memória de seu passado enquanto se adaptam às novas realidades.

Além disso, a memória do campo de aviação e as histórias e lendas associadas, como a do “Moço da Vela”, marcaram a cultura local e se mantiveram vivas entre os moradores, reforçando o valor simbólico e histórico do lugar. Hoje, essa área é totalmente urbanizada, destacando-se pelo seu papel na transição de Patos de Minas para uma cidade cada vez mais conectada e desenvolvida.

O único registro encontrado do antigo campo de aviação de Patos de Minas é uma planta baixa, que oferece uma visão valiosa sobre a configuração e a funcionalidade desse espaço nos primórdios da aviação na região. Esta planta não apenas documenta as instalações do campo, como também ilustra a interação entre a infraestrutura e o desenvolvimento urbano da cidade. Através dela, podemos vislumbrar como o campo de aviação se integrava à vida cotidiana da população, revelando a importância desse local como um ponto de conexão e progresso. Essa planta baixa é um testemunho tangível de um tempo em que o céu se abria para novas possibilidades e destaca a relevância histórica do antigo campo no contexto das transformações urbanas de Patos de Minas.

Figura 84: Planta Cadastral da região do Antigo Campo de Aviação e Lagoa Grande. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de julho de 2023.

Entramos em contato com Eitel Teixeira Dannemann, que gentilmente concedeu uma entrevista sobre as lendas de Patos de Minas, a pesquisa que desenvolve sobre o tema e que é publicado no site EFECADEPATOS, site este que vem proporcionando uma contribuição significativa para o aprofundamento das tradições culturais e do imaginário popular local. A entrevista com Eitel nos ofereceu uma visão profunda e rixa sobre o resgate e a preservação das lendas de Patos de Minas, destacando a importância do trabalho memorialista e de pesquisa histórica. Ele nos explicou que, desde a fundação do EFECADEPATOS, tem se dedicado a registrar as lendas que circulam pela cidade, muitas delas contadas oralmente por gerações. Dentre os aspectos abordados, Eitel menciona como o contato com as histórias de seus avós e outros familiares moldou seu interesse pelas lendas locais. Ele ressalta a influência de fatores culturais, como a imigração e a interação com povos indígenas, na criação dessas narrativas, que frequentemente se misturam com elementos do cotidiano e superstições. Também comentou sobre a influência da modernidade e da tecnologia, observando que o interesse pelas lendas parece ter diminuído entre os mais jovens, que, segundo ele, preferem as novas mídias às histórias transmitidas oralmente. Destacou, ainda, que algumas lendas de Patos de Minas, como “A Mulher de Sete Metros” e “O Moço da Vela”, continuam a marcar o imaginário local, mesmo que seu registro e estudo sejam, atualmente raros. A entrevista, que muito contribuiu para elucidar algumas questões que surgiram no decorrer deste trabalho, se encontra no anexo da dissertação.

Ao longo da pesquisa, foram registradas as lendas que testemunham o imaginário popular de Patos de Minas, cada uma retratando aspectos do dia a dia, das crenças e dos enigmas que formaram a identidade da cidade ao longo dos anos. Esses relatos, transmitidos de geração em geração, escritas por Oliveira Mello, por colaboradores anônimos dos jornais da cidade, e por Eitel Dannemann. Evidenciam um vínculo intenso entre os residentes e os ambientes urbanos e rurais, onde figuras míticas e narrativas misteriosas reverberam. Dentre as lendas mais conhecidas e outras menos conhecidas, foram escolhidas as que melhor representam o simbolismo local e que se ambientam em lugares significativos da cidade. Cada uma oferece uma visão enfatizando a relevância de manter essa memória coletiva preservada.

Concluímos este capítulo destacando o papel fundamental das lendas na preservação da memória e identidade de Patos de Minas. Narrativas como a da “Mulher de Três Metros,” do “Moço da Vela,” e do “Cravo na Janela” não são meras

histórias fantásticas; elas representam um elo entre o passado e o presente da cidade, participando das transformações que moldaram o território e os hábitos dos seus habitantes. Cada lenda remonta a um tempo em que o espaço urbano, hoje amplamente modificado e urbanizado, era marcado por diferentes usos e costumes, com ruas que abrigavam campos e praças hoje desaparecidos ou transformados.

Através dessas histórias, percebemos como a cidade se construiu tanto materialmente quanto simbolicamente. As lendas funcionam como um mapa de imaginários coletivos, em que os lugares ganham novas significações e passados alternativos, refletindo os anseios, medos e memórias dos moradores. Esse olhar para o território através do folclore Patense cria uma visão rica e detalhada de uma cidade em constante transformação. No próximo capítulo, embarcaremos em caminhadas pela cidade para explorar esses espaços e perceber como o presente ecoa o passado. Através das ruas, praças e marcos históricos, nos aproximaremos fisicamente dos locais das lendas, tentando captar as histórias que ainda sussurram nas esquinas e espaços da cidade. Será um convite para conhecer Patos de Minas não apenas por sua aparência moderna, mas pelo valor cultural e histórico que carrega em cada rua.

CAPÍTULO 02

CARTOGRAFIAS POSSÍVEIS

A cartografia é a ciência e a arte de elaborar mapas, que se dedica ao estudo, representação e interpretação de mapas e cartas geográficas. Ela desempenha um papel fundamental em nossa compreensão do mundo, facilitando a representação e a interpretação de paisagens, territórios, entre outros. Considera-se que mapas são importantes para estudar as explorações, a expansão e a transformação das cidades. Longe de atuarem como uma simples imagem interpretativa da natureza, os mapas redesenham e reescrevem o mundo, assim como qualquer outro documento, respeitando relações e práticas de poder, preferências e propriedades culturais. A cartografia também se torna importante por trazer aos olhos o que antes estava invisível, a subjetividade por trás da materialização urbana. É necessária, portanto, para fazer apontamentos sobre uma nova forma de enxergar questões do urbanismo.

> "A fascinação exercida pelos mapas como documentos criados pelo ser humano está não unicamente no fato de serem objetivos ou exatos, senão também na sua ambivalência inerente e em nossa habilidade para encontrar novos significados, agendas ocultas e visões do mundo opostas nas entrelinhas na imagem" (Harley, 2005, p. 61).

Como prática, a cartografia tradicional desempenha uma função crucial na representação e exploração dos territórios. Os mapas convencionais oferecem uma contabilidade detalhada e precisa das características geográficas locais promovendo a navegação e a planificação de atividades humanas. Para além da sua função de utilidade, os mapas convencionais representam igualmente documentos históricos, uma vez que acompanham as alterações nas fronteiras políticas e nas paisagens culturais ao longo do tempo. Assim, a cartografia tradicional não apenas mapeia o espaço físico, mas também encapsula a interação humana com o ambiente ao longo da história. Os mapas clássicos, ou decalques, como as cartografias da geografia tradicional, são tidos como:

> Ferramentas de materialização de ideologias que contêm dados e discursos vinculados a determinado espaço-tempo, sendo diretamente comprometidos pelas intenções do autor e pelas expectativas da audiência. Além disso, os exemplos nos ajudam a lembrar que mapas são representações generalizadas e reduzidas da complexidade da realidade (Ferraz, 2017, p. 104).

Os mapas clássicos e oficiais serviram e ainda servem como base para toda a história humana. São registros de tempo que podem ser alinhados quando comparados, editados ou até mesmo expandidos. Esses mapas seguem um procedimento operacional padrão em sua execução, utilizando uma metodologia que pode ser usada novamente em muitas situações. Eles podem ser ordenados e detectados por máquinas, câmeras, pessoas ou grupos de pessoas, mas geralmente indicam um objeto distante e estacionário. O mapa implica, engendra uma ideologia e com ele o espaço é igualmente homogeneizado, fragmentado, e assim pode ser quantificado e trocado. O mapa é o suporte material da quantificação para a troca e transformação do espaço.

De acordo com, Celma Paese (2016) as representações cartográficas presentes nos mapas tradicionais, ou mesmo nos mapas oficiais, fornecem informações detalhadas sobre territórios distantes e estáticos. Essas representações consideram aspectos permanentes que se manifestam como indicadores e expressam de forma espacial a divisão socioespacial e cultural do território. É imprescindível reconhecer que os mapas clássicos e oficiais fazem parte e são ainda fundamentais para a construção histórica da humanidade. Desse modo, os mapas oficiais pedem complementação, visto que, são incapazes de expressar a experiência e visões possíveis.

As cidades estão além da materialização proposta pela arquitetura, já que se constitui pela forma como as pessoas a usam. Ela é representada pelas experiências vividas ali (Rocha, 2017). Por isto se torna importante fugir da análise mecânica da cidade e alcançar uma análise crítica diversificada, para, assim, ampliar a sua percepção do urbano. Quando o urbanismo se fixa em conceitos e ignora os usos reais feitos por pessoas reais, ele se perde. A cartografia, ao focar na dominância do local, ganha relevância ao refletir esses usos reais (Rocha, 2017). No entanto, o cartógrafo não deve descartar os conceitos, mas sim explorá-los dentro da realidade da produção do espaço. “Portanto, a pesquisa cartográfica não destitui a égide teórica, mas a mantém como pano de fundo dos acontecimentos corpóreos” (Rocha, 2017, p. 154).

A cartografia afetiva é colocada como forma de encontrar as fugas e as experiências de se viver em uma cidade pensada por normas e conceitos não-materiais e não-humanos (Rocha, 2017). Para Pinho (2017), são os habitantes da cidade que mostram qual função cumprirá determinado espaço, constituindo-se,

assim, um “outro urbano”, que apropria da construção material da cidade com propósitos que não são os conceitos originais. A cartografia afetiva entende o inconsciente como componente de um processo individual e coletivo de subjetividade composto por inúmeras causas significativamente mais complicadas do que as propostas inicialmente por Freud na psicanálise. A cartografia tenta compreender as relações que compõem o território social, abrindo-se para uma proposta de técnica analítica conhecida como esquizoanálise[32]. Cria mapas de processos que interrompem as conexões entre as áreas de pensamento enquanto examinam os desejos em busca de um corpo vibrátil (Rolnik, 1989).

A cartografia revela conexões emaranhadas entre nós humanos e os espaços por quais transitamos, destacando caminhos, lugares e paisagens que possuem significado pessoal para cada um, mostrando como os fatores culturais, sociais e individuais impactam as nossas interações com o meio em que vivemos. Os espaços vividos e carregados pelas nossas experiências, podem ser retratados em mapas baseados nas vivências diárias. Um mapa baseado em percepções pessoais não apenas relata a paisagem real, como também traz as intrínsecas emoções, memórias e significados que cada lugar desperta em diferentes indivíduos. Giulio Carlo Argan (2005) imagina que:

> se, por hipótese absurda, pudéssemos levantar e traduzir graficamente o sentido da cidade resultante da experiência inconsciente de cada habitante e depois sobrepuséssemos por transparência todos esses gráficos, obteríamos uma imagem muito semelhante à de uma pintura de Jackson Pollock, por volta de 1950: uma espécie de mapa imenso, formado por linhas e pontos coloridos, um emaranhado inextricável de sinais, de traçados aparentemente arbitrários, de filamentos tortuosos, embaraçados, que mil vezes se cruzam, se interrompem, recomeçam e, depois de estranhas voltas, retornam ao ponto de onde partiram. Mesmo se nos divertíssemos traçando em um vasto mapa topográfico da cidade os itinerários percorridos por todos os seus habitantes e visitantes em um só dia, uma só hora, distinguindo cada itinerário

[32] A Esquizoanálise (análise de partes, pedaços, linhas ou estilhaços) poderia ser entendida como uma ética estética de valorização da vida. Seria uma perspectiva e não uma metodologia. Procura valorizar a vida vibrátil e agradável, em sua potencialidade máxima. Deleuze e Guattari nos apontam que: “*a Esquizoanálise não incide em elementos nem em conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em lineamentos, que atravessam tanto os grupos quanto os indivíduos. Análise do desejo, a Esquizoanálise é imediatamente prática, imediatamente política, quer se trate de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade. Pois, antes do ser, há a política* (1980/1996, p. 77-78). (PERES, R, S.; BORSONELLO, E. C.; PERES, W. S., 2000)

> com uma cor, obteríamos um quadro de Pollock ou Tobey, só que infinitamente mais complicado, com miríades de sinais aparentemente privados de qualquer significado (Argan, 2005, p.231).

As interações com a cidade são como uma dança constante entre o instinto e razão, onde pequenas escolhas, guiadas por desejos moldam os caminhos que percorremos. Cada desvio, cada troca de olhar é uma manifestação da conexão entre nós e o ambiente em que vivemos, embora aparentemente triviais, revelam a complexidade da vida. A cidade se transforma diante de nossos olhos, suas mudanças diárias são sentidas e vividas com cada passo, o espaço "o espaço da rua que percorremos de manhã para ir trabalhar é diferente do espaço da mesma rua percorrido à tarde, voltando para a casa, ou do domingo, passeando. E, sobre esse tema inesgotável, poderíamos prosseguir até o infinito" (Argan, 2005, p.233).

Um mapa afetivo é muito mais do que uma simples representação do espaço; é aberto, vivo, que respira com as vidas daqueles que o criam e o percorrem. Os contornos passam a não ser apenas o geográfico, mas também as experiências, memórias e emoções que moldam a nós e nossas percepções. Cada ponto, rua, esquina ou encruzilhada, carrega em si a marca de um encontro, um momento vivido e revela em si, uma cartografia aflorada em significados subjetivos.

A cartografia, como perspectiva de construção de realidade, apresentada por Deleuze e Guattari (2004), propõe uma forma aberta e rizomática de assimilação de pensamento e de posição no mundo. É rizomática pois parte do princípio de que tudo se conecta e de que as disciplinas que compõem a realidade possuem múltiplas entradas de agenciamentos[33]. Agenciar é criar mapas, não é apenas o ato técnico da representação, mas também um ato criativo que exige imaginação e inovação. É necessário ter compreensão profunda do ambiente, identificar padrões, antecipar mudanças e conceber estratégias adaptáveis. O agente, ao criar os mapas mentais e afetivos, está, na verdade, projetando soluções, prevendo obstáculos e planejando ações para enfrentar os desafios que podem seguir. A criação de mapas é um ato de

[33] "Dir-se-á, portanto, numa primeira aproximação, que se está em presença de um agenciamento todas as vezes em que pudermos identificar e descrever o acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente. Agenciar é criar. Todo agenciamento surge de um desejo". ZOURABICHVILI, François. O vocabulário de Deleuze. versão dig ed. Rio De Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 08).

dar sentido ao caos, uma tentativa de transformar o que é turbulento e imprevisível em algo compreensível e navegável. Desenhar rotas em um labirinto de incertezas permite que as pessoas encontrem clareza e direção, orientando-se por caminhos desconhecidos. Nesse processo, o agenciamento se torna essencial, pois envolve não apenas a simples marcação de caminhos, mas uma profunda compreensão do espaço e das interações que nele ocorrem. Agenciar é mais do que traçar linhas em um papel; é um ato de mediação entre o conhecimento do lugar e os objetivos a serem alcançados. É preciso ter um olhar atento às características do ambiente, suas particularidades e nuances, para que o mapa seja útil e relevante. Isso requer uma leitura sensível do espaço, onde se compreende não apenas a geografia física, mas também os fluxos, as dinâmicas sociais, e as histórias que se entrelaçam nas paisagens. Ao criar um mapa, não se trata apenas de mostrar o caminho mais curto de um ponto a outro, mas de entender as complexidades do território e das pessoas que o habitam. É necessário conhecer os próprios objetivos com clareza, mas também reconhecer as limitações e possibilidades que o ambiente oferece. O mapeamento, então, se torna uma ferramenta poderosa de navegação, onde a direção não é imposta, mas descoberta, construída a partir de uma interação cuidadosa com o espaço e suas múltiplas dimensões. O ato de agenciar por meio da criação de mapas é uma forma de organizar o desconhecido, de oferecer orientação em meio à complexidade, e de permitir que outros encontrem seu próprio caminho em um mundo que, muitas vezes, parece um vasto e intrincado labirinto.

A produção de mapas também parte da experiência e traz as marcas dos encontros, que por sua vez, formam imagens, sendo de responsabilidade do cartógrafo se doar para que esses encontros apareçam. De acordo com a filosofia que permeia a investigação, a criação subjetiva desses mapas se justifica pela construção do presente. Os mapas gerados por meio do método cartográfico possuem um caráter múltiplo e registram o percurso da investigação, possibilitam o acompanhamento das experiências e sensações provocadas ao presenciar os processos de transformação da paisagem no território. O cruzamento de diversos procedimentos auxilia na produção de mapas sensíveis e servem de suporte para a compreensão de aspectos da paisagem. E, ao serem combinados, sugerem pistas para a apreensão de um outro tipo de análise urbanística, considerando a realidade como resultado de “modos de ver e de dizer produzidos num determinado momento histórico” (Foucault, 1979 apud Escóssia; Tedesco, 2015, p. 95).

Portanto, a partir dos mapas já existentes sobre a cidade de Patos de Minas, durante o percurso dessa pesquisa e através da elaboração de novas cartografias, será realizado o mapeamento das lendas pertencentes a cidade, evidenciando os seus fantasmas descritos através da literatura local. Através do caminhar na cidade, vamos construir sensíveis cartografias afetivas e estabelecer relações entre as histórias e os mapas existentes, as transformações do território sobrepostas a cidade real. As histórias que o povo conta, revelam, sobretudo as relações afetivas. Desta forma, entraremos no mundo das cartografias sensíveis, buscando a partir da teoria, compreender melhor o seu significado e sua contribuição para concretizar o objetivo desta pesquisa em andamento.

2.1 Cartografias Sensíveis

A Cartografia sensível reúne as reflexões conduzidas do pensamento filosófico sobre as experiências urbanas da contemporaneidade, a partir de perspectivas diferentes das leituras preestabelecidas e estáticas sobre os aspectos físicos. O método cartográfico sensível se propõe a explorar um território com um olhar sensível, que leve em consideração as subjetividades que muitas vezes não são abordadas nas leituras dos espaços urbanos.

A cartografia sensível surge, assim, como um instrumental teórico e prático apto a investigar a cidade como um imenso mapa de complexidades. E aqui tomo a cartografia sensível na definição dada por Suely Rolnik, que aproxima o cartógrafo do etnógrafo, na medida em que a sua prática:

> [...] diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência [...] até os fantasmas, inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não (Rolnik, 2006, p. 65).

A cartografia sensível permite a adaptabilidade, podendo ser modificada à medida que forem surgindo novas inquietações. Ela não traz perguntas prontas com

a pretensão de serem respondidas, mas auxilia na elaboração dos questionamentos que surgirem no decorrer do processo, palavra essencial no método cartográfico. Suely Rolnik, que após trabalho realizado em conjunto com Félix Guattari, traz a cartografia sentimental e discorre sobre a sensibilidade do olhar do cartógrafo, o que ela chama de “corpo vibrátil”.

O corpo vibrátil, conforme desenvolvido por Suely Rolnik (2016), enfatiza a necessidade de uma sensibilidade aguçada para captar as sutis vibrações que emanam de qualquer movimentação humana, especialmente quando se trata de investigar manifestações sociais. Essa abordagem exige uma escuta atenta, um estado de alerta que vai além da simples observação dos acontecimentos. Trata-se de sintonizar-se com as forças invisíveis e os fluxos de afeto que permeiam os corpos, as ações e os espaços. Rolnik (2016) propõe que, ao se investigar manifestações sociais, é crucial captar não apenas o que está à superfície, mas também as camadas subjacentes de desejo, medo, resistência e potência que movem coletivos e indivíduos. Essas vibrações, muitas vezes imperceptíveis aos olhos, são capazes de revelar as dinâmicas que escapam às análises tradicionais, fornecendo uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais. O corpo vibrátil atua como um receptor sensível, capaz de detectar as tensões e transformações em curso, respondendo a elas de maneira intuitiva e criativa. Nesse sentido, a investigação das movimentações humanas exige uma abordagem que transcenda a racionalidade, envolvendo também uma dimensão afetiva e corpórea, onde o pesquisador se torna parte ativa do processo, ressoando com as intensidades do que está sendo estudado.

> [...] um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender (Rolnik, 2006, p.65).

Essas experiências sensórias traduzidas em mapas, cartografias, esboços, também podem ser abordados sob um viés um pouco menos filosófico e mais relativo a psique humana. Um dos recursos utilizados para esse tipo de análise experimental do mundo pelo homem, no campo da psicologia, é chamado de cartografia sentimental ou afetiva, o que nos possibilita a criação de novas outras representações do espaço

e paisagem. Cartografias que não se limitam apenas à percepção individual do espaço físico, mas também incluem as paisagens psicossociais, que são igualmente cartografáveis. Paisagens psicossociais referem-se ao ambiente emocional e social em que as pessoas vivem, trabalhando em um nível coletivo e cultural. Ao mapear essas paisagens, capturam-se as interações, relações e afetos que permeiam um espaço compartilhado, revelando como as dinâmicas sociais e culturais moldam a percepção e a experiência do lugar. A cartografia afetiva e psicossocial é um recurso valioso para entender como as pessoas percebem e interagem com o ambiente ao seu redor, reconhecendo que a experiência do espaço é profundamente influenciada por emoções, memórias e desejos, tanto individuais quanto coletivos. Essa abordagem permite mapear afetos e dinâmicas sociais, revelando dimensões do espaço que os mapas tradicionais não capturam, como as relações íntimas e subjetivas que indivíduos e grupos desenvolvem com os lugares que habitam. Esses mapas, portanto, não apenas traçam rotas ou registram pontos de referência físicos, mas também capturam as nuances emocionais e sociais que os espaços evocam. Eles documentam sensações despertadas ao caminhar por uma rua familiar, os sentimentos de conforto ou ansiedade em determinados locais, e as memórias ativadas por paisagens específicas.

> Paisagem psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (Rolnik, 2014, p. 23).

Trata-se de capturar o que está no ar, e tudo o que o corpo vibrátil pulsa, sente, palpita em determinado momento. É uma espécie de *feeling*, sexto sentido ou o que quer seja, mas uma voz interior que nos faz perceber as singularidades em cada situação, "inclusive do limite de tolerância do próprio corpo vibrátil que está avaliando, em relação à situação que ele avalia" (Rolnik, 2016, p. 69).

Considerar as práticas do espaço e os deslocamentos que as escritas urbanas compreendem, tanto para quem as produz quanto para quem as encontra, já é um agir urbano potente, uma vez que inventa uma cartografia a partir de experiências singulares, de pequenas insurgências da experiência urbana (Jacques, 2002). Por si só, esse movimento, como um ato de enunciação e produção do espaço, é uma das

múltiplas maneiras astuciosas e teimosas de manifestar-se nas paisagens e passagens urbanas, contradizendo ou negando as prescrições normativas e disciplinadoras do espaço, contornando os dispositivos de vigilância, desmanchando enquadramentos e desorganizando deslocamentos, aumentando, assim, o número dos possíveis e dos interditos da cidade (Certeau, 1994) .Trata-se de conseguir captar uma dimensão do espaço especialmente para além do abstrato, a sua dimensão simbólica ou aquela que liga as práticas culturais e as relações afetivas de um indivíduo ou grupo, a determinados lugares. Esses espaços, apropriados simbolicamente, se tornam também um dos elementos importantes para a formação da identidade.

Desse modo, a cartografia afetiva, é o mapeamento deste acúmulo significativo que os indivíduos desenham cotidianamente no espaço habitado e percorrido, e que gera pontos de enraizamento, de pertencimento atrelados à sua identidade ou a constituição dela. Ela se revela naquele banco preferido da praça, no gramado utilizado para leitura em uma noite ensolarada, naquele trecho da rua o que faz desviar para os caminhos mais curtos, na construção antiga presente no centro da cidade, são todos eles e muitos outros lugares, pedaços da cidade onde se inscreve a experiência espacial cotidiana que fica retida na memória. Os lugares onde são descritas as ações ordinárias são aqueles que, nas biografias, assumem um tom extraordinário. É nestes lugares que a ideia de pertencimento fundamental à identidade de alguém se condensa e as coisas que caracterizam as viagens pessoais e sociais de alguém se tornam quase palpável. Esses pequenos fios de conectividade social conectam quarteirões da cidade e são eles que, em última análise, encontram sua correspondência em locais interiores. Portanto, é importante compreender quando e como o espaço exterior se transforma num espaço interior, afluente, onde a cidade é retratada através da experiência vivida.

2.2 O corpo no corpo da cidade.

A cidade, para o caminhante, é um território aberto que oferece suas calçadas, ruas, avenidas e sua arquitetura à exploração. No corpo da cidade, para produzir novos modos de vida, é necessário a abertura de frestas. Dessa maneira, não só exploramos os espaços como também experenciamos as paisagens, um mosaico

vibrante de formas e sons que refletem a essência e a transformação contínua de uma cidade. Seus passos ressoam, cada passo revela camadas de histórias, o passado e o presente se entrelaçam em como uma dança constante. Park (1967) diz que “a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto [...] particularmente da natureza humana” (Park, 1967, p. 25). As cidades são compostas por pessoas, as ações, percepções e memórias devem ser levadas em consideração para a leitura dos territórios. Deslumbramos, caminhamos e vivenciamos um organismo pulsante, em que a arquitetura, os aromas e os sons entrelaçam para criar uma sinfonia. As interações diárias, as trocas de olharem rápidas no cotidiano, as pequenas mudanças e as novas perspectivas são as frestas que permitem a emergência de modos de vida diversos, oferecendo ao caminhante a chance de se conectar com o ritmo e a alma urbana. Cada esquina, cada praça, é um convite para descobrir, vivenciar e reimaginar o tecido urbano que nos cerca. Cada lugar é marcado todos os dias por experiências daqueles que por ali caminham, deste modo, para experimentar as possibilidades das narrativas do corpo no urbano, o corpo no corpo da cidade, perceber a cidade a partir do corpo, no sentido de cultivar a atenção e a delicadeza dos lugares.

A cidade não é estática; ela se molda e remolda a cada instante, através dos gestos, dos passos, dos encontros e desencontros. Os acontecimentos diários – por vezes quase imperceptíveis – constroem uma memória coletiva, efêmera, mas fundamental. A cidade, assim, não apenas existe, mas *acontece*. Uma narrativa viva, onde o corpo, ao se mover, dialoga com o entorno. Vivenciar a cidade é, portanto, participar ativamente desse devir, onde cada gesto e cada experiência contribuem para a incessante recriação do espaço urbano, transformando o ordinário em extraordinário. O devir da cidade é tecido nas sutilezas, – no rangido de uma porta que se abre ou do carrinho de mão que está sendo empurrado no rastro de uma conversa perdida ao vento, no jogo de luz e sombra que se transforma ao longo do dia. É na vivência das pequenas dinâmicas que o espaço urbano revela sua profundidade, oferecendo-se como um campo aberto de possibilidades, onde cada indivíduo pode projetar sua própria narrativa.

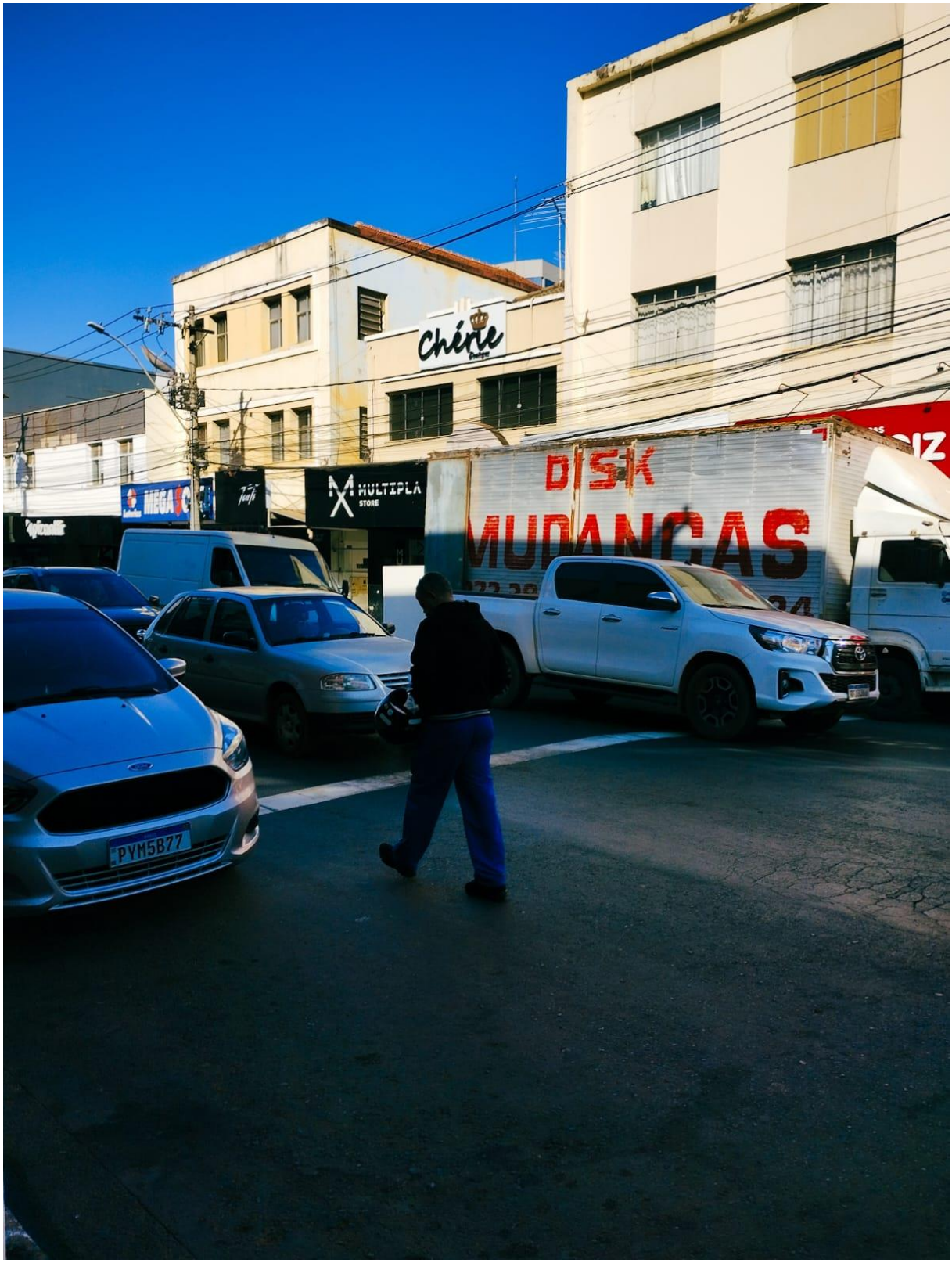


Figura 85: Homem caminhando pela Rua Major Gote. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 86: Homens caminhando pela Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 87: Cidade que caminha. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Em *A Alma Encantadora das Ruas*, logo de imediato, João do Rio declara seu amor pelas ruas. Ao procurar sua definição nos dicionários, o cronista do início do século XX, constata que para os glossários, rua se limita a um enfileirado de fachadas por onde nas povoações se pode caminhar. Seu significado se liga somente à ideia de uma reta onde se organizam os assentamentos. Oposto a essa definição, o autor mostra que é ali que mora a vida, diz que "a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!" (Rio, 1995, p. 03).

Ao dizer que as ruas têm alma, durante suas caminhadas pela cidade carioca dos anos 1920, Rio (1995) apreende que seu caráter reside na história do seu calçamento, no suor de quem a construiu, reside nas marcas deixadas nos seus elementos físicos e também nas pequenezas cotidianas, nos acontecimentos.

> Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, snobs, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue... (Rio, 1995, p. 7).

Sim, as ruas têm alma! Tem corpo! Para o cronista, a rua segue ressignificando os termos, continua impondo aos dicionários palavras inventadas de seus vocabulários cotidianos. Contudo, para assimilar a psicologia da rua e encontrar sua essência, é necessário ter um espírito curioso, repleto de desejos e curiosidades. É essencial ser um flâneur: aquele que pratica a arte de flanar pela cidade (Rio, 1995). As ruas não são simples caminhos físicos, elas têm uma identidade própria e podem influenciar as pessoas de maneiras diferentes. A metáfora das ruas como "almas" sugere que elas têm uma vida e uma história que pode ser tão complexa quanto às pessoas que as percorrem. É uma forma poética de explorar a diversidade e a riqueza das experiências urbanas, contribuindo para uma compreensão mais enriquecedora da vida urbana e da cultura das cidades.

Para Walter Benjamin, "a rua transforma-se na casa do flâneur, que se sente em casa entre as fachadas dos prédios, como o burguês entre as suas quatro paredes" (Benjamin, 2015, p.39), através da análise sociocultural sobre a relação entre o flâneur e o espaço urbano. A comparação com o burguês evidencia a mudança no conceito de pertencimento, enquanto, o burguês encontra refúgio no espaço privado de sua

casa, o flâneur subverte ao transformar o espaço da cidade em um ambiente de conforto. A rua, portanto, não é um local transitório para o flâneur, mas um espaço de observação, reflexão e interação. Ele transita pelo urbano com a mesma naturalidade com que o burguês habita sua casa. Para Benjamin, o flâneur é tanto um observador atento quanto um estrangeiro em meio ao urbano, absorvendo os detalhes da paisagem e das pessoas sem se envolver diretamente com elas, como se fosse um espectador do espetáculo da cidade. O importante para o flâneur é a completa observação; Benjamin relaciona-o como um detetive "malgré lui" - um detetive de si mesmo, que apesar do ritmo da cidade consegue observar a si e ao outro: "Por detrás dela esconde-se o olhar desperto de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua autoestima vastos domínios" (Benjamin, 2015, p. 43).

Walter Benjamin (2015, p. 208) refere-se ao flâneur como o "sacerdote do *genius loci*[34]", que apreende as figuras dos seres que habitam no espaço, assim como os espíritos e sobretudo as imagens, esse caminhante ocioso encontra e absorve as imagens onde quer que elas estejam. Personagem de Baudelaire, o flâneur, em O pintor da vida moderna (2002) é um caminhante "vadio", que caminha devagar para observar os arredores, ao mesmo tempo, ele critica a modernidade e seus aspectos capitalistas. Para esse caminhante, caminhar não está relacionado ao objetivo de encaixar na máquina de produção e consumo, ser absorvido pelas garras do mercado ao longo do tempo de gestação do modelo capitalista, mas sim de se misturar na multidão e fazer com que seu corpo se torne visível na cidade.

> E se nos lembrarmos de que não são apenas os seres humanos e os animais que têm uma habitação, mas também os espíritos e sobretudo as imagens, torna-se evidente que coisa ocupa o flâneur e o que ele busca. E o que ele procura são as imagens, onde quer que elas morem. O flâneur é o sacerdote do genius loci (Benjamin, 2017a, p. 208).

Para Jacques, "o flâneur em Baudelaire não se esconde, ele se perde voluntariamente, com um inebriante prazer, entre a alteridade e o anonimato da

[34] Um lugar é um espaço com uma característica distinta. Desde os tempos arcaicos o genius loci, ou 'espírito do lugar', tem sido reconhecido como a realidade concreta que o homem deve encarar e aceitar em sua vida diária. A arquitetura significa visualizar o genius loci, e a tarefa do arquiteto é criar lugares significativos, pelos quais ajuda o homem a habitar (Norberg-Schulz, 1980, p.05).

multidão" (Jacques, 2003, p.36). A autora também destaca um aspecto em relação ao flâneur na modernidade, ao contrário de se afastar ou tentar escapar da multidão, o flâneur se entrega ao caos e a diversidade e adversidades da cidade, encontrando prazer e significado em sua imersão no anonimato. Para Baudelaire, o flâneur não apenas vaga pela cidade, mas se dissolve nela, absorvendo a multiplicidade das experiências e identidades que a vida urbana pode nos proporcionar, ao se perder, experimenta a cidade como um campo de descobertas. Ao desejo de se fundir ao fluxo das multidões reflete total abertura à experiência urbana, encontrando liberdade ao renunciar à identidade e à necessidade de se destacar. Em vez de buscar visibilidade, o flâneur prefere a invisibilidade que lhe permite observar e participar da vida urbana sem ser notado, transformando o anonimato em um estado de introspecção e contemplação estética. O prazer inebriante que Jacques menciona evidencia uma busca por sensações e *insights* que só podem ser alcançados pela imersão na complexidade social da cidade, alinhando-se à visão de Baudelaire sobre a modernidade com um espaço de contradição e beleza.

Para Jacques (2012) são os seres errantes, que flanam, como João do Rio, que estão em busca de outro urbano e da diferença, da possibilidade de experiência, bem como a oportunidade de vivenciar as transformações presentes nas cidades. Errar pela cidade pode ser entendido como uma ferramenta de apreensão do lugar, à medida que se movimenta ao caminhar e ter contato com outras pessoas e territórios, a experiência se transforma em "um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de uma condição de estranhamento, em busca de uma alteridade radical" (Jacques, 2012, p.24). Rio (1995) reforça a ideia da alteridade ao dizer que "ser a rua a causa fundamental da diversidade dos tipos urbanos (Rio, 1995, p.11).

Ao procurar pela diferença, o errante "vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências" (Jacques, 2012, p. 23) pois quando experimenta a cidade através de seu corpo e estado de espírito errante, não a enxerga pelo plano aéreo, como se vê um mapa, mas a interpreta a partir dos estímulos e da interação do próprio corpo com o meio, ou seja, a enxerga de dentro. Ele constrói a própria corpografia[35] a partir de

[35] Corpografia seria a memória urbana no corpo, o registro de sua experiência da cidade. O corpo constrói sua própria cartografia. Termo que foi proposto por Alain Guez durante o seminário de preparação ao colóquio "L´ habitar dans sa poétique première" (EHESS - Paris, 2005/Cerisyla-Salle, 2006).

sua prática andarilha no espaço (Jacques, 2012). Certeau (1998) percebe que ao olhar a cidade de cima, esta é experimentada apenas pela visão, já que o corpo não é mais levado pelos estímulos da cidade e da convivência com o diferente. A corporalidade deixa de ser considerada na apreensão do espaço e o indivíduo se transforma em *voyeur*.

Os errantes urbanos – ou os "praticantes ordinários" – são os que vivem embaixo, e, portanto, conhecem a cidade através da perspectiva interna, a lendo pela experiência urbana corporal:

> É embaixo, ao contrário, a partir dos limites onde termina a visibilidade, que vi vem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são os andarilhos, Wandersmanner, cujo corpo obedece às plenitudes e descontinuidades de um texto urbano que eles escrevem sem poder ler. Esses praticantes brincam com os espaços que não são vistos; eles têm um conhecimento tão cego do espaço quanto no corpo a corpo amoroso. Os caminhos que aparecem nesses encontros, poesias tiradas de cada corpo é um elemento assinado entre vá rios outros, que escapam da visibilidade. Tudo acontece como se uma cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada (Certeau, 1998, p. 171).

Essa cegueira citada pelo autor é o que faz o espaço ser compreendido de outra forma já que, para Jacques (2012), o errar pela cidade ultrapassa um mero vencimento de distâncias e liga este praticante à uma apreensão subjetiva e afetiva da cidade. "Eu amo a rua" (Rio, 1995, p. 3), e essa afeição é o que leva João do Rio a flanar, observando e refletindo sobre uma cidade que os outros não distinguem. Para Certeau (1998), o ato de caminhar é um processo de assimilação da cidade pelo pedestre, do qual, se supõe que as narrativas de João do Rio (2012) exemplificam bem ao dizer que a rua é onde se descobrem os contos, é o palco da construção individual. Ele diz: "[...] nasceu mais uma rua. Nasceu para evoluir, para ensaiar primeiros passos, para balbuciar, crescer, criar uma individualidade" (Rio, 2012, p. 06). A essência dos caminhos se torna visível porque as observações habitam a dimensão sensível do corpo e contribuem para o descobrimento da alma das ruas, conforme diz Rio (2012).

Para Jacques (2012), o errar pela cidade ultrapassa um mero vencimento de distâncias e liga este praticante à uma apreensão subjetiva e afetiva da cidade. "Eu amo a rua" (Rio, 1995, p. 3), e essa afeição é o que leva João do Rio a flanar, observando e refletindo sobre uma cidade que os outros não distinguem. Para Certeau

(1998), o ato de caminhar é um processo de assimilação da cidade pelo pedestre, do qual, se supõe que as narrativas de João do Rio exemplificam bem ao dizer que a rua é onde se descobrem os contos, é o palco da construção individual. Ele diz: “[...] nasceu mais uma rua. Nasceu para evoluir, para ensaiar primeiros passos, para balbuciar, crescer, criar uma individualidade” (Rio, 2012, p.06). A essência dos caminhos se torna visível porque as observações habitam a dimensão sensível do corpo e contribuem para o descobrimento da alma das ruas, conforme diz Rio (2012). O corpo, ao se mover pelas ruas, se torna um mediador entre o físico e o emocional, permitindo que o caminhante descubra a "alma das ruas", não apenas visuais, mas todos os sentidos, cria uma experiência imersiva e subjetiva da cidade. Ao incorporar o corpo com o espaço, o caminhante entra em uma relação profunda com a cidade, onde cada detalhe – o som das multidões, as buzinas dos impacientes enquanto perpassam pelas ruas, o cheiro das esquinas, o toque das superfícies, o aroma das flores e a brisa enquanto caminha – contribui para desvelar a essência dos caminhos percorridos. Dessa forma, o ato de caminhar transforma-se em um processo de descoberta sensível, que vai além do visível e revela camadas profundas da experiência urbana.

Para Jacques e Brito (2011), o estudo dos padrões corporais leva a leitura do espaço que esse corpo habita, podendo trazer importantes reflexões acerca do urbanismo contemporâneo, pautadas em outras formas de apreender a malha urbana. Podem ainda, ser motivadores de experiências como as errâncias urbanas, o ato de caminhar pela cidade de forma errática, sem um mapa como orientação e desbravando os lugares desconhecidos, o que resultaria em cartografias mais complexas (Jacques, 2008). Jacques (2006) aponta a noção de errância para propor uma reaproximação entre corpo e cidade. A errância urbana pode ser pensada como um estado de corpo ou um estado de espirito que experimenta a cidade a partir de vários sentidos através de caminhadas, deslocamentos e percursos. Jacques (2008) aponta que:

> O estudo corpográfico pode ser interessante para se compreender as pré-existências do espaço, para se apreender as preexistências espaciais corporais resultantes das experiências urbanas. Esse tipo de experiência, do corpo ordinário e cotidiano, pode ser estimulado por uma prática que chamamos de errâncias. A experiência urbana mobilizadora de percepções corporais mais complexas poderia ser estimulada por uma prática de errância

pela cidade que, por sua vez resultaria em corpografias urbanas equivalentemente mais complexas (Jacques, 2008, p. 35).

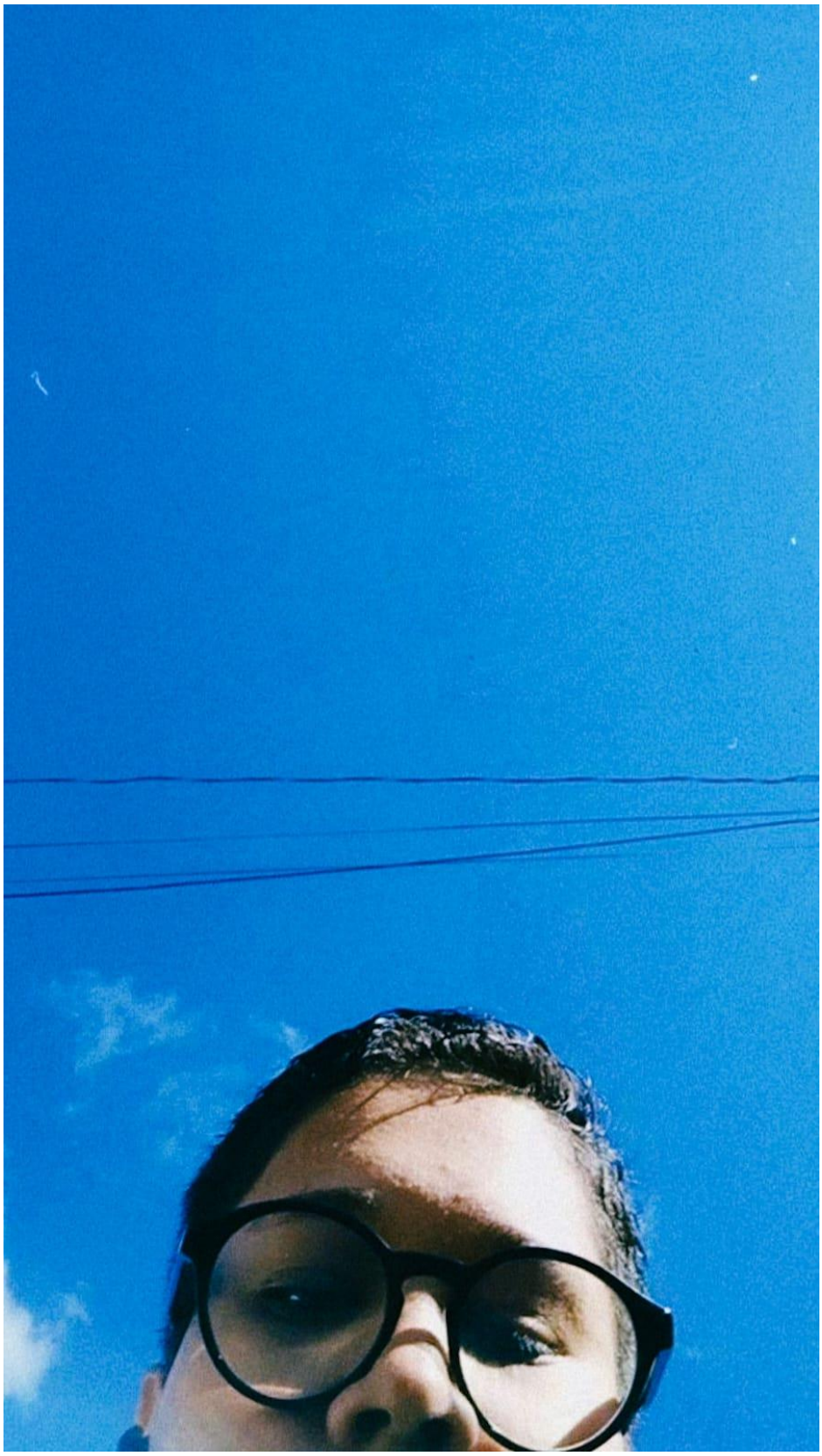


Figura 88: Nenhuma errância é igual. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 89: Uma errância singular. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Por consequência, a pesquisa busca através das caminhadas pela cidade, construir cartografias para nos levar aos lugares citados na literatura local, fazendo assim, com que o corpo da pesquisadora se insira na cidade real em busca da cidade imaginária, na sua individualidade e coletivamente, caminhando pelas ruas, atravessando pelas suas transformações e conhecendo o território que se formou. Caminhar, errar e narrar, ilustrar o intangível e o que se encontra na subjetividade, em busca de evidenciar a cidade narrada, através das lendas, ao encontro dos fantasmas, a pequena grande Patos de Minas e seus mistérios. Ao caminhar pela cidade, me encontro de forma profunda, conectando-me com o meu interior enquanto caminhante, ao meu redor a cidade está acontecendo, ao meu redor tudo está em movimento. A partida, se tem um começo, seja ele em um ponto da cidade ou também, me parece fazer sentido começar de onde passo boa parte dos meus dias, onde tudo nasce, onde um elemento se junta ao outro e forma a consciência de algo, a quebra de um padrão ou até mesmo os sentimentos, é no meu interno que eu estarei nos próximos dias, ou melhor, é no interno da cidade e em suas camadas. Sentir o pulsar da história viva entre o concreto e as sombras do passado, caminhar por esses espaços não é apenas um exercício, mas uma travessia temporal, onde cada passo descreve fragmentos de um imaginário que transcende o visível. Costurando o real e o imaginário, o passado e o presente, em uma cartografia sensível que dá voz aos lugares e às memórias que habitam Patos de Minas, e me conecto com o ambiente que está a minha volta, posso sentir a pulsação da cidade, observo a arquitetura, a velocidade dos carros e os olhares que se cruzam, e até mesmo interagir com os que percorrem. Cada ponto tem sua história, cada esquina uma memória, a busca por identificar cada transformação e os diferentes territórios da cidade, caminhar pela cidade eu vou, me permitir adentrar e narrar os meus afetos. Nem sempre funciona, mas eu continuarei tentando.

Em *O Fenômeno do Lugar*[36], Christian Norberg-Schulz afirma que o mundo da vida cotidiana é formado por fenômenos concretos e fenômenos simbólicos. Pode-se dizer concreto tudo aquilo que é material, que é visto com os olhos: casas, arvores, pedras, ruas, cidades e etc. Já os menos tangíveis atuam na dimensão do que é sentido, que não pode ser visto: os sentimentos, as sensações, as memórias, os fantasmas. Ou seja, o mundo é lido pela dimensão sensorial a partir de seus

[36] Texto presente no livro Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1985-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006.

elementos concretos, cujos ambos fenômenos formam o “conteúdo de nossa existência” (Norberg-Schulz, 2006, p. 444).

Norberg-Schulz (2006) mostra que a “paisagem” se torna um fenômeno amplo e complexo porque esses fenômenos constroem diferentes “ambientes” no mundo perceptivo, que o autor chama de lugar. Se todos os acontecimentos da vida quotidiana ocorrem num local específico, então é óbvio que esse local faz parte da existência humana. Quando dizemos lugar, seu significado transcende qualquer ponto, mas vem da totalidade das coisas específicas que constituem a essência daquele lugar.

> Então o que se quer dizer com a palavra “lugar”? É claro que nos referimos a algo mais do que uma localização abstrata. Pensamos em uma totalidade constituída de coisas concretas que possuem substancia material, forma, textura e cor. Juntas, essas coisas determinam uma “qualidade ambiental’ que é a essencial do lugar. [...] Portanto, um lugar é um fenômeno qualitativo “total”, que não se pode reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem que se perca de vista sua natureza concreta (Norberg-Schulz, 2006, p. 445).

Deste modo, os espaços descritos nas lendas trabalhadas nesta pesquisa, são tangíveis e carregam consigo os mistérios de suas histórias. Lugares reais, ruas e arquiteturas antigas, casarões, praças sombrias, espaços também que foram modificados, mas que também abrigam algo além do concreto. Esses espaços ganham novas camadas de significado quando permeados pelas lendas, transformando-se em cenários vivos onde o visível e o invisível coexistem, se sobressaem. As lendas dão vida aos fantasmas, os fantasmas dão vida a cidade, corporação intangíveis que habitam o imaginário coletivo, vagando entre o que se pode ver e o que se sente. Embora não possam ser tocados ou vistos diretamente, estão sempre presentes, como sombras que pairam sobre esses espaços, evocando medo, curiosidade ou fascínio. O espaço físico da cidade, se torna também um palco para o intangível, onde o imaginário molda a percepção e onde as fronteiras entre o real e o imaginário se diluem, fazendo com que esses lugares assumam uma dimensão quase fantasmagórica.

Além do corpo em si, podemos falar de diversos outros fatores que constroem a relação entre corpo e cidade, assim como o corpo se comporta como um fator pulsante

e ativo, que atua, modifica e ressignifica lugares, outros movimentos presentes no cotidiano e faz parte da construção das cidades. Considerando que é através do corpo que vivenciamos a relação com o lugar citadino, entender como esses processos acontecem, pois é através desse corpo que a cidade é construída, através das relações diárias de uso, passagem, resistência e as demais qualidades de movimentos que possam estar ligadas a esse agenciamento, pois “são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiencias que reinventam os lugares da cidade em seu cotidiano” (Jacques, 2008, p. 21).

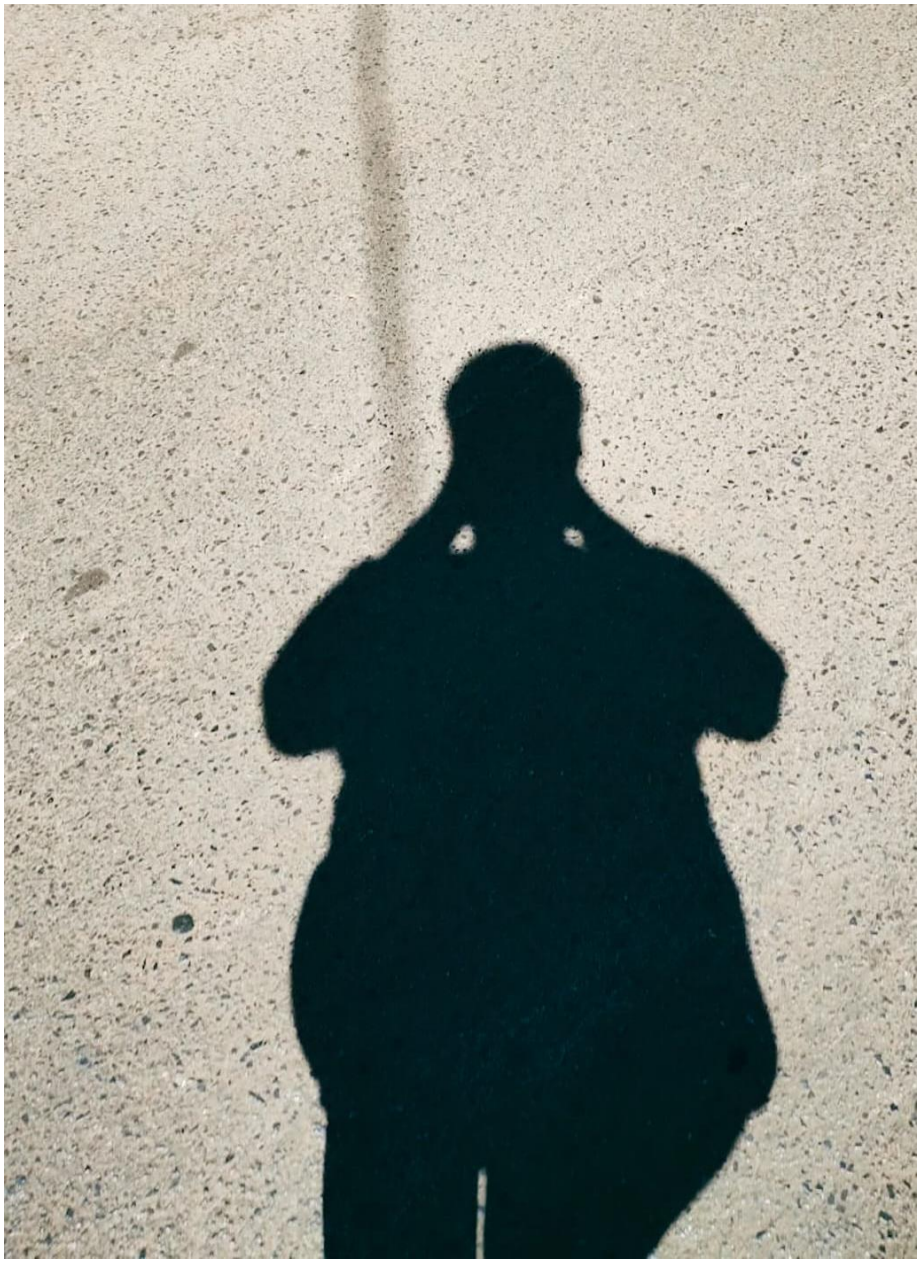


Figura 90: Caminhar e registrar. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 91: Registrar e caminhar. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Careri (2013) e Michel de Certeau (1968) nos lembram que o ato de caminhar é uma experiência rica, cheia de significados e subjetividades, que vai além da simples

representação visual, sendo crucial considerar as motivações, as escolhas, experiências que estão envolvidas no ato de caminhar para entender verdadeiramente seu significado. É por conta dessa multiplicidade e estímulos que mudam a cada passo, que seria impossível limitar a diversidade dessas experiências somente à sua linha gráfica de uma representação técnica. Sendo os percursos que operam as ações no espaço, é necessário então se agarrar aos relatos dessas práticas, como os contos de João do Rio, e se ater às narrativas que as trajetórias contam para uma compreensão da experiência (Certeau, 1998). Ao analisar as experiências de intervenções na cidade as relações de corpo e espaço são parâmetros analíticos para percebermos aspectos sensíveis da vivência. É através do corpo que a percepção do mundo acontece, e viver através do caminhar pela cidade resulta na descoberta de espaços ocultos, escondidos e até mesmo fragmentados:

> Considerando que é através do corpo que agenciamos a relação com o espaço, entender como esses processos acontecem, como esses vetores se constituem, me parece importante para entender o próprio espaço, pois é através desse corpo que a cidade é construída, através das relações diárias de uso, ocupação, passagem, resistência e demais qualidades de movimentos que possam estar ligados a esse agenciamento, pois "são as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços em seu cotidiano" (Jacques, 2008, p.02).

Em Espaço e Método, Milton Santos (1985), afirma que, por força de variáveis localizadas, determinado espaço se concretiza e adquire a especificidade de lugar. "A transformação de um determinado ambiente urbano, denominado como espaço, passa a se transformar em lugares sob o impacto perceptivo do usuário" (Santos, 1985, p.06), através da atenção, observação e até mesmo comparação. Ou seja, lugar é o espaço apropriado pelas relações humanas, sensações de pertencimento, sentimentos, identidade e afetividade. "O espaço também é produtor de subjetividade, e, por isso, está sempre carregado de memórias", completa (Hissa e Nogueira, 2013, p. 61). Os espaços sempre têm muitas coisas a dizer, são as diferentes formas de experiencias urbanas que nos permitem reconhecer a potência presente neles.

> O caminhar é um modo de devolver, à cidade, a explicitação da sua condição de cidade corpo. Os passos que percorrem terrenos não apenas marcam a

> trajetória que se faz. Eles são a expressão do movimento do corpo que atravessa a cidade: e a transpõe, infiltra, perpassa, experimenta. Ao caminhar, os corpos percorrem e perfazem diversos feixes de caminhos na cidade. De forma mais ou menos invisível, elaboram novos textos, outras regências, reescrevem o discurso urbano. Andar é escrever, ler, significar, reescrever a partir de nossos olhos para o mundo (Hissa e Nogueira, 2013, p.73).

Segundo Jacques e Britto (2012) o corpo e cidade se configuram mutuamente, nos quais uns se articulam e se inscrevem nos outros, já que "além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades também ficam inscritas e configuram os nossos corpos." (Jacques e Britto, 2012, p.144). O corpo percebe de maneira sintetizadora a cidade como um conjunto de condições interativas onde essa percepção experimentada do espaço urbano, seria capaz de gerar caminhos de leituras alternativas sobre a mesma. Estas autoras denominam essas experiências corporais no território urbano como corpografias: um registro do corpo na cidade e da cidade no corpo de seus habitantes, se correspondendo a diferentes memórias urbanas. Jacques (2005) acredita que uma cidade precisa ser pensada para seus usuários que se apropriam dos espaços dessa cidade e não seguir um modelo padronizado para aquelas pessoas de passagem. Sendo uma forma de apreensão da cidade, para Jacques (2012) a experiência errática é transmitida através das narrativas errantes. Essas explanações dos que erram sem objetivo definido valorizam a interpretação pessoal e validam a riqueza observada na vida coletiva e cotidiana, confrontando qualquer consenso totalizante das cidades contemporâneas. As narrativas do caminhar explanam as interpretações para os outros que as ouvem ou leem. São esses relatos que, ao serem contados, criam um espaço outro, sob outro olhar, que habitam em um diferente tipo de "escrita da história, uma história errante, não linear, que não respeita a cronologia tradicional, uma história do que está na margem, nas brechas, nos desvios [...]" (Jacques, 2012, p. 24).

Francesco Careri (2013) aponta que a simples variação das percepções corporais decorrentes da travessia do espaço constitui uma forma de transformação da paisagem, ainda que não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do lugar e, em consequência, o ambiente em si. Criar novos lugares significa negá-lo na sua primeira condição de ser. Negar não se dá como negação da vida, mas como combustível para o ato criativo. Ao tomar os lugares urbanos como

espaços de criação, os artistas performers não só promovem um possível diálogo com o corpo da cidade, como provocam o olhar do outro a reconfigurar as espacialidades.

Sincronizando com o discurso de Careri, Jacques e Britto (2012) afirmam que o espaço é então, um importante instrumento de descoberta e que "a cidade, ao ser praticada, deixa de ser cenário e "ganha corpo" pelo uso cotidiano, tornando-se outro corpo. É necessário compreender que é através do nosso corpo que sentimos a cidade, e que não basta apenas enxergá-la de um único ponto de vista, é necessário percorrê-la. Caminhar e experimentar a cidade a partir do corpo se revela como forma de se conhecer e conhecer o outro, não só o outro, mas as outras camadas que compõe a malha urbana e toda cidade que se encontra em movimento. Pensando no corpo que se inscreve na cidade, vejo o solo se abrir como quem abre os olhos para o mundo, o corpo que se inscreve no espaço é um corpo aberto ao percurso e entendo que é assim que as cidades vão se construindo. No corpo a corpo com a cidade, os passos vão caminhando pelos lugares e através das histórias, identificamos a cidade imaginária presente sobre a cidade real, criando afetos e percursos poéticos.

Deambulação Surrealista

Ao caminhar pela cidade pulsante, cada passo nos insere em um fluxo contínuo de experiências que, por mais triviais que possam parecer, constroem nossa relação com o espaço urbano. Deambular por ruas movimentadas nos coloca em contato com rostos desconhecidos, sons e cheiros que formam o ritmo frenético da vida cotidiana. As interações sutis – como o encontro de olhares, o ruído de conversas ao fundo, o cantar dos pássaros junto ao balançar das árvores ou o som de carros passando – tecem uma narrativa de pertencimento e transformação. Nessa caminhada, cada esquina pode trazer uma nova descoberta, cada lugar pode nos apresentar histórias e seus fantasmas, seja uma loja antes despercebida, uma praça ao centro da cidade ou até uma pequena pausa em um café local. É nesse movimento, que parece sem propósito, que residem as pequenas histórias que enriquecem nossa percepção do mundo e de nós mesmos, construindo memórias e afetos. Ao caminhar por ruas e avenidas, cruzando praças e observando fachadas, somos surpreendidos por detalhes que normalmente passam despercebidos na correria do dia a dia. Deambular pela cidade é uma experiência que nos convida a redescobrir os espaços de maneira descompromissada, buscando enxergar além da materialidade, atravessar sem

destino certo, vagar nos permite perceber a vida que pulsa. A cidade se revela como um organismo vivo, em constante transformação, e o ato de deambular nos aproxima dessa pulsação, proporcionando uma conexão com o que nos rodeia.

O movimento surrealista nasceu quando todos os valores ocidentais pareciam dissolvidos depois da carnificina da Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, e da Revolução Russa de 1917. A ideia de renovação e de revolução estava presente em toda parte e a arte era o território propício para a sua disseminação. Depois do cubismo, do expressionismo, que tratavam de uma sociedade em decadência, no período entre guerras, era o tempo de olhar o mundo com novos olhos.

Vaguear é uma ferramenta criativa. André Breton publicou *Naja* em 1928, no qual enfatizou suas andanças e práticas errantes. Ao estudar a expressão pura do inconsciente, o autor utiliza sua própria vida para compartilhar detalhadamente suas andanças, andanças e andanças por Paris. Vaguear pelas ruas de Paris era uma atividade favorita dos surrealistas. Caminhar, principalmente à noite, permite que o subconsciente flua, permitindo que o imprevisto se materialize ou o choque poético venha à tona. André Breton descreve um encontro romântico com esta personagem da vida real, Nadya. Ele relatou suas caminhadas noturnas pela cidade e tentou divulgar o poder de seu inconsciente. Mas o trabalho final passou por muitas revisões, e esse trabalho inconsciente raramente é publicado. Brittany ansiava por deixar o inconsciente fluir, mas não estava feliz com isso. Existem muitas fronteiras sociais, políticas e culturais a ultrapassar. Como nos aconselha Fayga Ostrower, em seu livro Criatividade e processos de criação (1987), não podemos tomar o ser humano em pedaços e sim por inteiro. Não existe como trabalhar o inconsciente “puro”. Sempre teremos filtros para nos limitar.

Em 1924 datam as primeiras caminhadas surrealistas. A ação surrealista compreendia um percurso errático em vastos territórios naturais. O percurso surrealista se coloca fora do tempo, atravessa a infância do mundo e toma as formas arquétipos da errância nos territórios empáticos do universo primitivo (Careri, 2013, p. 78). O caminhar enquanto ação estética passa por diversos entendimentos através dos movimentos artísticos. Careri (2013) aponta diferenças entre as práticas do Dadá, surrealistas e situacionistas, indicando uma certa continuidade entre os grupos; segundo o autor:

> O Dadá intuíra que a cidade podia ser um espaço estético no qual operar através de ações cotidianas e simbólicas, e convidara os artistas a abandonar as formas costumeiras de representação indicando a direção da intervenção

> dirigida no espaço público. O surrealismo – talvez sem ainda compreender completamente o seu alcance enquanto forma estética – utiliza o caminhar como meio através do qual indagar e desvelar as zonas inconscientes da cidade, aquelas partes que escapam do projeto e que constituem o que não é expresso e o que não é traduzível nas representações tradicionais. Os situacionistas acusarão os surrealistas de não terem levado às extremas consequências as potencialidades do projeto dadaísta. O "fora da arte", a arte sem obra nem artista, o rechaço da representação e do talento pessoal, a busca de uma arte anônima coletiva e revolucionária serão colhidos, juntamente com a prática do caminhar, pela errância dos letristas/situacionistas (Careri, 2013, p.83).

A deambulação - termo que contêm a essência da desorientação e do abandono ao inconsciente – é a prática que nasce junto com o Surrealismo para viver os espaços urbanos em busca de seus territórios. Com isso, considerou-se esse momento como a transição definitiva do Dadaísmo para o Surrealismo. Em Walkscapes: O caminhar como Prática Estética, Francesco Careri (2002) diz:

> O grupo decide partir de Paris para chegar de trem em Blois, uma pequena cidade escolhida ao acaso sobre o mapa, e de seguir a pé até Romorantin, Breton recorda esse "deambular a quatro" conversando e caminhando por vários dias consecutivos como uma "exploração pelos limites entre a vida consciente e a vida de sonho". Ao regressar da viagem, escreveu a introdução de *Poisson soluble*, que se tornaria o Primeiro Manifesto do Surrealismo, em que encontra a primeira definição do termo "surrealismo": "automatismo psíquico puro com o qual se propõe expressar, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outro modo, o funcionamento real do pensamento".
>
> [...] "o percurso surrealista coloca-se fora do tempo, atravessa a infância do mundo e toma as formas arquetípicas da errância nos territórios empáticos do universo primitivo" (Careri, 2002, p.78).

A cidade dadaísta é uma cidade do banal que abandonou todas as utopias hipertecnológicas do futurismo. Para os dadaístas, a frequentação e a visita aos lugares insossos são uma forma concreta de realizar a dessacralização total da arte, a fim de alcançar a união entre arte e vida, entre sublime e cotidiano (Careri, 2013, p.74). Careri (2002) aponta que os surrealistas acreditavam que, pelo caminhar e pelos percursos erráticos na cidade, poderia-se alcançar uma realidade não visível. A

investigação surrealista é uma investigação inconsciente da nossa relação com os lugares, tentando descobrir pelo vagar zonas inconscientes dos espaços da cidade. As deambulações começaram a acontecer em espaços abertos, como bosques e campos, que chamavam ao lúdico e ao onírico e mostravam o desejo dos participantes de voltarem às origens, resgatando o arquétipo dos caminhos primitivos na infância do mundo. Essas caminhadas, marcadas pela espontaneidade e pelo abandono das rotas convencionais, visavam criar uma abertura para o inesperado, para aquilo que está oculto sob a superfície cotidiana. Ao se perderem de propósito, os surrealistas buscavam reconectar-se com o imaginário, permitindo que o espaço urbano se revelasse em seus aspectos mais fantásticos e desconhecidos.

> Esse território empático penetra nos extratos mais profundos da mente, evoca imagens de outros mundos em que a realidade e pesadelo vivem juntos, transporta o ser a um estado de inconsciência. A deambulação é um chegar caminhando a um estado de hipnose, a uma desorientadora perda do controle, é um médium através do qual se entra em contato com a parte inconsciente do território (Careri, 2002, p.80).

Para Breton (1985, p.59), as deambulações significavam um automatismo psíquico puro pela qual se propõe a exprimir seja verbalmente, por escrito ou de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento, sem preocupação com a razão, a moral e a estética. Com o surrealismo, ocorrem mais caminhadas pelos arredores da cidade de Paris, numa tentativa de descoberta do inconsciente da cidade, que apenas o passo humano e a deambulação ao sabor dos sentidos e do subconsciente meditativo permitem. A cidade é vista pelos surrealistas como um território a se explorar, paisagens possíveis de se perder.

Os surrealistas têm a convicção de que o espaço urbano pode ser atravessado como a nossa mente; de que, na cidade, pode se revelar uma realidade não visível. O surrealismo é uma espécie de investigação psicológica da própria relação com a realidade urbana, uma operação já praticada com sucesso por meio da escrita automática e dos sonhos hipnóticos, e que também pode voltar a ser proposta diretamente ao se atravessar a cidade (Careri, 2013, p.82-83).

A inscrição do espaço real e a consciência do que esse espaço vivido revela da subjetividade dos caminhantes evidencia-se na construção do que os surrealistas chamavam de “mapas influenciais”, uma maneira de formalizar as percepções do

espaço. A cidade surrealista é feita de zonas desconhecidas sentidas e vividas pela percepção e pelos atos. Uma experiência de cidade que existe para além daquilo que é visível. O espaço apresenta um sujeito ativo e pulsante, um criador de afeto e relações, que percorre caminhos e descobre lugares, que passa por ambientes desconhecidos ou abandonados, que busca por encontros e objetos esquecidos no imaginário da cidade. Tal como o caminhar sem destino definido, possibilitando uma viagem além do espaço físico da cidade, mas pensamento e o subconsciente humano, permitindo o acesso de áreas desconhecidas no meio da malha urbana, cidades dentro das cidades, histórias que fazem parte da sua construção que grande parte dos habitantes desconhecem e que são, no fundo, a sua alma.

O surrealismo abre as portas do inconsciente para o improvável e o desconhecido, no percorrer desta pesquisa e através da literatura presente na cidade, encontramos um espaço aonde as lendas e fantasmas de uma cidade operam na mesma frequência, invocando o mistério que fogem à lógica racional. As histórias de aparições que circulam ou já circularam pelas ruas da cidade são manifestações da errância do imaginário coletivo, onde o passado, o presente, a memória e o medo se entrelaçam para criar narrativas. Essas lendas, tal como o surrealismo, revelam uma dimensão oculta da realidade, onde o improvável se torna possível e o invisível se faz presente. Ao caminhar por esses espaços carregados de histórias e fantasmas, somos lembrados de que a cidade é mais do que uma paisagem física; ela é também uma projeção das emoções e crenças de seus habitantes, onde o ilusório assume vida própria, desafiando os limites entre o real e o imaginário. Michael Lowy (2002), afirma que o surrealismo é sobretudo, e antes de tudo, um certo estado de espirito. Um estado de insubmissão, de negatividade, de revolta, que retira sua força positiva erótica e poética das profundezas cristalinas do inconsciente, dos abismos insones do desejo, dos poços mágicos do princípio do prazer, das músicas incandescentes da imaginação (Lowy, 2002, p.10).

Em *Rua de mão única*: obra publicada por Walter Benjamin em 1928, representa, assim, uma assimilação das técnicas de montagem, a qual é interposta pelo olhar do sujeito que se vê atravessado pelos lugares, referências literárias, políticas, filosóficas e pessoais. Destaca-se, então, que a atividade cognitiva/intelectual pode ser entendida como um caminho percorrido, no qual várias vozes se prestam a compor o repertório de um indivíduo. Semelhantemente, pode-se dizer que o andar é capaz de transformar simbólica e fisicamente o espaço:

> O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado - e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo - é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares (Careri, 2013, p. 51).

Um fator crucial no contexto das vanguardas é a capacidade de vivenciar o espaço de uma maneira multissensorial, onde o ambiente além do espaço também serve como meio de inserção da existência. Isso se deve principalmente ao fato de que aquele momento é crucial para o crescimento das cidades, construções e intervenções urbanas, bem como para a velocidade e o movimento que passam a se imprimir. Contando com as circunstâncias históricas e estéticas que propiciou o Cubismo, chega-se também à noção de antiarte, promovida por grupos artísticos em caminhadas incessantes no início do século XX. O movimento Dadá organizou várias "visitas-excursões" aos lugares banais de Paris em 1921. Reiterando Careri, é a primeira vez que a arte usa lugares conhecidos para retomar o espaço urbano. Em 1924, os dadaístas de Paris organizam uma "errância" e descobrem que a caminhada tem um toque mágico e estranho. Eles definem esta experiência como uma deambulação. Este tipo de deambulação funciona como uma escrita automática no mundo real e tem a capacidade de revelar as áreas subconscientes e suprimidas da cidade:

> O grupo decide partir de Paris para chegar de trem a Blois, uma pequena cidade escolhida ao acaso sobre um mapa, e de seguir a pé até Romorantin. Breton recorda esse “deambular a quatro” conversando e caminhando por vários dias consecutivos como uma “exploração pelos limites entre a vida consciente e a vida de sonho”[37]. Ao regressar da viagem, escreveu a introdução de *Poisson soluble*, que se tornaria o Primeiro Manifesto do Surrealismo[38] (Careri, 2013, p. 78).

[37] Gintz, C. “Richard Long, la vision, le paysage, le temps”, *Art Press*, n. 104, pp. 5-7, junho de 1986.
[38] “A terra sob os meus pés não é senão um imenso jornal explicado. Às vezes, passa uma fotografia, é uma curiosidade qualquer, e das flores nasce uniformemente o odor, o bom odor de tinta de papel impresso”.

Configurando-se como um percurso iniciático, a viagem marca a transição do dadaísmo para o surrealismo. Assim, a partir do viés surrealista empregado nas expedições daquela época, conclui-se que o mesmo atravessa a infância do mundo e fornece uma noção de espaço que permite que o sujeito seja um ser ativo e dinâmico, que cria afetos e relacionamentos. Este caráter claramente combina com a inquietude característica de Walter Benjamin. Portanto, as sistematizações de Careri sobre o assunto nos permite afirmar que a atividade da escrita em Benjamin é transformada em lugar e filtrada pelo eu-caminhante ao apostar em um jogo dialético:

> A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto. A esta realidade, sem sabê-lo, está dedicado o flâneur [...] Paisagem – é nisto que a cidade verdadeiramente se transforma para o flâneur. Ou mais exatamente: para ele, a cidade cinde-se em seus polos dialéticos. Abre-se para ele como paisagem e fecha-se em torno dele como quarto. (Benjamin, 2006, p. 462).

A cidade é retratada na citação de Walter Benjamin como a realização do antigo sonho humano do labirinto, um espaço intrincado e complexo que desafia a lógica linear e convida à exploração sem um destino definido. A cidade se torna uma dualidade dialética para o flâneur, o personagem principal do pensamento de Benjamin. Ele não apenas percorre suas ruas, mas também se deixa envolver por elas, vendo a cidade se abrir como um cenário amplo e íntimo, paradoxalmente. Para os flâneurs, a cidade é mais do que um conjunto de edifícios; é um ambiente vibrante onde o exterior se mistura com o interior, como se as ruas fossem extensões de seu próprio apartamento. Nessa caminhada contemplativa, o flâneur revela uma forma de habitar o espaço urbano que vai além da função utilitária, sendo uma fusão entre o individual e o coletivo, o privado e o público, o visível e o oculto.

A deambulação surrealista encontra uma conexão profunda com o imaginário nos fantasmas da cidade, que são marcados pelo abandono do racional e pela entrega ao acaso. O surrealismo permite que o subconsciente e o improvável se manifestem, assim como os fantasmas que habitam as lendas, fantasmas, que não são visíveis e não podem ser vistos, acompanham essa obscuridade, representando os fragmentos escondidos da memória coletiva que surgem nas esquinas escuras e nos becos esquecidos. A deambulação permite que esses lugares transcendam o físico, evocando presenças que não estão presentes, mas que ainda fazem parte da atmosfera da cidade. O caminhar errático pelos labirintos urbanos se transforma em

uma experiência onírica, onde o real e o imaginário se fundem, e o flâneur surrealista passa a enxergar a cidade como um palco de fantasmas que revelam o passado e suas histórias ocultas.

Patos de Minas, um mistério, as histórias e os fantasmas enraizados na literatura e no imaginário coletivo, revela a riqueza cultural e histórica da cidade. As histórias permeiam pelas suas camadas, evocando figuras que sobrevivem na memória de seus habitantes. Essas narrativas, transmitidas oralmente e também registradas em obras literárias, criam uma atmosfera onde o passado parece estar sempre à espreita, pronto para ressurgir através de relatos de aparições, vozes sussurradas e acontecimentos que desafiam o tempo. Na literatura, os fantasmas de Patos de Minas simbolizam mais do que meros espectros; eles representam as marcas invisíveis da história, as dores, os medos, os segredos e os desejos não realizados de gerações passadas. Assim, as lendas locais não apenas alimentam o imaginário popular, mas também reforçam a identidade da cidade, entrelaçando realidade e fantasia.

Deriva e Novas Derivas

A narrativa começa com os pés firmemente ao chão, os quais não apenas servem como meio de locomoção, mas também representam a porta de entrada para exploração do caminhar. Ao lançar-se no espaço, torna-se plausível a construção do percurso, analisar significados simbólicos aos espaços vivenciados ou ainda por experimentar. A cada passo, a cada encruzilhada o caminhante se insere adentrando em um cenário mutável, feito de nuances que escapam aos que passam apressados, sentindo o vento que atravessa calçadas, embala as árvores e ecoam o cantar dos pássaros. As ruas para muitos são apenas lugares de passagem, e nesse entrelaçar entre corpo e espaço, o caminhar ganha novas camadas de significados. o caminhar se torna um ato poético, uma forma de se perder e se reencontrar no labirinto das ruas, onde cada detalhe é uma história esperando ser desvendada. A apropriação do espaço ocorre através da experiência do corpo, sendo este o ponto de origem do significado de ser um caminhante na cidade. O olhar atento aos acontecimentos ao redor, cidade pulsando e acontecendo em tempo real, a recordação dos momentos marcantes em cada local e o reconhecimento de que a cidade é composta por histórias que moldam a jornada do caminhante.

O caminhante é o sujeito urbano capaz de ir além do que se projeta pela cidade. Um elemento urbano capaz de tecer relações espaciais entre diferentes lugares, cheios ou vazios, que está entre, que circunda e dá vida aos locais construídos ou não construídos, que um dia foram palco para histórias acontecerem e se enraizarem. O caminhante descobre seus próprios caminhos. Criando, dentro da cidade, uma cidade vivida, com experiências ou até mesmo inventada. É ela que o caminhante encontra, como um livro aberto, lugar que carrega histórias e subversões que não para de acontecer na constituição dos lugares. É nesta cidade que o caminhante inventa uma outra cidade, a cidade "metafórica" como diz Michel de Certeau:

> Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de "operações" ('maneiras de fazer'), a "uma outra espacialidade" (uma experiência 'antropológica', poética e mítica do espaço) e uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua se assim no texto claro da cidade planejada e visível (De Certeau, 2014, p. 159).

Antes da fundação da Internacional Situacionista[39], alguns dos grupos já discutiam práticas e comportamentos que consideravam uma aproximação do indivíduo com a cidade. Em 1954 o próprio Debord, juntamente com Jacques Fillon, escreve um texto para a revista Potlatch em que indica essas ações no âmbito urbano.

> As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica de andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. Nós não saberíamos considerar tipos de construção menores. O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis (Debord; Fillon, 1954 apud Jacques, 2003, p. 17).

A deriva é o andar sem rumo pela cidade, sem uma atividade agendada, um caminhar em que o indivíduo não está submetido à um dever ou um objetivo. É o percurso do descobrimento, da experiência na cidade, da relação corpo-espaço,

[39] A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento europeu de crítica social, cultural e política que reuniu poetas, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e outros profissionais. O grupo IS foi conduzido por Guy Debord, e seu início data de julho de 1957, com a fundação IS, em Casio d'Aroscia, Itália. O grupo se define como uma "vanguarda artística e política", apoiada em teorias críticas à sociedade de consumo e à cultura mercantilizada. A ideia de "situacionismo", segundo eles, relaciona-se com a crença de que os indivíduos têm de construir a alienação reinante e obter prazer próprio. Do ponto de vista artístico, as principais fontes do movimento são o dadaísmo e o surrealismo – sobretudo pela conexão por eles defendida entre arte e vida (Situacionismo, 2014).

apreendida pela visão, audição, olfato, tato. A deriva é a antítese do espetáculo. Enquanto o espetáculo busca tornar o indivíduo sedentário, formatado, conformado em construir e detalhar a realidade burguesa, a deriva se apropria do tabuleiro espetacular que é a cidade, e explora-o em busca de fragmentos de realidade. Derivar é um experimento. É uma caça às situações. O que os situacionistas desvendaram é que a cidade está cheia delas. A deriva, nesse sentido, rompe com a rotina urbana e com o ritmo apressado da vida moderna. Ao se entregar ao fluxo espontâneo das ruas, o indivíduo se liberta das convenções impostas pelo cotidiano e passa a enxergar a cidade de maneira diferente, percebendo nuances que normalmente passariam despercebidas. Esse caminhar sem rumo permite que a pessoa explore tanto os espaços conhecidos quanto os desconhecidos, abrindo-se a encontros imprevisíveis, a sensações novas e à redescoberta do ambiente urbano.

Segundo Guy Debord (2003), o conceito de deriva está intrinsecamente ligado ao reconhecimento dos efeitos de natureza psicogeográficas, associado à adoção de um comportamento lúdico-construtivo que afirma ser absolutamente "[...] oposto às tradicionais noções de viagem a passeio" (Debord, apud Jacques, 2003, p.87). A deriva consiste em um método de caminhar sem rumo que busca apropriar da cidade por ordem do acaso, a intenção é percorrer a cidade com a finalidade de fazer emergir dela elementos relativos ao acaso do passeio, como a organicidade da paisagem urbana, as espontâneas situações cotidianas e a efervescência própria do trânsito dos indivíduos, ou seja, a vida citadina em sua forma legítima. A diferença do trajeto da deriva para o caminhar habitual está na abertura do participante para as questões da geografia afetiva da cidade, nesse sentido "os acasos da deriva são fundamentalmente diferentes dos do passeio". Ao caminhar, deve-se deixar levar pelas ruas da cidade e pelos encontros que ali acontecem, pois o ambiente geográfico tem influência direta sobre o comportamento afetivo dos indivíduos. Para Jacques (2003) é evidente que "a deriva era o exercício prático da psicogeografia[40]" (Jacques, 2003, p.230).

> A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação do andar sem rumo. A psicogeográfia estudava o ambiente urbano,

[40] "Estudo dos efeitos precisos do meio geográfico, conscientemente organizado ou não, que atuam diretamente no comportamento afetivo dos indivíduos" (Internationale Situationniste, n.1, 1958). A psicogeografia seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico planejando conscientemente ou não que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos (Debord, apud Jacques, 2003, p. 39).

> sobretudo os espaços públicos, através das derivas e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação básica do caminhar na cidade (Jacques, 2003, p. 23).

Segundo Jacques (2003), os situacionistas entendiam o meio urbano como "terreno de ação, de produção de novas formas de intervenção e de luta contra a monotonia, ou ausência de paixão, da vida cotidiana moderna" (Jacques, 2003, p.13). Andrade (2003) afirma que:

> A Internacional Situacionista buscava a constituição de novas territorialidades que resgatam as múltiplas formas de nomadismo que as cidades modernas foram agressivamente esquadriando, restringindo, fixando e confirmando, com o fim de aniquilá-las por completo (Andrade, 2003, p.11).

Com efeito, em suas práticas e reflexões para a subversão da cidade vigente e das formas de construção da vida urbana, os situacionistas propuseram não modelos urbanos, "(...), mas sim experiências efêmeras de apreensão do espaço urbano através da proposta de novos procedimentos como a psicogeográfia e de novas práticas de deriva" (Jacques, 2003, p.15), possibilitando assim novas formas de observação da cidade e vivências. O situacionista definia a si mesmo como "indivíduo que se dedica a construir situações". Este conceito de "situação", que nomeia o grupo, vai buscar suas bases na "teoria dos momentos", descrita por Lefebvre, e apoiar-se em uma intenção de incorporar a vida cotidiana às reflexões sobre arte, lazer e vida urbana. Jacques (2003, p.21) diz:

> A tese central situacionista era a de que, por meio da construção de situações, se chegaria à transformação revolucionária da vida cotidiana, o que se assemelhava muito à tese defendida por Henri Lefebvre – não por acaso muito próximo dos situacionistas no início do movimento – de uma construção de momentos, em sua trilogia Critique de l avie quatidienne. A situação construída se assemelha à ideia de momento e poderia ser efetivamente vista como um desenvolvimento do pensamento lefebvriano:
>
> O que você chama de momentos nós chamamos de situações, mas estamos levando isso mais longe que você. Você aceita como momento tudo que ocorreu na história: amor, poesia, pensamento. Nós queremos criar momentos novos.

A ideia de construir situações propõe que a vida cotidiana poderia incitar paixões que provocam um sentido de jogo no espaço urbano, onde, apesar da repetição de hábitos, abre-se sempre um espaço para o aleatório, o incontrolável, o apaixonante, o caminhar como descobrimento de espaços e histórias que um dia foram esquecidos. A vida do homem é uma sequência de situações cotidianas e embora nenhuma delas seja exatamente semelhante a outra, são em sua imensa maioria comum e ordinárias que dão a impressão de serem iguais. A consequência desse estado de coisas é que raras situações interessantes que conhecemos numa vida retêm e limitam rigorosamente essa vida. Devemos tentar construir situações, isto é, ambiências coletivas, um conjunto de impressões determinando a qualidade de um momento (Debord, 1957. In: Jacques, 2003, p. 56).

Para além do conceito de deriva, posso criar proximidades com o conceito das práticas ordinárias de Michel de Certeau (2012), onde inclui as “práticas de espaço” e as “caminhadas pela cidade”. Ele oferece uma abordagem em que as práticas cotidianas da caminhada e o espaço vivido traz uma inquietante familiaridade com a cidade. O caminhar é uma enunciação, o pedestre apropria das ruas, faz do lugar um espaço e se relaciona com a cidade através dos seus movimentos. Esta e suas diferentes interpretações são percebidas como uma linguagem textual que se dá na prática do caminhar nas ruas. Pode -se afirmar que uma das formas de tentar perceber a cidade é caminhar por ela:

> A caminhada afirma, lança, suspeita, arrisca, transgride, respeita, etc. as trajetórias que “fala”. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartindo em proporções em sucessões, e com intensidade que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes (Certeau, 2012, p.166).

Além de ser um simples passeio físico, a citação de Michel de Certeau enfatiza a caminhada como uma ação carregada de significados e possibilidades. Cada passo afirma trajetórias, lança novas direções e arrisca o desconhecido enquanto respeita o tecido urbano e social pelo qual o caminhante se move. Neste sentido, a caminhada não é neutra; ela "fala", comunica ideias e interpreta o espaço de forma dinâmica e fluida. De acordo com Certeau, todas as modalidades estão em jogo durante a caminhada: o ato de caminhar pode exceder limites, mas também pode seguir regras, dependendo da interação entre o percurso, o momento e o próprio caminhar. Cada

passo é uma construção de significados que varia conforme o contexto e o sujeito que percorre o caminho. O caminhar é uma prática, uma forma de engajamento com o espaço que reorganiza a cidade em uma experiência pessoal e sensível. O ato de caminhar não apenas molda o espaço, mas também é moldado por ele. Através do movimento, o caminhar inscreve novas narrativas no espaço, revelando que a cidade não é uma entidade fixa, mas sim um conjunto de trajetórias, histórias e interações. Dessa forma, a caminhada se torna um processo criativo e interpretativo, onde as emoções, intenções e percepções de cada caminhante transformam o percurso em uma experiência única, sempre em mutação conforme o momento vivido.

As novas derivas, trazem à tona uma abordagem contemporânea e experimental de vivenciar a cidade. Em vez de caminhar seguindo trajetos predefinidos, essas derivas propõem uma exploração espontânea, onde o acaso, a intuição e a sensibilidade guiam o caminhar. Nas novas derivas, o espaço urbano é reinterpretado como um campo aberto de possibilidades, onde cada esquina, rua ou praça pode oferecer experiências inéditas e inesperadas. Elas convidam os caminhantes a se desvencilharem das rotinas e da funcionalidade utilitária dos deslocamentos diários, desafiando a ideia de que a cidade deve ser vivida de forma linear e previsível.

Inspiradas pelas práticas situacionistas e pelos pensamentos de teóricos como Guy Debord e Michel de Certeau, ganham uma dimensão ainda mais rica quando incorporam os mapas trazidos por Visconti. Esses mapas não são simples representações geográficas, mas ferramentas que convidam o caminhante a repensar sua relação com o espaço urbano de maneira criativa e subjetiva. Ao invés de seguir trajetos predefinidos, as derivas propõem uma exploração espontânea, onde o acaso, a intuição e a sensibilidade orientam o caminhar. Com os mapas de Visconti, a cidade é redesenhada como um campo de experimentação, no qual cada percurso pode ser reinventado e cada ponto no mapa é potencialmente um novo ponto de partida.

> Poder-se-ia afirmar que o mapa revela-se, assim, instrumento para perder, mais do que parar, o caminho, ou então suporte para a criação de itinerários arbitrários, como nos casos dos mapas intervindos por artistas que depois realizam fisicamente os percursos traçados (Visconti, 2014, p.77).

No entanto, usar os mapas como mediação pode fazê-los ou mesmo na criação de cartografias subjetivas, vários componentes se sobrepõem para promover uma certa integração com o ambiente. Os mapas são usados por artistas. Os mapas são

então usados como suporte para vários tipos de intervenção gráfica, como um guia ou mesmo para fazer ajustes nele. Como continua Visconti (2014) os artistas superam a função útil do mapa para explorar uma infinidade de maneiras diferentes:

> A princípio, poderia parecer que esse uso, isto é, recorrer a um mapa na preparação de uma caminhada, é perfeitamente convencional, mas a maneira como o itinerário é concebido subverte, na prática, essas premissas, invertendo a lógica que vê no mapa um instrumento utilitário (Visconti, 2014, p. 77).

Esses mapas, ao sobrepor camadas de histórias, memórias e experiências individuais, desafiam a rigidez dos mapas tradicionais, transformando o espaço urbano em um labirinto sensorial. As novas derivas, ao utilizá-los, ressignificam a paisagem urbana, propondo uma cartografia que se molda à subjetividade do caminhante. Assim, cada esquina, rua ou praça deixa de ser apenas um ponto físico e se torna um convite à descoberta de narrativas ocultas. Ao caminhar com os mapas de Visconti, o errante não apenas explora a cidade, mas reescreve seus caminhos em uma interação contínua com o espaço.

> O formato da deriva, em todas as suas declinações, oferecia a uma geração de artistas inconformados com o modelo de produção artística vigente impossibilidade de criar obras etéreas, intangíveis e, o que mais importa, dificilmente fagocitáveis pelo sistema, já que acabavam consistindo apenas, ou basicamente, em relatos ou registros (Visconti, 2014, p.130).

As novas derivas dialogam com as transformações tecnológicas e culturais contemporâneas, onde a cidade se estende para além do físico, com a interseção de realidades digitais e virtuais. Os mapas de Visconti, em sua proposta aberta e fluida, refletem esse novo olhar sobre o urbano, permitindo que o caminhar seja um processo criativo, onde o espaço é constantemente reinventado a cada passo. Assim, as novas derivas e os mapas de Visconti criam um horizonte de possibilidades, onde o espaço urbano não é um território fixo, mas uma rede em constante transformação, que ganha vida através da interação entre o caminhar, a memória e a imaginação.

CAPÍTULO 03

PATOS DE MINAS: ALÉM DOS MAPAS

No primeiro capítulo desta dissertação, foi apresentado o objeto desta pesquisa, a cidade de Patos de Minas e seu território, explorando sua história e a interação entre a cidade real e a cidade imaginária. No segundo capítulo, discutimos a cartografia, abrangendo tanto aspectos geográficos e tradicionais quanto afetivos, e introduz a cartografia sensível como método central da pesquisa. Analisamos o ato de caminhar pela cidade como processo poético que irá contribuir para a construção dos mapas, destacando a interação entre histórias, afetos e trajetos urbanos e a criação de novas perspectivas. O objetivo vai além de explorar os espaços urbanos; é vivenciar a paisagem urbana, percebendo-a através do corpo e cultivando uma sensibilidade aos lugares. E agora, por fim, abordamos a Patos de Minas além dos Mapas, trazendo vida aos afetos e subjetividades da cidade. Cartografias foram criadas, buscando-se dar forma ao imaginário urbano, valorizando sentimentos, ideias e experiências que não podem ser trocados ou quantificados.

Ao iniciar este capítulo que será composto por caminhadas, ilustrações e descrições da paisagem, pretendo capturar os afetos e caminhar pelas transformações dos espaços urbanos de Patos de Minas. Essas caminhadas representam mais do que um simples percurso; caminhar pelo imaginário da cidade, onde cada lugar carrega fragmentos de memórias. Com o uso de ilustrações, tentarei traduzir visualmente as percepções e sentimentos despertados ao longo dos trajetos, complementando as descrições detalhadas dos cenários para construir um retrato sensível e profundo da relação entre as pessoas e o espaço urbano que as cerca.

E aqui começo com o processo de criação, o registro das caminhadas e a construção dos meus afetos e imaginários através da ilustração. Cada traço e a utilização das cores surgem como uma tentativa de registrar o espírito da cidade, através do meu olhar, tudo que reside nas entrelinhas dos espaços e nas narrativas que eles evocam. Esses registros não buscam apenas representar visualmente a cidade, mas revelar as camadas subjetivas que habitam seus detalhes – o que se esconde nas esquinas, o que ressoa nas lendas, ou pelo menos a minha imaginação tentando traduzir tudo. Ao ilustrar, pretendo capturar não só o que se vê, não só o que vejo, mas o que se sente ao percorrer esses espaços, convertendo memórias e sentimentos em uma cartografia sensível e imaginária da cidade.

A utilização de fotografias e ilustrações neste trabalho surge como um recurso para materializar o imaginário da cidade. As fotografias capturam o presente concreto de Patos de Minas, fixando momentos e detalhes que, muitas vezes, passam

despercebidos no cotidiano. Já as ilustrações transformam essas cenas registradas, permitindo que o olhar sobre a cidade seja ressignificado de forma subjetiva. Uma mistura entre a cidade real e as lendas, tudo sob tudo. Cada fotografia serve como um ponto de partida para uma nova interpretação visual, enquanto as ilustrações dão liberdade ao imaginário, explorando cores, não muito abrangentes, mas preto, branco e vermelho vivo, formas e composições que revelam as nuances dos afetos e das histórias presentes nesses espaços. A combinação desses dois elementos possibilita uma cartografia poética, onde o real e o imaginário se entrelaçam, construindo uma narrativa visual que transmite um pouco da essência da cidade através dos meus olhos e daqueles que caminharam comigo.

Pesquiso, penso e vivo a cidade caminhando. Ouço ruídos, o canto dos pássaros, buzinas e alarmes. Vejo as cores, observo as pessoas caminhando e interagindo. Converso com quem está ao meu lado e, às vezes, com o meu celular, como se estivesse registrando para um podcast ou documentário – o que poderia ser. Falo sozinha, expresso para mim mesma o que penso. Mas escrevo este e todos os outros textos sentada, em silêncio no meu quarto – às vezes, ou muitas vezes, ouvindo música ou o canto dos pássaros do meu irmão, que ficam bem na janela.

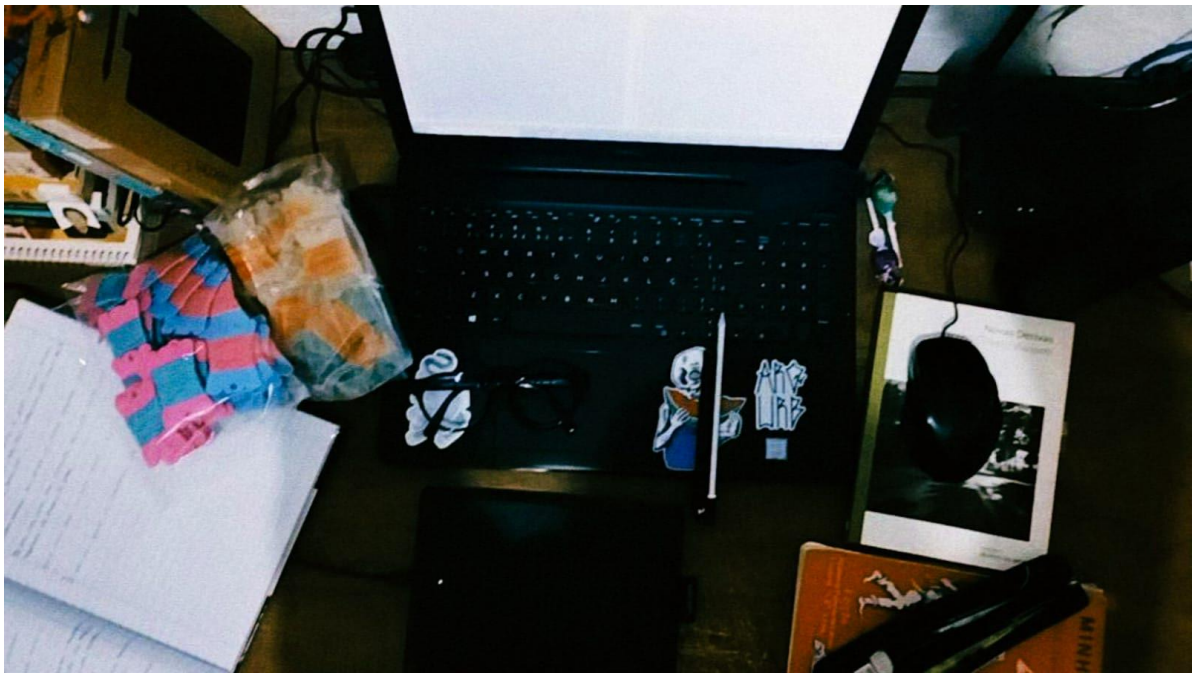


Figura 92: Estação de Pesquisa e Inspiração. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Quando fecho os olhos e começo a ouvir as gravações, lembro-me do caminhar, dos sons e cheiros que a cidade me desperta, como se revivesse cada passo

novamente. Presa à minha cadeira de madeira, olhando para o computador e para a parede em um tom de cinza amarelado, começo a escrever, e assim os pensamentos fluem. Parece que tudo cabe em uma folha em branco, mas tudo cabe aqui, dentro de mim. Por meio das ilustrações e fotografias, tento transmitir os afetos e a memória visual que alguns lugares me despertaram.

Ao caminhar por Patos de Minas, deixo que o movimento das ruas, as nuances da arquitetura e os murmúrios do cotidiano me inspirem. É como se a cidade falasse, como se fosse uma sessão de terapia. Às vezes, me imagino conversando com minha terapeuta, mas, nesse momento, sinto como se a cidade pudesse me ouvir e compreender tudo o que estou sentindo – não apenas sobre ela, mas sobre mim mesma e tudo o que acontece aqui dentro. O ritmo apressado das pessoas reflete a minha própria pressa para viver; a impaciência e a agitação do trânsito traduzem a cobrança constante que imponho a mim mesma. A cidade, com suas contradições e imperfeições, me revela meus próprios contrastes, e a cada passo encontro, nela e em mim, pequenos detalhes que nunca havia notado. Cada detalhe me reflete, me desafia e me conforta, e tudo isso se transforma em ideias e sentimentos que, mais tarde, organizo em palavras e ilustrações. A cidade me conhece, talvez, tanto quanto eu a conheço.

Gosto de fotografar o céu e organizando as fotografias que tirei durante as caminhadas, percebo que registrar o céu em cada caminhada é, para mim, uma forma de buscar perspectivas e inspirações que vão além do cotidiano urbano. O céu, com sua natureza mutável, é constante sobre a cidade – uma presença silenciosa, sempre ali, mas em contínua transformação. Essa minha relação com o céu, na verdade, é antiga. Desde cedo, observar as nuvens e acompanhar suas formas e movimentos me trouxe uma espécie de conforto, uma sensação de estar ligada a algo maior e intangível. Acompanhar a as nuvens, ver as cores mudarem no amanhecer e no entardecer me acalma, como se cada olhar para o céu fosse uma pausa para respirar. Ao capturar esses momentos, sinto que crio uma ponte entre o efêmero e o permanente, conectando minhas observações diárias com algo mais amplo, que transcende o espaço imediato da cidade e revela novas nuances de cores, luzes e atmosferas. Fotografar o céu se torna, assim, uma metáfora visual e emocional: enquanto a cidade segue em constante movimento, o céu é meu espaço de contemplação e reflexão, ressignificando minha experiência e percepção do ambiente

urbano e, ao mesmo tempo, me lembrando da serenidade que sempre encontrei em observar as nuvens.

Figura 93: O Céu em Perspectiva: Entre Olhares e Conexões. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

O ato de caminhar pela cidade nunca foi uma prática que apreciei, mas essa perspectiva se transformou ao longo da pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso, durante a pandemia em 2021. As restrições de acesso e o esvaziamento das ruas conferiram à cidade uma sensação de estagnação, e esse novo silêncio proporcionou um espaço para a percepção de detalhes anteriormente não observados e valores que antes não tinham importância. Gradualmente, desenvolvi um apreço pelo caminhar, reconhecendo-o como uma forma de compreender o espaço urbano de maneira mais aprofundada e hoje, o processo de caminhar me ajuda a me entender e entender o que sinto durante os dias difíceis. Ana, também desempenhou um papel importante e significativo nesse novo olhar, ela sempre gostou e ama caminhar, de observar a cidade em suas minúcias, principalmente se for no meio do mato – eu já sou mais urbana, gosto da cidade – o que não quer dizer que eu não goste de andar no meio do mato, sim, eu gosto, mas tenho receios quanto aos insetos, mas ela sempre me estimula a caminhar, valorizar cada passo e cada nova paisagem. Atualmente, me identifico como uma caminhante – alguém que experimenta a cidade com uma atenção e um olhar atento, as vezes ou quase sempre um olhar enquanto urbanista arquiteta, encontrando novos significados a cada trajeto. Para mim, caminhar pela cidade ultrapassa a simples exploração do espaço físico; trata-se também de uma caminhada pelos lugares que habitam o imaginário, aqui nessa dissertação o imaginário popular, pelos cenários das lendas que compõem o território de Patos de Minas.

Percursos: a rua de muitas ruas

O roteiro das caminhadas foi organizado a partir do levantamento das lendas que permeiam a cidade, buscando estabelecer conexões entre os locais físicos e as histórias que os cercam. Cada caminhada foi planejada para explorar um percurso específico, que inclui pontos históricos, áreas de significado valor e cultural, áreas afetivas para mim e os locais onde as lendas ganham vida. Ocorreram também caminhadas que as vezes estava em um determinado ponto da cidade e resolvi partir e caminhar, fora os ensaios e as deveras caminhadas que fiz pela pequena grande patos enquanto a vida estava acontecendo. Aconteceram caminhadas rápidas, com poucas pausas, caminhadas sozinhas, caminhadas acompanhadas e até em grupo

de quatro pessoas, mas o importante é que elas aconteceram, mas também teve, além de tudo isso, as caminhadas acompanhadas de momentos de pausa e reflexão, momentos de observação e a busca por enxergar as transformações do território de Patos de Minas.

Durante as caminhadas em que tive companhia, os participantes foram convidados a partilhar suas percepções e experiências pessoais relacionadas aos lugares que visitamos. Essa troca enriquece o entendimento sobre a cidade, permitindo que diferentes olhares e histórias contribuam para a construção de um imaginário urbano mais plural. Dessa forma, o roteiro tem a possibilidade em transformar em uma narrativa vivencial, onde cada passo oferece uma nova percepção e uma oportunidade de redescobrir a cidade sob múltiplas perspectivas, a partir das lendas que a habitam e das histórias que a compõem. Por meio dessa prática, busca-se promover uma valorização mais profunda do espaço urbano, estimulando um olhar atento e sensível à complexidade presente em cada história – incluindo não apenas as narrativas das lendas, mas também as experiências de cada caminhante que vivenciou a cidade junto a mim.

Inicialmente, organizei os locais mencionados nas lendas, definindo os destinos, mas deixando em aberto o percurso exato – as ruas e os caminhos específicos que percorreria até chegar a esses espaços "lendários", que foram escolhidos no momento da partida e adaptados conforme o decorrer das caminhadas. Ao longo do tempo, esses lugares passaram a adquirir uma carga afetiva significativa para mim, marcando lembranças além das narrativas das lendas. As caminhadas foram então estruturadas em cinco etapas, cada uma planejada cuidadosamente para proporcionar uma experiência de imersão gradual, favorecendo o reconhecimento e a valorização desses espaços, tanto por seu valor simbólico quanto por seu papel na construção de uma memória afetiva pessoal e coletiva. Os momentos das caminhadas foram:

1) Caminhada individual – Passando pelo Vale das Cabaças Uivantes, Lenda de Patos de Minas, A mulher dos três metros e A mulher de sete metros;

2) Caminhada com o Adriano, passando por todas as lendas e finalizando no Mercado Municipal;

3) Caminhada individual – Passando pela Gameleira, A mulher de sete metros, O Moço da Vela e o Cravo e a Janela.

4) Caminhada acompanhada – Realizado junto a minha companheira Ana Luiza no trajeto Mercado Municipal e Avenida Getúlio Vargas.

5) Caminhada noturna em grupo – Realizada junto aos meus amigos Bruna, Cleysson e Gabriel, percurso Mulher de Sete metros, Mulher dos três metros e a Lenda de Patos de Minas.

RELATO DAS CAMINHADAS:

Primeira Caminhada: Individual

04 de junho de 2024. Terça – Feira. Dia ensolarado.

Figura 94: O corpo sente a cidade. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

A caminhada começa ainda em casa, nos preparativos para sair. Calço meu tênis, pego minha mochila e a garrafa de água. São exatamente 08h45 do dia 04 de junho de 2024, uma terça-feira. Apresso-me, conferindo para não esquecer nada. As chaves caem, e o cadarço está desamarrado. Paro para arrumar. Pausa na gravação do áudio. Pronto, aciono o aplicativo que gravará o áudio durante todo o percurso, capturando meu relato e os sons da cidade. Agora são 09h00. Ligo o aplicativo de monitoramento ao abrir o portão, que registrará toda a caminhada, dados que posteriormente trabalharei no Illustrator. Abro o portão e encontro alguns vizinhos.

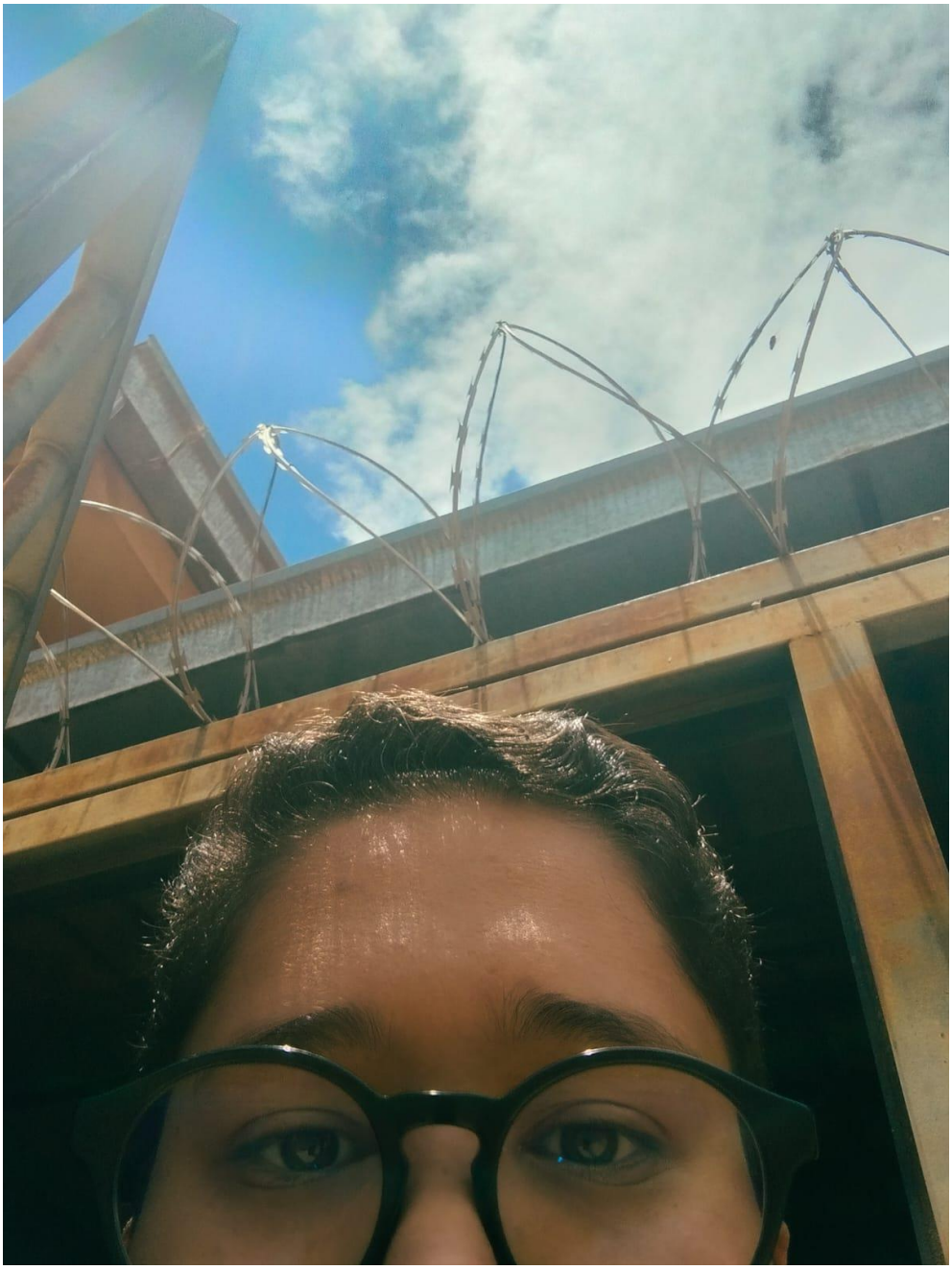


Figura 95: Pronta para caminhar. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

– Bom dia, Iara! Tudo bem? Bom dia, Delma!

Sigo minha caminhada. Às vezes me sinto em um podcast, o que também poderia ser. Saio de casa, localizada na Rua Francisco Soares, número 512, no Bairro Nova Floresta, exatamente às 09h55, iniciando o trajeto. A meta hoje é caminhar por cinco locais presentes nas lendas: o Vale das Cabaças Uivantes, a Gameleira, a Mulher de Sete Metros, a Mulher dos Três Metros e a região da Lagoa dos Patos, mas sem um trajeto definido.

Sigo pela Rua Francisco Soares em direção à Rua dos Afonsos. Caminho observando; moro neste bairro há quase dezoito anos – os mesmos vizinhos, e meu pai tem uma mercearia em frente de casa, o que criou um vínculo maior com todos.

Figura 96: O afeto mora na minha rua. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Observo o esposo da Tia Maria, que sempre se senta na calçada com seu cachorro. Nesse momento, o Senhor Amadeu e a Dona Rosária estão saindo de casa. Cumprimento-os e sigo em frente. Chegando à Rua dos Afonsos, noto como a rua se estreita, e a arquitetura simples e aconchegante das casas me encanta. Vejo crianças brincando, cachorros correndo atrás de um homem de bicicleta e o grande fluxo de carros seguindo em direção à Rua da Mata.

Na Rua da Mata dos Fernandes, já visualizo meu primeiro destino. Viro à direita, subo em direção à Vila Vicentina Padre Alaor e paro ao passar por um brechó. Vejo camisetas penduradas e sapatos no chão. Gosto de brechós. Caminho mais um pouco e chego à Vila, onde resolvo sentar na pequena praça em frente. Faço um rápido croqui da casa na esquina e observo o movimento. Vejo um pé de manga, um de abacate e o fluxo grande de carros. Enquanto observo, lembro-me das aulas de urbanismo, e me vem à mente que a Rua Pedro Castorino, hoje conhecido popularmente como Beco da Paulada, já foi o caminho dos tropeiros em direção a Paracatu.

Figura 97: Brechó na Rua Mata dos Fernandes. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 98: Entrada da Vila Padre Alaor. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Sentado na grama macia da pequena praça, olho a casa na esquina com a Vila Padre Alaor, uma construção simples, mas carregada de histórias. O lápis repousa em minha mão, enquanto minha mente vagueia por entre o cenário ao meu redor e as memórias que a lenda do Vale das Cabaças Uivantes me traz.

Há um silêncio estranho aqui. Não o silêncio total, mas aquele cheio de vida: o som do vento que mexe as folhas do grande pé de manga, o canto dos pássaros que parece uma conversa distante, e o murmúrio do mundo lá fora, como se estivesse respeitando a quietude deste lugar, mas ao mesmo tempo uma grande quantidade carros, caminhões e ônibus passam a minha frente. Penso na vida e como, em momentos como este, ela parece tão vasta quanto o céu acima de mim, tão cheia de possibilidades quanto as histórias que carrego em minha mente.

O céu é meu único companheiro agora. Ele me observa enquanto, devagar, traço as primeiras linhas da casa no papel. É curioso como desenhar nos faz parar. Não apenas no tempo, mas dentro de nós mesmos. Há algo quase ritualístico em colocar

no papel aquilo que os olhos veem e a imaginação transforma. A casa está ali, imóvel, mas nela eu vejo ecos das pessoas que por ali passaram, dos risos que ecoaram e, talvez, dos uivos que a lenda sugere.

Figura 99: Uma rua que guarda histórias: a simplicidade do cotidiano, casa verde ao lado da Vila Padre Alaor. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

O Vale das Cabaças Uivantes... Quando ouvi essa história pela primeira vez, achei que era apenas mais uma das muitas narrativas que ajudam a dar sentido a lugares comuns. Mas, agora, penso que as lendas têm algo de nós mesmos, algo que talvez nem percebamos. Não sei se os uivos realmente ecoam pelas noites do vale ou se são apenas metáforas para nossos próprios medos e solidões. Será que o vento que ouço agora traz alguma resposta?

Respiro fundo. O cheiro da terra úmida, do verde ao meu redor, e a música que ainda toca são lembretes de que estou aqui, presente, neste instante. Coloco os fones de ouvido, abro o Spotify e deixo no aleatório. A música começa: "Astronauta de Mármore", na versão do Nenhum de Nós. Ainda ecoa: *“Por que está tão sério? Será*

que é o fim? Nada permanece inalterado...”. É raro parar assim, não é? Nossos dias são tão cheios de pressa, tão ocupados. A música se mistura ao momento, amplificando essa sensação de pausa. Ilustrar, por outro lado, me dá esse presente: o de existir sem correr, de perceber o que há ao meu redor e dentro de mim.

O céu começa a se tingir de tons quentes, anunciando o entardecer. Olho para a casa novamente. Ela parece diferente agora, como se tivesse se transformado enquanto eu desenhava. Ou talvez tenha sido eu.

Residência no final da Rua Mata dos Fernandes. Bairro Vila Garcia.

04 de junho de 2024.
Terça – Feira. Dia ensolarado.

Cerca de 15 minutos depois, sigo pela Rua Getúlio Borges. Observo tipografias vernaculares nos muros e, mais adiante, vejo um depósito de gás, alguns senhores conversando e prédios de três pavimentos. Ao lado de um deles, há um bar fechado. Mais à frente, vejo um pequeno beco que me traz lembranças de visitas aos pais do meu padrinho. Sigo pela Rua Getúlio Borges, observando oficinas mecânicas, bares, uma padaria e uma escola ao redor. Viro à direita na Rua Dona Matia Resende, passo em frente à Escola Estadual Dona Guiomar de Melo, e viro à esquerda na Rua Padre Antônio de Oliveira, chegando aos fundos do muro da Mercifran.

Viro à direita na Rua Rui Corrêa, caminhando até a Igreja de Nossa Senhora da Abadia, que segue em construção de seu santuário, uma pena terem derrubada a primeira construção, achava seu telhado lindo! Penso na beleza da primeira construção e lamento. Ruas estreitas e becos se sucedem, e paro por alguns segundos para admirar a construção. Retomo o caminho pela Rua Joaquim Basilio, viro à esquerda na Rua Sérgio Pereira e, mais adiante, vejo de longe a Catedral de Santo Antônio com sua monumentalidade. Sigo em direção ao centro.

Figura 100: Construção do Santuário da Paróquia Nossa Senhora da Abadia. Rua Rui Corrêa. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 101: Travessa Rua Joaquim Basílio. Fonte: Acervo Pessoa, 2024.

Figura 102: Rua Sérgio Pereira e a vista da ponta da Catedral. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Descendo a rua, vejo uma praça e dois bares: “Bar Merc. São Francisco” à esquerda e “Bar do Geraldim Chap-Chap” à direita, com alguns homens bebendo uma geladinha e uma senhora atravessando a rua. Ao me deparar com uma bifurcação, opto pela Rua Sacramento, onde a ponta da Catedral torna-se mais aparente. Passo por mulheres conversando, um veículo do SAMU parado, talvez uma fofoca rolando. Elas me observam enquanto continuo descendo a rua.

Continuei a descer a rua e chego à Rua Major Gerônimo, onde o movimento aumenta e noto que já estou no centro. A minha esquerda, observo alguns homens aproveitando e bebendo uma cervejinha. Vejo pessoas aguardando ônibus, um consultório odontológico, lojas de festas, e um lote vago em meio a tantas construções. Viro à direita na Travessa Hermenegildo Pereira, um local silencioso que leva até a lateral do shopping. Me lembro que antes de o shopping ser construído, ali era o Campo do Amoré, e, bem antes, parte da Lagoa dos Patos. Quando chove, é impossível atravessar; a água chega até o joelho.

Figura 103: Homens desfrutando uma cerveja gelada em um dia quente. Rua Major Jerônimo. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 104: Travessa Hermenegildo Pereira, um local silencioso. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Ao atravessar a Rua Ana de Oliveira, sigo até a Rua Toinzinho Amâncio, passando pela Farmácia Municipal. Na frente do shopping em reforma, vejo um homem em situação de rua com um cachorro, caminhando na mesma direção que eu. Na esquina, um casal de idosos atravessa em direção à Praça Antônio Dias, do outro lado uma mulher de verde caminhando apressada. Esta praça me é afetuosa: aqui passei horas conversando com Ana quando saímos pela primeira vez, há quase seis anos atrás, mas infelizmente o banco onde sentamos não estava mais lá, ouve uma reforma na praça. Sento-me para observar as árvores e escutar os pássaros, lembrando-me de outros momentos afetivos. Enquanto estava sentava observei, logo a frente temos o Hotel Antares, minha avó trabalhou anos como cozinheira nesse hotel, lembro que sempre que via no centro com minha mãe não poderia deixar de vir visita-la, aproveitava para tomar suco de laranja com ela, nesse momento consigo até sentir o sabor, é uma memória tão viva dentro de mim, quantas saudades sinto desses momentos, quantas saudades sinto da minha avó, já faz alguns anos que ela nos deixou.

Figura 105: Praça Antônio Dias. Acervo Pessoal, 2024.

Figura 106: Em meio ao movimento da cidade. Rua Teófilo Otoni. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 107: Praça Antônio Dias: um lugar repleto de memórias afetivas, encontro e conversa. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 108: Vista para o Hotel Antares, na Praça Antônio Dias, esquina com a Rua Tenente Bino. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Retomo a caminhada pela Rua Tenente Bino, chegando aos fundos da Catedral, e me deparo com a Praça Dom Eduardo, na Avenida Getúlio Vargas. À direita, o Colégio das Irmãs, mas sigo sentido a Casa do Olegário Maciel. A Catedral, com sua arquitetura gótica, é fascinante. Entro para admirar seu interior e, ao sair, sigo pela praça da avenida. Antes de atravessar, observo o busto de Olegário Maciel, o Museu de Patos de Minas, a Escola Antônio Dias Maciel e uma banca de doces. Foi aqui que viram a Mulher dos Três Metros pela primeira vez. Atravesso a rua e caminho até o monumento em homenagem ao Olegário Maciel.

Figura 109: Vista da Catedral e do monumento a Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Chego ao coreto, quase em frente ao antigo Fórum, onde, segundo a lenda, viveu a Mulher de Sete Metros. Hoje, o prédio abriga serviços administrativos. Entro para ver os azulejos, são lindos, subo as escadas e aproveito para encher minha garrafinha de água. Ao sair, vejo um vendedor de picolé e resolvo comprar um sabor limão. Logo ao lado, temos um ponto de ônibus e a frente uma banca de revista. Paro para observar, logo ao lado a Escola Estadual Marcolino de Barros, tinha muitos alunos esperando ônibus. Sento-me e encerro a primeira caminhada, aproveitando o momento enquanto espero o ônibus para voltar para casa. Que experiência!

Figura 110: Vista para o Coreto e as palmeiras da Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 111: Entrada do Fórum Olympio Borges, onde o descanso sereno do cão contrasta com a movimentação interna. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 112: À espera do ônibus, momentos de pausa enquanto a cidade segue seu ritmo. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Segunda Caminhada: Caminhada com Adriano.

27 de julho de 2024. Sábado. Um dia quente e ensolarado.

Figura 113: Caminhando com o Adriano. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Essa caminhada começa com os agradecimentos ao meu orientador incrível, que viajou para Patos de Minas para caminharmos juntos e passar o final de semana. Sábado de manhã, dia quente, o sol já começava a intensificar a sensação de calor. Marquei de encontrar com o Adriano em frente ao antigo Fórum Olympio Borges às 10:00. Me aprontei, como de rotina, peguei minha mochila, garrafinha de água e verifiquei os aplicativos. Eram exatamente 09:35, e percebi que estava atrasado. Decidi descer de carro para facilitar e caminharmos juntos pelo centro. Saí de casa às 09:55.

Nos encontramos em frente ao antigo Fórum Olympio Borges, onde se encontra a lenda da Mulher de Sete Metros, situado na Avenida Getúlio Vargas. De lá, seguimos em direção contrária aos carros, começando nossa caminhada. Passamos por todos os espaços presentes nas lendas, sempre caminhando e observando o entorno, atentos ao acontecer da cidade e sua arquitetura. Logo na lateral do Fórum, paramos para observar a placa com as informações técnicas do edifício, assim, identificando sua arquitetura eclética.

Figura 114: Placa com informações sobre o Fórum Olympio Borges e informações técnicas. 1999. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Figura 115: Lateral do Fórum Olympio Borges na Rua José de Santana. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Adriano, sempre atento, comentou: – Olha só, agora, com esse horário que encontramos, as 10 horas, conseguimos ver a praça de uma outra maneira, né? De outras formas...

Seguimos pela avenida, passando em frente à Escola Estadual “Doutor Marcolino de Barro”, e atravessamos a Rua Farnese Maciel, sempre com o olhar atento, observando e analisando tudo. Adriano avista um conjunto arquitetônico composto por elementos modernos, e começamos a analisar aquele espaço. Estamos na esquina com a Rua Marechal Floriano.

– Olha isso aqui, que interessante, esse conjunto. A arquitetura moderna aqui é muito legal, especialmente nesse percurso. Isso é lindo! Esse sobradinho, veja só essa entradinha, o acesso da residência.

Figura 116: Conjunto na esquina da Rua Mal. Floriano. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Figura 117: Conjunto Av. Getúlio Vargas, esquina da Rua Mal. Floriano. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

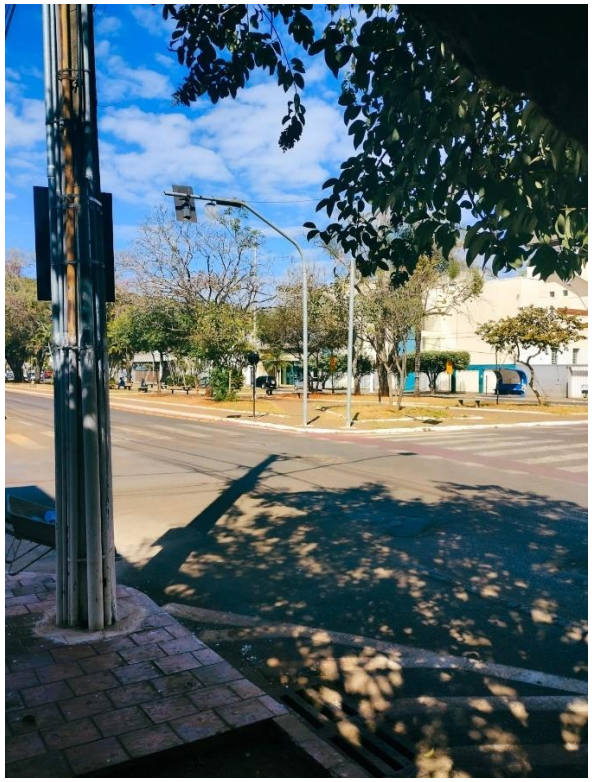


Figura 118: Avenida Getúlio Vargas, esquina com a Rua Mal. Floriano. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

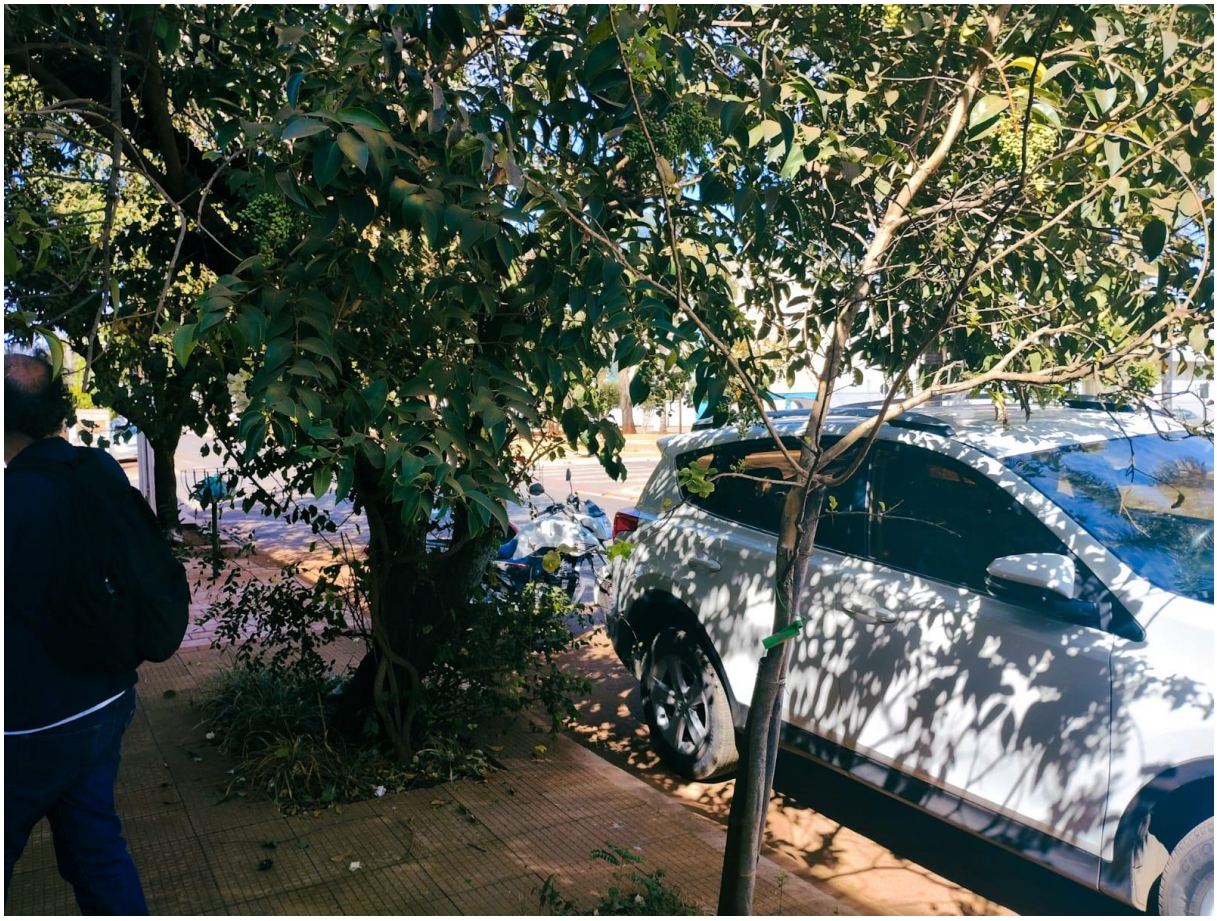


Figura 119: Na sombra, com Adriano, observando o conjunto. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Podemos também observar o conjunto arquitetônico da região, que revela uma mistura interessante de estilos. Notamos uma predominância de uma arquitetura moderna muito bonita, especialmente em alguns sobrados e residências que preservam características dos anos 50 e 60. Esses edifícios têm um desenho arquitetônico marcante, com elementos típicos da arquitetura moderna, que se destacam no entorno e se integram ao contexto paisagístico, onde antigas árvores compõem o cenário. Essa combinação cria uma harmonia única, evocando tanto o charme do passado quanto a força estética da arquitetura da época. Depois de tanto observar, chegamos à conclusão de que às vezes dá vontade de perguntar: "Posso entrar na sua casa?"

Caminho pela Avenida Getúlio Vargas ao lado do Adriano, que me acompanha com olhos atentos, observando cada detalhe ao nosso redor. Naquele dia, o calor estava intenso e nos acompanhou por todo o percurso. Cada edifício e construção, com suas fundações expostas e alinhamentos marcados, parece guardar segredos sobre a

fundação e o crescimento do lugar. Ali, entre os prédios de 7, 8, até 10 andares, se desenha um contraste entre o antigo e o novo, um testemunho das camadas do tempo que coexistem e se sobrepõem. Observo uma casa que, quase teimosamente, resiste entre duas torres modernas. Um ponto de transição, talvez um último resquício de um tempo que parece se esvair em meio ao barulho dos carros e das construções em andamento.

Ao lado, um hospital em reforma me traz lembranças: o projeto que ajudei a detalhar, o desenho minucioso das fundações e das medidas durante o estágio realizado no escritório do Pina – um trabalho que passou pelas minhas mãos, mas que agora parece distante, como se fosse parte de outra vida. A reforma dá a ele uma nova face, mas as camadas de história e esforço estão ali, invisíveis para quem apenas passa.

Adriano para em frente a um edifício alto e moderno, comentando o contraste entre a fachada espelhada e uma pequena casa antiga, apertada entre duas torres. “Ela resiste aí, entre esses gigantes,” ele diz, apontando para as fundações expostas da construção ao lado. “Cada camada da cidade carrega uma história diferente,” ele reflete, e eu sigo seus olhos que capturam o encontro de tempos, estilos e ambições, todos coexistindo no mesmo espaço. Avançamos pela calçada, e ele chama a atenção para um prédio de três pavimentos, elogiando sua simplicidade. Um modelo que nos faz pensar em como seria interessante capturar em um corte transversal: todas as fachadas e formas ao longo da avenida, como uma linha do tempo arquitetônica da cidade. “Esse aqui é bem interessante, parece com o que vimos ali atrás,” ele comenta.

Atravessamos a Avenida Paranaíba e nos aproximamos do território que um dia foi um campo de aviação. Demos mais alguns passos e chegamos ao final da avenida. Paramos, observamos as palmeiras e a extensão da via. Começo a perceber como minha visão da cidade mudou desde que começamos a caminhar por ela, como agora passo a observar ainda mais os detalhes e valorizar o cotidiano de Patos. Passamos por obras modernas, observando as elevações de textura, os revestimentos e o volume. Como é bom caminhar com o Adriano e observar a cidade pelo seu olhar estrangeiro.

Figura 120: A beleza da simplicidade em um prédio de três pavimentos, onde a funcionalidade se encontra com a elegância discreta. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 121: Residência na Av. Getúlio Varga. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Figura 122: Final da Avenida Getúlio Vargas, Patos Tênis Clube. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Chegamos ao final da avenida, estamos de frente ao Patos Tênis Clube. Aqui começa o antigo campo de aviação presente na lenda "O Moço da Vela". Retornamos pelo mesmo caminho, agora caminhando pelo centro da avenida, indo ao encontro da Mulher dos Três Metros. Atravessamos a Avenida Paracatu, caminhamos por alguns minutos e cortamos a Avenida Brasil. Retornamos pelo mesmo caminho, agora caminhando pelo centro da avenida, indo ao encontro da Mulher dos Três Metros. Atravessamos a Avenida Paracatu, caminhamos por alguns minutos e cortamos a Avenida Brasil.

No meio da nossa caminhada, encontramos uma cachorrinha preta que também começou a nos seguir. Ela era todo preta e gordinha, e quase sem perceber, um cachorro surgiu à nossa frente, saindo de uma sombra sob uma árvore. Ela se aproximou de nós, farejando nossas pernas e, com um olhar curioso, parecia decidida a nos acompanhar. E ela nos seguiu. Adriano comentou sobre como observou que é comum encontrar cachorros pelas andanças da cidade. Caminhávamos ao lado dela, que parava de vez em quando para investigar algum cheiro, mas sempre voltava para perto. Parecia parte da paisagem, ao mesmo tempo um guia inesperado, reforçando a sensação de que éramos bem-vindos ali, como se nos mostrasse que, para os olhos atentos, a cidade tem muito a revelar em cada detalhe – até mesmo nos encontros improváveis

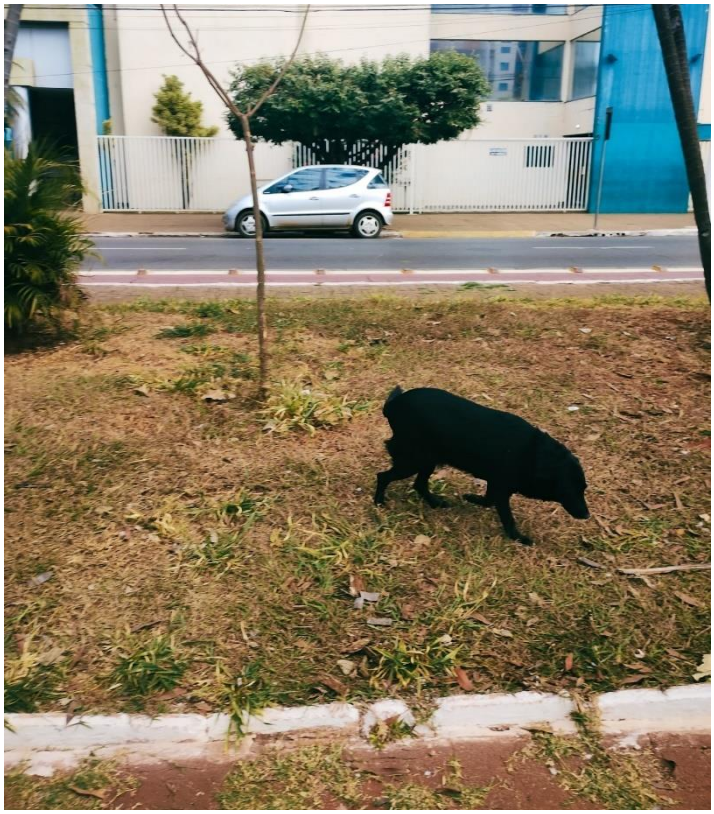


Figura 123: Companhia em dose dupla. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 124:Vista central do final da Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Chegamos ao final da avenida, metade da nossa caminhada. Precisamos retornar para explorar o outro lado da avenida. Voltamos, e sempre fico impressionada, mesmo voltando pelo mesmo caminho, só mudando o sentido em que caminhamos, sempre vamos enxergar ou identificar algo diferente.

Continuamos a caminhada, atravessamos a Rua Marechal Floriano, e logo vimos à nossa frente uma árvore central. Tentamos identificar qual árvore seria, mas não conseguimos. Passamos pelo monumento "Homem do Campo", logo à frente, e seguimos observando o desenho das praças, percebendo como o design das mesmas se altera ao longo do caminho.

Figura 125: Árvore central na Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Caminhamos mais alguns passos, atravessamos a Rua Farnese Maciel, até que, logo à frente, chegamos em frente ao Fórum, nosso ponto de partida. Paramos ali, diante da lenda da Mulher de Sete Metros. A cachorrinha continuava a nos seguir, como uma guardiã silenciosa de nossas reflexões. Começamos a discutir sobre a presença da memória em cada detalhe ao nosso redor – nas construções, nas árvores, nas texturas das calçadas. Comentei com Adriano que essa região é palco de várias festas populares, como a Fena Praça, o Balaio e as celebrações de fim de ano. Ele me ouviu com interesse enquanto atravessávamos a Rua José de Santana, até que nossos olhares se voltaram para o Palácio dos Cristais, a antiga prefeitura.

Figura 126: Eu e Adriano caminhando em frente ao Fórum. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 127: Retorno da caminhada, voltamos para o início. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

“Esse lugar já pegou fogo,” contei a ele, e ficamos nos perguntando sobre a origem do nome "Palácio dos Cristais", fascinados com o peso da história e do significado escondidos nos nomes e nas fachadas. Seguimos até a esquina com a Rua Olegário Maciel, onde o imponente casarão do “Amadeu” nos fez parar por alguns minutos para observar a construção, que parece guardar a memória viva do lugar. Ao atravessar a rua, levantamos os olhos e vimos uma placa com o nome “CRESA”. Adriano, curioso, perguntou o que era. Expliquei que CRESA era uma papelaria tradicional da cidade, mas que agora se encontra mais à frente, embora a placa ainda esteja ali, como um lembrete dos tempos passados, mantendo-se firme entre as transformações da paisagem urbana.

Chegamos à Lenda da Mulher dos Três Metros, bem em frente à casa de Olegário Maciel, que parecia nos observar silenciosamente ao lado de seu busto. Do outro lado da rua, avistamos a Escola Normal, com sua arquitetura marcante que já abrigou tantas gerações de estudantes. Aproveitei o momento para contar a Adriano sobre a lenda que ronda esse lugar – a história dessa misteriosa mulher, cuja figura imensa aparece nas memórias populares, quase como uma sentinela silenciosa da cidade. Ele ouvia atentamente, e pude perceber como a lenda o envolvia ainda mais, agora estando presente nos próprios espaços que discutíamos.

Nesse momento, estávamos de frente para a grandiosa Catedral, e não pudemos deixar de ser tomados pela sua monumentalidade. A imponente fachada de pedras claras parecia se erguer em direção ao céu azul, como se convidasse todos que passavam a olhar para ela com respeito e admiração. Seus detalhes, meticulosamente trabalhados, refletiam a grandeza da arquitetura religiosa, e suas torres altas se destacavam contra o horizonte, dominando a paisagem da praça. As linhas esculpidas nas paredes, as esculturas em mármore e as grandes janelas de vitrais coloridos formavam um espetáculo que parecia contar uma história de fé e tradição. Ficamos ali, em silêncio, contemplando a beleza da construção, ouvindo o som suave do vento que passava entre os arbustos e árvores ao redor da praça, como se a própria cidade respirasse com a Catedral.

Figura 128: Com os olhos atentos, encontramos a placa com o nome 'CRESA'. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 129: Em frente a grandiosa Catedral e o busto de Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Continuamos nossa caminhada, seguindo pela Avenida Getúlio Vargas, com a cachorrinha ainda nos acompanhando, firme em sua decisão de nos seguir até onde fôssemos. Ela, pequena, mas determinada, corria alegremente ao nosso lado, parando às vezes para cheirar alguma árvore ou brincar com uma folha que caía, mas sempre retornando para continuar ao nosso lado. À medida que avançávamos, passávamos pela praça Dom Eduardo, onde os monumentos estavam dispostos de forma cuidadosa, como um registro da história da cidade. Cada peça tinha um significado, uma memória que se perpetuava através do tempo. A praça estava tranquila, com algumas pessoas sentadas nos bancos, observando o movimento e aproveitando a sombra das árvores, mas nada superava a presença do monumento central, com sua força silenciosa.

Continuamos caminhando, atravessamos a rua aos fundos da Catedral Chegando na Praça Dom Eduardo, já de imediato conseguimos visualizar os monumentos, cada um com sua própria história, e cada detalhe transmitindo um pedaço da alma da cidade. A cachorrinha nos seguiu atentamente, sem pressa, como se estivesse compartilhando com a gente a calma daquele passeio, como se, de alguma forma, ela também tivesse descoberto o valor de parar e observar a paisagem ao redor. Chegamos até a última praça, onde a rua se alargava, e o movimento se tornava mais intenso. O sol começava a se posicionar mais alto, aquecendo nossas peles, e os prédios ao redor refletiam a luz de forma a criar um jogo de sombras interessante, quase como uma dança entre a arquitetura e a natureza.

Já estava na hora do almoço, e a sensação de que o dia estava se esvaindo lentamente fez com que decidíssemos voltar. Caminhamos de volta, passando pelas mesmas praças e monumentos, agora com um novo olhar, mais serenos, pois já havíamos absorvido toda a beleza do lugar. A cachorrinha, que até então parecia estar curtindo o passeio, começou a seguir-nos mais de perto, talvez sentindo que era hora de dar uma pausa também. Chegamos ao ponto onde havíamos começado, na Avenida Getúlio Vargas, e, com um suspiro de satisfação, decidimos que era hora de descansar e ir almoçar. Nos despedimos da cachorrinha que nos acompanhou por horas.

Figura 130: Companhia que nos seguiu por toda caminhada. Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Pausamos a caminhada para almoçar, e Adriano foi comigo até minha casa. Naquela tarde, retomamos o passeio pela cidade. Saímos da Rua Francisco Soares, no bairro Nova Floresta, mas antes fizemos uma rápida parada na casa de minha avó, que estava ansiosa para conhecer o “famoso Adriano, meu orientador”. Seguimos para o bairro Novo Horizonte, na Rua Geraldo Ferreira da Silva, para a apresentação. Após 15 minutos, voltamos ao trajeto pela Rua Arthur Magalhães, em direção ao bairro Vila Garcia.

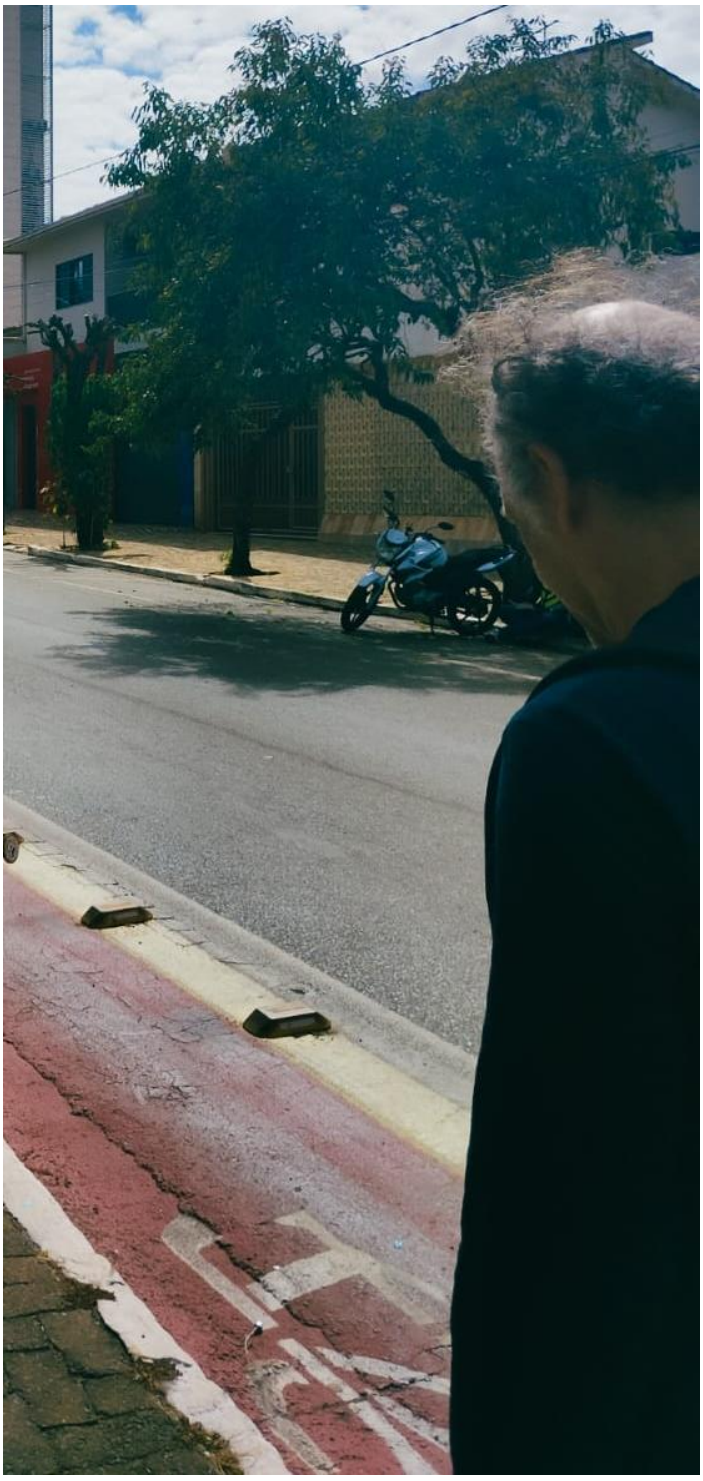


Figura 131: Caminhando com Adriano. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Atravessamos a praça da Vila e seguimos pela Rua do Gigante até a Rua Mata dos Fernandes. Viramos a esquina e logo avistamos a Vila Padre Alaor. Chegamos a um dos locais onde uma das lendas descritas por Oliveira Mello, na década de 1970, se ambienta: o Vale das Cabaças Uivantes. Segundo minhas pesquisas, essa área já foi uma mata densa, chamada Mata do Limoeiro, onde cresciam cabaceiras – árvores cujos galhos ao vento emitiam um som que lembrava o choro ou uivo de mulheres e crianças. A paisagem era imponente e assustadora, um ponto elevado que incitava a imaginação popular.

Descemos do carro e exploramos a área enquanto comentávamos sobre a arquitetura e o movimento do bairro. Nos aproximamos de uma antiga casinha de fachada simples e cativante, que permanece desde os primeiros tempos da vila. É a mesma casa que desenhei na primeira caminhada; realmente marcante para quem passa pela Rua da Mata. Observamos as enormes árvores frutíferas ao redor – um abacateiro e uma mangueira enraizavam memórias de uma época passada.

Figura 132: Casa simples na esquina da Vila. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Adriano perguntou se havia algum morador, mas eu apenas comentei que já tinha visto movimentação, mas não sabia ao certo se era habitada. Continuamos observando o entorno e o intenso movimento de carros. Seguindo em direção ao antigo Beco da Paulada, na Rua Pedro Castorina, passamos por uma via estreita, ladeada por um muro alto que impede a visão da paisagem. Este muro é um marco local e leva a uma série de habitações populares, muitas reformadas ao longo dos anos. A rua é tranquila, com poucos pedestres, apenas dois senhorzinhos ao longe, e caminhamos sem pressa. Passamos por rampas inclinadas que acessam as garagens das casas, uma adaptação interessante para as construções no terreno acidentado. Esse cenário, com ruas estreitas e desníveis, nos leva a refletir sobre a arquitetura local e as adaptações urbanas.

Figura 133: Rua Pedro Castorina, popularmente Beco da Paulada. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Percorremos toda a extensão da Rua Pedro Castorina. Durante a caminhada, lembranças pessoais surgiram. Recordei das visitas que fazia com minha avó por essa região, quando caminhávamos juntas, visitando amigos e parentes dela em tardes tranquilas. Uma dessas visitas era no próprio Beco da Paulada, onde morava uma parente próxima. Essas memórias tornam o trajeto ainda mais afetivo, como se cada esquina e detalhe carregasse um pedaço da nossa história. Poder compartilhar isso com Adriano tornou a experiência ainda mais especial.

Seguimos para a Rua Pierotti, uma via extremamente estreita e menos movimentada, que conecta a Rua Sebastião Tomás de Magalhães, acima de nós. Anos atrás, o Beco era associado a histórias de perigo e marginalização, mas hoje o ambiente é tranquilo e preserva no nome o espírito do passado.

Figura 134: Rua Pieroti. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 135: Descendo a Rua Pedro Castorina. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Caminhamos por mais alguns minutos até a Rua Pierotti. Decidimos então voltar para o carro e seguir para nosso último destino, “A Gameleira”, a velha árvore que guarda histórias de cavalos e fantasmas da cidade. Retornamos ao carro estacionado em frente à vila e seguimos pela Rua Getúlio Borges em direção ao centro. Passamos pela Rua Oscar de Souza até o final, viramos à direita e entramos na Rua 31 de Março, seguindo pela Rua Deocleciano Mundim. Paramos no sinal e continuamos pela Rua Major Gerônimo até o Mercado Municipal.

Quando percebemos, já estávamos próximos do nosso destino final: a Praça dos Boiadeiros, na Rua Olegário Maciel, conhecida popularmente como Praça da Vesúvio, devido à padaria que fica logo em frente. Estacionei o carro e começamos a caminhar pela praça. A Praça Abner Afonso é um espaço emblemático, e eu contei a Adriano sobre a dinâmica da praça, que reflete tanto a história quanto o cotidiano da cidade. Observamos sua vegetação bem cuidada, as árvores que proporcionam sombra e os canteiros que complementam o cenário urbano. Logo senti o aroma de lavanda no ar. Esse é um ponto de encontro entre moradores, e eu me recordo das vezes em que estive ali com amigos para conversar e aproveitar o ambiente.

Figura 136: Praça Abner Afonso, esquina com a Rua Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 137: Praça Abner Afonso. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

A Rua Olegário Maciel é uma das mais tradicionais e movimentadas de Patos de Minas, com pequenos comércios, restaurantes e lanchonetes. Algumas fachadas ainda preservam características antigas, que relembram o passado da cidade, enquanto outras mostram traços modernos. Uma construção que chama atenção é o belíssimo edifício Apollo, um condomínio residencial de arquitetura moderna.

Nos arredores, há prédios residenciais e comerciais que contribuem para a circulação de pessoas e a vitalidade econômica da área. Durante o dia, a praça é bastante movimentada, com o vai-e-vem de trabalhadores, estudantes e comerciantes. À noite, o ambiente ganha um ar mais tranquilo, tornando-se um ponto agradável para caminhadas e encontros informais.

Sentamos e ficamos observando a cidade em movimento. Conversamos e encerramos nossa caminhada, tendo visitado todos os espaços mencionados nas lendas e refletido sobre cada lugar. Caminhar ao lado de Adriano foi uma experiência única.

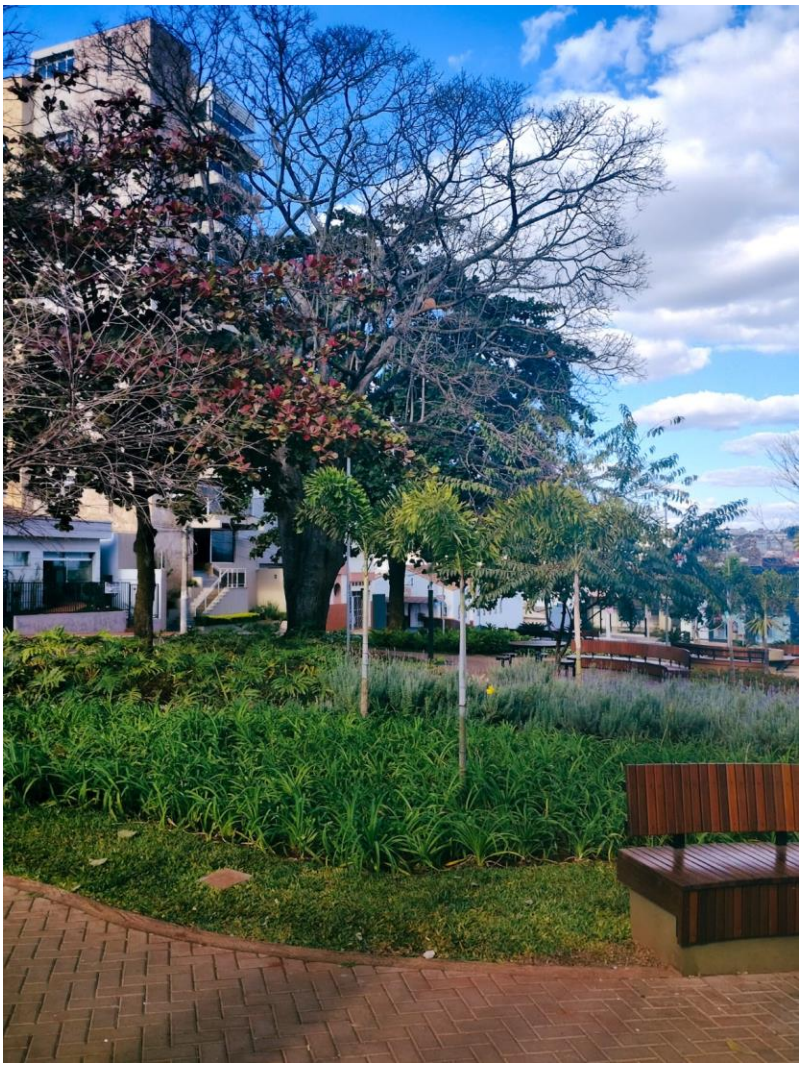


Figura 138: Praça Abner Afonso.
Fonte: Acervo Pessoal, 2024

Terceira Caminhada: Individual.

12 de agosto de 2024. Segunda – Feira.

Figura 139: O corpo que caminha pela cidade. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Mais um dia me aprontando para caminhar pela cidade. Hoje é a segunda parte, e estou pronta para explorar outros lugares que ainda não visitei sozinha. A caminhada começa novamente em casa, com os preparativos habituais antes da saída. São 13:05. Após a primeira experiência, decidi sair em um horário diferente, e estou animada para caminhar logo depois do almoço. Preparo minha mochila com água e o gravador e confiro o aplicativo de monitoramento para registrar o percurso. O trajeto será novamente com pontos determinados, mas sem um caminho específico por ruas marcadas. Hoje, pretendo fazer um trajeto diferente.

Figura 140: Meu pai no alto da mercearia Nova Floresta. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Saio de casa, passando pela mercearia do meu pai. Ele estava arrumando uma telha em cima de casa; me despeço e tiro uma foto. Estou saindo pela Rua Ilídio Pereira da Fonseca, no bairro Nova Floresta. Ao sair, encontro minha vizinha, Luci, e a cumprimento. Vejo que ela também está de saída:

– Oi, Luci, tudo bem? – pergunto. – Oi, Arthur! Está indo para o conservatório? – ela responde. Ele confirma e logo começa a me perguntar como meu pai conseguiu subir no telhado.

São exatamente 13:20. Caminho em direção à Rua Ponto Chique, atravesso e sigo para a Rua Arthur Magalhães. No caminho, encontro o Lucas voltando para o trabalho; nos cumprimentamos rapidamente e seguimos nossos caminhos. Viro à direita pela Rua Arthur Magalhães, e observo ao redor. Vejo a cruz da Igreja São Benedito, um depósito de gás, e ouço o barulho de um ônibus descendo a rua. Ao me virar, percebo que é o Rota 08 – Morada do Sol. Sigo caminhando e noto que as casas ao meu redor são bem parecidas, algumas com pequenas modificações. Parecem ser casas de conjunto habitacional. Uma delas sempre me chama a atenção, com grandes roseiras e várias plantas no jardim. Durante a caminhada, o céu e suas nuvens, em constante dança, refletem o ritmo dos meus passos, criando uma conexão leve e profunda com o tempo e o espaço ao meu redor.

Figura 141: Dia quente e ensolarado. Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Continuo a caminhada, passando por um grande pé de manga e pelo ponto de ônibus, que agora tem um banco para as pessoas se sentarem. Sigo até a praça do campo do Vila, onde antes havia um campo de futebol, mas que hoje está sendo transformado em um supermercado da rede BH. Logo a frente, vejo uma casa com uma grande bananeira, que logo me chama atenção. Quantas lembranças desse lugar, onde eu acompanhava meu irmão jogando bola. Cruzo a praça Monsenhor Manuel Fleuri, pego um atalho pela Rua do Leal e fico impressionada com o enorme pé de manga, sempre olho para ver se encontro alguma. Esse caminho traz memórias de quando eu passeava com minha avó para visitar a Tia Bédia ou a Madrinha Ana.

Figura 142: Grande pé de bananeira, simplicidade e beleza. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 143: Caminhando e observando. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Caminhar pela cidade com minha avó sempre foi uma experiência repleta de afeto e significados. Ela era minha guia, conduzindo-me por ruas que pareciam ganhar vida em suas histórias. Cada trajeto tinha um destino, geralmente a casa de algum parente, mas o percurso em si era o verdadeiro presente. Enquanto caminhávamos, ela compartilhava memórias da infância, relatos de encontros, momentos simples que pareciam carregar toda a alma. Sua voz era uma trilha sonora que embalava nossos passos. O gesto de caminhar ao lado dela, de ouvir sobre o tempo em que as ruas eram diferentes ou sobre pessoas que eu talvez nunca conhecesse, criava uma conexão profunda com o espaço ao meu redor. Essas histórias não apenas me mostravam um passado que eu não vivi, mas me ensinavam a olhar para a cidade com olhos atentos, com os olhos de minha avó, a perceber detalhes que, sem ela, passariam despercebidos.

Viro à esquerda na Rua Emérito José da Mota e logo vejo uma praça, onde alguns homens estão jogando baralho. Passo de carro por aqui com frequência, mas hoje

posso observar com mais calma. Conto cerca de sete homens jogando; um deles chega de bicicleta. Logo adiante, vejo um gatinho atravessando a rua. Tento chamá-lo, mas ele não me dá atenção. Sigo em direção à Alameda Adelino Nunes Domingos, próximo ao Mocambo. Viro à esquerda e depois à direita, chegando aos fundos do parque.

Figura 144: Rua Emérito José da Mota. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Caminho pela Rua Joaquim Guimarães Maia, acompanhada pela mata fechada. Vejo o escritório de arquitetura onde meu amigo trabalha e um posto de saúde. Viro à esquerda na Rua Petúnias e sigo até a entrada lateral do Mocambo, pela Rua das Acácias. É a primeira vez que entro por essa entrada, e resolvo passar pelo parque. Caminho entre as árvores, observando a lagoa, os patos e os peixes. Vejo uma mulher carregando um bebê e algumas crianças brincando. Paro para descansar por 10 minutos e aproveito para encher minha garrafinha.

Minha relação com o Mocambo é profundamente afetiva. Caminhar por suas trilhas é revisitar memórias que se entrelaçam com cada detalhe do espaço – os sons, os

cheiros, as texturas. É um espaço onde o tempo parece desacelerar, mas também um lugar que me impulsiona a seguir, a caminhar, a refletir.

Os patos no lago, que tantas vezes observei junto a Ana, as árvores, com suas copas altas e raízes expostas. O Mocambo não é apenas um lugar; é um cenário de afetos. É onde me sinto parte da cidade, não apenas como um habitante, mas como alguém que compartilha histórias e encontros com o espaço. Caminhar ali é mais do que um ato físico, é um mergulho em memórias e sensações que me atravessam e me transformam. O Mocambo, para mim, é mais do que um parque. É um pedaço de de história, encontros, afetos e vida.

Figura 145: Pato no Mocambo. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

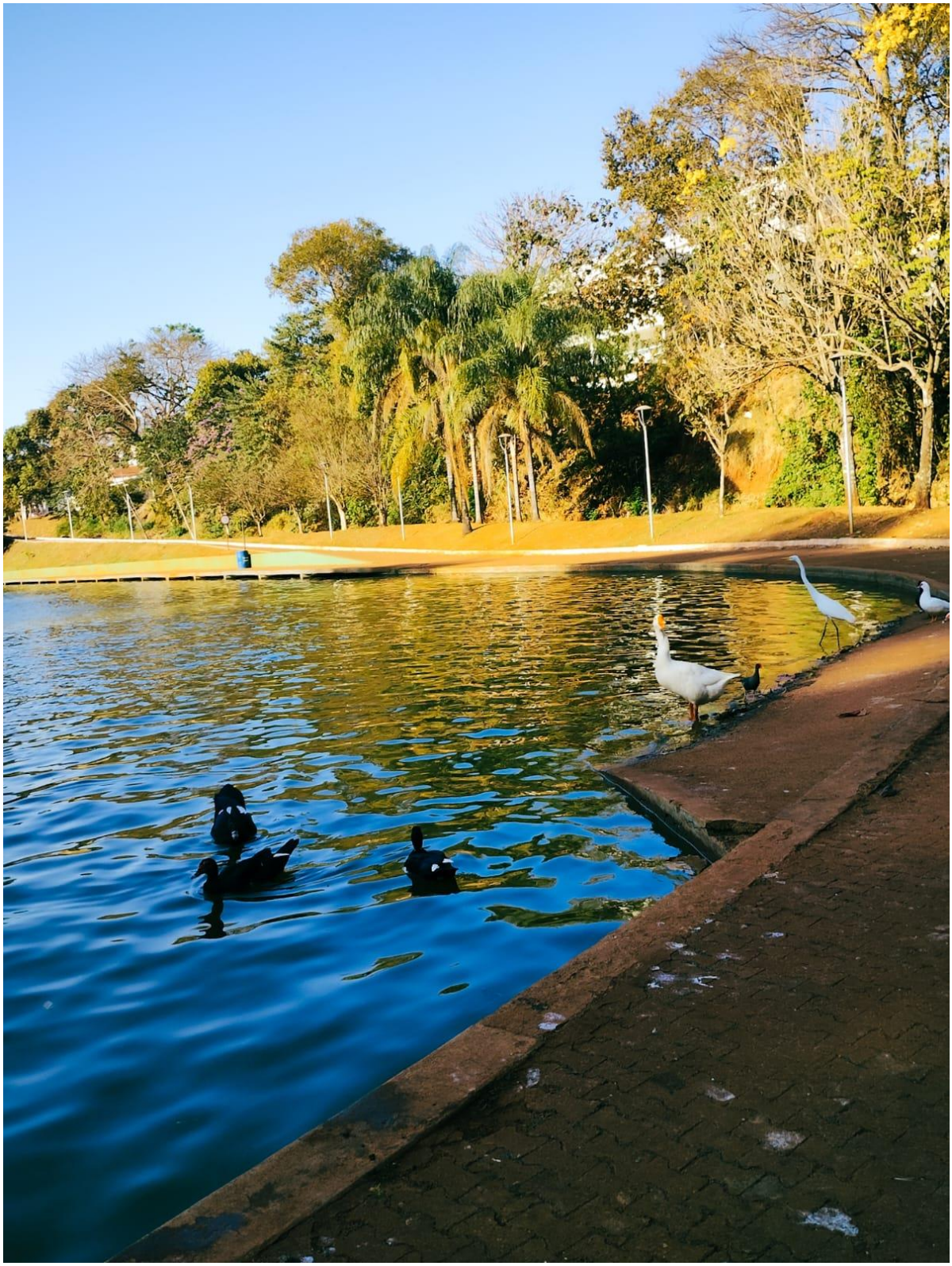


Figura 146: Andando pelo Parque do Mocambo. Fonte: Acervo Pessoal, 2024

.

Saindo pela entrada principal, encontro um morro à minha frente. Subo devagar pela Rua dos Miosotes, volto à Rua Petúnias e sigo até o Mercado Municipal. Logo adiante,

vejo um bar, três homens saindo e uma mulher entrando, pedindo uma cerveja. Estou agora na Rua Agenor Maciel, no centro. Aqui, tudo é mais movimentado, com mais pessoas e sons intensos. Paro na esquina ao lado da placa de milho e observo quantas lojas estão abertas e as pessoas caminhando apressadas. Eu, porém, estou apenas observando a cidade.

Ouço um senhor gritar “truco!”. No mercado, os idosos se reúnem para jogar baralho; conto cerca de 15 homens. Continuo em direção à Praça Abner Afonso, minha primeira parada. Avisto a Praça da Vesúvio, antiga Praça dos Boiadeiros, onde fica a lenda da Gameleira. Aproximo-me e resolvo me sentar para descansar e tomar água.

Figura 147: Rua Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 148: Homem carregando um saco de laranja na Rua José de Santana. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Sigo pela Rua José de Santana, agora uma via estreita de mão única. Vou na contramão dos carros até chegar à Major Gote, que atravesso, e continuo caminhando pela lateral do Antigo Fórum, onde a lenda da Mulher de Sete Metros continua me intrigando. Hoje passo rapidamente por lá e sigo pela Avenida Getúlio Vargas até o PTC – Patos Tênis Clube, no final da avenida. Atravesso várias ruas movimentadas, como a Avenida Brasil e a Avenida Paranaíba. Contam que antigamente essa área era o campo de aviação, mas outros dizem que era próximo à CEMIG.

Figura 149: Ao lado do Fórum Olympio Borges na Rua José de Santana. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 150: Em frente ao PTC, final da Rua Av. Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Chego ao PTC, onde vejo adolescentes aguardando para entrar. Nesta região temos a Lenda do Moço da Vela. Continuo em direção ao Hospital Vera Cruz, cansada e sob o sol forte. Viro à direita na Rua Prefeito Camundinho e depois à esquerda na Rua Doutor Marcolino, até chegar ao hospital. Lá, vejo uma ambulância do SAMU e pessoas esperando no Pronto Socorro. Ao lembrar do caminho para a CEMIG, sigo ela Rua Amazonas. Após algumas esquinas, encontro o Bar e Restaurante Ciclênio e Geovane e peço informação:

– Olá, boa tarde! Onde fica a CEMIG? Um senhor me responde: – Vira aqui na Dona Luiza e segue reto até a escola do Zama. Lá, vire à esquerda, e é logo ali.

Figura 151: Fachada Lateral do Hospital Vera Cruz. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 152: Nas proximidades da Escola Estadual Professor Zama Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 153:Nos fundos da Escola Estadual Professor Zama Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Agradeço e sigo as orientações. Passo pela Escola Estadual Professor Zama Maciel, um edifício que carrega consigo o peso das memórias de tantas gerações que ali estudaram. Suas paredes parecem testemunhas de histórias e aprendizagens, um marco que se destaca no bairro. Continuo caminhando, e após dois quarteirões, chego à CEMIG, onde as lembranças de um possível antigo campo de aviação pairam no ar. Imagino o espaço em um tempo passado, com aviões de pequeno porte aterrissando e decolando, enquanto o lugar era moldado pelo progresso. Hoje, as marcas desse antigo uso parecem diluídas, mas o espaço ainda carrega a energia de sua transformação. Caminhar por ali é como tocar em fragmentos do tempo, sentindo a mistura do passado e do presente na paisagem urbana.

Figura 154: CEMIG, onde as lembranças de um possível antigo campo de aviação pairam no ar. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Aproveito que estou próxima à Lagoa Grande e decido ir até lá. Após mais alguns quarteirões, chego à lagoa. Como é bonita! A água reflete o céu e as árvores ao redor, criando uma paisagem. O som das folhas balançando ao vento se mistura aos risos

das crianças que brincam por ali e ao murmúrio das conversas de quem aproveita o dia. Compro uma água de coco e sento em um banco próximo, permitindo que a brisa suave e o cenário me envolvam. Enquanto descanso, percebo como esse lugar reúne memórias de tantas pessoas – encontros, caminhadas, momentos de introspecção. Andei por quase três horas e meia, e o cansaço nos pés contrasta com a tranquilidade que sinto agora. Observar o movimento da lagoa me faz refletir sobre o caminho que percorri até aqui – cada rua, cada detalhe da cidade, tudo parece se conectar neste momento de pausa.

Figura 155: Descansando e observando a Lagoa. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Aqui encerro mais uma caminhada, fico por alguns minutos e volto para casa de Uber.

Quarta Caminhada: Acompanhada.

28 de setembro de 2024. Sábado.

Figura 156: Caminhando com a Ana. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Na manhã tranquila de sábado, 28 de setembro de 2024, saímos de casa, eu e Ana, com o relógio marcando 09:30. O céu estava claro e o ar, ainda fresco, nos convidava a aproveitar a cidade logo cedo. Caminhávamos lado a lado, com passos leves e conversas sobre o que encontraríamos no Mercado Municipal, que era nosso destino principal. Minha avó faria aniversário no dia seguinte, e queríamos escolher algo especial para presenteá-la.

Saímos pela rua Francisco Soares, em direção à rua Firmo José Pião. Viramos à esquerda e seguimos em direção à rua Artur Magalhães. Atravessamos a Ponte Chique, caminhamos alguns passos e chegamos na Artur Magalhães. Viramos à direita, seguindo para o nosso destino. Pelo caminho, passamos por uma loja que chamou nossa atenção: a Doce Encanto. Decidimos entrar. Parados em frente a uma prateleira cheia de brinquedos, pensamos em comprar algo para o Gustavo, nosso sobrinho. Passamos alguns minutos lá, rimos e trocamos histórias, até decidirmos retomar a caminhada, sentindo-nos leves e nostálgicas com aquelas memórias afetivas.

Figura 157: Pausa na Loja Doce Encanto. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Continuamos até o mercado municipal. Fomos logo envolvidas pelo ambiente acolhedor, com aquele cheiro de comida no ar, o barulho das pessoas pedindo carne, perguntando os preços das alfaces, e o som dos ônibus, pois também é um ponto de parada. Entramos e começamos a explorar os corredores, passando por todas as lojas, uma por uma. Ficamos maravilhadas com a variedade de produtos, as cores das frutas e o aroma forte das especiarias que tomavam conta do espaço.

Figura 158: Caminhando pelo Mercado Municipal. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

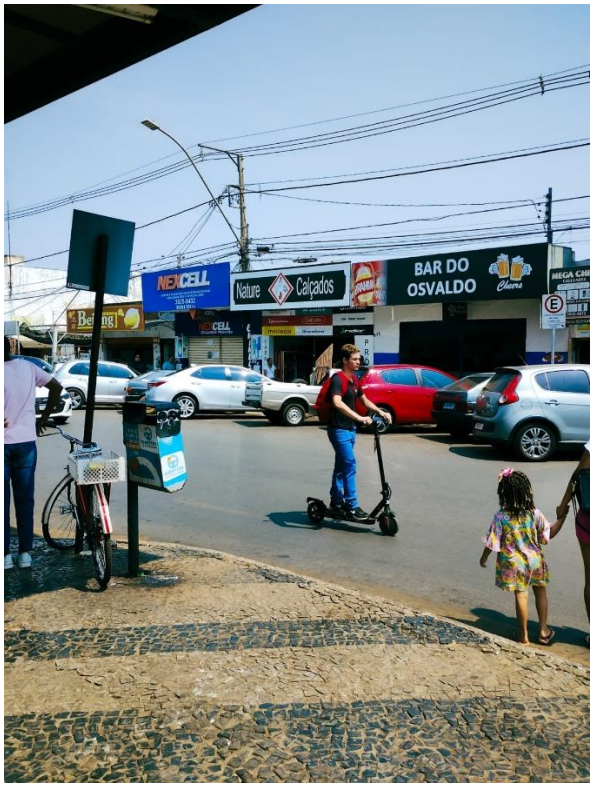


Figura 159: Registro do Mercado Municipal adentro. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

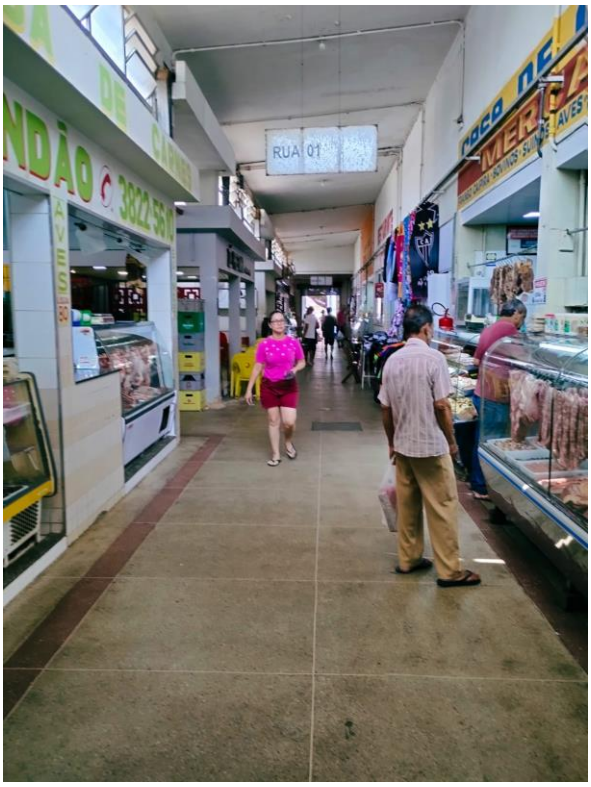


Figura 160: Mercado Municipal, cheiro de café moído na hora. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

O espaço preferido da Ana no mercado era onde ela sempre conseguia comprar as ervas para seus chás. Entre conversas e olhares, encontramos uma loja cheia de panelas, imediatamente pensei que seria um bom presente para minha avó. Ana examinou a peça com cuidado, imaginando como ela ficaria na cozinha da minha avó, e concordamos que seria um presente especial, cheio de significados.

Figura 161: Loja preferida da Ana no mercado. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Enquanto eu me decidia, Ana se perdeu entre as bancas de ervas, escolhendo algumas folhas e raízes com um brilho nos olhos que eu conhecia bem. Ela pegou cada ramo com cuidado, me explicando os usos e benefícios de cada erva. “Essa aqui é ótima para dores de cabeça,” disse ela com um sorriso. Em um impulso carinhoso, ela me entregou um rapé, dizendo que achava que eu iria gostar. Fiquei com um sorriso no rosto, tocado pela sua dedicação e por seu jeito de compartilhar algo que ela tanta ama.

Figura 162: Banca de ervas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Decidi que daria uma panela de presente para minha avó, algo que ela certamente usaria e que traria um pouco de afeto ao dia a dia dela. Entramos em uma loja repleta de objetos que pareciam abarrotar cada canto: chinelos empilhados em um lado, chapéus pendurados em ganchos, panelas reluzindo em prateleiras ao fundo. O ambiente era vibrante, com tantas opções, mas conseguimos encontrar exatamente o que procurávamos. Escolhi uma panela que parecia perfeita, prática e com um design bonito, já imaginando o sorriso dela ao abrir o presente.

Figura 163: Escolhendo presente para minha avó. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 164: Detalhes simples que encantam. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 165: Ponto de ônibus do Mercado Municipal. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Saímos do mercado com sacolas cheias e corações leves, e seguimos pela Rua Olegário Maciel em direção à Praça dos Boiadeiros. O centro estava cheio de vida, com as pessoas andando apressadas, as conversas animadas e o som dos carros ecoando pela rua. Paramos um pouco na praça para descansar. Sentamos em um banco de madeira e ficamos ali, observando o movimento, sentindo o calor da manhã crescer e o barulho da cidade ao nosso redor.

Depois de alguns minutos, seguimos nosso caminho em direção à Rua Major Gote. Viramos à esquerda e caminhamos até a Rua José de Santana, onde as lembranças começaram a tomar conta. Comentamos sobre como essa rua e a Avenida Getúlio Vargas ficam especialmente belas durante o Natal, com suas luzes cintilantes e enfeites espalhados pelas fachadas. A cidade, sempre agitada, se transforma em um espetáculo de cores e luzes, como um abraço festivo que acolhe a todos.

Figura 166: Rua José de Santana. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Chegamos ao fórum, onde fizemos uma pausa para observar a arquitetura imponente do edifício, pensando na história que ele carregava. Com um sorriso, olhei para Ana e pensei em como esses passeios simples, feitos de paradas e descobertas, tornavam cada instante mais especial ao seu lado.

Após uma breve pausa, decidimos seguir mais uma vez pela cidade, mas desta vez com um destino especial em mente: a praça onde nos conhecemos. A praça parecia ainda mais acolhedora sob a luz suave da manhã, e ao chegarmos, senti uma mistura de carinho e lembrança, ao lembrar do nosso primeiro encontro ali, há seis anos atrás. Sentamos em um banco, assim como fizemos naquela época, e ficamos em silêncio por alguns momentos, deixando as lembranças tomarem conta de nós. O simples fato de estar ali, juntas, fez com que a caminhada ganhasse ainda mais significado.

Figura 167: Exuberante Catedral na Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

A cidade parecia sorrir para nós em cada esquina, e encerramos nossa caminhada com a certeza de que, apesar de todas as pequenas paradas e desvios, o verdadeiro presente daquele dia era a companhia uma da outra.

Figura 168: Nosso primeiro encontro terminou aqui, na Praça Antônio Dias. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Quinta Caminhada: Caminhada noturna em grupo.

30 de outubro de 2024. Quarta – Feira.

Figura 169: Caminhada noturna com os meus amigos. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Naquela noite, combinamos de explorar as lendas da cidade a noite. A ideia era caminhar juntos pela Avenida Getúlio Vargas, passando pelos cenários onde se misturam as lendas da Mulher de Sete Metros, a Mulher dos Três Metros e a região da Lagoa dos Patos.

Combinamos de nos encontrar às 19h em frente ao Fórum Olympio Borges, localizado na Avenida Getúlio Vargas. Mais uma vez, eu me preparava para caminhar pela cidade, mas hoje seria diferente: teria a companhia dos meus amigos. Combinei de passar para buscar a Bruna, enquanto Cleysson e Gabriel já estariam nos esperando no centro. Saí de casa exatamente às 18h55, quase no limite do horário combinado. Peguei o carro e segui direto para a casa da Bruna. Ao chegar, ela já estava pronta, esperando na porta com um sorriso que refletia sua animação. Conversamos rapidamente sobre o percurso e, sem demora, partimos rumo ao centro da cidade. O trajeto até o ponto de encontro foi preenchido por risadas e um sentimento de expectativa.

Descemos pela rua que contorna o Mocambo, passando entre árvores e ruas vazias, até o Mercado Municipal. De lá, seguimos pela Rua Olegário Maciel, cruzando a Praça dos Boiadeiros, e continuamos pela Rua Major Gote até o Fórum Olympio Borges, onde Gabriel e Cleysson já nos aguardavam. O reencontro foi animado, e juntos nos preparamos para mais uma caminhada, prontos para explorar os recantos e histórias da cidade.

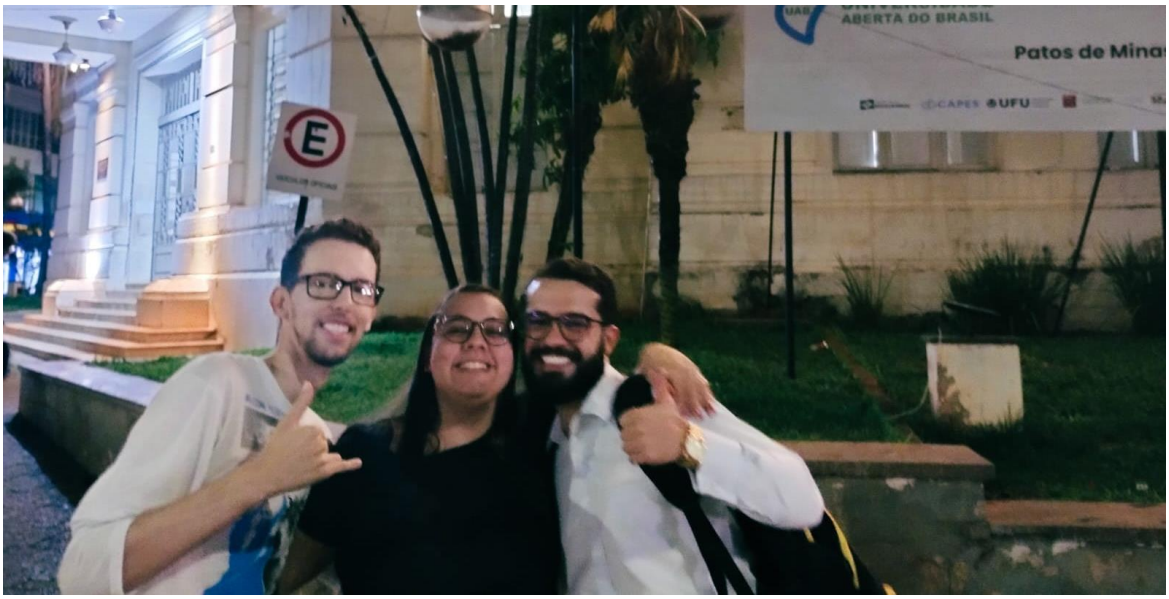


Figura 170: Meus amigos. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 171: Entre ônibus e realces da cidade. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Saímos caminhando pela avenida Getúlio Vargas, observando atentamente os detalhes ao nosso redor e conversando animadamente sobre as lendas que permeiam a cidade. O ambiente estava calmo, quase introspectivo, com pouco movimento nas ruas. Apenas algumas pessoas aproveitavam a noite para caminhar, enquanto poucos carros passavam lentamente, como se não quisessem quebrar a tranquilidade do momento.

Seguimos nosso trajeto e, ao atravessarmos a Rua Olegário Maciel, chegamos ao local associado à nossa primeira lenda da noite: a Mulher de Três Metros. Bruna, como sempre, estava entusiasmada, mostrando grande interesse por cada detalhe. Parecia capturar mentalmente as histórias e as imagens que se formavam enquanto eu narrava a lenda para o grupo.

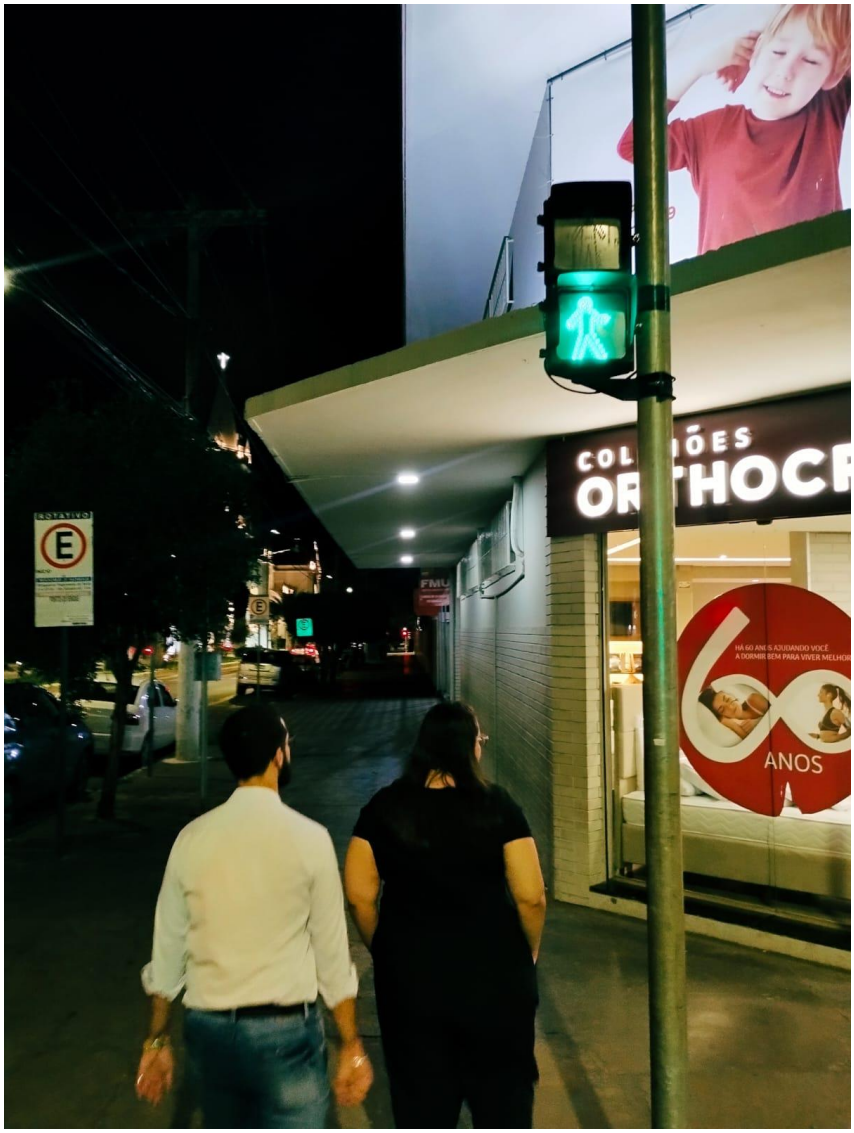


Figura 172: Atravessando a Rua Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Contei o que sabia sobre a mulher misteriosa, e então nos deixamos levar pela imaginação, refletindo sobre como seria ter visto ou até conversado com ela. A sensação era quase mágica, como se a cidade estivesse nos envolvendo em um abraço silencioso, conspirando para tornar aquela experiência ainda mais especial. Ficamos ali por alguns minutos, contemplando o entorno. A iluminação suave dos postes dava um brilho especial aos edifícios e árvores, destacando o charme noturno da cidade. Havia algo fascinante na maneira como o cenário urbano parecia transformar-se à noite, revelando uma beleza que passava despercebida durante o dia.

Figura 173: Imponente Catedral de Santo Antônio. Fonte: Acervo Pessoal.

Logo à nossa frente, a imponente Catedral de Santo Antônio se destacava com suas torres majestosas, imersa em uma atmosfera de reverência. A igreja estava aberta e uma missa estava em andamento, o que trouxe um fluxo crescente de carros e pessoas, movimentando a área ao nosso redor. O som das vozes e dos sinos se misturava ao ritmo da cidade, criando um contraste interessante com o silêncio que havíamos experimentado momentos antes.

Seguimos nosso caminho, continuando a caminhar e a observar o ambiente. A conversa fluía leve e animada, e as risadas ecoavam pelo grupo. Sempre que nos encontramos, é como se cada momento se transformasse em uma celebração. Entre uma fofoca e outra, começamos a analisar os edifícios ao redor, observando como, daquele lado da cidade, havia um curioso contraste arquitetônico: residências antigas resistindo ao tempo, espremidas entre prédios modernos de muitos andares.

Nesse momento, Gabriel, sempre atento e observador, expressou sua indignação:

— Eu não gosto desses vidros espelhados! — disse, apontando para a fachada de um dos prédios.

Ele comentou que nunca tinha percebido o quanto a paisagem urbana era impactada por esse tipo de construção. Gabriel, que admitiu não ser um grande caminhante, explicou que sua visão da cidade sempre fora limitada às rápidas passagens de carro.

— É engraçado... andando assim, a gente repara em coisas que nunca tinha visto antes — completou, parecendo pensativo.

Era fascinante como aquele simples passeio estava revelando novas perspectivas não só da cidade, mas também de cada um de nós. Observávamos mais do que prédios e ruas; estávamos redescobrindo a história, o espaço e a nós mesmos.

Logo encontramos uma cachorrinha simpática que, cheia de energia, decidiu nos acompanhar por um bom tempo. Ela corria animadamente atrás das motos que passavam pela avenida, enquanto nós seguíamos explorando o Centenário. Era como se ela fizesse parte do grupo, trazendo uma leveza inesperada para o nosso passeio.

Resolvemos seguir pela rua até chegarmos à esquina onde fica o restaurante Dona Nina, um ponto bem conhecido da região. Continuamos caminhando e logo avistamos

a antiga sede da Câmara e Cadeia de Patos de Minas, um edifício emblemático que carrega a memória de tempos passados. Paramos ali por alguns instantes, e foi impossível não lembrar que, exatamente naquela região, existiu a Lagoa dos Patos, que deu nome à cidade.

Figura 174: Chegando ao restaurante Dona Nina, ponta da Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 175: Rua Professora Zélia, logo a frente avistamos a Antiga Cadeia. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Figura 176: Antiga sede da Câmara e Cadeia de Patos de Minas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

A conversa naturalmente fluiu para reflexões sobre as mudanças que a cidade enfrentou ao longo dos anos. Falamos sobre o impacto do aterramento da lagoa e

como, ironicamente, isso contribuiu para os alagamentos frequentes nas ruas ao redor. A história parecia se manifestar no presente, mostrando como as intervenções no território reverberam com o passar do tempo.

Enquanto explorávamos, percebemos como as ruas daquela área se estreitam em contraste com a amplitude da avenida principal. A arquitetura simples, com construções modestas e antigas, formava um cenário que parecia resistir às mudanças mais drásticas. Era como se aquele trecho guardasse as camadas de memória que ainda sobrevivem na cidade, mesmo em meio à modernização. Aquele trecho resguarda as águas da Lagoa dos Patos.

Aquele momento foi mais do que uma caminhada; era um mergulho na história viva da cidade, onde passado e presente coexistiam, moldando o nosso olhar e as nossas percepções sobre o que significa habitar Patos de Minas.

Depois de alguns minutos parados, observando e absorvendo a atmosfera ao nosso redor, decidimos seguir à direita e explorar as ruas estreitas da região. O charme das calçadas e o silêncio tranquilo do local contrastavam com a movimentação das avenidas principais, convidando-nos a descobrir mais.

Figura 177: Observando a cidade. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Enquanto caminhávamos, Cleysson apontou para a frente e comentou:— Olha ali, o Casa Alma! É um café que abriu em uma edificação antiga.

Sua empolgação nos contagiou, e resolvemos seguir até o local. A ideia de um café acolhedor em um prédio com história parecia perfeita para encerrar aquela parte da caminhada. Seguimos pela rua até chegar ao café, que, infelizmente, estava fechado. Apesar disso, não conseguimos deixar de nos encantar com sua arquitetura. A casa, com suas linhas clássicas e detalhes cuidadosamente preservados.

Ficamos ali por cerca de 20 minutos, conversando e admirando a beleza daquele lugar. A conversa fluía leve e descontraída, cheia de risadas, algumas fofocas e aquele carinho genuíno que sempre surge quando estamos juntos. A cachorrinha que nos acompanhava também recebeu sua dose de atenção, e era impossível não sorrir ao vê-la.

Figura 178: Explorando e admirando a arquitetura. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

— Como é bom estar com vocês — comentei, olhando ao redor.

Era um daqueles momentos simples, mas que ficam gravados na memória pelo calor da companhia e pela mágica de simplesmente estar presente. A noite continuava cheia de charme, e mesmo o café fechado parecia fazer parte de um roteiro perfeito. Decidimos que era hora de voltar, já que Gabriel precisava ir para casa. Pegamos o caminho de volta pelas pequenas e estreitas ruas, aproveitando para observar mais uma vez os detalhes que tantas vezes passam despercebidos na correria do dia a dia. O silêncio daquelas ruas parecia amplificar o som dos nossos passos e das nossas vozes, criando uma atmosfera quase intimista.

Quando chegamos novamente à avenida, resolvemos retornar pelo outro lado para variar o percurso. Durante o trajeto, o papo fluiu naturalmente. Comentamos sobre algumas casas que já não estão mais lá, substituídas por novas construções, e outras que estavam em reforma, tentando manter um equilíbrio entre o antigo e o moderno. Cada detalhe parecia nos contar um pedaço da história da cidade, revelando como ela muda e se transforma com o tempo.

Continuamos caminhando por uma longa extensão da avenida, aproveitando o frescor da noite e as luzes que refletiam nos vidros das vitrines. Quase em frente ao Fórum, mas do lado oposto da avenida, paramos para observar as vitrines da loja Annalu. A iluminação destacava os produtos com elegância, mas o que realmente chamou nossa atenção foi uma placa exposta, mostrando uma foto antiga de como era o local antes da atual edificação. Ficamos fascinados, especialmente Bruna, que se encantou com a transformação do espaço ao longo do tempo.

Figura 179: Analisando e observando as mudanças da cidade. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Enquanto admirávamos o passado retratado na placa, nossos olhares se voltaram para a outra esquina, onde se encontrava o icônico Palácio dos Cristais. Comentamos sobre sua história e como, há muitos anos, a prefeitura chegou a funcionar ali. Bruna mencionou que já tinha visto uma foto antiga do prédio, relembrando os detalhes arquitetônicos e o simbolismo que ele carregava.

Figura 180: Palacio dos Cristais. Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Ficamos ali por alguns minutos, falando sobre o dia e trocando histórias rápidas, antes de nos despedirmos. Depois de alguns minutos conversando e aproveitando o momento, nos despedimos do Gabriel, que precisava seguir para sua casa. Ele se despediu com um sorriso, como sempre, e foi embora, deixando uma sensação de saudade antecipada.

Após nos despedirmos do Gabriel, seguimos para casa também, Bruna e Cleysson voltariam comigo. Seguimos pelas ruas tranquilas, conversando sobre as impressões que cada um tinha sobre a cidade e como essas caminhadas tinham mudado nosso

olhar para os detalhes do cotidiano. Chegamos primeiro à casa de Bruna. Despedimo-nos com um abraço apertado e palavras de carinho, prometendo marcar outros encontros em breve. Em seguida, seguimos até a casa de Cleysson, onde também nos despedimos com a certeza de que essas caminhadas deixaram mais do que conhecimento; deixaram memórias e laços ainda mais fortes entre nós.

Depois de deixá-los, retomei meu caminho para casa, sentindo um misto de nostalgia e satisfação. Aquela era a última caminhada desta etapa da pesquisa, mas parecia mais um novo começo do que um fim. As histórias, os encontros e as descobertas estavam agora impregnados em mim, prontos para ganhar vida nas próximas páginas do meu trabalho.

As ilustrações a seguir são interpretações visuais das lendas de Patos de Minas, retratadas a partir do meu imaginário. Esses desenhos foram inspirados pelas histórias que permeiam o imaginário popular da cidade, cada uma carregando significados e memórias locais. Ao representar esses contos, busquei trazer à tona a essência e a atmosfera fantasmagórica dessas narrativas, transformando-as em imagens que refletem não só as lendas em si, mas também minha visão pessoal e os sentimentos que elas evocam.

Aproveitem.

Ao imaginar como seria esse imaginário durante as caminhadas, minha mente começa a trabalhar, e já começo a idealizar formas de dar vida a essas histórias. A ilustração surge como uma ferramenta poderosa para concretizar esse universo que habita o meu pensamento. Começo a desenhar as lendas, misturando elementos do meu próprio imaginário com as descrições que conheço, buscando transmitir como eu visualizo cada fantasma, cada figura lendária e cada lugar.

A LENDA DE PATOS DE MINAS

Ao me dedicar a imaginar e ilustrar a lenda de Patos de Minas, busquei capturar o símbolo que deu origem ao nome da cidade e que carrega consigo uma história única e enraizada na cultura local. O pato, figura central da lenda, surge imponente e expressivo, em meio a um cenário que remete ao vasto sertão e à tranquilidade de suas águas.

Na ilustração, o pato é retratado de maneira quase surreal, com destaque para seu olhar fixo e sua língua saliente, como se estivesse no exato momento em que encontra os tropeiros e bandeirantes, trazendo uma sensação de proximidade e conexão com essa ave que, segundo a lenda, habitava as águas da região. Ao fundo, o contraste entre as nuvens brancas e o céu negro reforça a dualidade entre o cotidiano simples do sertão e o misticismo da lenda.

Essa escolha de cores, preto e branco, busca traduzir a atemporalidade da lenda, como se a história do pato permanecesse suspensa entre o passado e o presente, intocada pelo tempo. As sombras e os detalhes nos contornos do pato e da vegetação criam uma atmosfera que reflete tanto a aridez quanto a vitalidade da paisagem local.

Ao trazer o pato como protagonista da ilustração, quis dar voz à origem lendária de Patos de Minas, ressaltando como a simplicidade dessa história transcende gerações, permanecendo viva na memória e no imaginário popular. Essa imagem, então, se torna uma homenagem visual à cidade e ao simbolismo que ela carrega, como se cada detalhe do desenho murmurasse a lenda que inspirou o nome e o espírito do lugar.

A MULHER DE SETE METROS

Ao olhar para a ilustração, a primeira coisa que sinto é um arrepio. Lá está ela – a Mulher de Sete Metros, dominando a cena com uma imponência quase esmagadora. Ela se destaca contra o céu noturno, seus contornos parcialmente iluminados pelo brilho fraco dos postes de luz que mal chegam até seus ombros. É como se sua figura estivesse ali, misturada à cidade, mas também alheia a ela, envolta em um mistério que parece impenetrável.

Seus braços e pernas são alongados, quase irreais, e cada movimento parece arrastar o vento, fazendo seu vestido esvoaçar como uma sombra viva. Seu rosto está meio encoberto, mas, mesmo assim, eu posso sentir seu olhar, uma serenidade quase hipnótica.

Ao olhar para a minha própria ilustração, vejo a Mulher de Sete Metros como eu a imaginei desde o início: imponente, com uma presença que transcende o espaço. Ali, contra o céu escuro, sua silhueta quase se funde com as sombras da cidade, mas ao mesmo tempo, ela se destaca – como se estivesse em movimento, e o vento a acompanhasse, fazendo seu vestido e cabelos se contorcerem numa dança silenciosa.

Cada traço que desenhei tenta capturar sua altura absurda e a sensação de que, mesmo sendo parte da cidade, ela é também um mistério que poucos conseguem decifrar. As casas e árvores ao redor, tão pequenas em comparação, ajudam a dar essa dimensão surreal à imagem. Eu quis que ela parecesse quase etérea, como se estivesse caminhando sem tocar o chão.

Enquanto olho para a ilustração, sinto que ela me devolve uma parte do imaginário que eu quis traduzir.

O VALE DAS CABAÇAS UIVANTES

Durante as caminhadas de campo para a pesquisa, eu imaginava como as ilustrações poderiam capturar a essência da lenda do Vale das Cabaças Uivantes. Ao revisitar o local e absorver suas particularidades, visualizava cenas que transmitissem a sensação de mistério e temor que permeia essa história. No traçado imaginado, o vale apareceria como uma mata densa e quase selvagem, envolta por uma névoa sutil, onde cabaceiras se estendem em todas as direções. Essas árvores, representadas com galhos retorcidos e folhas pendentes, estariam quase em movimento, como se fossem guiadas pelo vento.

Eu imaginava que cada cabaceira fosse desenhada para parecer viva, como se tivesse algo quase humano em sua forma, por isso a representação na cor vermelha, evocando uma presença constante. Nessa visão, o vento, ao passar por entre as copas das árvores, se tornaria quase visível, criando uma linha fluida, como um rastro fantasmagórico. A ideia era que as folhas e galhos das cabaceiras, sutilmente distorcidos na ilustração, revelassem olhos, tornando a paisagem assombrosa e evocando a ideia de que o vale possui uma vida e uma memória própria.

Imaginei que a paleta de cores seria fria e vibrante, mas utilizando apenas três cores, preto, branco e vermelho, ajudando a construir a atmosfera mística do local. Floresta densa, com árvores altas e ramificadas. Os troncos e galhos das árvores são desenhados em linhas escuras e detalhadas, transmitindo uma sensação de profundidade e de uma mata fechada e sombria. Espalhadas entre as árvores, há formas vermelhas, semelhantes a lágrimas ou cabaças, que pendem dos galhos. Esse vermelho contrasta fortemente com o preto das árvores, criando uma sensação de mistério e evocando algo sobrenatural ou até sinistro.

Essas ilustrações imaginadas serviriam para intensificar a atmosfera do Vale das Cabaças Uivantes, oferecendo ao observador uma experiência visual que evoca o mesmo temor e fascínio descrito pelas narrativas locais. A paisagem não seria apenas uma representação do lugar, mas um convite ao mundo das lendas e ao poder que o imaginário local carrega sobre esse espaço.

A GAMELEIRA

Enquanto caminhava pela cidade, ao visitar a Praça dos Boiadeiros comecei a imaginar como as ilustrações da lenda da Gameleira poderiam captar a essência desse lugar tão carregado de significados. Pensava numa árvore que não fosse apenas uma figura estática, mas quase um ser vivo, com formas que pulsam entre o real e o fantástico. Via a Gameleira envolta em tons de vermelho e preto – o vermelho simbolizando a força ancestral, quase como sangue que percorre as raízes, e o preto representando o mistério e a sombra das histórias contadas ao longo das gerações, representar seus cavalos e fantasmas.

Em algumas partes da ilustração, pequenos detalhes refletiam figuras sutilmente entrelaçadas nas raízes e nos troncos, representando almas, cavalos e fantasmas, como se fossem parte do próprio corpo da Gameleira. A sombra projetada no chão teria uma forma sinuosa, quase dançante, transmitindo a ideia de que essa árvore não era apenas uma planta, mas um espírito que observava a cidade desde tempos imemoriais.

A própria árvore ganhava características quase humanas, com troncos e galhos que pareciam se contorcer e observar, como se escondessem segredos ou vigiassem quem ousasse se aproximar. As letras ao fundo, fragmentadas e texturizadas, representavam as vozes antigas que ecoam em nossa memória coletiva, revelando a resistência da árvore e o peso da tradição. Essa visão imaginada ajudava a materializar, nos traços e nas cores, a presença poderosa da Gameleira, transformando-a em uma guardiã da história e do imaginário da cidade.

Essa ilustração imaginada da Gameleira visava capturar a dualidade entre a proteção e o mistério que ela representa para a comunidade. Durante as caminhadas, enquanto imaginava essa cena, percebia que ela não apenas ilustrava a árvore em si, mas todo o poder simbólico que a lenda carrega.

A MULHER DOS TRÊS METROS

Na minha pesquisa, ao explorar a representação visual da lenda da Mulher dos Três Metros, busquei capturar o imaginário local que envolve essa figura enigmática. Na ilustração, ela emerge como uma presença que equilibra o humano e o sobrenatural, sendo alta o suficiente para causar estranheza, mas ainda mantendo proporções próximas da realidade, o que a torna familiar e, ao mesmo tempo, inquietante.

A imagem que criei coloca a mulher em uma postura imponente e introspectiva, sua expressão vaga e silenciosa, como se guardasse um segredo antigo ou carregasse uma vigilância silenciosa sobre a cidade. Procurei desenhá-la de forma que apenas uma parte de seu rosto fosse iluminada, enquanto o restante se perde nas sombras, criando uma ambiguidade entre o visível e o oculto. Isso atrai o olhar do observador para os pequenos detalhes, tornando a imagem quase hipnótica.

Escolhi representar suas vestes como um vestido longo e simples, esvoaçando levemente como se o vento o moldasse, acentuando sua altura e dando um toque etéreo, quase fantasmagórico. Ao redor, incluí elementos locais – talvez um pedaço de rua ou um muro antigo – que ajudam a situar a figura na cidade, reforçando a conexão com o espaço urbano, como se ela fosse uma vigia eterna, presente nas memórias e nas ruas que inspiraram a lenda.

Essa representação visual da Mulher dos Três Metros dialoga com o imaginário coletivo, pois é uma figura que parece tanto próxima quanto fora de alcance, evocando o temor e o fascínio dos moradores que passam por onde ela supostamente caminharia. A ilustração não apenas descreve a lenda, mas também amplia a dimensão simbólica dessa figura, fazendo com que ela pareça sempre prestes a surgir, como uma sombra observadora e silenciosa.

O CRAVO E A JANELA

Ao imaginar e materializar a lenda de "O Cravo e a Janela" em forma de ilustração, busquei transmitir a delicadeza e a melancolia de uma história que fala de amor, saudade e espera. Essa lenda, ao narrar o encontro silencioso entre uma jovem e um cravo deixado à janela, carrega uma atmosfera de nostalgia e mistério que eu quis capturar visualmente.

A cena se passa à noite, e na ilustração, as sombras e os contrastes são utilizados para intensificar o ambiente de quietude e expectativa. A janela aparece entreaberta, com as linhas suaves e sombrias ao redor, sugerindo a passagem do tempo e o desgaste, como se aquele cravo fosse apenas uma lembrança deixada em um espaço que já presenciou muitas histórias. Essa janela, envolta em tons escuros, simboliza tanto a proteção quanto a vulnerabilidade de quem espera um amor distante.

O cravo, central na imagem, é representado com um detalhe delicado, em tom suave, contrastando com o fundo sombrio. Ele está posicionado cuidadosamente no parapeito, como um símbolo da presença ausente, uma prova de amor silenciosa que espera ser notada pela jovem. A flor parece viva, como se ainda pulsasse com a emoção de quem a deixou ali, trazendo uma sensação de romantismo misturada com uma sutil tristeza.

O uso das cores preto, branco e um toque de vermelho no cravo confere um efeito dramático e simbólico à ilustração. O vermelho intenso da flor é o único toque de cor vibrante, destacando-se contra o fundo escuro, como uma chama que desafia a escuridão da noite e representa o amor puro e intenso, ainda que não correspondido. Esse contraste entre a suavidade do cravo e a dureza das sombras ao redor revela o contraste entre a esperança romântica e a realidade dura, uma dualidade que a própria lenda carrega.

A ilustração, então, se torna uma forma de resgatar visualmente a essência da lenda, como se cada detalhe da imagem sugerisse o silêncio e o sentimento de quem, em segredo, deixa algo tão frágil quanto uma flor à mercê do tempo e do destino. Ao observar essa imagem, queria que o espectador se sentisse transportado para aquele momento de espera, compartilhando da mesma melancolia e anseio que permeiam a lenda do cravo e a janela.

O MOÇO DA VELA

Durante as caminhadas, ao imaginar as ilustrações para a lenda do Moço da Vela, buscava captar tanto o romantismo quanto o terror silencioso que permeiam a história de Jandira. Cada ilustração que visualizava parecia destinada a expressar a transição entre o sonho e o pesadelo, o desejo e o medo, transportando o observador para um ambiente onde o encantamento e o horror se confundem.

Na primeira ilustração imagino Jandira aos braços do rapaz em sua forma de caveira, com uma expressão de expectativa e esperança. Seus olhos parecem perdidos ao longe, à espera do príncipe encantado que ela acredita que surgirá para lhe trazer amor. Essa cena retrataria a pureza e a ingenuidade de Jandira, destacando sua vulnerabilidade e o contraste entre sua figura iluminada e o mundo escuro ao redor.

Na composição dessas ilustrações imaginadas para a lenda do Moço da Vela, as cores preto, vermelho e branco assumem um papel fundamental na criação de atmosferas e na evocação de emoções contrastantes. A utilização desses tons não é apenas estética; é simbólica, reforçando a narrativa de uma forma quase visceral e criando camadas de interpretação que ajudam a captar a profundidade da lenda.

As ilustrações imaginadas não apenas contam a história do Moço da Vela, mas também criam uma experiência visual de tensão e tragédia. Essas ilustrações projetam o observador para dentro do imaginário de Jandira, onde o medo e o desejo se entrelaçam em uma dança intensa e trágica, revelando a profundidade e a complexidade dos antigos contos e lendas que permeiam a cultura de Patos de Minas.

CARTOGRAFIA IMAGINÁRIA

A construção de uma cartografia imaginária é um processo criativo e reflexivo que vai além das representações geográficas tradicionais, como mapas e plantas urbanas. Em vez de apenas delinear ruas, bairros e edifícios, ela busca explorar e revelar as camadas invisíveis da cidade, aquelas que existem nas histórias, nas lendas e nas memórias. Essa forma de cartografia mapeia os aspectos simbólicos e subjetivos de um território, onde os elementos da cultura, do imaginário e da experiência humana são tão importantes quanto os aspectos físicos e materiais do espaço. Essa forma de cartografia mapeia os aspectos simbólicos e subjetivos de um território, onde os elementos da cultura, do imaginário e da experiência são tão importantes quanto os aspectos físicos e materiais do espaço.

A Cartografia Imaginária desenvolvida é um mapa narrativo que reúne histórias e lendas de Patos de Minas, conectando o imaginário popular aos espaços da cidade. Esse desenho traduz a memória coletiva em um traçado visual que percorre lugares simbólicos, reinterpretando a cidade através do olhar das histórias que moldam sua identidade. Cada elemento representado no mapa remete a uma lenda ou fato marcante, transformando o território urbano em um palco de narrativas mágicas e fantasmagóricas.

Lenda de Patos: No coração da cartografia está a antiga *Lagoa dos Patos*, que deu origem ao nome da cidade. Hoje, no lugar da lagoa, encontram-se casas, prédios e ruas que contam outra história, mas ainda carregam a memória do que foi apagado pelo tempo e pela urbanização. A lenda lembra como a cidade se formou em torno desse elemento natural.

Lenda "A Mulher dos Três Metros": Próximo ao Museu de Patos de Minas, na Rua Olegário Maciel, essa figura mítica impressiona com sua altura e presença misteriosa. Ela simboliza o impacto das narrativas urbanas no cotidiano, um elemento que desafia a percepção da realidade e alimenta o imaginário dos moradores.

Lenda "A Mulher de Sete Metros": Essa lenda aparece no Fórum Olympio Borges, trazendo uma atmosfera ainda mais surreal. A figura imensa, que domina a paisagem

urbana, parece lembrar aos passantes a fragilidade entre o real e o imaginário. O fórum, um lugar de justiça e ordem, contrasta com a presença dessa entidade tão extraordinária.

Lenda "A Gameleira": Próxima à Praça Abner Afonso, a Gameleira é uma árvore centenária que simboliza resistência e conexão com a natureza. A lenda evoca o respeito às raízes históricas e ao passado que ainda vive nos elementos naturais da cidade.

Lenda “O Vale das Cabeças Uivantes”: Localizada na Rua Mata dos Fernandes, no Bairro Vila Garcia, essa lenda desperta a curiosidade com sua narrativa peculiar. A ideia de "cabaças uivantes" é surreal, reforçando o caráter fantástico que permeia o imaginário local.

Lenda "O Cravo e a Janela": Localizada na Rua Major Gote, essa lenda narra uma história de amor, representada por um homem segurando um cravo. Ela traz uma dimensão poética à cartografia, conectando os espaços físicos a emoções.

Lenda "O Moço da Vela": Na região da PTC e CEMIG, surge a figura do *Moço da Vela*, um personagem misterioso que parece guardar segredos e histórias do local. A lenda mistura o místico e o urbano, envolvendo os espaços da cidade com um toque de assombro e curiosidade.

Na Cartografia Imaginária, as linhas vermelhas que conectam os pontos das lendas e histórias não representam exatamente o traçado real das ruas, mas sim o percurso simbólico das caminhadas realizadas ao longo da pesquisa. Elas traduzem o imaginário que emerge dessas jornadas, mais ligado à experiência sensorial e emocional do caminhar do que ao mapeamento literal do território. Essas linhas funcionam como uma narrativa visual das vivências durante as caminhadas. Cada passo dado, cada conversa, cada observação ao longo do trajeto é incorporado nesse traçado subjetivo, que reflete não apenas os caminhos percorridos fisicamente, mas também os fluxos de pensamentos, memórias e descobertas feitas ao longo do processo. Elas são, portanto, uma metáfora para a conexão entre o espaço físico e as camadas invisíveis do território, como as histórias que ecoam nos becos, avenidas e esquinas.

Esse traçado imaginário ressalta a relação íntima entre o ato de caminhar e a construção do significado dos lugares. O caminhar não foi apenas um meio de deslocamento, mas uma forma de se reconectar com a cidade, permitindo que cada espaço fosse reinterpretado à luz das lendas e das histórias que nele habitam. Assim, as linhas não seguem a lógica exata do mapa convencional, mas a lógica do afeto, da memória e da imaginação, reconstruindo a cidade como um espaço onde o real e o imaginário coexistem.

CARTOGRAFIA IMAGINÁRIA

sol.
muito sol

Lenda O Vale das Cabacas Uivantes
Rua Mata dos Fernandes, Bairro Vila Garcia.

Lenda de Patoa de Minas

aqui jás
a "lagoa dos
patos"

hoje casas,
predios
e ruas.

MINHA CASA, MINHA RUA..
olhando para meus vizinhos,
minha rua, percebo quanto
tudo aqui me representa
muito.

Lagoa dos
Patos

Lenda "A Gameleira"
Praça Abner Afonso

Catedral

Rua Major Gote

Lenda
"O Cravo e a Janela"

Lenda
"A mulher dos
três metros"

Casa do
Olegario Maciel
Museu de Patos
de Minas

A Mulher dos Três Metros

oi Ana, é bom
te ver aqui!

Coreto
Av. Getulio Vargas

Lenda "O Moço da Vela"
PTC e CEMIG

PTC

A Mulher de Sete
Metros
Forum Olympio Borges

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho percorreu uma jornada rica e multifacetada pela relação entre as narrativas, os imaginários e o território urbano, tendo como objeto a cidade de Patos de Minas. A dissertação que agora se conclui foi mais do que uma pesquisa acadêmica; foi um processo de descoberta pessoal e de reconexão com a cidade. As caminhadas realizadas ao longo deste trabalho, associadas às lendas e histórias que investigamos, abriram uma nova perspectiva sobre os espaços que percorri. Enxergar a cidade por meio de seu imaginário foi um convite para vivenciar Patos de Minas de maneiras outras, mais profundas e significativas. Ao percorrer as ruas, observei detalhes que antes me escapavam – fachadas, placas, texturas e sons que passaram a carregar significados maiores à luz das narrativas locais. Essa experiência me proporcionou uma vivência mais íntima com os lugares, revelando a complexidade e a beleza do cotidiano urbano. Percebi que caminhar não é apenas um ato físico, mas também um gesto de encontro com a cidade, um exercício de percepção e conexão que transcende o simples deslocar-se de um ponto a outro.

É importante destacar que este estudo não busca oferecer uma visão fechada ou definitiva sobre o imaginário urbano de Patos de Minas. Ao contrário, trata-se de um convite ao diálogo e à exploração contínua dos significados que as pessoas atribuem à cidade. Por meio das lendas, das memórias e das histórias, vislumbramos uma cartografia emocional que se desenha em paralelo ao mapa físico da cidade. Assim, a pesquisa reafirma que o espaço urbano é também uma construção simbólica, alimentada pelo fluxo ininterrupto de narrativas que entrelaçam passado, presente e futuro.

Os objetivos traçados nesta dissertação conduziram uma investigação sensível e reflexiva sobre Patos, um território que se revela tanto pela materialidade de sua paisagem quanto pela subjetividade das narrativas. A partir da análise proposta, foi possível compreender como a formação histórica da cidade e as transformações do seu território se entrelaçam, constituindo um espaço rico em camadas temporais e simbólicas.

No primeiro capítulo, foi possível compreender como a formação de Patos de Minas está intrinsecamente ligada a um processo histórico e cultural em constante evolução. Desde suas origens como território indígena até sua urbanização e expansão, a cidade foi moldada por ciclos econômicos, sociais e culturais que impactaram diretamente a configuração do espaço urbano. Ao explorar os marcos históricos e os agentes envolvidos, ficou evidente que as transformações do território

não se restringem às alterações físicas, mas também às significações construídas pelos habitantes ao longo do tempo. A análise aqui apresentada fundamenta a relação entre história, memória e território, fornecendo a base para as discussões seguintes sobre o imaginário da cidade. A análise das lendas revelou que elas desempenham um papel importante na construção da imagem de Patos de Minas, ao traduzirem percepções e afetos coletivos em narrativas. Lendas como a *Mulher de Sete Metros*, a *Gameleira* e o *Moço da Vela* não são apenas histórias populares, mas representações da relação entre os habitantes e o território em que se vive. Elas trazem à tona os valores, os medos e os desejos de uma comunidade, funcionando como pontes entre o passado e o presente. Este capítulo destacou que as lendas não são estáticas, mas se adaptam e se transformam junto com a cidade, reafirmando sua relevância como parte do patrimônio imaterial e como recurso para interpretar as dinâmicas do espaço urbano.

Explorou-se as potencialidades das cartografias afetivas como ferramentas para compreender a cidade em suas múltiplas dimensões. As caminhadas realizadas permitiram capturar percepções sensoriais e subjetivas dos espaços, enquanto os desenhos, fotografias e relatos reforçaram a coexistência da cidade real e da cidade imaginária. As camadas temporais observadas nas narrativas e nos registros revelaram como diferentes épocas e significados convivem em uma dinâmica que enriquece a experiência urbana. Ao traçar a cartografia, foi possível identificar uma cidade que é simultaneamente material e simbólica, resultado de memórias, vivências e interpretações que transformam o espaço em um território de significados compartilhados.

A evolução de Patos de Minas, desde suas raízes como um território marcado por lendas até sua consolidação como um município, mostrou-se essencial para entender as marcas culturais que perpassam o imaginário urbano. As transformações vivenciadas ao longo do tempo não são apenas resultado de processos econômicos e sociais, mas também de narrativas que conferem identidade e pertencimento aos espaços. A figura de Risoleta Maciel Brandão, por exemplo, simboliza essa interseção entre história e mito, conferindo um olhar mais profundo à compreensão do território. Outro aspecto relevante desta pesquisa foi a contribuição de Oliveira Melo para a compreensão do imaginário e da história de Patos de Minas. Sua obra, que reúne relatos, crônicas e registros históricos, é um valioso recurso para explorar as camadas temporais do território. Mello, desempenhou um papel essencial na preservação da

memória local, ao documentar não apenas os fatos históricos, mas também os mitos e as narrativas que compõem a identidade cultural da cidade. Sua abordagem, ao mesmo tempo literária e historiográfica, amplia a percepção sobre como a cidade foi construída enquanto espaço físico e simbólico, ressaltando a importância da oralidade e das tradições populares na configuração do imaginário urbano. Incorporar sua perspectiva ao estudo permitiu reconhecer a riqueza das narrativas locais e sua relação intrínseca com as transformações. Eitel Dannemann, em suas pesquisas sobre Patos de Minas, desempenha um papel crucial na preservação das lendas e histórias locais, mantendo vivo o imaginário coletivo do território até os dias atuais. Seu trabalho registra narrativas populares, muitas vezes orais, permitindo que essas histórias conectem as novas gerações. A preservação dessas lendas é fundamental para esta dissertação, pois oferece material rico para entender como as memórias coletivas e tradições moldam a percepção do espaço urbano e fortalecem os vínculos identitários. Ao integrar as lendas ao estudo das transformações da cidade, percebe-se como elas funcionam como camadas simbólicas que complementam as mudanças físicas e sociais, ampliando a compreensão da cidade real e imaginária.

As cartografias afetivas produzidas neste trabalho foram ferramentas fundamentais para traduzir essas camadas. As caminhadas pela cidade transformaram se em uma prática afetiva — me permitiram vivenciar o espaço urbano sob diferentes perspectivas. Os desenhos, fotografias e registros textuais captaram não apenas a topografia da cidade real, mas também a dimensão subjetiva e imaginária que a acompanha.

A dissertação assim, pode contribuir para futuras pesquisas ao explorar como as lendas e narrativas urbanas de Patos de Minas moldam o imaginário coletivo e a percepção do espaço urbano. Ela propõe uma abordagem interdisciplinar entre Arquitetura, Urbanismo e Ciências Sociais, utilizando a caminhada como método de pesquisa para entender a relação entre os indivíduos e o território em que se vive. Além disso, abre possibilidades para estudos sobre a integração de elementos culturais e simbólicos, inspirando novas formas de investigar a identidade e a dinâmica das cidades por meio de suas histórias locais.

Portanto, reafirma-se que Patos de Minas não é apenas um lugar físico, mas também um espaço narrativo, onde as histórias moldam o território assim como os acontecimentos históricos. A coexistência entre a cidade real e a cidade imaginária, evidenciada pelas camadas temporais das narrativas, revela que a identidade urbana

não está fixa em um tempo ou espaço, mas em constante transformação, assim como as pessoas que a habitam. Conclui-se, assim, que estudar a cidade é, acima de tudo, mergulhar em seus imaginários, caminhando entre histórias e traçando linhas invisíveis que conectam passado, presente e futuro em um emaranhado vivo. Que essas reflexões inspirem novos olhares sobre o território e as narrativas que o constroem, fortalecendo o entendimento de que a cidade é também uma criação coletiva de sua memória e de seu afeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Argan. Giulo Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Amaral, Lilian. **Interterritorialidades: passagens, cartografias e imaginários**. BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. Interterritorialidade: mídias, contextos e educação. SESC.

Barthers, Roland. **A aventura semiológica: Semiologia e Urbanismo**, p. 218-231. 1988. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:BsZIm0LnBpwJ:https://revistamosaicum.org/index.php/mosaicum/article/download/ 437/419/873+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br

Benjamin, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Benjamin, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1986. Apresentação: Jeanne Marie Gagnebin. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Disponível em: https://psicanalisepolitica.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/10/obras-escolhidas-vol-1-magia-e-tc3a9cnica-arte-e-polc3adtica.pdf. Acesso em: set. 2024.

Benjamin, Walter. **Obras escolhidas II: Rua de mão única**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995. Disponível em:

Benjamin, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. Organização: Willi Bolle. Colaboração: Olgária Chain Féres Matos. Tradução do alemão: Irene Aron. Tradução do francês: Cleonice Paes Barreto Mourão.

Borges, Cristina Caixeta. Urban landscape analysis: the case of Getúlio Vargas Avenue in Patos de Minas-MG. 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado em Manejo Florestal; Meio Ambiente e Conservação da Natureza; Silvicultura; Tecnologia e Utilização de) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

Breton, André. **Manifestos do Surrealismo**. Tradução: Sérgio Pachá. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

Breton, André. **Nadja. Paris: Livre de poche**, 1972. Disponível em: http://m4ker.free.fr/74%20eBooks%20Fran%E7ais/Breton,%20Andr%E9%20%20Nadja.pdf. Acesso em: set. 2024.

Britto, F. D.; Jacques, P. B. **Corpo e cidade: complicações em processo**. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 19, n. 1 e 2, p. 142–155, 2012. DOI: 10.35699/2316-770X.2012.2716. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2716. Acesso em: 20 set. 2023.

Britto, F.; Jacques, P. B. **Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade**. Cadernos PPG-AU / FAU- UFBA – número especial. Salvador, 2008.

Britto, Fabiana e Jacques, Paola. 2012. **Corpo e cidade – coimplicações em processo**. Rev. UFMG, Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.142-155, jan./dez.

Calvino, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras. 1990. Disponível em: https://monoskop.org/images/c/c7/Calvino_Italo_As_Cidades_Invisiveis.pdf

Careri, Francisco. **Caminhar e parar.** Trad. Aurora Fornoni Barnardini. São Paulo. 2017.

Careri, Francesco. **Walkscapes: caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gilli, 2013.

Certeau, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 3° Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. Disponível em: https://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/michel-de-certeau-a-invenc3a7c3a2o-do-cotidiano.pdf. Acesso em: set. 2022.

Certeau, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer/tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.

Debord, Guy-Ernest. **"Teoria da deriva"**. In: JACQUES, Paola Berenstein. Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Deleuze, Gilles. **O que é um dispositivo?** In: Michel Foulcault. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155–161.

Deleuze, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 4. São Paulo: editora 34, 1997.

Foucault, Michel. (2013). **De espaços outros. Estudos Avançados**, 27(79), 113 122. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705/71285. Acesso em: 16 de set. 2023.

Ferraz, Camila Benezath Rodrigues. Mapas **Oficias e Cartografias do Cotidiano: Tensionamento das Experiências no Espaço**. São Paulo: FAU Mackenzie, 2017, p.104.

Fonseca, Geraldo. **Domínios de pecuários e enxadachins: história de Patos de Minas**. Belo Horizonte: Ingrabrás, 1974.

Harley, J.B. **La Nueva Naturaleza de los Mapas; Ensayos sobre la História de la Cartografia**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2005.

Hissa, C. E. V.; Nogueira, M. L. M. **Cidade-corpo**. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54–77, 2016. DOI: 10.35699/2316770X.2013.2674.Disponívelem:https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/vi ew/2674. Acesso em: 20 set. 2023.

Jacques, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

Jacques, P. **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA.

Jacques, Paola Berenstein. **Errâncias Urbanas: A arte de andar pela cidade**. Revista Arquitextos, 2005. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq093/arq093_02.aps. Acesso em:

Jacques, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes: corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

Lynch, Kevin. **A Imagem Da Cidade**. Trad. Maria Cristina Tavares Amaral. Lisboa, Portugal. 1960. Disponível em: https://uffanaliseeurbanismo.files.wordpress.com/2017/09/lynch-kevin-a-imagem-da-cidade1.pdf

Löwy, Michael. **A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo.** Civilização Brasileira, 2002. Disponível em: https://monoskop.org/images/4/4a/Lowy_Michael_A_estrel_da_manha_surrealismo_e_marxismo_2002.pdf. Acesso em: set. 2024.

Maia, Cláudia Guimarães; CARDOSO, Helânia Cunha de Sousa. O resgate dos causos da região do Alto Paranaíba e do noroeste mineiro como possibilidade de reconstituição da memória cultural. *Perquirere*, Patos de Minas, v. 18, n. 2, p. 25-35, 2021. Disponível em: https://revistas.unipam.edu.br/index.php/perquirere/article/view/3753/1289. Acesso em: 03 nov. 2024.

Norberg-Schulz, Christian. (1980). **Genius Loci – Towards a phenomenology of architecture**. London: Academy Editions.

Norberg - Schulz, Christian. **O Fenômeno do Lugar**. In: NESBITT, Kate. Uma Nova Agenda para a Arquitetura: Antologia Teórica (1985-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006. Disponível em: <https://auh333fauusp.files.wordpress.com/2015/04/o-fenc3b4meno--do-lugar.pdf>. Acesso em: abr. 2021.

Mello, Antônio de Oliveira. **Minha Terra: suas lendas e seu folclore.** 1ª. Edição. Patos de Minas: Editora da Academia Patense de Letras, 1970, p. 283-284.

Mello, Antônio de Oliveira. **Patos de Minas Centenária.** Patos de Minas, Edição da Prefeitura Municipal de Patos de Minas, 1992.

Paese, Celma. **Contramapas de acolhimento**. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Arquitetura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2016.

Park, Robert. (1967), **"A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano"**, in G. Velho, O fenômeno urbano, Rio de Janeiro, Zahar. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1sOcs5HBF1K3URai6jKm6hCmY_Wu8aT6C/view. Acesso em: set. 2022.

Pinho, Rafaela Barros de. **Feira das Pulgas cartografia da cidade na contemporaneidade**. 2017. 207f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2017. Disponível em: Acesso em: 16 de set. 2023.

Rio, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal da Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101365/alma_encant_ruas.pdf

Acesso em: set. 2022.

Rocha, Eduardo; Clasen, Carolina Mesquita; Di Felice, Emanuela; Resende, Lorena Maia; Saquet, Marcos Aurelio; Sposito, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em 55 Geografia, 2008.

Rolnik, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. Disponível em: https://monoskop.org/images/8/8b/Rolnik_Suely_Cartografia_sentimental_transformacoes_contemporaneas_do_desejo_1989.pdf. Acesso em: 16 de set. 2023.

Rolnik, S. ***Cartografia sentimental*: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

Rouanet, S. **É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?** Revista USP, São Paulo, v. n. 15, p. 48-75, 30 nov,1992

Santos, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4° Ed. 2° Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://files.leadt-ufal.webnode.com.br/200000026-4d5134e4ca/Milton_Santos_A_Natureza_do_Espaco.pdf>. Acesso em: set. 2023.

Visconti, Jacopo Crivelli. **Novas derivas**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

Lista de Figuras

***Além dessas figuras, foram inseridas ilustrações criadas pela autora ao longo do percurso da pesquisa.**

Figura 1: Localização geográfica do Município de Patos de Minas. Fonte: Google Maps. Adaptado pela autora, 2024. 40
Figura 2: Descoberta da Urna Funerária na Fazenda de Contendas, Distrito de Santana. 1999. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas.....42
Figura 3: Urna Funerária após processo de restauro. Museu da Cidade de Patos de Minas. 2000. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. 43
Figura 4: Figura 04: Largo da Matriz, hoje Praça Dom Eduardo, em 1915. Original: Maria Lina Borges Marques. Reprodução: Saulo Alves. Fonte: Acervo Fotográfico João Otávio Coelho. Acesso em: 03 de ago. de 2023. 47
Figura 5: Imagem Ilustrativa das Lagoas “Grande” e “Dos Patos” em 1940, origem do nome de Patos de Minas. Fonte: Acervo fotográfico: Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 03 de ago. de 2023. 47
Figura 6: Largo da Matriz, em 1915. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de mar. de 2024. 48
Figura 7: Primeira capela de Patos de Minas, antiga Igreja Matriz. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de mar. de 2024. 49
Figura 8: Cartografia do Município de Patos de Minas, feita pela Comissão Mineira do Centenário mais antigo documento cartográfico de Patos de Minas que se tem notícia. Belo Horizonte, década de 1920. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - Mup. 51
Figura 9: Contorno das primeiras áreas de expansão utilizando fac-símile da planta da cidade de 1920 da Comissão Mineira do Centenário. Belo Horizonte – Década de 1920. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - Mup. 52
Figura 10: Vista aérea da primeira capela de Santo Antônio e resquícios da “Lagoa dos Patos”. Fonte: Acervo fotográfico: do Museu de Patos de Minas - Mup. Acesso em: 03 de ago. de 2023. 53
Figura 11: Núcleo Urbano original de Patos de Minas. Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.....54
Figura 12: Olegário Dias Maciel, 1930. Fonte: Acervo fotográfico: do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 55
Figura 13: Pontos de referências não mais existentes utilizando fac-símile da planta da cidade de 1920 da Comissão Mineira do Centenário. Belo Horizonte – Década de 1920. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 27 de julho de 2023.....57
Figura 14: Núcleo Urbano original de Patos de Minas. Fonte: Elaborada pelo autor, 2024.....58

Figura 15: Antiga casa de Câmara e Cadeia localizada hoje na Praça Juquinha Caixeta em 1925. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024. 59
Figura 16: Grupo Escolar Marcolino de Barros na década de 1960. Fonte: Arquivo da Fundação Casa Cultura do Milho. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 60
Figura 17: Escola Normal, E. E. Prof. Antônio Dias Maciel em 1933. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 61
Figura 18: Casa do Olegário Maciel em 1945. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024. 61
Figura 19: Palacete de Amadeu Maciel construído em 1919. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024. 62
Figura 20: Avenida Liberdade, Avenida Municipal – Atual Avenida Getúlio Vargas, avista aérea da construção das Praças da avenida, em destaque a primeira Capela e a Igreja Matriz. Fonte: Acervo Fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024. 63
Figura 21: Avenida Liberdade - atual Avenida Getúlio Vargas - destaque para construção do cine Olinta. Fonte: Acervo fotográfico: João Otávio Coelho. Acesso em: 63
Figura 22: Avenida Getúlio Vargas, parte ao sul da Catedral de Santo Antônio, década de 1930. Ao centro da figura o Palacete Amadeu Maciel. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024. 65
Figura 23: Avenida Getúlio Vargas, parte ao sul da Catedral de Santo Antônio, década de 1930. Na lateral esquerda a prefeitura. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024. 65
Figura 24: Avenida Getúlio Vargas, parte ao sul da Catedral de Santo Antônio, década de 1930. Na lateral esquerda a prefeitura. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024. 66
Figura 25: Rua Major Gote, década de 1930. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024. 67
Figura 26: Planta Cadastral de 1934 do Município de Patos de Minas, por Nelson Rodrigues. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas. Acesso em: 27 de julho de 2023. 69
Figura 27: Planta Cadastral de 1935 do Município de Patos de Minas. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas. Acesso em: 27 de julho de 2023. 69
Figura 28: Patos de Minas - década de 1940. Fonte: Doação: Dácio Pereira da Fonseca ao acervo do Memorial do Milho. Acesso em: 15 de set. 2022. 70
Figura 29: “Panorâmica no final da Década de 1940”. Foto: Do livro Patrimônio de Santo Antônio-Do Sítio ao Templo, de Sebastião Cordeiro de Queiroz, publicado em 28/10/2016. Acesso em: 15 de maio de 2023. 72
Figura 30: Vista aérea de Patos de Minas – Década de 40. Foto: Chilon Gonçalves - Foto Lux. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 15 de maio de 2023. 73

Figura 31: Vista aérea de Patos de Minas – Década de 50. Colégio Marista e Rua Major Gote. Foto: João Lucas Ribeiro Borges – Arquivo Marilda Coury. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 15 de maio de 2023. 73
Figura 32: Vista aérea da cidade de Patos de Minas em 1950. Avenida Getúlio Vargas: Catedral de Santo Antônio. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 03 de ago. de 2023. 74
Figura 33: Vista aérea da cidade de Patos de Minas em 1950. Avenida Getúlio Vargas: Catedral de Santo Antônio. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 03 de ago. de 2023. 74
Figura 34: Avenida Getúlio Vargas na década de 1950. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 24 de jul. de 2023. 75
Figura 35: Avenida Getúlio Vargas em 1955, quando havia acabado de ser urbanizada, sem as diversas árvores existentes hoje em dia. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 03 de ago. de 2023. 75
Figura 36: Panorâmica no final da década de 1960. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP) Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de jul. de 2023. 77
Figura 37: Avenida Getúlio Vargas e Rua Major Gote na década de 60. Foto: Janes Gonçalves Guimarães. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP) Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 03 de ago. de 2023. 78
Figura 38: Panorâmica no final da década de 1960. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP). Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de jul. de 2023. 78
Figura 39: Panorâmica no final da década de 1960. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP). Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 15 de maio de 2023. 79
Figura 40: Panorâmica no final da década de 1960, no alto, à esquerda, a Lagoa Grande. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP). Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 15 de maio de 2023. 79
Figura 41: Avenida Getúlio Vargas em 1969. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 15 de maio de 2023. 80
Figura 42: Avenida Getúlio Vargas na década de 1970. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 15 de maio de 2023. 81
Figura 43: Avenida Getúlio Vargas na década de 1970. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 15 de maio de 2023. 81
Figura 44: Panorâmica em meados da década de 1980, no canto inferior direito para à esquerda, as Ruas General Osório, Olegário Maciel e José de Santana na esquina com a Praça Abner Afonso. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de jul. de 2023. 82
Figura 45: Planta Cadastral de 1970 do Município de Patos de Minas. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas. Acesso em: 24 de julho de 2023. 84

Figura 46: Panorâmica em meados da década de 1990. Registro do progresso e o fim da “Lagoa dos Patos”. Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de jul. de 2023. 85
Figura 47: Parque Municipal do Mocambo, 1992. Fonte: Arquivo de Donato Amaro Teixeira. Disponível em: http://efecadepatos.com.br/?p=8437. Acesso em: 18 de setembro 2024. 86
Figura 48: Capa da primeira edição do Jornal Folha de Patos, publicado em 26 de julho de 1936. Fonte: Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. Acesso em: 27 de jun. 2023. 90
Figura 49: “Lenda de Patos”, texto escrito por Risoleta Maciel Brandão, publicado na edição 06 de junho de 1968 pela Folha Diocesana. Fonte: Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. Acesso em: 27 de jun. 2023. 94
Figura 50: Risoleta Maciel Brandão. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 95
Figura 51: Primeira foto aérea de Patos de Minas, data desconhecida. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 15 de maio de 2023. 96
Figura 52: Praça da Matriz. Em primeiro plano, o cruzeiro da Catedral, inaugurada em 194. Em segundo plano, a Igreja de Santo Antônio e ao fundo Lagoa dos Patos. Década de 1940. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas, 2013. Acesso em: 24 de julho de 2023....97
Figura 53: Área de brejo da Lagoa dos Patos. Fonte: Elaborado por Amorim (2015), com informações da Prefeitura de Patos de Minas, (2014). Acesso em: 10 de setembro de 2023. 98
Figura 54: Área que um dia foi a Lagoa dos Patos. Mapa ilustrativo do antigo traçado da Lagoa dos Patos. Fonte: Elaborado pela autora, Google Earth, 2023. 99
Figura 55: Visão ampla da demarcação da Lagoa dos Patos - Rua Major Gote, Centro - Colégio Marista em construção. Foto: Queiroz, Sebastião Cordeiro de. Livro Patrimônio de Santo Antônio: do Sítio ao Templo, página 35. Acesso em: 03 de ago. de 2023. 100
Figura 56: Antônio de Oliveira Mello. Disponível em: https://academiadeletrastm.com.br/antoniooliveiramello.php. Acesso em: 10 de out. de 2024. 109
Figura 57: Capa do livro Minha Terra: Suas lendas e seu Folclore, publicados em 1970 por Antônio de Oliveira Mello. 110
Figura 58: Capa do livro Minha Terra: Suas lendas e seu Folclore, publicados em 1985 e 2008 por Oliveira Mello. 111
Figura 59: Segundo Cemitério de Patos, hoje o antigo Fórum Olympio Borges. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 03 de ago. de 2023. 115
Figura 60: Fórum Olympio Borges em 1945. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 118
Figura 61: Fórum Olympio Borges na década de 40. Fonte: Acervo fotográfico de João Otávio Coelho. Acesso em: 23 de março de 2024. 118

Figura 62: Fórum Olympio Borges no final da década de 1960. Revelação: Laís Álvares Pacheco, sob coordenação de Geenes Alves (DIMEP) Fonte: Acervo do Museu de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 119
Figura 63: Anúncio publicado na edição de 30 de maio de 1953 do jornal Tribuna de Patos, arquivo da Hemeroteca Digital do Triangulo Mineiro e Alto Paranaíba, via Altamir Fernandes. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=25923. Acesso em: 17 de agosto de 2024. 122
Figura 64: Origem da Vila Padre Alaor. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 123
Figura 65: Origem da Vila Padre Alaor. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 123
Figura 66: Placa de Inauguração Praça dos Boiadeiros em 1960. Fonte: EFECADEPATOS. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=13687. Acesso em: 17 de agosto de 2024. 127
Figura 67: Panorâmica com vista aérea da Praça dos Boiadeiros e o seu entorno. Fonte: EFECADEPATOS. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=26009. Acesso em: 17 de agosto de 2024. 128
Figura 68: Rua Olegário Maciel, espaço pertencente a lenda “A gameleira” escrita por Oliveira Mello. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 130
Figura 69: Rua Olegário Maciel, espaço pertencente a lenda “A gameleira” escrita por Oliveira Mello. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 130
Figura 70: Anúncio publicado na edição de 11 de outubro de 1942 do jornal Folha de Patos. Fonte: Arquivo do Laboratório de Documentação e Memória do curso de História do Unipam. Acesso em: 27 de junho de 2023. 132
Figura 71: Anúncio publicado pelo Jornal Folha de Patos na edição de 08 de março de 1942. Fonte: Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 27 de junho de 2023. 133
Figura 72: Avenida Getúlio Vargas, 1936. A esquerda em primeiro plano, prédio da Escola Normal. A direita, parte da fachada da casa de Olegário Maciel. No centro, da primeira quadra, em segundo plano, busto de Olegário Maciel cercado por postes com iluminação.....139
Figura 73: Casa do Olegário Maciel, hoje museu da cidade de Patos de Minas. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. ...140
Figura 74: Vista aérea da escola Normal, E. E. Prof. Antônio Dias Maciel. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas. Acesso em: 24 de agosto de 2023. 141
Figura 75: Vista aérea da escola Normal, E. E. Prof. Antônio Dias Maciel. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas. Acesso em: 24 de agosto de 2023. 141
Figura 76: Avenida Getúlio Vargas na década de 1950. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 24 de jul. de 2023. 142
Figura 77: Avenida Getúlio Vargas chegando na década de 2000. Fonte: Arquivo Documental de Patos de Minas. Acesso em: 24 de jul. de 2023. 143

Figura 78: Capa do site EFECADEPATOS. **Disponível em:** https://efecadepatos.com.br/ **Acesso em:** 24 de set. de 2024. 145
Figura 79: Rua Benedito Valadares, hoje Major Gote na década de 1930. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 17 de agosto de 2023. ...149
Figura 80: Rua Major Gote no final da década de 1940. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 150
Figura 81: Rua Major Gote no final da década de 1950. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 150
Figura 82: Rua Major Gote no final da década de 1960. Fonte: Do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Unipam. Acesso em: 17 de agosto de 2023. 151
Figura 83: Panorâmica na década de 1940, mostrando a “Lagoa Grande”. Fonte: Acervo do MuP - Museu de Patos de Minas. Acesso em: 15 de set. 2022. 154
Figura 84: Planta Cadastral da região do Antigo Campo de Aviação e Lagoa Grande. Fonte: Museu da cidade de Patos de Minas - MuP. Acesso em: 24 de julho de 2023. 156
Figura 85: Homem caminhando pela Rua Major Gote. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 170
Figura 86: Homens caminhando pela Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 171
Figura 87: Cidade que caminha. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 172
Figura 88: Nenhuma errância é igual. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 178
Figura 89: Uma errância singular. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 179
Figura 90: Caminhar e registrar. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 182
Figura 91: Registrar e caminhar. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 183
Figura 92: Estação de Pesquisa e Inspiração. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 202
Figura 93: O Céu em Perspectiva: Entre Olhares e Conexões. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 204
Figura 94: O corpo sente a cidade. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 208
Figura 95: Pronta para caminhar. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 209
Figura 96: O afeto mora na minha rua. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 210
Figura 97: Brechó na Rua Mata dos Fernandes. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 211
Figura 98: Entrada da Vila Padre Alaor. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 212
Figura 99: Uma rua que guarda histórias: a simplicidade do cotidiano, casa verde ao lado da Vila Padre Alaor. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 213
Figura 100: Construção do Santuário da Paróquia Nossa Senhora da Abadia. Rua Rui Corrêa. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 215
Figura 101: Travessa Rua Joaquim Basílio. Fonte: Acervo Pessoa, 2024. 216
Figura 102: Rua Sérgio Pereira e a vista da ponta da Catedral. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 216
Figura 103: Homens desfrutando uma cerveja gelada em um dia quente. Rua Major Jerônimo. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 217

Figura 104: Travessa Hermenegildo Pereira, um local silencioso. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 218
Figura 105: Praça Antônio Dias. Acervo Pessoal, 2024. 219
Figura 106: Em meio ao movimento da cidade. Rua Teófilo Otoni. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 220
Figura 107: Praça Antônio Dias: um lugar repleto de memórias afetivas, encontro e conversa. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 221
Figura 108: Vista para o Hotel Antares, na Praça Antônio Dias, esquina com a Rua Tenente Bino. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 222
Figura 109: Vista da Catedral e do monumento a Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 223
Figura 110: Vista para o Coreto e as palmeiras da Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 224
Figura 111: Entrada do Fórum Olympio Borges, onde o descanso sereno do cão contrasta com a movimentação interna. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 225
Figura 112: À espera do ônibus, momentos de pausa enquanto a cidade segue seu ritmo. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 226
Figura 113: Caminhando com o Adriano. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 227
Figura 114: Placa com informações sobre o Fórum Olympio Borges e informações técnicas. 1999. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 228
Figura 115: Lateral do Fórum Olympio Borges na Rua José de Santana. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 229
Figura 116: Conjunto na esquina da Rua Mal. Floriano. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 230
Figura 117: Conjunto Av. Getúlio Vargas, esquina da Rua Mal. Floriano. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 231
Figura 118: Avenida Getúlio Vargas, esquina com a Rua Mal. Floriano. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 231
Figura 119: Na sombra, com Adriano, observando o conjunto. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 232
Figura 120: A beleza da simplicidade em um prédio de três pavimentos, onde a funcionalidade se encontra com a elegância discreta. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 234
Figura 121: Residência na Av. Getúlio Varga. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 235
Figura 122: Final da Avenida Getúlio Vargas, Patos Tênis Clube. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 235
Figura 123: Companhia em dose dupla. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 236
Figura 124:Vista central do final da Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 237
Figura 125: Árvore central na Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 238
Figura 126: Eu e Adriano caminhando em frente ao Fórum. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 239

Figura 127: Retorno da caminhada, voltamos para o início. Fonte: Acervo pessoal, 2024. 240
Figura 128: Com os olhos atentos, encontramos a placa com o nome 'CRESA'. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 242
Figura 129: Em frente a grandiosa Catedral e o busto de Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 243
Figura 130: Companhia que nos seguiu por toda caminhada. Fonte: Acervo Pessoal, 2021. 245
Figura 131: Caminhando com Adriano. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 246
Figura 132: Casa simples na esquina da Vila. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 247
Figura 133: Rua Pedro Castorina, popularmente Beco da Paulada. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 248
Figura 134: Rua Pieroti. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 249
Figura 135: Descendo a Rua Pedro Castorina. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 250
Figura 136: Praça Abner Afonso, esquina com a Rua Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 251
Figura 137: Praça Abner Afonso. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 252
Figura 138: Praça Abner Afonso. Fonte: Acervo Pessoal, 2024 253
Figura 139: O corpo que caminha pela cidade. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 254
Figura 140: Meu pai no alto da mercearia Nova Floresta. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 255
Figura 141: Dia quente e ensolarado. Fonte: Arquivo pessoal, 2024. 256
Figura 142: Grande pé de bananeira, simplicidade e beleza. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 257
Figura 143: Caminhando e observando. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 258
Figura 144: Rua Emérito José da Mota. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 259
Figura 145: Pato no Mocambo. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 260
Figura 146: Andando pelo Parque do Mocambo. Fonte: Acervo Pessoal, 2024 261
Figura 147: Rua Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 262
Figura 148: Homem carregando um saco de laranja na Rua José de Santana. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 263
Figura 149: Ao lado do Fórum Olympio Borges na Rua José de Santana. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 264
Figura 150: Em frente ao PTC, final da Rua Av. Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 265
Figura 151: Fachada Lateral do Hospital Vera Cruz. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 266
Figura 152: Nas proximidades da Escola Estadual Professor Zama Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 267
Figura 153:Nos fundos da Escola Estadual Professor Zama Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 268
Figura 154: CEMIG, onde as lembranças de um possível antigo campo de aviação pairam no ar. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 269
Figura 155: Descansando e observando a Lagoa. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. ..270

Figura 156: Caminhando com a Ana. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 271
Figura 157: Pausa na Loja Doce Encanto. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 272
Figura 158: Caminhando pelo Mercado Municipal. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. ..273
Figura 159: Registro do Mercado Municipal adentro. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 274
Figura 160: Mercado Municipal, cheiro de café moído na hora. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 274
Figura 161: Loja preferida da Ana no mercado. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 275
Figura 162: Banca de ervas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 276
Figura 163: Escolhendo presente para minha avó. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. .277
Figura 164: Detalhes simples que encantam. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 277
Figura 165: Ponto de ônibus do Mercado Municipal. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 278
Figura 166: Rua José de Santana. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 279
Figura 167: Exuberante Catedral na Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 280
Figura 168: Nosso primeiro encontro terminou aqui, na Praça Antônio Dias. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 281
Figura 169: Caminhada noturna com os meus amigos. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 282
Figura 170: Meus amigos. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 283
Figura 171: Entre ônibus e realces da cidade. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 284
Figura 172: Atravessando a Rua Olegário Maciel. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. ...285
Figura 173: Imponente Catedral de Santo Antônio. Fonte: Acervo Pessoal. 286
Figura 174: Chegando ao restaurante Dona Nina, ponta da Avenida Getúlio Vargas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 288
Figura 175: Rua Professora Zélia, logo a frente avistamos a Antiga Cadeia. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 289
Figura 176: Antiga sede da Câmara e Cadeia de Patos de Minas. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 290
Figura 177: Observando a cidade. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 291
Figura 178: Explorando e admirando a arquitetura. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. .292
Figura 179: Analisando e observando as mudanças da cidade. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 293
Figura 180: Palacio dos Cristais. Fonte: Acervo Pessoal, 2024. 294

ANEXOS:

ANEXO I: Um histórico deu margem a fantasia[41]

O sol apontou garboso no céu, desmaiando por detrás das capoeiras. O intenso nevoeiro que envolvia a terra foi se diluindo devagarzinho deixando descoberto o casario rústico e silencioso. Dentro em pouco, movimentava-se a população e a criançada, não obstante o frio impiedoso, saía para a rua a fim de apreciar a mimosura do orvalho brilhando nos telhados, nas copas das árvores, na vegetação rasteira. Horas depois, naquele memorável 19 de julho de 1826, ali verificava-se um auspicioso acontecimento. Um fato alvissareiro vinha quebrar a monotonia do lugarejo proporcionando animação e contentamento ao pequeno núcleo de pacíficos, mas desassombrados, laboriosos e diligentes moradores.

Na sala da fazenda dos "PATOS" lavrava-se a escritura de doação de uma sorte de terras, presente régio de dois corações tementes a Deus. Uma oferta de mão – beijada que o Fazendeiro Antônio Joaquim da Silva e sua esposa Dona Luiza Corrêa d'Andrade, generosamente, depositavam aos pés do Glorioso Santo Antônio, o taumaturgo de Lisboa. Dádiva "ao mesmo SANTO a fim de se lhe edificar um templo, e também para cômodo dos povos", reza o documento.

Mas quem eram esses beneméritos, que movidos por suas convicções religiosas, por suas aspirações de formarem uma Freguesia onde todos se sentissem radicados, não hesitaram em reduzir seu patrimônio em proveito do bem comum? Seriam eles oriundos da Vila do Paracatu do Príncipe? Moços? Idosos? Que eram gente de posses nós nos certificamos pela autenticidade do manuscrito... "entre os mais bens de nosso casal, que possuímos, livres e desembargados, e assim uma parte de terras de cultura e campo, que temos na fazenda denominada "Os Patos" ... etc. Anotamos ainda: "terras e campos havidos por herança dos finados meus sogros José Corrêa de Andrade e Rosa Dias D'Oliveira". De tal afirmativa podemos concluir o seguinte: Da. Luísa aqui viveu anos até dessa ocorrência em companhia dos pais. Seria ela uma nativa? Nesse caso doou à própria terra que lhe serviu de berço. E os que estivera presente e lançaram seus nomes honrados como testemunhas de um ato que ficaria para sempre nos anais da futura Patos de Minas?

---

[41] Texto publicado em 29 de junho de 1979 no Jornal Correio de Patos. Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Centro Universitário de Patos de Minas – Unipam. Disponível em: https://efecadepatos.com.br/?p=6810 . Acesso em: 28 de outubro de 2024.

É deveras maravilhoso sabermos filhos de uma terra que, de papel passado, um belo dia tornou-se propriedade do Santo de nossa devoção... “o mesmo Santo Antônio é dono de um terreno de matas e campos” ... citam em uma anotação.

Analisando os textos, verdadeiros, nítidos, palpáveis, ousamos pedir que não levem a mal se, a pôr histórico, estamos acrescentando algumas pinceladas de fantasia.

De princípio era um ermo infestado de bichos do mato. Carnívoros, ferozes e vorazes – onças e lobos – povoavam florestas e cerrados. Manadas de emas, seriemas, codornas, perdizes, dezenas de espécies de aves e de animais inofensivos que zanzavam a esmo ao longo da chapada e nas margens dos córregos. Pássaros cantores refestelavam-se no cimo das árvores e havia as lagoas: espelhos transparentes e molduras de relva macia pontilhada de erva perfumadas.

Nos dias claros refletiam o céu puríssimo e nas noites duplicavam a Lua – Cheia, morosa e muda, na sua inalterável pontualidade.

Velhos documentos registram um pouco a beira de uma bonita lagoa na picada de Goiás. Lagoa dos Patos. Esse severo e limpo lençol d'água, com a maior parte circundada de mata, tinha suas cabeceiras nas proximidades do Mercado Municipal e terminava das adjacências da Cadeia Pública, onde se encontrava a aglomeração. Toda a extensa área, hoje corta de ruas, inclusive o estádio Mamoré, ficava submersa e ali imperava a soberba raça dos palmídes, que motivou o nome do lugar... Patos.

Aquela primeira habitação, segundo o documentário, foi certamente uma choça de paus – á – pique e cobertura de capim no qual se arranchavam transeuntes aventureiros nas suas andanças, arriscadas em demanda do sertão. Com o correr dos tempos, Silva Guerra ergueu aí a moradia, casa de telha, paredes, barreadas e janela. Cercou quintal, plantou. Ampliou os roçados e construiu dependências comuns nas fazendas de criar: paiol, curral, ceva de porcos, monjolo. Todavia, pela terra nova e fecunda, pródiga e recursos naturais não cruzaram indiferentes os peregrinos varadores de cafundo. Muitos fincaram seus ranchos, toscas residências com muros de taipa em arruamento.

Veio, enfim, a Capela. Aprumou-se airosa, em alvuras de tabatinga, no meio do Largo batido de sol. Tão singela e humilde na pobreza de sua arquitetura primitiva, no entanto representava magnífica aos olhos daquela boa gente. Na simplicidade das almas puras, felizes e enternecidos, contemplava um sonho transformado em realidade.

Numa esplêndida amanhã luminosa, o Sr. Cura, Revmo. Padre José de Brito Freire e Vasconcelos inaugurou o templo com as pompas de estilo. Nesta tocante cerimonia iniciada pela benção e, a seguir Missa Solene, compareceram o povoado em peso, roceiros e fazendeiros dos arredores e ainda vários elementos de circunstância no distrito de Santana da Barra do Espírito Santo, o qual Patos fora sediado. Entre fiéis, merecedores de apreço, os nossos inolvidados doadores, contritos, participavam da Eucaristia que se desenrolava piedosa e lenta aos pés do Altar. Conveniente temente trajados, o Sr. Silva Guerra envergava um terno de sarja preta, botinas de goma importada da corte e Siá Dona Luísa, cheirosa a patchli, raminho de alecrim no coque dos cabelos, trazia sobre a vestimenta de gorgorão, o mimoso fichu de abrolhos. De ouro, maciços eram as contas graúdas do colar e as bichinhas, cabacinhas pendentes das orelhas. De resto, todo povaréu enfronhara-se em roupas domingueiras e, jubiloso, entusiasmado vibrava de Fé e amor à Santíssima Trindade, à Senhora do Rosário, e ao milagroso Padroeiro. E, conforme diz a Lenda de Patos, “Santo Antônio o Homenageado, no altar de lírios afeitado o Curato apadrinhou”.

Risoleta Maciel Brandão

ANEXO II: Reparos[42]

A “Tribuna de Patos”, em seus dois primeiros números, publica artigos sobre a história de Patos de Minas. Essa contribuição que presta o novel jornal à cultura de nossa terra torna-se digna de encômios. Considerando-se a carência de informes relativos ao passado, não muito distante em que criadores de gado e rancheiros instalaram-se no local, onde se ergue a florescente cidade, cognominada a já tanto, por Manuel da Costa Júnior de “Princesa do Sertão”.

Há, no entanto, deslizes na publicação, e essas notas objetivam repará-los porque poderão eles criar raízes e serem transmitidos como verdades às gerações vindouras. Assim, tal é a afirmativa de que o nome da cidade provem de “uma lenda antiguíssima” que descrevia a região como morada de patos.

Lenda jamais houve a respeito, e se houvesse não seria “antiguíssima”, pois os primeiros povoados aqui se fixaram entre 1820 e 1826, e cento e quarenta anos na vida de uma cidade não constitui largo lapso de tempo.

A região era e é povoada por esses maravilhosos patos selvagens que, outrora, faziam das lagoas encontradiças nos plainos escampos do planalto, o sítio de suas pescarias e o ninho de seus amores. Fechada por uma lage de tapiocanga existente onde hoje se ergue a cadeia pública, existia uma lagoa profunda, bela e ensolarada. Habitat ideal para esses palmípides.

A lagoa foi chamada pelos primeiros viajores a Lagoa dos Patos, tal como se chamou de Formosa, aquela a cavaleiro do ribeirão da Babilônia, ou tal como só é ser em quase toda toponímia brasílica, na qual predominam os topônimos pinturescos, esteriotipadores das primeiras emoções causadas aos primeiros viajantes perlaustradores dos largos e ínvios sertões da Pátria.

Naturalmente, em obediência à lei do menor esforço, as suas vizinhanças de ondulações tão suaves, foi se chamando de Patos, a localidade onde, evocando-se a proteção do venerável taumaturgo português, surgiria, como flor mimosa do brejal, o arraial de Santo Antônio dos Patos do Rio Abaixo, que tal foi o primeiro nome por que a nossa cidade se chamou.

---

[42] Texto publicado na coluna “Patos de Minas e Sal História” com o título “Reparos” na edição de 22 de janeiro de 1956 do jornal Tribuna de Patos, do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do Centro Universitário de Patos de Minas – Unipam.

Mister se faz explicar que a grande lagoa foi sangrada por um português que queria aproveitar-lhe as águas, nas alturas do atual Sobradinho. Seca, tornou-se um tremendal, onde por muitos e muitos anos, ninguém passava, até que se abrisse o chamado Beco Novo, e até que, expulsando os autênticos batrachios, ali se instalasse o Mamoré.

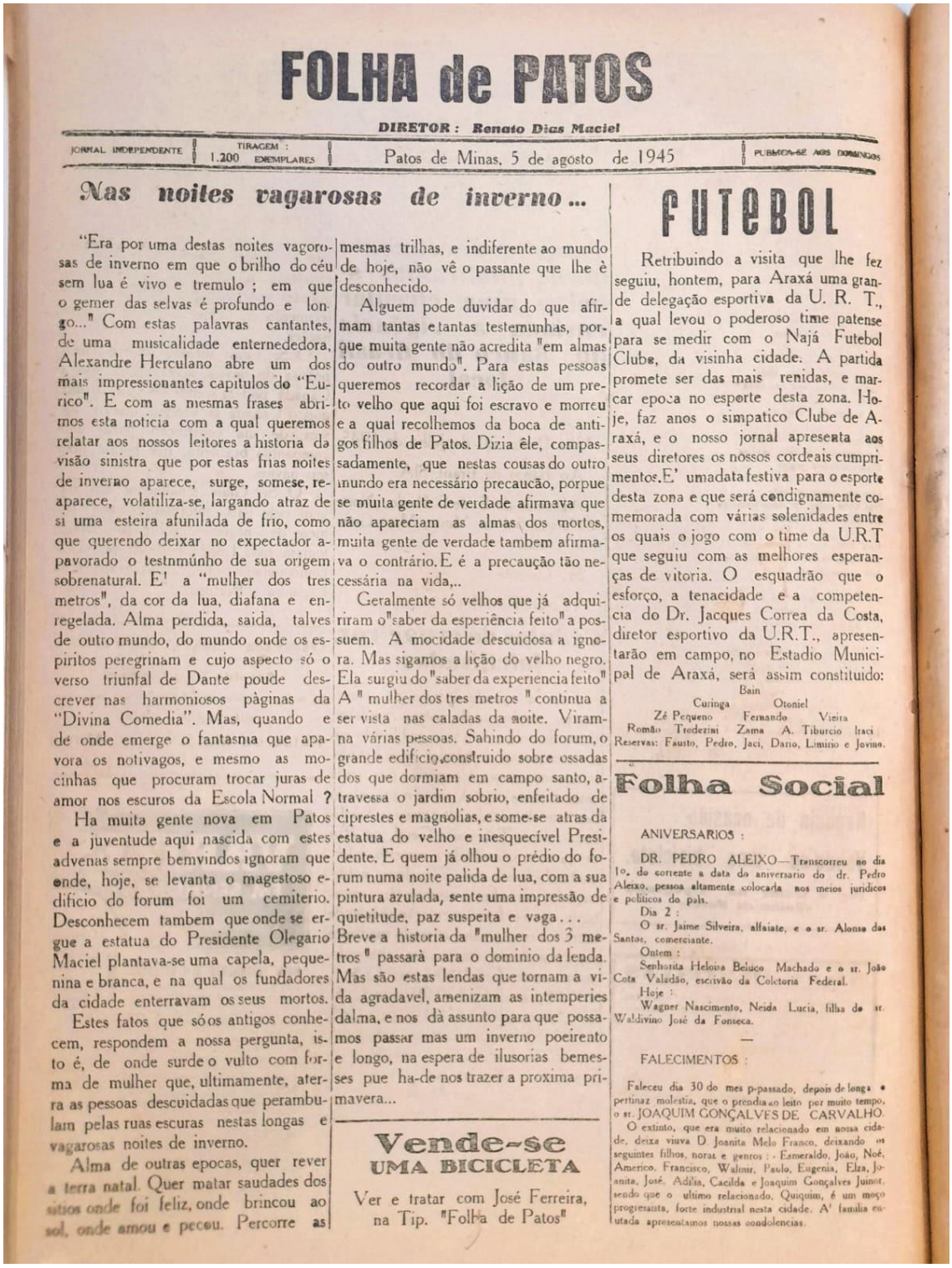
Necessita-se também que seja explicada a razão por que, à margem da Lagoa dos Patos se fixaram os primeiros moradores, quando outras lagoas e sítios formosos são abundantes na região.

É que a estrada que ligava Paracatu à Picada do Goiás, partindo da Guarda dos Ferreiros e percorrendo o espigão divisor das águas, fugindo à matas e grotões da região, passava justamente sobre a lage de pedras que banhava a lagoa. Era o caminho natural. A direita de quem procurava as minas de ouro do sertão. Estava a mata umbrosa e a esquerda o Paranaíba com a sua vestimenta também de mataria.

As estradas de penetração procuravam os campos, evitando os matos. As tropas que partiam da Guarda dos Ferreiros, pousavam em pontos regulares que se distanciavam de quatro a cinco léguas. Nessas pousadas surgiram São Francisco das Chagas (Rio Paranaíba), Arraial Novo (Carmo do Paranaíba), Nossa Senhora da Piedade da Lagoa Formosa (Lagoa Formosa), Santo Antônio dos Patos do Rio Abaixo (Patos de Minas), a Fazenda da Dona Leonarda, os Arrependidos, e finalmente o Guarda Mór.

Zama Maciel

ANEXO III: Lenda "A mulher dos três metros".



FOLHA de PATOS

DIRETOR: Renato Dias Maciel

JORNAL INDEPENDENTE | TIRAGEM: 1.200 EXEMPLARES | Patos de Minas, 5 de agosto de 1945 | PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Nas noites vagarosas de inverno...

"Era por uma destas noites vagorosas de inverno em que o brilho do céu sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo..." Com estas palavras cantantes, de uma musicalidade enternededora, Alexandre Herculano abre um dos mais impressionantes capitulos do "Eurico". E com as mesmas frases abrimos esta noticia com a qual queremos relatar aos nossos leitores a historia da visão sinistra que por estas frias noites de inverno aparece, surge, somese, reaparece, volatiliza-se, largando atraz de si uma esteira afunilada de frio, como que querendo deixar no expectador apavorado o testnmúnho de sua origem sobrenatural. E' a "mulher dos tres metros", da cor da lua, diafana e enregelada. Alma perdida, saida, talves de outro mundo, do mundo onde os espiritos peregrinam e cujo aspecto só o verso triunfal de Dante poude descrever nas harmoniosos pàginas da "Divina Comedia". Mas, quando e dé onde emerge o fantasma que apavora os notivagos, e mesmo as mocinhas que procuram trocar juras de amor nos escuros da Escola Normal?

Ha muita gente nova em Patos e a juventude aqui nascida com estes advenas sempre bemvindos ignoram que onde, hoje, se levanta o magestoso edificio do forum foi um cemiterio. Desconhecem tambem que onde se ergue a estatua do Presidente Olegario Maciel plantava-se uma capela, pequenina e branca, e na qual os fundadores da cidade enterravam os seus mortos.

Estes fatos que só os antigos conhecem, respondem a nossa pergunta, isto é, de onde surde o vulto com forma de mulher que, ultimamente, aterra as pessoas descuidadas que perambulam pelas ruas escuras nestas longas e vagarosas noites de inverno.

Alma de outras epocas, quer rever a terra natal. Quer matar saudades dos sitios onde foi feliz, onde brincou ao sol, onde amou e pecou. Percorre as mesmas trilhas, e indiferente ao mundo de hoje, não vê o passante que lhe è desconhecido.

Alguem pode duvidar do que afirmam tantas e tantas testemunhas, porque muita gente não acredita "em almas do outro mundo". Para estas pessoas queremos recordar a lição de um preto velho que aqui foi escravo e morreu e a qual recolhemos da boca de antigos filhos de Patos. Dizia êle, compassadamente, que nestas cousas do outro mundo era necessário precaucão, porque se muita gente de verdade afirmava que não apareciam as almas dos mortos, muita gente de verdade tambem afirmava o contrário. E é a precaução tão necessária na vida,..

Geralmente só velhos que já adquiriram o "saber da esperiência feito" a possuem. A mocidade descuidosa a ignora. Mas sigamos a lição do velho negro. Ela surgiu do "saber da experiencia feito" A "mulher dos tres metros" continua a ser vista nas caladas da noite. Viram-na várias pessoas. Sahindo do forum, o grande edificio construido sobre ossadas dos que dormiam em campo santo, atravessa o jardim sobrio, enfeitado de ciprestes e magnolias, e some-se atras da estatua do velho e inesquecível Presidente. E quem já olhou o prédio do forum numa noite palida de lua, com a sua pintura azulada, sente uma impressão de quietitude, paz suspeita e vaga...

Breve a historia da "mulher dos 3 metros" passarà para o dominio da lenda. Mas são estas lendas que tornam a vida agradavel, amenizam as intemperies dalma, e nos dà assunto para que possamos passar mas um inverno poeirento e longo, na espera de ilusorias bemeses pue ha-de nos trazer a proxima primavera...

Vende-se
UMA BICICLETA
Ver e tratar com José Ferreira, na Tip. "Folha de Patos"

FUTEBOL

Retribuindo a visita que lhe fez seguiu, hontem, para Araxá uma grande delegação esportiva da U. R. T., a qual levou o poderoso time patense para se medir com o Najá Futebol Clube, da visinha cidade. A partida promete ser das mais renidas, e marcar epoca no esporte desta zona. Hoje, faz anos o simpatico Clube de Araxá, e o nosso jornal apresenta aos seus diretores os nossos cordeais cumprimentos. E' umadata festiva para o esporte desta zona e que será condignamente comemorada com várias solenidades entre os quais o jogo com o time da U.R.T que seguiu com as melhores esperanças de vitoria. O esquadrão que o esforço, a tenacidade e a competencia do Dr. Jacques Correa da Costa, diretor esportivo da U.R.T., apresentarão em campo, no Estadio Municipal de Araxá, será assim constituido:

Bain
Curinga Otoniel
Zé Pequeno Fernando Vieira
Romão Tredezini Zama A. Tiburcio Iraci
Reservas: Fausto, Pedro, Jaci, Dario, Limirio e Jovino.

Folha Social

ANIVERSARIOS:

DR. PEDRO ALEIXO—Transcorreu no dia 1o. do corrente a data do aniversario do dr. Pedro Aleixo, pessoa altamente colocada nos meios juridicos e politicos do pais.

Dia 2:

O sr. Jaime Silveira, alfaiate, e o sr. Alonso dos Santos, comerciante.

Ontem:

Senhorita Heloisa Beluco Machado e o sr. João Cota Valadão, escrivão da Coletoria Federal.

Hoje:

Wagner Nascimento, Neida Lucia, filha do sr. Waldivino José da Fonseca.

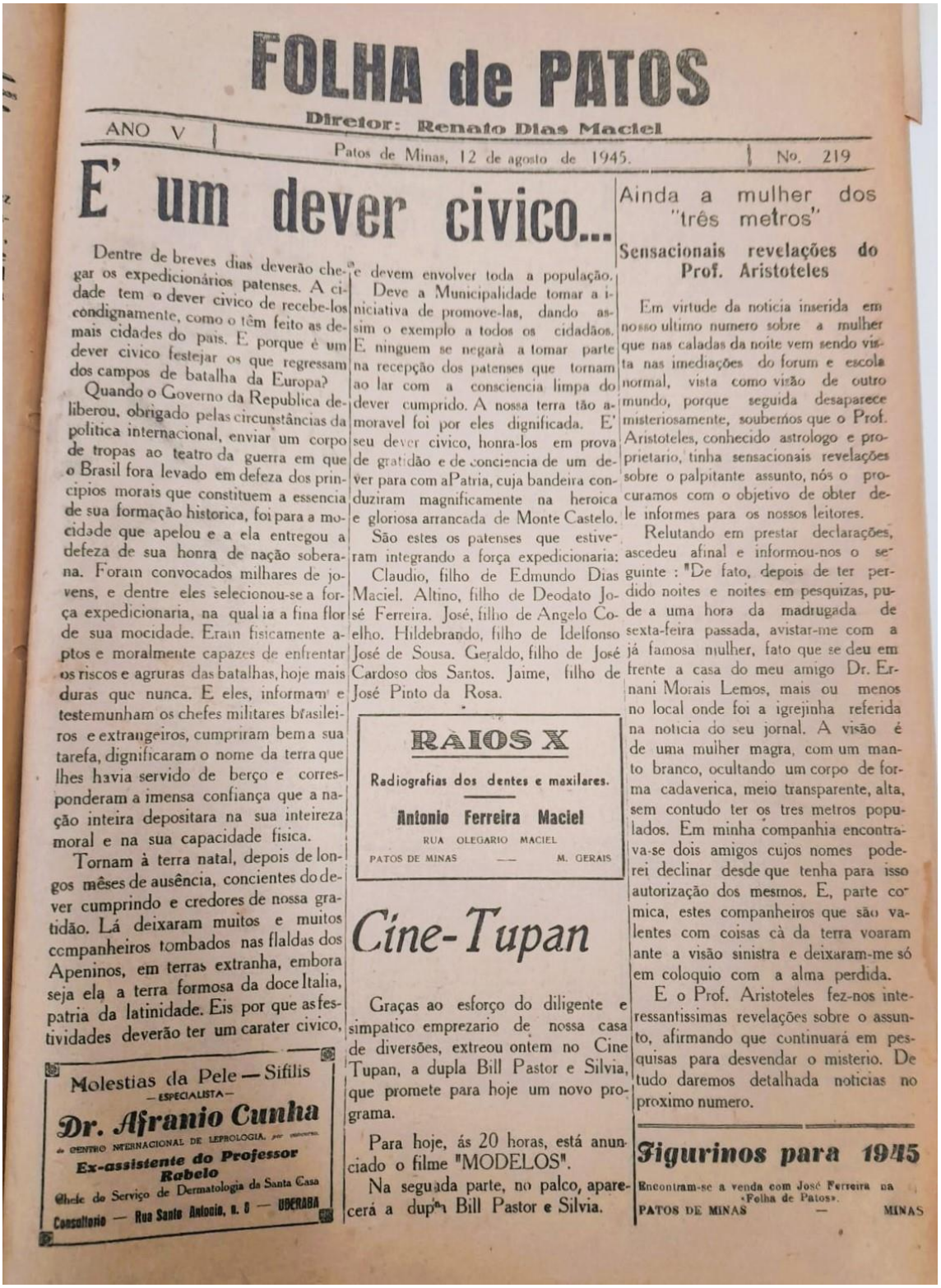
—

FALECIMENTOS:

Faleceu dia 30 do mes p-passado, depois de longa e pertinaz molestia, que o prendia ao leito por muito tempo, o sr. JOAQUIM GONÇALVES DE CARVALHO.

O extinto, que era muito relacionado em nossa cidade, deixa viuva D. Joanita Melo Franco, deixando os seguintes filhos, noras e genros: - Esmeraldo, João, Noé, Americo, Francisco, Walmir, Paulo, Eugenia, Elza, Joanita, José, Adilia, Cacilda e Joaquim Gonçalves Juinor, sendo que o ultimo relacionado, Quiquim, é um moço progressista, forte industrial nesta cidade. A' familia enlutada apresentamos nossas condolencias.

Figura 06: NAS NOITES VAGAROSAS DE INVERNO publicado pelo jornal Folha de Patos em 05 de agosto de 1945. **Fonte:** arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. **Acesso em:** 27 de junho de 2023.



FOLHA de PATOS

Diretor: Renato Dias Maciel

ANO V | Patos de Minas, 12 de agosto de 1945. | No. 219

E' um dever civico...

Dentre de breves dias deverão chegar os expedicionários patenses. A cidade tem o dever civico de recebe-los condignamente, como o têm feito as demais cidades do pais. E porque é um dever civico festejar os que regressam dos campos de batalha da Europa?

Quando o Governo da Republica deliberou, obrigado pelas circunstâncias da politica internacional, enviar um corpo de tropas ao teatro da guerra em que o Brasil fora levado em defeza dos principios morais que constituem a essencia de sua formação historica, foi para a mocidade que apelou e a ela entregou a defeza de sua honra de nação soberana. Foram convocados milhares de jovens, e dentre eles selecionou-se a força expedicionaria, na qual ia a fina flor de sua mocidade. Eram fisicamente aptos e moralmente capazes de enfrentar os riscos e agruras das batalhas, hoje mais duras que nunca. E eles, informam e testemunham os chefes militares brasileiros e extrangeiros, cumpriram bem a sua tarefa, dignificaram o nome da terra que lhes havia servido de berço e corresponderam a imensa confiança que a nação inteira depositara na sua inteireza moral e na sua capacidade fisica.

Tornam à terra natal, depois de longos mêses de ausência, concientes do dever cumprindo e credores de nossa gratidão. Lá deixaram muitos e muitos companheiros tombados nas flaldas dos Apeninos, em terras extranha, embora seja ela a terra formosa da doce Italia, patria da latinidade. Eis por que as festividades deverão ter um carater civico, e devem envolver toda a população.

Deve a Municipalidade tomar a iniciativa de promove-las, dando assim o exemplo a todos os cidadãos. E ninguem se negará a tomar parte na recepção dos patenses que tornam ao lar com a consciencia limpa do dever cumprido. A nossa terra tão amoravel foi por eles dignificada. E' seu dever civico, honra-los em prova de gratidão e de consciencia de um dever para com a Patria, cuja bandeira conduziram magnificamente na heroica e gloriosa arrancada de Monte Castelo.

São estes os patenses que estiveram integrando a força expedicionaria: Claudio, filho de Edmundo Dias Maciel. Altino, filho de Deodato José Ferreira. José, filho de Angelo Coelho. Hildebrando, filho de Idelfonso José de Sousa. Geraldo, filho de José Cardoso dos Santos. Jaime, filho de José Pinto da Rosa.

Molestias da Pele — Sifilis
— ESPECIALISTA —
Dr. Afranio Cunha
do CENTRO INTERNACIONAL DE LEPROLOGIA, por concurso.
Ex-assistente do Professor Rabelo
Chefe do Serviço de Dermatologia da Santa Casa
Consultorio — Rua Santo Antonio, n. 8 — UBERABA

RAIOS X
Radiografias dos dentes e maxilares.
Antonio Ferreira Maciel
RUA OLEGARIO MACIEL
PATOS DE MINAS — M. GERAIS

Cine-Tupan

Graças ao esforço do diligente e simpatico emprezario de nossa casa de diversões, extreou ontem no Cine Tupan, a dupla Bill Pastor e Silvia, que promete para hoje um novo programa.

Para hoje, ás 20 horas, está anunciado o filme "MODELOS".

Na segunda parte, no palco, aparecerá a dupla Bill Pastor e Silvia.

Ainda a mulher dos "três metros"

Sensacionais revelações do Prof. Aristoteles

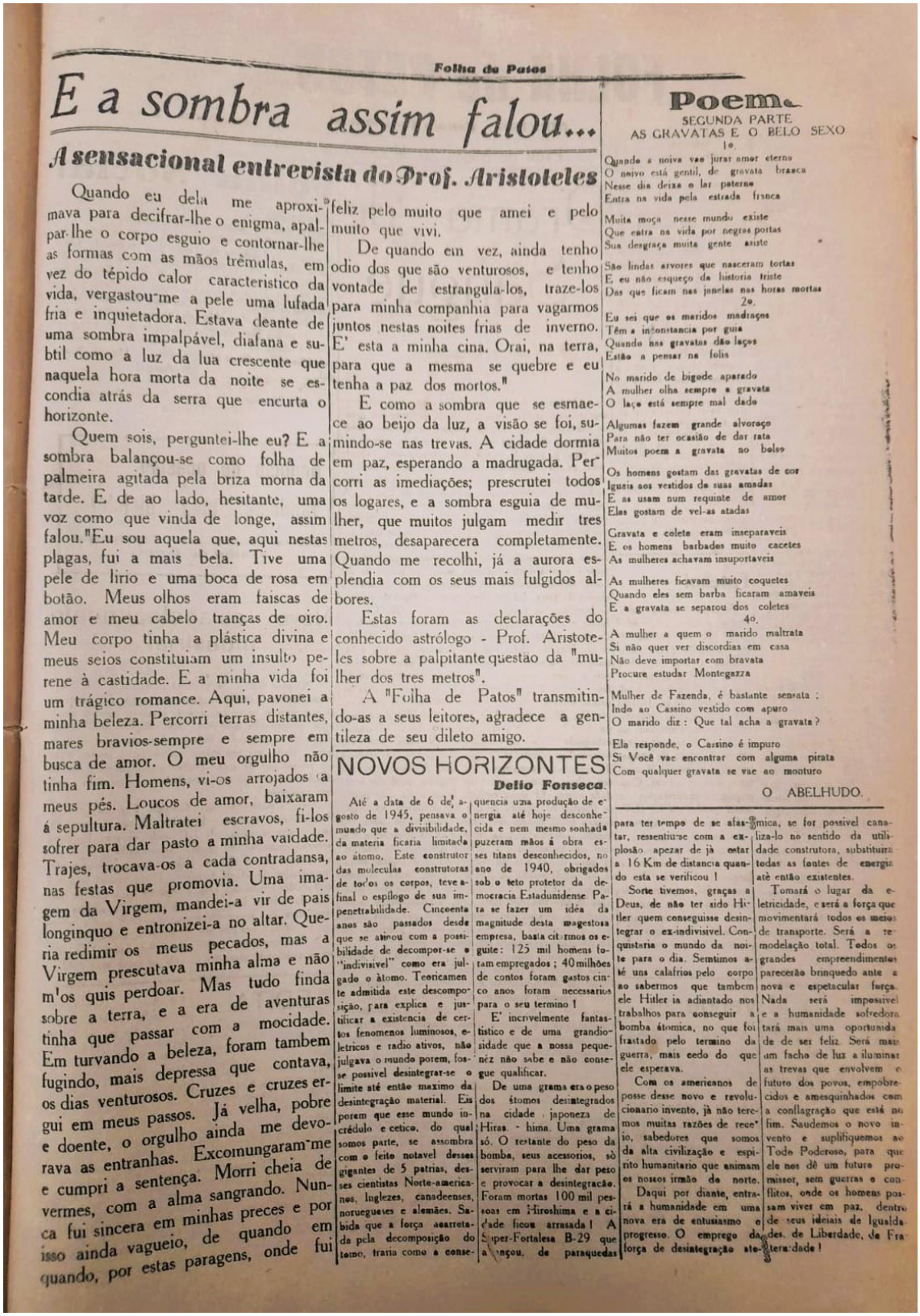
Em virtude da noticia inserida em nosso ultimo numero sobre a mulher que nas caladas da noite vem sendo vista nas imediações do forum e escola normal, vista como visão de outro mundo, porque seguida desaparece misteriosamente, soubemos que o Prof. Aristoteles, conhecido astrologo e proprietario, tinha sensacionais revelações sobre o palpitante assunto, nós o procuramos com o objetivo de obter dele informes para os nossos leitores.

Relutando em prestar declarações, ascedeu afinal e informou-nos o seguinte: "De fato, depois de ter perdido noites e noites em pesquizas, pude a uma hora da madrugada de sexta-feira passada, avistar-me com a já famosa mulher, fato que se deu em frente a casa do meu amigo Dr. Ernani Morais Lemos, mais ou menos no local onde foi a igrejinha referida na noticia do seu jornal. A visão é de uma mulher magra, com um manto branco, ocultando um corpo de forma cadaverica, meio transparente, alta, sem contudo ter os tres metros populados. Em minha companhia encontrava-se dois amigos cujos nomes poderei declinar desde que tenha para isso autorização dos mesmos. E, parte comica, estes companheiros que são valentes com coisas cà da terra voaram ante a visão sinistra e deixaram-me só em coloquio com a alma perdida.

E o Prof. Aristoteles fez-nos interessantissimas revelações sobre o assunto, afirmando que continuará em pesquisas para desvendar o misterio. De tudo daremos detalhada noticias no proximo numero.

Figurinos para 1945
Encontram-se a venda com José Ferreira na «Folha de Patos».
PATOS DE MINAS — MINAS

Figura 07: AINDA A MULHER DOS "TRÊS METROS" publicado pelo jornal Folha de Patos em 12 de agosto de 1945. **Fonte:** Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. **Acesso em:** 27 de junho de 2023.



Folha de Patos

E a sombra assim falou...

A sensacional entrevista do Prof. Aristoteles

Quando eu dela me aproximava para decifrar-lhe o enigma, apalpar-lhe o corpo esguio e contornar-lhe as formas com as mãos trêmulas, em vez do tépido calor caracteristico da vida, vergastou-me a pele uma lufada fria e inquietadora. Estava deante de uma sombra impalpável, diafana e subtil como a luz da lua crescente que naquela hora morta da noite se escondia atrás da serra que encurta o horizonte.

Quem sois, perguntei-lhe eu? E a sombra balançou-se como folha de palmeira agitada pela briza morna da tarde. E de ao lado, hesitante, uma voz como que vinda de longe, assim falou."Eu sou aquela que, aqui nestas plagas, fui a mais bela. Tive uma pele de lirio e uma boca de rosa em botão. Meus olhos eram faiscas de amor e meu cabelo tranças de oiro. Meu corpo tinha a plástica divina e meus seios constituiam um insulto perene à castidade. E a minha vida foi um trágico romance. Aqui, pavonei a minha beleza. Percorri terras distantes, mares bravios-sempre e sempre em busca de amor. O meu orgulho não tinha fim. Homens, vi-os arrojados a meus pés. Loucos de amor, baixaram á sepultura. Maltratei escravos, fi-los sofrer para dar pasto a minha vaidade. Trajes, trocava-os a cada contradansa, nas festas que promovia. Uma imagem da Virgem, mandei-a vir de pais longinquo e entronizei-a no altar. Queria redimir os meus pecados, mas a Virgem prescutava minha alma e não m'os quis perdoar. Mas tudo finda sobre a terra, e a era de aventuras tinha que passar com a mocidade. Em turvando a beleza, foram tambem fugindo, mais depressa que contava, os dias venturosos. Cruzes e cruzes ergui em meus passos. Já velha, pobre e doente, o orgulho ainda me devorava as entranhas. Excomungaram-me e cumpri a sentença. Morri cheia de vermes, com a alma sangrando. Nunca fui sincera em minhas preces e por isso ainda vagueio, de quando em quando, por estas paragens, onde fui feliz pelo muito que amei e pelo muito que vivi.

De quando em vez, ainda tenho odio dos que são venturosos, e tenho vontade de estrangula-los, traze-los para minha companhia para vagarmos juntos nestas noites frias de inverno. E' esta a minha cina. Orai, na terra, para que a mesma se quebre e eu tenha a paz dos mortos."

E como a sombra que se esmaece ao beijo da luz, a visão se foi, sumindo-se nas trevas. A cidade dormia em paz, esperando a madrugada. Percorri as imediações; prescrutei todos os logares, e a sombra esguia de mulher, que muitos julgam medir tres metros, desaparecera completamente. Quando me recolhi, já a aurora esplendia com os seus mais fulgidos albores.

Estas foram as declarações do conhecido astrólogo - Prof. Aristoteles sobre a palpitante questão da "mulher dos tres metros".

A "Folha de Patos" transmitindo-as a seus leitores, agradece a gentileza de seu dileto amigo.

NOVOS HORIZONTES

Delio Fonseca

Até a data de 6 de agosto de 1945, pensava o mundo que a divisibilidade, da materia ficaria limitada ao átomo. Este construtor das moleculas construtoras de todos os corpos, teve afinal o espilogo de sua impenetrabilidade. Cinceenta anos são passados desde que se atinou com a possibilidade de decompor-se o "indivisivel" como era julgado o àtomo. Teoricamente admitida este descomposição, para explica e justificar a existencia de certos fenomenos luminosos, eletricos e radio ativos, não julgava o mundo porem, fosse possivel desintegrar-se o limite até então maximo da desintegração material. Eis porem que esse mundo incrédulo e cetico, do qual somos parte, se assombra com o feito notavel desses gigantes de 5 patrias, desses cientistas Norte-americanos, Inglezes, canadeenses, noruegueses e alemães. Sabida que a força acarretada pela decomposição do tomo, traria como a consequencia uma produção de energia até hoje desconhecida e nem mesmo sonhada puzeram mãos á obra esses titans desconhecidos, no ano de 1940, obrigados sob o teto protetor da democracia Estadunidense. Para se fazer um idéa da magnitude desta magestosa empresa, basta citarmos os seguite: 125 mil homens foram empregados ; 40 milhões de contos foram gastos cinco anos foram necessarios para o seu termino !

E' incrivelmente fantastico e de uma grandiosidade que a nossa pequeniz não sabe e não consegue qualificar.

De uma grama era o peso dos átomos desintegrados na cidade japoneza de Hiras - hima. Uma grama só. O restante do peso da bomba, seus acessorios, sò serviram para lhe dar peso e provocar a desintegração. Foram mortas 100 mil pessoas em Hiroshima e a cidade ficou arrasada ! A Super-Fortaleza B-29 que a lançou, de paraquedas para ter tempo de se afastar, ressentiu-se com a explosão apezar de já estar a 16 Km de distancia quando esta se verificou !

Sorte tivemos, graças a Deus, de não ter sido Hitler quem conseguisse desintegrar o ex-indivisivel. Conquistaria o mundo da noite para o dia. Sentimos até uns calafrios pelo corpo ao sabermos que tambem ele Hitler ia adiantado nos trabalhos para conseguir a bomba átomica, no que foi frustado pelo termino da guerra, mais cedo do que ele esperava.

Com os americanos de posse desse novo e revolucionario invento, já não teremos muitas razões de receio, sabedores que somos da alta civilização e espirito humanitario que animam os nossos irmão do norte.

Daqui por diante, entrará a humanidade em uma nova era de entusiasmo e progresso. O emprego da força de desintegração atomica, se for possivel canaliza-lo no sentido da utilidade construtora, substituirá todas as fontes de energia até então existentes.

Tomará o lugar da eletricidade, e será a força que movimentará todos os meios de transporte. Será a remodelação total. Todos os grandes empreendimentos parecerão brinquedo ante a nova e espetacular força. Nada será impossivel e a humanidade sofredora terá mais uma oportunidade de ser feliz. Será mais um facho de luz a iluminar as trevas que envolvem o futuro dos povos, empobrecidos e amesquinhados com a conflagração que está no fim. Saudemos o novo invento e suplifiquemos ao Todo Poderoso, para que ele nos dê um futuro promissor, sem guerras e conflitos, onde os homens possam viver em paz, dentro de seus ideiais de Igualdade, de Liberdade, de Fraternidade !

Poema

SEGUNDA PARTE

AS GRAVATAS E O BELO SEXO

1º.

Quando a noiva vae jurar amor eterno
O noivo está gentil, de gravata branca
Nesse dia deixa o lar paterno
Entra na vida pela estrada franca

Muita moça nesse mundo existe
Que entra na vida por negros portas
Sua desgraça muita gente assiste

São lindas arvores que nasceram tortas
E eu não esqueço da historia triste
Das que ficam nas janelas nas horas mortas

2º.

Eu sei que os maridos madraços
Têm a inconstancia por guia
Quando nas gravatas dão laços
Estão a pensar na folia

No marido de bigode aparado
A mulher olha sempre a gravata
O laço está sempre mal dado

Algumas fazem grande alvoroço
Para não ter ocasião de dar rata
Muitos poem a gravata no bolso

Os homens gostam das gravatas de cor
Iguais aos vestidos de suas amadas
E as usam num requinte de amor
Elas gostam de vel-as atadas

Gravata e colete eram inseparaveis
E os homens barbados muito cacetes
As mulheres achavam insuportaveis

As mulheres ficavam muito coquetes
Quando eles sem barba ficaram amaveis
E a gravata se separou dos coletes

4º.

A mulher a quem o marido maltrata
Si não quer ver discordias em casa
Não deve importar com bravata
Procure estudar Montegazza

Mulher de Fazenda, é bastante sensata ;
Indo ao Cassino vestido com apuro
O marido diz : Que tal acha a gravata ?

Ela responde, o Cassino é impuro
Si Você vae encontrar com alguma pirata
Com qualquer gravata se vae ao monturo

O ABELHUDO.

Figura 08: A SOMBRA ASSIM FALOU - A sensacional entrevista do Prof. Aristoteles. publicado pelo jornal Folha de Patos em 26 de agosto de 1945. **Fonte:** Arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. **Acesso em:** 27 de junho de 2023.

ANEXO IV: Lenda “O cravo e a Janela”.

Folha de Patos — Pág. 3a.

«Cartão Regente», de luxo, para PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO, grande estoque na Tipografia "Folha de Patos".

NOTA: O nosso jornal inicia, hoje, a publicação de uma série de pequenos contos literários, devidos à pena de vários de seus redatores e colaboradores. Esta seção é dedicada à mocidade de nossa terra e será a nossa contribuição à cultura literária de Patos. Abre a série, o trabalho abaixo da lavra do SR. ZAMA MACIEL.

A lenda da janela e do cravo

Naquela quadra do ano, havia muita rosa, florindo nos canteiros, e tambem outras flores se abriam candidas, perfumadas, enfeitando os jardins da pequena cidade.

Repetindo o gesto eternamente ridiculo de uma alma enamorada, ele colheu um lindo cravo, em botão, e, como símbolo de seu grande amor, foi levá-lo à mulher de seus sonhos. Palpitando de emoção lh'o entregou, e ela indiferente, sorrindo, o recebeu.

Neste dia, ela, na infinita maldade de mulher bonita que se sente amada, disse-lhe da aversão que por ele sentia, do desprezo que tinha por suas juras de amor e do aborrecimento que lhe causava a sua profunda e imensa adoração. Ele partiu para não mais voltar, e ela gargalhou, atirando o cravo num canto esquecido. Mas, não se sabe como, na manhã seguinte, a sua janela, outro cravo apareceu. Era irmão do outro e não fora colhido em nenhum jardim, nem mãos humanas o haviam tocado.

Ele implorara a Deus para que lhe mandasse cravos. Flor que lhe haveria de sempre recordar um grande e puro amor que ele lhe havia dedicado, mas que tambem lhe lembrasse a sua maldade e o seu orgulho.

Então, naquela janela, de vez em vez, aparece um cravo que traz um perfume do céu. E dizem, que ela o não toca, e em toda parte o vê. Tem medo de atirá-lo fora. Receia beijá-lo e aspirar-lhe o perfume inefavel. A's vezes chora, outras vezes, maldiz. Anda para aqui, vai para acolá, e sempre a visão do cravo que ela jogou num canto e dos outros irmãos que lhe amanhecem à janela. Ninguem sabe qual será o seu fim, e se alguem, pela madrugada passar-lhe à vista da janela, vê-la-á espreitando a mão invisivel, que, de quando em quando, lhe deixa um cravo.

Dizem que a flôr desce do ceu com o sereno da noite. E' que Deus santificou o amor, e as flores que nascem nos montes ou nos jardins, à beira da corrente ou na rocha viva, expressões desse mesmo sentimento vivificador, devem tambem recordar a sublimidade desse afeto divino.

Na mesma janela, por muito tempo ainda, um cravo aparecerá, e dizem que quem o apanhar será sempre feliz com os seus amores. Ela, no entanto, nunca o tocará.

E foi assim que nasceu a lenda da janela e do cravo.

FOLHA DE PATOS
1d Jornal Independente 1d
REGISTRADO
Publica-se aos domingos
DIRETOR: Renato Dias Maciel
REDATORES: Diversos
GERENTE: Martinho Ribeiro
ASSINATURAS:
Ano . . . . 18$000
Semestre . . 10$000
Não se restituem autógrafos ainda mesmo não publicados.
Folha de Patos aceita qualquer artigo devidamente assinado, desde que não ofenda a moral publica e aos bons costumes.
Assinaturas e Publicidade:
PAGAMENTO ADIANTADO
Redação e Administração: RUA BENEDITO VALADARES

Anunciai neste jornal

NOTAS FORENSES

Com o advento do novo codigo do processo civil, entendeu-se a principio que os caracteristicos das ações especiais haviam desaparecido, dada a sistemática de transformar-se em «ordinarias» toda ação contestada.

Assim, é que se supôs ter se tornado letra morta a jurisprudencia pacifica de nossos Tribunais que não admitia imissão de posse em imovel, cuja posse velha do réu fosse protegida pelos interditos.

Esse modo de entender, todavia, não podia recostar-se na lógica, de vez que, embora contestada, a ação possessoria, mesmo com rito comum, não perdia o caracter de possessoria e no entrechoque de posses, deve perdurar a posse mais antiga, sanada de qualquer vicio.

Foi o que presenciámos em recente julgado nesta comarca. Joaquim Vicente Fernandes, adquirindo o dominio de um trecho de terras na Fazenda São Luiz, deste distrito, intentou imediatamente uma ação de imissão de posse contra Marcolino Pereira Dias, que, no entanto, conseguiu provar ter posse de 19 anos no imovel reclamado, protegivel pelos interditos, por isso que isenta de vicio que pudesse manchá-la.

Realizada a audiencia de instrução e julgamento, o M. M. juiz de direito da comarca decidiu que a imissão é possivel contra o alienante ou contra quem detenha o imovel em seu nome, mas nunca contra terceiro com posse amparada pelos interditos.

Carecedor da ação, pois, o autor podia recorrer a outros meios permitidos em direito.

A bem lançada sentença não recebeu o crivo de uma apelação, tendo, assim, transitado em julgado.

Parece que o autor não recorreu, porque pretende usar dos outros meios permitidos em direito.

O vencedor, Marcolino Pereira Dias, teve como advogado o jovem causidico dr. Delfim Borges da Fonseca.

AGUIAR

EDITAIS

DE LEILÃO

No dia dezenove de outubro vindouro, às treze horas, no Forum, serão levados a leilão os bens abaixo pertencentes ao espolio de Sebastião Simão Borges e Rita Maria de Jesus, para pagamento de despezas do processo, a saber: Uma sorte de terras, na fazenda «S. Luiz», distrito de Patos, havida por herança no espolio de Lazaro Simão Borges, transcrita no Registro de Imoveis desta Comarca, sob numeros. . . 13.114 e 13.116, em comum, confrontando com Sabino Antunes Gomes, Antonio Francisco da Cunha e outros, com a area de 6,00,00 de cerrado, por 540$000 e 9,17,15 de campo, avaliados por . . . 366$850, perfazendo o total de 906$860.

O original vai afixado no logar do costume e o resumo, na forma da lei, vai publicado na «Folha de Patos».

Em Patos, aos 28 - setembro - 1942. O 1º. Escrivão, Huascar Corrêa da Costa.

DE CASAMENTO

1289

José Aristeu da Silveira, oficial do Registro Civil, deste distrito etc.

Faz saber que se pretendem casar:

Antonio Luiz da Silva, natural deste distrito, onde reside e é domiciliado, solteiro, lavrador, nascido no dia 13 de Junho de 1916, filho legitimo de João Albino da Silva e Deolina Maria de Jesus; e Maria Pereira da Silva, natural deste distrito, onde reside e é domiciliada, solteira, domestica, nascida no dia 28 de março de 1916, filha legitima de Emilio Pereira da Silva e Mariana Josefa de Jesus.

Apresentaram os documentos exigidos pelo artigo 180 do Codigo Civil ns. 1 a 4. Se alguem souber de algum impedimento, oponha-o na forma da lei. Lavro o presente para ser afixado no lugar do costume e publicado pela Folha de Patos, imprensa local.

Patos, 28 de setembro de 1942. O oficial, Jose Aristeu da Silveira.

ANUNCIAI NESTE JORNAL.

É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMILIA E PARA A RAÇA, COMO UM FORTE AUXILIAR NO TRATAMENTO DESTE GRANDE FLAGELO USE O
ELIXIR DE NOGUEIRA
A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INUMERAS FORMAS, TAIS COMO:
REUMATISMO
ESCROFULAS
ESPINHAS
FISTULAS
ULCERAS
ECZEMAS
FERIDAS
DARTROS
MANCHAS
"ELIXIR DE NOGUEIRA"
CONHECIDO HÁ 65 ANOS VENDE-SE EM TÔDA PARTE

Expresso MINAS GERAIS
De São Paulo a Patrocínio, Guimarães, Patos, Presidente Olegario e João Pinheiro.
— Deposito em São Paulo —
Rua Paula Souza, 528
Telefone 4-7328 — Caixa Postal 2073
Francisco de Paula Ribeiro
Proprietário e
Comprador de cereais em alta escala.
Guimarães - Correio de Patrocínio - Minas

"O JORNAL"
O matutino carioca mais difundido no Brasil.
PARA SUAS ASSINATURAS, TRATAR-SE NA
Redação da "Folha de Patos".

Escritório de ADVOCACIA
Drs.
Ernani de Morais Lemos
Geralda Tomaz de Magalhães
Delfim Borges da Fonseca
ACEITAM CAUSAS CÍVEIS E CRIMINAIS
Preços módicos
PATOS — MINAS

Impressos rápidos e perfeitos? Sò na Tipografia Folha de Patos, que está atendendo a tôda esta rica e próspera região.

Figura 27: “O Cravo e a Janela”, texto publicado por Zama Maciel com o título “A lenda da janela e do cravo” na edição de 04 de outubro de 1942 do jornal Folha de Patos, **Fonte:** do arquivo do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) DO Unipam. Acesso em: 27 de jun. de 2023.

ANEXO V: Entrevista com Eitel Teixeira Dannemann:

PRIMEIRO CONTATO:

Oi Ana Luísa, sobre lendas temos muitas, mas poucas registradas. Muitas já se perderam com a "partida" dos nossos mais antigos conterrâneos. Há muitas nos Distritos, mas por falta de apoio adequado não tenho como me dedicar a visitar os Distritos para resgatá-las e registrá-las. Mesmo com as inerentes dificuldades, já consegui registrar umas dez, de acordo com Eitel. Inclusive, sobre a nossa mais conhecida lenda, que é "A Mulher de Sete Metros", descobri que ela nada mais é do que uma derivação de "A Mulher de Três Metros", que eu registrei. O que você está desenvolvendo é deveras interessante. Eu, por exemplo, apenas resgato e registro as lendas no EFECADEPATOS, sem me ater no que elas representam ou representaram para quem as conhece, se acreditam ou não nelas. Interessante, e isso venho percebendo, com exceção de "O Colibri Mensageiro", que é de 2013, todas as lendas são antigas e parece até que na "modernidade" não mais surgem acontecimentos para serem considerados lendas, superstições ou crendices. É isso aí, Ana Luísa. Daqui de Patos de Minas, Saudações!

ENTREVISTA:

1. Eitel, podemos entender que o senhor é um memorialista que escreve sobre a nossa cidade. Percebemos que você tem grande conhecimento sobre a história e as lendas de Patos de Minas, registra e escreve novas lendas e as publica no EFECADEPATOS. Há quanto tempo o senhor vem resgatando essas histórias e escrevendo sobre nossa cidade? Como surgiu esse desejo?

Oi Ana Luísa, respondendo a sua primeira questão: Na verdade, considero-me simplesmente um pesquisador da História de Patos de Minas. Isso significa que vou às fontes do passado, tais como jornais, revistas, livros de historiadores e ainda de pessoas que guardam na memória fatos de nossos idos tempos, como as lendas, por exemplo. Sobre quanto tempo venho registrando essas pesquisas sobre o Município de Patos de Minas, lá no alto da página inicial do EFECADEPATOS tem o ORIGEM DO NOME. Está lá explicadinho.

Aproveitando, leia também a BIOGRAFIA, para você conhecer um pouquinho sobre a minha trajetória. Saudações!

2. A respeito das lendas de Patos de Minas. Durante a sua vida, o senhor teve contato com elas? As lendas fizeram parte do imaginário dos moradores da cidade no período e como eram repassadas? O senhor se lembra quando e como foi que se deu o contato com essas lendas?

Oi Ana Luisa, respondendo a sua segunda questão: Nunca tive a experiência sensorial e emocional de uma lenda. Ouvi algumas de meus avós, parentes e amigos que já se foram. Por isso, elas fazem parte mais do imaginário das gerações antigas que vieram através dos tempos contando uns aos outros. Talvez pela fortíssima presença da internet nessas gerações mais novas, os jovens de hoje pouco ou nada sabem sobre as nossas lendas, que, a maioria delas, chegaram aqui com os colonizadores e imigrantes. São raros os jovens de hoje que se interessam pelo assunto, infelizmente. E mais infelizmente ainda, é que a maioria dos jovens gostam mesmo é de "curtir" as bobagens da telinha do celular.

3. O que desperta o seu interesse pelas lendas? Poderia nos contar um pouco sobre as histórias que você ouvia e como as imaginava?

Oi Ana Luisa, respondendo a sua terceira questão: Quando eu tinha por volta de 10 anos de idade, ouvi de minha avó e de muitos parentes a "Nossa Senhora da Beira do Areado" e de meu pai e seus amigos a "A Porteira Assombrada". Ficava eu imaginando viver as duas experiências, mas como já disse, nunca tive a experiência sensorial e emocional de uma lenda. Com o passar dos anos, não me interessava seriamente pelas lendas. Eu só comecei a me interessar por elas quando do início do EFECADEPATOS. E depois que tive contato com "A Mulher de Três Metros" é que passei a me interessar em registrar as que ainda não tinham sido registradas. Aproveitando as minhas visitas aos Distritos, ouvi algumas e consegui resgatá-las e registrá-las. E como sempre, contada pelos mais "velhos". Interessante que certa vez, um neto de um deles, disse: - Isso não existe, vô, só o senhor mesmo para acreditar nessas bobagens (O Capeta da Cabeceira do Areado).

4. O senhor acredita que havia alguma intenção em disseminar essas lendas entre a população, como para gerar certa fantasia, controle ou mesmo medo por detrás? As lendas foram construídas a partir de histórias reais?

Oi, Ana Luisa, respondendo a sua quarta questão: Acredito que toda lenda surgiu para explicar algum fato sobrenatural, e dentro desse contexto, incluindo as superstições dos nossos indígenas. Muitas lendas aqui no Brasil são semelhantes a outras de fora, com nomes diferentes, devido aos colonizadores e imigrantes. Antigamente mães usavam algumas delas para fazer medo nas crianças que não queriam dormir. Então, a fantasia misturada com a realidade dos crentes, eram usadas para gerar medo nas crianças. Se todas as lendas surgiram a partir de histórias reais, não tenho como afirmar, mas a mais recente que conheci e registrei, foi a "O Colibri Mensageiro", fato acontecido em setembro de 2013.

5. As lendas descritas em seu site dialogam com as lendas publicadas por Oliveira Mello em seus livros. O que o senhor pensa sobre as lendas descritas pelo Oliveira Mello? Foi aqui que tudo se iniciou, ou o senhor acredita que o Oliveira Mello transcreveu o que ouvia pela cidade?

Oi Ana Luisa, respondendo a sua quinta questão: Quando comecei a publicar lendas no EFECADEPATOS, aproveitei 4 registradas pelo Oliveira Mello: "A Gameleira Vingativa", "O Vale das Cabaças Uivantes", "A Moça Misteriosa de Santana de Patos" e "A Mulher de Sete Metros", esta que nas minhas pesquisas descobri que nada mais é do que uma derivação de "A Mulher de Três Metros". Todas as outras registradas no EFECADEPATOS são resultado de minhas pesquisas. Sobre o que eu penso sobre as lendas descritas pelo Oliveira Mello, considero-as importantes por terem sido divulgadas. Tanto o Oliveira quanto eu ou qualquer um que se envereda por pesquisar sobre lendas, sempre as conhece através da tradição oral e, depois sim, é impressa. Para você ter uma ideia, "O Cravo e a Janela" foram publicados pelo Zama Maciel no jornal Folha de Patos em 1942.

6. O senhor trabalha as mesmas lendas, e amplia a narrativa. Qual foi o seu processo de escrita, este se constrói a partir dos relatos que ouvia, ou o senhor foi recolhendo informações e adicionando ainda mais vida às lendas?

Oi, Ana Luisa, respondendo a sua sexta questão: As lendas são as mesmas, sendo registradas ou não. Quando registro oralmente uma lenda, gravo o que ouvi e jamais deturpo o seu o conteúdo central. O que importa é o âmago da crença das pessoas. Eu geralmente amplio a narrativa enfatizando o que ouvi e com palavras destacando o local em que ela é enraizada.

7. Qual é a relação das lendas com os lugares? Na minha pesquisa de mestrado, estou fazendo o mapeamento dos lugares mencionados nas lendas, pensando na relação com os lugares que são descritos em cada história. O senhor tem alguma ideia do que está por detrás, do motivo da escolha desses lugares na cidade, que foram eleitos para carregar cada lenda? Por exemplo: A mulher de sete metros. Contam que tudo começou no segundo cemitério de Patos, assim com a transferência das ossadas e a construção do Antigo Fórum, e por lá sua alma ficou...Porque o segundo cemitério? A lenda acabou se enraizando e ficando por lá?

Oi Ana Luisa, respondendo a sua sétima questão: Como eu afirmei, as lendas surgiram nas diversas localidades através de uma junção das superstições dos povos nativos com os mitos e crenças trazidos pelos colonizadores e imigrantes. A partir daí, foram transmitidas oralmente através das gerações, e há muito tempo, com a evolução da impressão, vêm sendo publicadas em livros e revistas. Há nelas uma mistura de realidade, magia e mistério onde cada uma delas tem seu destaque em determinado lugar. Vamos imaginar um grupo de colonizadores portugueses chegando para explorar a Bahia. Pode acontecer desse grupo enraizar na região seus mitos e isso se espalhar. Sobre a “Mulher de Sete Metros”, comento adiante. Saudações!

8. Através de algumas pesquisas realizadas no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de História (LEPEH) do UNIPAM, foi encontrado o registro de três lendas, sendo elas: “A mulher dos três metros com as sensacionais revelações do Professor Aristóteles”, “A lenda de Patos” escrita por Risoleta Maciel Brandão e “A Lenda do Cravo e a Janela” escrita por Zama Maciel. O senhor conhece essas lendas? Existe alguma relação entre essas lendas e aquelas publicadas no jornal da Diocese?

Oi Ana Luisa, respondendo a sua oitava questão: Eu publiquei "A Mulher de Sete Metros" em 11/02/2013. Poucos meses após, numa de minhas pesquisas no LEPEH, uma "sensacional descoberta" no jornal Folha de Patos de Agosto de 1945: o caso de uma mulher de três metros que estava assustando o povo descrita por um "tal" de Prof. Aristóteles. As características da narrativa do jornal são muito próximas do relatado pelos historiadores da Mulher de Sete Metros, com a diferença do tamanho, que é de "três metros", ou ainda menor. Seria a mesma mulher? Tudo leva a crer que se trata da mesma mulher. Quem sabe, devido à tradição oral ao passar dos tempos, o povo foi aumentando o tamanho da mulher até se firmar nos "sete metros". Na verdade, não existe registro da imprensa sobre uma mulher de sete metros. Quanto à de três metros, estão aqui os registros, evidenciando que a Mulher de Sete Metros se originou da Mulher de Três Metros. Eu passei a conhecer essas lendas depois que li sobre elas.

9. Uma dessas lendas traz a figura do Professor Aristóteles, assim como há registros dele no jornal e até mesmo uma ilustração referente a ele. O senhor teria algumas informações sobre quem foi o Professor Aristóteles e sua aparição por Patos de Minas?

Oi Ana Luisa, respondendo a sua nona questão: O que sei sobre o "Professor Aristóteles" está contido nos quatro textos que publiquei sobre ele, começando pela "A Mulher de Sete Metros" e "Professor Aristóteles – 1942", "Previsões do Professor Aristóteles em 1942" e "Professor Aristóteles & Laboratórios Raul Leite – 1942".

10. Patos de Minas é um lugar que pode ser considerado misterioso e carrega mistérios por detrás de seus lugares? A medida que os anos se passaram e a cidade foi vai crescendo, a gente percebe que novas lendas foram surgindo, se tornando, talvez, até habitual a disseminação desses causos pela cidade, assim, o senhor vem resgatando e registrando as novas lendas que vão surgindo. O senhor escreveu a lenda do "Homem da Vela" que surgiu na região do antigo campo de aviação da cidade; "O ateu gemedor da lagoa do Patão" que já um pouco mais distante, presente na antiga lagoa do Patão, que com o tempo foi secando e hoje temos apenas um espaço com pouca água. Como essas associações foram são feitas?

Oi Ana Luisa, respondendo a sua décima questão: Como qualquer Município brasileiro, Patos de Minas tem suas crenças, lendas e até mitos, como, por exemplo, a do “Zé Borrachudo”, o túmulo mais visitado no Cemitério Santa Cruz (leia “Cemitério Santa Cruz: Zé Borrachudo, Galo Agulhado e Outros Casos”). Sim, a cidade está crescendo, mas não acredito que novas lendas estejam surgindo, com um caso ou outro como exceção, e sim que as antigas estão sendo resgatadas por quem se interessa pelo assunto. É justamente o que tenho feito, não escrevendo sobre novas lendas, mas registrando as lendas já existentes, com a exceção última de "O Colibri Mensageiro". Portanto, eu não escrevo nenhuma lenda, eu simplesmente, através das narrativas ouvidas, escrevo um texto que seja plausível e verossímil sobre o que ouvi. Foi assim que, ouvindo as narrativas, plausivelmente e verossimilmente, registrei as seguintes lendas: “O Ateu Gemedor da Lagoa do Patão”, “Canhambora”, “O Capeta da Cabeceira do Areado”, “O Colibri Mensageiro”, “A Folha Misteriosa”, “O Moço da Vela”, “Nossa Senhora da Beira do Areado”, “A Porteira Assombrada”, “Tempestades do Fazendeiro Cruel” e “Tocha da Mãe do Ouro”. As outras, foram através dos meios mencionados. Tendo a oportunidade, ainda vou resgatar outras lendas “esquecidas”.

11. Para encerrarmos a entrevista, existem variações das mesmas lendas, como por exemplo a mulher de 7 metros, e apesar de que, as suas lendas foram escritas mais recentemente, já com o surgimento de outras linguagens e de meios de informação. Hoje com todas as novidades de comunicação, o senhor considera que as lendas ainda despertam o interesse da população?

Oi Ana Luisa, respondendo a sua 11.ª questão: Se compararmos todas as lendas existentes no Brasil, a maioria delas são variações do mesmo mote com nomes diferentes. No nosso “terreiro”, “A Mulher de Sete Metros” é um exemplo clássico, que nada mais é do que uma variação do mesmo mote de “A Mulher de Três Metros”. Apesar de assunto muitíssimo interessante nos idos tempos, quando o povo tinha por hábito se reunir sentado em cadeiras no passeio à frente das casas para saudáveis papos onde as lendas sempre faziam parte das conversas, hoje, a partir do momento em que o jovem “descobre” o celular e a internet, com as devidas exceções, raríssimas por sinal, lendas se transformam simplesmente em lendas! Saudações!